FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DO PORTO

DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA

FORMAÇÃO, CERTIFICAÇÃO E TRAJETÓRIAS PROFISSIONAIS FUTURAS: QUE (CO)RELAÇÃO? – O CASO DO SERVIÇO DE APRENDIZAGEM DA FUNDAÇÃO DA JUVENTUDE

Paulo Jorge Almeida Franco

Relatório de Estágio para obtenção do Grau de Mestre em Sociologia

Orientadora: Prof.ª Doutora Dulce Magalhães

Porto, setembro de 2012

(Inserir a folha de rosto provisória)

Resumo

Em pleno contexto de "várias crises" que os portugueses enfrentam, como é o caso do desemprego, os jovens deparam-se com novas oportunidades e acessibilidades para atingirem novas qualificações através de novas iniciativas.

A formação tem vindo a ser uma questão geradora de grandes discussões. As empresas apostam cada vez mais na formação para melhorar a produtividade dos seus colaboradores, as escolas de formação profissional apostam nas capacidades dos jovens incentivando-os a tornarem-se hábeis nas suas novas profissões (possibilitando também o seu ingresso no ensino superior). Os cursos de Aprendizagem desempenham assim um papel importante na inserção de jovens na vida ativa, onde desde início desenvolvem e adquirem as suas novas competências em pleno contexto de trabalho.

Este estudo tem como objetivos principais estabelecer correlações a três níveis: ao nível da formação técnica e profissional, ao nível da certificação e aos níveis de desempenhos profissionais futuros, atendendo às expectativas dos formandos.

Desenvolvendo e explorando as questões vocacionais e as dificuldades profissionais existentes na atualidade, é pretendido analisar e compreender a opção (motivos) dos formandos por este tipo de iniciativa formativa, assim como traçar possíveis trajetórias virtuais no mercado de trabalho.

Palavras-chave: Formação, Certificação, Trajetórias Profissionais (futuras), Cursos de Aprendizagem, Jovens.

Abstract

In full context of "multiple crises" that the Portuguese face, such as unemployment, young people are faced with new opportunities and accessibility for achieve new skills through new initiatives.

The training has been generating great discussions. Companies are increasingly focusing on training to improve the productivity of its employees, the professional schools are betting on the capabilities of young people by encouraging them to become proficient in their new professions (also enabling their entry into higher education). Apprenticeship courses thus play an important role in the insertion of young people into active life, where since early develop and acquire new skills in their full context of work.

This study aims to establish correlations to three main levels: at the level of technical and vocational training at the level of certification and professional levels of future performance, meeting the expectations of learners.

Developing and exploring the vocational issues and professional difficulties existing nowadays, it is intended to analyze and understand the option (reasons) of trainees for this type of training initiative, as well as outline possible virtual trajectories of job market.

Keywords: Training, Certification, Professional Paths (forthcoming), Apprenticeship Courses, Youth.

Résumé

En plein contexte de “crises multiples" que le visage portugais, comme le chômage, les jeunes sont confrontés à de nouvelles opportunités et d'accessibilité pour atteindre de nouvelles compétences grâce à de nouvelles initiatives.

La formation a fait l'objet de générer de grandes discussions. Les entreprises sont de plus en plus axé sur la formation pour améliorer la productivité de ses employés, les écoles professionnelles misent sur les capacités des jeunes en les encourageant à devenir compétent dans leurs nouveaux métiers (permettant également leur entrée dans l'enseignement supérieur). Cours d'apprentissage jouent donc un rôle important dans l'insertion des jeunes dans la vie active, où depuis le début de développer et d'acquérir de nouvelles compétences dans leur contexte de travail.

Cette étude vise à établir des corrélations à trois niveaux principaux: au niveau de la formation technique et professionnelle au niveau de la certification et les niveaux professionnels de la performance future, en répondant aux attentes des apprenants.

Développer et explorer les enjeux des difficultés techniques et professionnelles existant dans la réalité, il est prévu d'analyser et de comprendre le option (raisons) des stagiaires pour ce type d'initiative de formation, ainsi que décrire les trajectoires possibles du marché du travail virtuel.

Mots-clés: formation, certification, les parcours professionnels (à paraître), Cours d'apprentissage, Jeunesse

Agradecimentos

Após esta caminhada, seria imprescindível deixar de agradecer a todas as pessoas e instituições que, direta ou indiretamente, me apoiaram para a conclusão deste ciclo de estudos.

Ao Departamento de Sociologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, em especial ao diretor de Mestrado Prof. Doutor Carlos Gonçalves, que nos incentivou ao longo deste percurso.

À Prof.ª Doutora Dulce Magalhães, enquanto orientadora, professora e amiga, um forte agradecimento por toda a força e coragem.

À Fundação da Juventude, em especial à comunidade da Aprendizagem, por todos os momentos proporcionados, por toda a dedicação e disponibilidade, e também interesse – uma vez que sem eles este projeto não seria concretizável.

Aos meus amigos e familiares, pela compreensão e motivação.

E, em especial, aos meus pais, irmã, cunhado e sobrinhos, que, mesmo à distância, estiveram sempre presentes no meu dia a dia a lutar e a acreditar em mim. É por vós.

Um muito obrigado.

"(...)Acorda, amigo,

liberta-te dessa paz podre

de milagre que existe

apenas na tua imaginação.

Abre os olhos e olha,

abre os braços e luta!

Amigo,

antes da morte vir

nasce de vez para a vida."

(Manuel Da Fonseca *in* "Poemas Dispersos")

Índice

Introdução 1

I. Caracterização e Contextualização do Sistema de Aprendizagem da Fundação da Juventude 3

II. Formação, Certificação e Trajetórias Profissionais Futuras 8

1. A Educação e a Formação em Portugal 9
2. Da Formação para a Certificação 17
3. Da Formação para o (mercado de) Trabalho 28

III. Metodologia de Investigação 40

IV. Aprendendo uma profissão 46

1. Caraterização sociodemográfica dos indivíduos 47
2. Percursos pessoais e profissionais dos indivíduos 57

V. Num mundo de escolhas, que *opções*? 71

VI. Análise conclusiva 80

1. Considerações finais 80
2. Reflexões 85

Referências bibliográficas 91

Anexos 102

Índice de quadros

Quadro 1 – Distribuição da frequência de nível secundário segundo as diversas modalidades de ensino……. 15
Quadro 2 – Componentes, fórmulas e critérios de avaliação nos cursos de aprendizagem, segundo o Regulamento Específico de 2009 – Cursos de Aprendizagem, IEFP……... 24
Quadro 3 – Classificação final nos cursos de aprendizagem…….. 25
Quadro 4 – Dados relativos aos formandos por curso que frequenta…… 49
Quadro 5 – Nível de escolaridade do pai de cada formando……..... 50
Quadro 6 – Nível de escolaridade da mãe de cada formando…… 51
Quadro 7 – Condição dos pais perante o trabalho…… 51
Quadro 8 – Profissão detalhada do pai e da mãe……. 52
Quadro 9 – Permanência dos pais e das mães no estrangeiro…… 54
Quadro 10 – Rendimento dos pais e das mães…… 55
Quadro 11 – Meio de vida / fonte de rendimento…… 56
Quadro 12 – Frequência da pré-escola e reprovações por ciclos e ensino básico……... 58
Quadro 13 – Conclusão do nono ano de escolaridade…… 58
Quadro 14 – Frequência do ensino secundário e motivos de saída……. 59
Quadro 15 – Fatores de insucesso / abandono escolar…… 59
Quadro 16 – Relação dos formandos com a escola regular…… 60
Quadro 17 – Relação dos encarregados de educação com a escola regular…… 61
Quadro 18 – Motivos dos formandos pela sua frequência no serviço de aprendizagem… 62
Quadro 19 – Conhecimento da existência do serviço de aprendizagem……. 62
Quadro 20 – Dificuldades sentidas pelos formandos ao longo do percurso escolar (antes da entrada no serviço de aprendizagem)…… 63
Quadro 21 – Ocupação dos formandos nos tempos livres…….. 64
Quadro 22 – Companhia habitual na ocupação dos tempos livres…… 65
Quadro 23 – Tema de conversa na ocupação dos tempos livres em convívio com os grupos de pares……. 65
Quadro 24 – Consumo de tabaco dos formandos…… 67
Quadro 25 – Consumo de outras substâncias além de tabaco…… 67

Quadro 26 – Consumo de bebidas alcoólicas…… 68
Quadro 27 – Regularidade de ingestão de bebidas alcoólicas…… 69
Quadro 28 – Tipo de bebidas alcoólicas ingeridas…….. 68
Quadro 29 – Noção de risco associado ao consumo de álcool, tabaco e drogas……. 70
Quadro 30 – Frequência de resposta (co)relacionados com as Expectativas, com o Curso, com a Relação e Funcionamento da Instituição, e Motivação……. 77

Índice de figuras

Figura 1 - Instalações do Sistema de Aprendizagem da Fundação da Juventude…… 7
Figura 2 – Do triângulo ao hexágono……. 33
Figura 3 – Desemprego juvenil na Europa em 2010…… 35
Figura 4 – Percentagem de faltas nos cursos de Aprendizagem…… 76

Índice de abreviaturas

A2 – Curso de Cozinha/Pastelaria

A3 – Curso de Estética/Cosmética

A4 – Curso de Electrónica e Telecomunicações

A5 – Curso de Ação Educativa

A6 – Curso de Serviços Pessoas e à Comunidade

A8 – Curso de Refrigeração e Climatização

A10 – Curso de Cozinha/Pastelaria

A11 – Curso de Ótica Ocular

A12 – Curso de Estética/Cosmética

A14 – Curso de Ação Educativa

A15 – Curso de Contabilidade

A16 – Curso de Logística

A17 – Curso de Administrativo

A18 – Curso de Mesa e Bar

A19 – Curso de Estética/Cosmética

CEB – Ciclos do Ensino Básico

CEF – Cursos de Educação e Formação

CEDEFOP - Centro Europeu para o Desenvolvimento da Formação Profissional

CIDEC – Centro Interdisciplinar de Estudos Económicos

CNP – Classificação Nacional das Profissões

DGEEP – Direção Geral de Estudos, Estatística e Planeamento

EFA – Educação e Formação de Adultos

FPCT – Formação Prática em Contexto de Trabalho

GEPE - Gabinete de Estatística e Planeamento da Educação

GIP – Gabinete de Inserção Profissional

IEFP – Instituto do Emprego e da Formação Profissional

MTSS – Ministério do Trabalho e da Segurança Social

***n* –** Número de inquiridos por resposta

OCDE – Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico

PAF – Prova de Aptidão Final

PEJENE – Programa de estágios de jovens estudantes no ensino superior nas Empresas

Q1e Q2 – "Questionários em série" aplicados aos formandos do primeiro ano para a análise das expectativas

RVCC – Reconhecimento, Validação, e Certificação de Competências

SA – Serviço de Aprendizagem

UFCD – Unidade de Formação de Curta Duração

UNIVA – Unidade de Inserção na Vida Ativa

Índice de anexos

Anexo 1 – "Serpentina do tempo"…… 102
Anexo 2 – Quadro Nacional de Qualificações"…… 103
Anexo 3 – Contextualização curricular dos cursos do primeiro ano…… 105
Anexo 4 – Cronograma do estágio…… 119
Anexo 5 – Questionários em série…… 120
Anexo 6 – Grelha de registo para a observação da turma…… 122
Anexo 7 – Grelha para a observação das aulas…… 125
Anexo 8 – Elementos a ter em conta na Grelha de Registo (da observação) dos formandos…… 126
Anexo 9 – Exemplos de focos de observação e de questões orientadoras……. 128
Anexo 10 – Inquérito por Questionário……. 130
Anexo 11 – Avaliação da Formação……. 141
Anexo 12 – Avaliação da Satisfação da Formação…… 144
Anexo 13 – Avaliação do Formador (pelos formandos)…… 145
Anexo 14 – Avaliação do tutor…… 146
Anexo 15 – Análise comparativa e evolutiva das expectativas/trajetórias profissionais futuras dos novos formandos…… 147
Anexo 16 – Indicadores de resposta frequentes (dos questionários em série)…… 156
Anexo 17 – Projeto "Tertúlias"…… 158
Anexo 18 – Pais no estrangeiro…… 173
Anexo 19 – Local de residência (concelho) dos formandos…… 174
Anexo 20 – Entrevista à "Formadora 1"……. 175
Anexo 21 – Análise de conteúdo da entrevista à "Formadora 1"……..…… 181
Anexo 22 – Diferenças entre a escola regular e o SA…… 183
Anexo 23 – Entrevista à "Dr.ª GP"..... 187
Anexo 24 – Análise de conteúdo da entrevista à "Dr.ª GP"……... 194
Anexo 25 – Entrevista à "Formadora 2"……..... 196
Anexo 26 – Análise de conteúdo da entrevista à "Formadora 2"……... 208
Anexo 27 - Cruzamento das variáveis "disciplinas/áreas favoritas" e "curso que frequenta"…… 211

Anexo 28 – Retratos de desistências e de reprovações, do Q1 para o Q2…….. 212
Anexo 29 – Registo de uma conversa informal (com a formanda "X")……..... 213
Anexo 30 – Relatório das observações em contexto sala de aula…… 215
Anexo 31 - "Educação e Formação em Portugal"…… 222
Anexo 32 - "Cursos de aprendizagem: evolução do número de formandos por níveis e por entidades formadoras – 1994-2000"…… 223
Anexo 33 – Grelha de classificação classista……. 224

Introdução

O presente relatório de estágio insere-se no âmbito do Mestrado em Sociologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto com o intuito de conferir o grau de Mestre em Sociologia e foi desenvolvido no Serviço de Aprendizagem da Fundação da Juventude[1].

Pretendeu-se com este trabalho analisar as (co)relações da formação, da certificação e das trajetórias profissionais futuras existentes num contexto formativo de cursos de aprendizagem, assim como as expectativas dos formandos (do primeiro ano) do Serviço de Aprendizagem da Fundação da Juventude. Com este estágio foi nosso objetivo desenvolver novas competências, aplicar conhecimentos adquiridos ao longo de todo um percurso académico e tomar noções de uma nova realidade - a da (importância da) educação/formação profissional na perspetiva e na vida pessoal e profissional dos jovens.

No contexto de investigação foram aplicados inquéritos por questionário (para se apurarem os valores/dimensões mais importantes na vida dos formandos, bem como o seu *status* socioeconómico, a sua ocupação dos tempos livres e hábitos de consumo de álcool, drogas e outras substâncias – e toda a análise estatística elaborada com o recurso do programa SPSS[2]), entrevistas a formadores e à gestora de projeto da instituição (para nos situarmos no contexto institucional e formativo), questionários em série (para apurarmos as expectativas dos formandos e a evolução das mesmas), e foram realizadas observações diretas não participantes e conversas informais com formandos e funcionários para complementar a informação recolhida.

No contexto de estágio, foram vários os documentos elaborados na instituição[3] – a saber, desde a criação do projeto "Tertúlias"[4] para os jovens formandos, à construção de dispositivos para avaliar a qualidade da formação, a satisfação da formação, do seu impacto, entre outros.

[1] No capítulo seguinte proceder-se-á à sua caracterização.
[2] *Statistical Package for the Social Sciences* – pacote estatístico para as ciências sociais, IBM® SPSS® Statistics - version 19, para Mac OS X.
[3] Estes instrumentos encontram-se inseridos desde o Anexo 5 ao Anexo 17.
[4] Vd. Anexo 7.

A organização estrutural deste Relatório incide em seis capítulos. O primeiro remete para a contextualização e caracterização da instituição-alvo; no segundo procede-se a um levantamento teórico e suas questões envolventes ao tema deste trabalho (desde a Educação e Formação em Portugal, a algumas características da Formação, Certificação, e do mercado de Trabalho); o terceiro refere-se à metodologia de investigação envolvida e embebida nesta investigação; o quarto, remetendo-se ao contexto prático sobre a perspetiva dos formandos irem "Aprendendo uma Profissão", conta com uma análise socioeconómica dos inquiridos e seus percursos pessoais e profissionais; um quinto revela *identidades* reais justificadas empiricamente; e no sexto, e último, procede-se às considerações finais desta investigação, bem como a algumas reflexões em torno do estágio desenvolvido (onde foi possível aplicar os conhecimentos sociológicos adquiridos, e adquirir novas competências no contexto de trabalho).

I. Caracterização e Contextualização do Sistema de Aprendizagem da Fundação da Juventude

"É hoje, pois, inquestionável a necessidade de se utilizarem outras formas de certificação das qualificações individuais para além do registo formal do diploma (escolar ou outro, correspondente à formação inicial ou contínua) (...)".

Fonseca (1998: 6)

A Fundação da Juventude, entidade formadora acreditada, e com larga experiência em projetos de formação profissional, apresenta cursos de Aprendizagem, programa financiado pelo Instituto de Emprego e Formação Profissional (IEFP).

Tem como principais objetivos realizar ou apoiar iniciativas destinadas a promover a integração dos jovens na vida ativa e profissional, designadamente através do apoio ou realização de programas de apoio ao lançamento e promoção de jovens artistas; de incentivos a jovens cientistas, criadores e investigadores; de formação técnica e profissional; de programas para a criação de empresas de jovens; de bolsas de investigação e estágios profissionais; de promoção e apoio à realização de debates sobre temáticas de interesse para a Juventude; de publicações e guias informativos; serviços de acompanhamento e aconselhamento de jovens; e de clube de emprego.

Esta instituição dispõe de espaços próprios que cede, gratuitamente ou a preço simbólico, a organizações de jovens ou a jovens criadores em nome individual, que pretendam desenvolver projetos ou atividades de carácter cultural, social ou formativo. É constituído então por vários equipamentos tais como o Centro de Aquisição de Competências Vasco Faria – prestando serviços (a jovens e adultos ativos e/ou desempregados ou à procura do primeiro emprego) como formação profissional, processos de RVCC (Reconhecimento, Validação, e Certificação de Competências), apoio ao emprego e às atividades escolares, informação e encaminhamento, orientação escolar e profissional, aconselhamento psicológico, animação sociocultural, e também alojamento temporário. A Comunidade de Inserção Engenheiro Paulo Vallada é outro equipamento da Fundação que se preocupa com a progressiva inserção social de jovens mães, através de diversas ações de apoio integrado.

Existe também o projeto Ninhos de Empresas que visa fomentar o apoio ao empreendedorismo jovem, contribuir para o reforço do Auto-Emprego, designadamente de jovens licenciados e incentivar a criação de Micro-Empresas. O Palácio das Artes – Fábrica de Talentos tem como objetivo máximo apoiar a inserção dos Jovens criadores na vida ativa, proporcionando meios e estratégias de suporte ao desenvolvimento dos seus projetos, apoiando a sua formação, criação, produção, promoção e divulgação, através da transferência de externalidades positivas do setor artístico, criativo e cultural para outros setores da atividade nacional e internacional. O SPACE4U, sendo este um espaço *CoWork*[5] da Fundação da Juventude em parceria com a Fundação São João de Deus, tem como objetivo criar um espaço solidário, potencialmente gerador de ideias e projetos que possam cooperar no sentido da criação do auto-emprego ou do crescimento sustentado daqueles que já desenvolvem a sua atividade profissional de forma independente.

No que concerne à Formação, a Fundação é dotada de um Centro de Novas Oportunidades, do Centro de Aquisição de Competências Vasco Faria (como foi supra indicado), da Aprendizagem[6] (valência-alvo para toda esta presente investigação científico-académica), *workshops*, e ainda com as Delegações de Lisboa e Vale do Tejo (que promove cursos EFA – de Educação e Formação de Adultos), do Algarve (que também promove cursos desta iniciativa formativa), e também com delegação da Fundação da Juventude na Região Autónoma da Madeira (dinamizadora de cursos CEF – de Educação e Formação de Jovens).

Sobre os cursos de Aprendizagem, a Fundação da Juventude conta com a abertura de 27 cursos no Porto, Lisboa e Algarve, em diversas áreas de intervenção tais como Hotelaria e Restauração; Eletrónica e Automação; Comércio; Eletricidade e Energia; Cuidados de Beleza; Serviços Domésticos; Ciências Informáticas; Turismo e Lazer; Tecnologias de Diagnóstico e Terapêutica; Serviços de Apoio a Crianças e Jovens; Construção Civil e Engenharia Civil, dos quais doze, já contam com uma conclusão bem sucedida por parte dos formandos.

É de salientar também o vasto leque de projetos e atividades que a Fundação da Juventude tem em vigor. O tão conhecido de muitos jovens PEJENE (Programa de Estágios de Jovens Estudantes do Ensino Superior nas Empresas) que conta já com a 20ª edição, neste

[5] O *CoWork* é a solução encontrada para contrariar a tendência do auto-emprego, na qual os *coworkers* passam a ser trabalhadores independentes, ligados entre si, através do espaço que partilham e dos projetos que inevitavelmente desenvolvem em conjunto.

[6] Apesar de ser nomeado por **"Sistema de Aprendizagem"**, ao longo de toda esta investigação foi optado por ser também designado **"*Serviço de Aprendizagem*"** enquanto instituição (e não enquanto tipologia formativa) – conceito este que se encontra presente nos instrumentos realizados em contexto de estágio.

ano corrente de 2012; o projeto Jovens Cientistas e Investigadores 2012 (20ª edição do concurso) que pretende incentivar um salutar espírito competitivo nos jovens, através da realização de projetos/trabalhos científicos inovadores, integrados em processos educativos regulares, sendo atribuídos prémios aos alunos e aos projetos selecionados. Existe também o PEJAME 2012 – Programa de Estágios Jovens Animadores do Museu da Eletricidade – que se enquadra no primeiro Vetor de Intervenção Estratégica da Fundação da Juventude e tem como objetivo principal proporcionar aos estudantes universitários uma formação em contexto real de trabalho, através da colaboração no Museu da Eletricidade.

A Fundação conta também com o projeto IMAGINAATLANTICA – Espaço Atlântico, Territórios Criativos inovadores, que é um projeto internacional que tem como objetivo a promoção de redes de empreendimento e de inovação transnacionais para responder ao desafio do "desenvolvimento solidário da economia do conhecimento" e de "valorização do património marítimo". O projeto visa, assim, a criação de um *cluster* atlântico sustentável das tecnologias de imagem numérica e implantação do potencial constituído, nomeadamente através da valorização do património atlântico. Entre outros projetos, existe também o MeJobU que é uma rede social que pretende ser mais uma solução, original e inovadora, para combater o desemprego e contribuir para a integração dos jovens licenciados no mercado de trabalho, e que se enquadra na estratégia de crescimento nesta área da Fundação da Juventude, pois pode potenciar a criação de autoemprego e de novos negócios.

Como atividades propostas, a Fundação desenvolve, entre outras, as Tertúlias no Palácio das Artes, sendo este um espaço de informação e de debate, alargando o seu âmbito de atuação à opinião e às ideias que serão apresentadas por parte dos convidados e de todos os presentes, com as suas interrogações e as suas dúvidas, contribuindo para o enriquecimento da troca de ideias e experiências criativas. A ideia da Fundação da Juventude em organizar estes encontros, é proporcionar uma conversa e um intercâmbio de experiências, em ambiente descontraído e distante dos compromissos quotidianos. Realiza também as Feiras Francas (no Palácio), abrindo todos os sábados de cada mês as portas a jovens criadores e ateliês para que possam expor e/ou comercializar as suas obras e produtos juntos de um público vasto e interessado. Promove também o serviço "O Teu Espaço" que se compromete num atendimento/acompanhamento psicológico individual, anónimo, gratuito e estritamente confidencial. Tem também criado o "Circuito do Vinho do Porto" que consiste em explorar as suas envolvências históricas e turísticas criando um núcleo museológico temático em parceria

com o Museu do Douro, a Associação dos Produtores / Engarrafadores e Exportadores / Marcas, integrando-se na rota do Vinho do Porto que se estende ao longo do Rio Douro.

Localizado na Rua Mouzinho da Silveira, no Porto, o Serviço de Aprendizagem é uma das (mais recentes) valências da Fundação da Juventude que promove cursos de formação profissional inicial com dupla certificação – escolar e profissional (12ºano). Esta formação é transversal (sociocultural, científica, tecnológica e em contexto de trabalho) alternando o ensino prático com o teórico.

Um dos principais objetivos deste Serviço passa por privilegiar a inserção dos jovens no mercado de trabalho, permitindo-lhes o prosseguimento dos estudos, ao mesmo tempo que lhes confere dupla certificação. Segundo a instituição, estes cursos "continuam a afirmar-se como um importante pilar na construção de um futuro promissor" para os formandos. E porque "o mundo do trabalho constitui, igualmente, um espaço privilegiado de educação" (Delors, 1996:97), os formandos têm a possibilidade de desenvolver, explorar e adquirir novas competências em contexto prático (na Formação Prática em Contexto de Trabalho) ao longo da formação. Como adianta Delors (1996: 97), "Trata-se antes de mais, da aprendizagem dum conjunto de aptidões e, a este respeito, importa que seja mais reconhecido, na maior parte das sociedades o valor formativo do trabalho (…)".

No que concerne aos destinatários, os cursos que o Serviço de Aprendizagem promove destinam-se a jovens com idade inferior a 25 anos (embora, em situações excecionais, haja a possibilidade de integrar candidatos com idade superior), 3º ciclo do ensino básico ou equivalente, ou habilitação superior ao 3ºciclo do ensino básico ou equivalente, sem a conclusão do ensino secundário ou equivalente.

Relativamente aos cursos, a instituição conta já com mais de 10 turmas dos mais variados cursos, e no ano letivo 2011/2012 abriram, pela primeira vez, os cursos de Técnico(a) de Contabilidade, Técnico(a) de Logística, Técnico(a) Administrativo, Técnico(a) de Mesa e Bar, e (o já existente) curso Técnico(a) de Estética e Cosmética.

A formação é lecionada durante a semana, em horário laboral, para turmas de 15 a 20 formandos, e tem uma duração mínima de 2800 horas e máxima de 3700 horas. Sendo uma entidade recente, só em Dezembro de 2011 é que a primeira turma concluiu o curso no Serviço de Aprendizagem.

Os serviços centrais desta Fundação localizam-se no Porto, na Rua das Flores, mas estendem-se pelas Delegações de Lisboa e Vale do Tejo, Algarve e também na Região Autónoma da Madeira. Sendo o Serviço de Aprendizagem da Delegação do Porto a instituição-alvo para este projeto, importa referir que nas delegações de Lisboa e Vale do Tejo, e do Algarve, também promovem ofertas formativas de cursos de Aprendizagem.

Figura 1 - Instalações do Sistema de Aprendizagem da Fundação da Juventude



II. Formação, Certificação e Trajetórias Profissionais Futuras

"As análises sociológicas especificamente dedicadas à compreensão das sociedades contemporâneas têm vindo a sublinhar de diversas formas, mas consistentemente, a importância do conhecimento e da informação enquanto factores cada vez mais estruturantes da vida social".

Ávila (2008: 9)

Em plena sociedade atual, são vários os requisitos exigidos para o desempenho de certas profissões. Com o aumento da escolaridade obrigatória[7], tardiamente (ou não), Portugal tem vindo a desenvolver estratégias para colmatar o baixo nível de qualificações dos cidadãos portugueses. Toda a constelação formativa é certificada e espera-se que os jovens, após a conclusão dos seus cursos profissionais, entrem no "mercado de trabalho" competentes e hábeis para se comprometerem com os objetivos e com as saídas profissionais do percurso que optaram.

Será que nos encontramos perante uma mera situação de estatística? Ou de certificação? Será que é uma aposta destes jovens no seu futuro profissional? Estamos perante uma questão vocacional? Ou de uma alternativa ao ensino secundário regular? – Tratam-se, apenas, de algumas das questões sobre as quais importa debruçarmo-nos.

Encontramo-nos numa época de forte mudança que geram instabilidade e insegurança. Nomeadamente a uma geração jovem cujo trabalho precário carateriza as suas trajetórias profissionais. Tendo em linha de conta que as universidades qualificam e certificam os estudantes, será que os jovens optam por concluir o secundário com dupla certificação para iniciarem a sua vida profissional ou, pelo contrário, pretendem, ainda assim, prosseguir os seus estudos no ensino superior?

Estas e outras interrogações remetem-nos para algumas hipóteses que sustentam a base desta investigação, tais como os formandos optarem por estes cursos por dificuldades de

[7] Segundo a Lei n.º 85/2009, de 27 de agosto, que "veio estabelecer o alargamento da idade de cumprimento da escolaridade obrigatória até aos 18 anos e consagrar a universalidade da educação pré-escolar para as crianças a partir dos cinco anos de idade", de acordo com o Decreto-Lei n.º 176/2012 de 2 de agosto.

aprendizagem, e/ou por carências socioeconómicas, e/ou por obtenção de benefícios financeiros (as "bolsas" que o Serviço disponibiliza).

Pretende-se com este capítulo evidenciar toda a relação da temática envolvente desta investigação. Isto é, apreender a relação entre a formação, a certificação e também o mercado de trabalho – mas antes, evidenciar a realidade da educação e da formação.

1. A Educação e a Formação em Portugal

Marcada por fortes mutações sociais, a Educação e Formação também têm sido alvo do fenómeno das sociedades contemporâneas que se intitula por mudança social. Na vanguarda do paradigma tecnológico, o que na década de 1980 Castells (1999) nomeia como *Sociedade de Informação*, o crescimento das tecnologias de informação e de comunicação promoveram uma nova organização do trabalho e uma profunda reorganização do processo educativo (através de toda a lógica inerente à globalização).

Das *paideias*[8] (o ideal educativo da Grécia Clássica), até ao sistema educativo atual, a educação alia-se à economia sustentada na ideologia da Teoria do Capital Humano (na difusão transitória das sociedades tradicionais para as sociedades industriais) em que, após a segunda grande guerra se expandiu o sistema educativo, mais educação gera maior produtividade e, assim sendo, dão origem a remunerações mais elevadas.

Com o intuito de tornar a União Europeia mais competitiva, com mais qualificação, e com mais empregabilidade das populações, foi criada na Cimeira de Lisboa (em 2000) o programa "Educação e Formação 2010". Estes dois termos, "Educação" e "Formação" têm-se articulado e generalizado, e o propósito do objetivo estratégico deste programa consiste em tonar a União Europeia "na economia baseada no conhecimento mais dinâmica e competitiva do mundo, capaz de garantir um crescimento económico sustentável, com mais e melhores empregos, e com maior coesão social."

Neste sentido, e entre outros, é através dos diferentes níveis de habilitação e de formação que é possível explicar as desigualdades sociais. Surge então a noção de mobilidade

[8] Do grego *Paidós* que significa criança, ou seja, "criação de meninos" – e aqui surge o conceito de "pedagogo", aquele que ensina.

social[9] – entendida como aspiração social, na sequência da Teoria do Capital Humano referida anteriormente – e que, alusiva à perspetiva de Alves (*et al.*, 2001), citando Boudon, "um indivíduo que possui um nível de instrução superior ao do seu pai tem aproximadamente as mesmas possibilidades de manter ou aumentar o seu status social de origem do que um outro detentor de um nível de instrução inferior ou igual ao do seu pai". Mas será que a escolaridade dos pais/encarregados de educação dos formandos da Aprendizagem da Fundação da Juventude influencia percursos académicos/profissionais?

O Decreto-Lei n.º 396/2007 de 31 de dezembro surge assim, no âmbito do Ministério do Trabalho e da Segurança Social, com o intuito de se criar um/o Quadro Nacional de Qualificações para colmatar alguns *deficits* estatísticos num país no contexto de uma economia global cada vez mais baseada no conhecimento. Como tal, um dos primeiros objetivos vigentes neste Sistema Nacional de Qualificações passa pela promoção da generalização do nível secundário como qualificação mínima da população (segundo consta na alínea primeira do artigo 2º).

Geralmente, as modalidades de formação como a Aprendizagem são, segundo Azevedo (2002), alternativas vocacionadas aos jovens que abandonam o sistema educativo e que se encontram em situação de potencial risco de desemprego ou exclusão. Neste seguimento, o mesmo autor afirma que estas ofertas de cariz profissionalizante podem induzir percursos escolares e profissionais menos prestigiantes, tendo falhado "a consolidação e o desenvolvimento sustentado de um nível secundário de ensino e formação diversificado, articulado, com qualidade e capaz de atrair a diversidade da procura, sem criar percursos social e escolarmente estigmatizados" (Azevedo, 2002: 48).

Referimo-nos, portanto, (em particular) aos designados grupos sociais de risco (de acordo com Bourdieu, 1976) os quais, segundo Gonçalves, *et al*., (1998: 139), pelos seus escassos capitais económico, social e cultural, "(equacionáveis, ou não, de forma articulada), poderão tender para uma certa marginalização económica." Mas, no geral, a amostra dos formandos desta tipologia formativa é muito variada, como é o caso dos da Fundação da Juventude.

Têm-se verificado elevadas taxas de abandono e insucesso escolar na realidade portuguesa (nomeadamente no que concerne aos baixos níveis de qualificação). E é neste contexto, e para colmatar este propósito, que surge a iniciativa das Novas Oportunidades. É

[9] A transição de indivíduos ou grupos de um estrato ou de uma classe social para outra.

importante referir que esta problemática estatística não se contextualiza apenas em território nacional, uma vez que se difunde pela Europa no geral; no entanto, em Portugal, no âmbito estatístico, os cursos de aprendizagem (do nível secundário) têm vindo a aumentar como se podem observar nos quadros do GEPE (Gabinete de Estatística e Planeamento da Educação)[10]. Em 2008 os alunos que se inscreveram nesta iniciativa formativa eram 13584, já em 2009 o valor sobe para 17560. Na última investigação estatística do GEPE, referente ao ano letivo de 2010/11, o número de matrículas acresce para 18669, e é na região Norte que apresenta um maior número de matrículas – 8464. Num retrato geral dos alunos, ao nível do secundário, do Grande Porto, o número de alunos também tem aumentado: o ano letivo de 2007/08 abarcou 45570 alunos, enquanto que no ano letivo seguinte o número aumenta para os 65226 alunos.

Sobre a temática do insucesso escolar, a Sociologia da Educação assume grande impacto na análise envolvente. Antes da chamada "escola nova" era normal as crianças abandonarem o sistema escolar para ingressarem no mundo do trabalho, e neste aspeto, Duarte (2000: 29, *apud* Isambert-Jamati, 1984) refere que assim se explica que "no campo de ensino, por volta dos anos 40, o insucesso seja mais estudado em relação a casos de crianças provenientes de meios abastados e consideradas cultos."

No pós-guerra, nos anos 50, a injeção de capital na indústria e o seu desenvolvimento que exige mão de obra qualificada, contribuíram para um aumento (contudo, muito significativo) da escolarização, enquadrado uma simbiose entre a economia e a educação. Dentro de um paradigma meritocrático, já que a escola é marcada fortemente pelas elites, cria-se, então, a ilusão de que a escola vai contribuir para a transformação da sociedade (isto porque a questão social era marcada por desigualdades de acesso à educação). Contudo, tal não foi suficiente nem para diminuir as desigualdades sociais, nem para uma significativa expansão do sistema educativo nem mesmo para garantir o acesso generalizado ao ensino. É neste contexto que a sociologia da educação, mais do que nunca, repensa o papel da escola e as suas funções.

E como por vezes surgem abordagens contraditórias, Duarte (2000: 29) diz-nos que "a escola pode ser encarada de formas diversas, havendo sociólogos que a consideram segundo uma perspetiva integradora, enquanto que outros põem em destaque o seu papel de reprodutora de conflitos sociais." Assim sendo, abordam-se várias correntes: as

[10] Veja-se, por exemplo, alunos matriculados nos últimos recentes anos letivos (entre 2008 e 2010).

funcionalistas (que se englobam no primeiro caso), e as correntes conflitualistas e culturalistas "que se encaminham no sentido da crítica à escola como instituição." (*idem*, 2000: 29) E neste prisma Bourdieu e Passeron (1985) também contribuem com as teorias de índole marxista e com as de reprodução – a sala de aula como função de reprodução social. Estas últimas teses de Bourdieu e Passeron (1985), segundo Duarte (2000: 30), "privilegiam os mecanismos de tipo cultural, ao invés de razões económicas, como factores explicativos das desigualdades no aproveitamento dos alunos, pondo em evidência a herança cultural, considerando-a como a dimensão mais discriminatória e a mais decisiva em termos de sucesso escolar." Com esta perspetiva, o sucesso ou insucesso escolar não deriva de fatores individuais de cada aluno, antes correlacionando os méritos dos alunos com a sua origem social.

Segundo o Centro Europeu para o Desenvolvimento da Formação Profissional (CEDEFOP), uma instituição idónea neste contexto, define que a grande finalidade da Educação e da Formação Profissional é o desenvolvimento de conhecimentos e competências necessárias para o bom desempenho profissional, referindo que a Educação e a Formação (Profissional), poderá, também, incluir elementos de educação geral/formal. Sendo o Sistema Nacional de Qualificações responsável por definir as estruturas para assegurar o seu funcionamento, esta segue os quadrantes vigentes do CEDEFOP supra indicado, onde no artigo 3º do referido diploma são dados a conhecer, nas respetivas alíneas, os seguintes conceitos:

"d) «Educação e formação profissional» ou «formação profissional» a formação com objectivo de dotar o indivíduo de competências com vista ao exercício de uma ou mais actividades profissionais";

"j) «Formação inicial» a actividade de educação e formação certificada que visa a aquisição de saberes, competências e capacidades indispensáveis para poder iniciar o exercício qualificado de uma ou mais actividades profissionais".

Há vários autores e correntes de pensamentos que sustentam "posições diametralmente opostas" como refere Torres (2010: 1217) para Cruz (1998), "o principal denominador comum entre educação e formação é o de ambos representarem processos de instrução e de aprendizagem. É indiscutível que, por vezes, se sobrepõem e se cruzam sendo também difícil traçar fronteiras entre os dois conceitos, mas isso não supõe a inexistência de diferenças." Milano e Ullius (1998: 4) afirmam que "A Educação está orientada para o aprender sobre, a formação está orientada para o saber como." A educação tem finalidades mais abrangentes

que a formação, pretendendo-se que a matéria aprendida possa ser utilizada num grande número de contextos distintos. Por seu lado, a formação ajuda um indivíduo a ter um melhor desempenho, desenvolvendo competências que são normalmente associadas a uma tarefa específica (Torres, *apud* Wilson, 2005). Ou seja, a formação acaba por se enquadrar num contexto mais prático – nomeadamente no âmbito profissional e organizacional – do que propriamente a educação.

Como nos diz Vieira (2011: 17), a educação/formação e o trabalho, numa sociedade marcada pela era do conhecimento, "constituem-se como duas esferas de investimento e de aprendizagem, bem como de (re)construção das trajectórias individuais, sociais e profissionais dos indivíduos"; o acesso aos conhecimentos, bem como às competências, podem-se tornar a "chave" que permite abrir a "porta" para a melhoria da empregabilidade e da adaptabilidade num mundo complexo e competitivo (fruto do fenómeno da globalização).

Mas após toda esta constelação, marcada pelo abandono e (in)sucesso escolar, é necessário abordarmos o sistema educativo dada a sua pertinência organizacional, assim como a sua própria estrutura que é algo a ter em conta no desenrolar dos capítulos seguintes.

O sistema educativo, em Portugal, encontra-se estruturado em 5 "fases" [11], das quais todas compreendem uma idade específica para cada nível de qualificação (de acordo com o Quadro Nacional de Qualificações). Assim sendo, uma vez que o 12.º ano de escolaridade é considerado o "ponto de partida" para o mercado de trabalho – e, como vimos anteriormente, é a escolaridade obrigatória definida para os portugueses a partir do ano letivo de 2012/13 – existem diferentes cursos que estão organizados de acordo com as seguintes áreas: i) ensino científico-humanístico – organizado para o prosseguimento dos estudos ao nível superior, ii) ensino tecnológico – orientado numa dupla perspetiva: para o prosseguimento de estudos ao nível superior e para os cursos pós-secundários de especialização tecnológica, bem como para a inserção no mercado de trabalho; iii) ensino artístico especializado – concebido para promover o desenvolvimento de diversas expressões artísticas, a partir de escolas especializadas para estes âmbitos; iv) o ensino profissional – que promove e desenvolve competências específicas de acordo com a oferta formativa, visando uma boa inserção no mercado de trabalho; v) formação vocacional – concretiza o princípio da alternância e estrutura uma via própria, correntemente identificada como a "Aprendizagem".

[11] A este respeito, veja-se: http://portal.iefp.pt/portal/page?_pageid=177,160114&_dad=gov_portal_iefp&_schema=GOV_PORTAL_IEFP&id=2 (A imagem encontra-se em **Anexo 2**).

Os cursos de Aprendizagem "configuram um processo formativo integrado com componentes de formação sócio-cultural, científico-tecnológica e prática, em proporção e combinação variáveis, consoante as áreas de actividade contempladas e os níveis de qualificação profissional que conferem, salvaguardando sempre a sua flexibilidade, coerência e polivalência" como consta, na alínea 2 do artigo 1.º, no Capítulo I do Decreto-Lei n.º 205/96[12] de 25 de outubro. A Aprendizagem é então, segundo esta configuração legal, um sistema de formação profissional inicial em alternância, definida nos termos do n.º 3 do artigo 2.º, no quadro da formação profissional inserida no mercado de emprego.

É em 1984[13] que se cria o sistema de aprendizagem em Portugal, na sequência da ação piloto de formação de jovens que se vinha já desenvolvendo desde 1980. Em virtude do Acordo de Política de Formação Profissional, celebrado em 1991, Portugal dotou-se de um enquadramento legal da formação profissional, inserida quer no mercado de emprego, quer no sistema educativo, bem como de um regime de certificação profissional. Esse enquadramento legal configura, pela conjugação dos Decretos-Leis n.ºs 401/91, de 16 de outubro, e 405/91, também de 16 de outubro, a aprendizagem como uma modalidade de formação profissional inicial inserida no mercado de emprego. No diploma legal do regime jurídico da aprendizagem são definidos os princípios e as bases orientadoras, onde consta a legislação complementar que "garanta a qualidade e o controlo necessários ao bom funcionamento da aprendizagem, sem a burocratizar, promovendo garantias de qualidade da formação e incentivos à participação local na promoção de acções inseridas neste sistema de formação."

A modalidade formativa da aprendizagem é entendida também como cursos de alternância. Segundo Pedroso (1996), o conceito de Alternância tem sido referido como uma palavra-chave no contexto da educação e formação profissional. No entanto, ele encerra em si um conjunto significativo de ambiguidades e uma razoável imprecisão conceptual, designando frequentemente referenciais distintos.

Já em 2004, a população que frequenta esta modalidade de formação atinge aproximadamente 6% dos jovens que frequentam o ensino de nível secundário, como se pode observar nos dados apresentados no quadro 1 que se segue.

[12] O diploma que estabelece o regime jurídico da aprendizagem.
[13] Segundo o Decreto-Lei n.º 102/84, de 29 de março.

Quadro 1 – Distribuição da frequência de nível secundário segundo as diversas modalidades de ensino

	Geral/ Científico-Humanístico	Tecnológicos	Artístico	Profissional	Recorrente	Cursos de Educação Formação	Aprendizagem nível III *
2003/2004	199 880	50 837	1 566	31 346	75 489	–	18 737
2004/2005	189 567	55 337	2 317	33 131	64 842	520	20 811

Fonte: Dados Preliminares – Gabinete de Informação e Avaliação do Sistema Educativo. (Retirado de SABOGA, 2008: 135 – "Um olhar sobre a Aprendizagem nível III – notas sobre um estudo de caso.")
** Estes dados dizem respeito a anos civis (2003 e 2004)*
** Fonte: Sistema de Gestão da formação – SGFOR via BO – Business Objectos.*

Como tal, no âmbito dos acordos do reforço do Ensino Profissional assumidos no Compromisso para o Crescimento, Competitividade e Emprego, o Governo definiu um programa de atuação para o eixo de jovens, tendo em vista o perído de 2012 a 2014, com o enfoque nas seguintes prioridades[14]:

- Aumentar o número de jovens que seguem as vias profissionais do ensino secundário;
- Incentivar a articulação entre os diferentes promotores privados, numa lógica de racionalização financeira;
- Criar um sistema integrado de orientação escolar e profissional;
- Assegurar uma maior articulação entre as escolas e as empresas, com vista à divulgação das ofertas de emprego e das capacidades dos alunos / formandos.

Mais ainda, segundo o Portal do Governo, o Governo comprometeu-se ainda a ajustar a oferta de formação "tendo em conta as necessidades e prioridades dos diferentes sectores económicos e do mercado de trabalho, com especial ênfase na área dos bens e serviços transacionáveis, através de uma interação permanente entre as escolas e as empresas."

Toda a lógica do funcionamento do sistema de aprendizagem – sendo um dos objetivos principais desta iniciativa formativa a integração dos jovens no mercado de trabalho – carece de uma estreita e importante ligação empresarial para com a comunidade de aprendizagem.

[14] Apresentadas no Portal do Governo de Portugal, disponível em http://www.portugal.gov.pt/pt/os-ministerios/ministerio-da-educacao-e-ciencia/mantenha-se-atualizado/20120719-mec-ensino-profissional.aspx, acedido a 4 de agosto de 2012.

Todos os itinerários de Aprendizagem[15] integram três Componentes de Formação: Sociocultural, Científico-Tecnológica e Prática. A primeira é constituída pelos domínios que visam proporcionar competências transversais (parafraseando o Regime Jurídico da Aprendizagem – "competências, atitudes e conhecimentos orientados para o desenvolvimento pessoal, profissional e social dos indíviduos e para a sua inserção na vida activa"), tendo em vista aumentar o acesso ao mercado do trabalho e suas condições. A componente de Formação Científico-Tecnológica é constituída pelo conjunto de "conhecimentos necessários à compreensão das tecnologias e actividades práticas, bem como à resolução de problemas que integram o exercício profissional". A componente de Formação Prática, realizada em contexto de trabalho e sob a orientação de um tutor, visa consolidar conhecimentos e competências adquiridas em contexto de formação, através de "actividades de formação realizadas sob a forma de ensaio ou experiência de processos, técnicas, esquipamentos e materiais, sob orientação de um tutor, quer se integrem em processos de produção de bens ou de prestação de serviços, em situação de trabalho, quer simulem esses processos". Mais adianta o Regime supra indicado que a formação prática não deverá, contudo, exceder os 50% do tempo total da formação, integrando a formação em situação de trabalho (30%) e a Prática simulada (20%).

É com esta objetiva que nos deparamos com a verdadeira importância que as empresas têm para com o sistema de aprendizagem. Para além de ser uma verdadeira aposta para o crescimento dos formandos, também acaba por sê-lo para a economia portuguesa e para a própria empresa.

O sistema de formação em alternância acaba por estar, em certa parte, fortemente conotado com o sistema dual alemão. Segundo Saboga (2008), este sistema dual alemão apresenta uma forte relação entre a constelação formativa e a empresarial. Enquanto que a escola (dita instituição formativa) é pública, todo o contexto empresarial é privado – o que leva a uma forte base de co-financiamento/investimento. A mesma autora (*apud* Neves, 1993: 55) refere que este sistema reune dois pontos fortes, parafraseando, são eles: i) as empresas, ao financiarem a formação, tendem a maximizar as condições de retorno, inserindo os jovens em quem investem; ii) as empresas, ao suportarem os custos de formação, assumem-se necessariamente como parceiros interessados na qualidade da mesma. E estes dois aspetos fazem do sistema dual alemão um exemplo a seguir, um ideal. No caso português, de acordo

[15] A este respeito, veja-se: http://portal.iefp.pt/portal/page?_pageid=117,104253&_dad=gov_portal_iefp&_schema=GOV_PORTAL_IEFP.

com a Lei da Aprendizagem[16] que apontava já um estreito envolvimento com o contexto empresarial nesta tipologia formativa, verificou-se um certo "entrave" ao nível do investimento. A este respeito, "em Portugal, a exequibilidade da aprendizagem passou mesmo (…) pelo forte voluntarismo das autoridades públicas na promoção do sistema, compensando financeiramente as empresas pelos seus custos (perdas de produtividade, materiais consumidos, tempo de trabalho dos monitores), apenas comparticipando as empresas a bolsa de formação dos jovens" (segundo Saboga, *apud* Neves, 1993: 55). E assim, a qualidade da formação em empresas fica em risco, dada a tendência diminutiva da responsabilidade das empresas.

Portugal permanece em "claro défice de quadros médios e superiores face aos restantes países da União Europeia" (Costa, 2000; Azevedo, 2002), e é neste contexto que a formação em alternância surge como uma dupla valência: aumentar a qualificação dos jovens, desenvolvendo ao mesmo tempo competências e adquirindo conhecimentos que promovam uma interiorização de uma cultura de participação e que potenciam a liberdade e o desenvolvimento dos formandos como indivíduos e cidadãos.

2. Da Formação para a Certificação

Num "mundo" marcado por conflitos e desigualdades, por lutas cujo objetivo se centra em evitar o desemprego, a educação deve ser mudada (na visão de Azevedo, 1999: 9). Sabemos que o futuro é imprevisível, e como tal os formandos encontram-se numa fase de investimento do seu percurso profissional.

Certificação cruza-se com o conceito de competência (conceito muito contestado por vários autores, questionando o que é uma competência). Cada curso promove um conjunto de competências que por sua vez especificam as várias áreas de formação profissional caracterizando assim um perfil próprio de uma profissão/trajetória laboral. Aliadas ao "mercado laboral" existe um leque variado de competências que os jovens devem possuir à entrada deste mercado, o do trabalho.

[16] Decreto-Lei n.º 102/84 – criação do Sistema de Aprendizagem, procurando lançar um programa de âmbito nacional.

No que concerne à noção de competência, na perspetiva de Azevedo & Fonseca (2007: 30) esta encontra-se como que articulada e subordinada às práticas laborais (bem como outros processos de reestruturação económica), mas em contrapartida está desarticulada e insubordinada face às classificações tradicionais, dando conta de uma outra relação negocial, mais individual e dando mais valor às atitudes e à formação implícita. Falamos dos "requisitos" esperados que os empregadores devem possuir para desempenhar as suas funções.

Têm sido elaborados vários estudos em torno destas questões, vejamos o exemplo de empregadores "dos sectores mais modernos da economia" (Azevedo, 1999: 31): devem possuir capacidades de iniciativa e criatividade, devem ter autonomia para trabalhar em equipa, para aprenderem sempre e serem capazes de resolver novos problemas (analisando novas situações), serem capazes de definir um projeto e avaliar os resultados, terem um domínio das capacidades de leitura, escrita e cálculo devidamente atualizado, entre outros aspetos como possuírem autoestima, motivação e vontade para prosseguir sempre o desenvolvimento pessoal, assim como uma boa capacidade de comunicação.

Como se pode observar neste exemplo, uma das tarefas propostas para a realização deste estágio prende-se com a análise da motivação, das expectativas e dos objetivos que os formandos possuem neste novo ciclo.

O ser-se autónomo, ser-se empreendedor, são capacidades para as competências nucleares.

Nesta ordem, surge a questão da qualificação. Como tal, estes cursos de aprendizagem (segundo o CEDEFOP, 2007) visam qualificar candidatos ao primeiro emprego, por forma a facilitar a sua integração na vida ativa, através de perfis de formação que contemplam uma tripla valência: reforço das competências académicas, pessoais, sociais e relacionais, aquisição de saberes no domínio científico-tecnológico e uma sólida experiência na empresa.

Sobre este conceito de qualificação, encontram-se associados quadros económicos e organizações empresariais estáveis, e relações profissionais inscritas em complexos e rígidos sistemas de contratação coletiva (Azevedo & Fonseca: 2007: 29, *apud* Dugué, 1990). O conceito de qualificação prende-se com as questões do diploma, das classificações que por sua vez se relacionam com as problemáticas da hierarquização. Vivemos numa época em que

se certifica tudo e todos, e é através da certificação que se despoleta a entrada para o mercado de trabalho.

No que concerne aos itinerários de aprendizagem, estes organizam-se em 14 áreas de formação: gestão/administração, secretariado e trabalho administrativo; comércio; pescas; cerâmica; finanças, banca, seguros; têxtil, vestuário e calçado; electrónica e automação; eletricidade e energia; madeira e mobiliário; construção e reparação a veículos a motor; metalurgia e metalomecânica; artesanato; sector agrícola; construção civil. E está estabelecido entre o formando e a entidade formadora (neste caso o Serviço de Aprendizagem da Fundação da Juventude) um contrato de aprendizagem que estipula os direitos e deveres de ambas as partes.

Neste ano letivo, iniciaram-se os cursos[17] de formação de técnico(a) de Mesa e Bar, Técnico(a) de Contabilidade de Gestão, Técnico(a) de Logística, Técnico(a) de Administrativo, e Técnico(a) de Estética e Cosmética. Estes cursos de aprendizagem têm uma duração que varia consoante a sua tipologia e integram as seguintes componentes de formação: sociocultural, científico-tecnológica e prática (sendo esta realizada em contexto de trabalho e correspondendo, pelo menos, a 30% da duração total do curso do cursos). Esta última é acompanhada por um tutor desligado pela entidade responsável pela formação em contexto de trabalho. No final do processo formativo, os formandos obtêm uma qualificação profissional de nível 4[18] e uma habilitação escolar de nível secundário (segundo a Portaria n.º 782/2009, uma vez que no Decreto-Lei n.º 205/96 os cursos de aprendizagem conferiam um nível III). Esta nova portaria assume o aumento do nível pois "é necessário estabelecer um quadro que compare essas competências, independentemente do modo como foram adquiridas" até porque se valoriza por igual as competências obtidas por vias formais, não formais e informais. Os cursos de aprendizagem também permitem o prosseguimento de estudos.

Neste contexto pretende-se analisar a satisfação dos formandos, assim como as competências que cada formando (de acordo com o curso em que está inserido) deverá

[17] http://www.fjuventude.pt/aprendizagem/

[18] De acordo com a Portaria n.º 782/2009, de 23 de julho – e como consta no Quadro Nacional de Qualificações, é definido como Nível 4 o "Ensino secundário obtido por percursos de dupla certificação ou ensino secundário vocacionado para prosseguimento de estudos de nível superior acrescido de estágio profissional – mínimo 6 meses".

adquirir, bem como observar a sua motivação, participação nas aulas, atividades do Plano institucional, entre outras.

Comuns a todos os cursos, a organização dos cursos de aprendizagem, como já foi referido anteriormente, é estruturada pelas componentes de formação: sociocultural, científico-tecnológica e prática. Relativamente a cada um dos cinco cursos-alvo desta investigação – relembrando: mesa e bar, contabilidade, logística, administrativo, e estética/cosmética – segue-se uma breve contextualização curricular[19] no que concerne à sua organização.

O **curso de mesa e bar** conta com um plano curricular composto por 2375 horas de formação, cuja componente tecnológica é composta por 1000 horas. Relativamente à FPTC para este curso, com a aquisição das novas competências, os resultados que se esperam ver atingidos para o cumprimento do perfil associado a esta saída profissional consistem em: i) efetuar requisições, controlo de custos e factura e cobrar serviços prestados; ii) preparar/confecionar, apresentar e servir bebidas compostas do tipo *long drinks*; iii) preprar/confecionar, apresentar e servir bebidas compostas do tipo *médium drinks*; iv) organizar e gerir equipas de trabalho.

O **curso de contabilidade** conta com um plano curricular composto por 3125 horas de formação, composto por 850 horas na componente tecnológica. É esperado que os técnicos de contabilidade sejam capazes de i) executar documentos comerciais em suporte informático; ii) utilizar uma aplicação informática da área de gestão de pessoal; iii) aplicar métodos e técnicas de análise financeira e de gestão orçamental como ferramentas para a gestão de empresas; iv) elaborar orçamentos e analisar desvios orçamentais; v) aplicar os princípios de auditoria que permitam a verificação das contas e o controlo interno da organização; vi) calcular os gastos diretos, indiretos, reais, variáveis, fixos e semi-variáveis.

Já o **curso de logística** é constituído por um plano curricular de 3075 horas, com 800 horas na componente tecnológica. E os técnicos de logística deverão ser capazes de i) descrever a organização do espaço do armazém, maximizando a sua funcionalidade e minimizando os custos e tempos das operações logísticas; ii) identificar os diferentes equipamentos de manuseamento de mercadorias e selecionar os mais adequados; iii)

[19] Para maior detalhe, consultar o **Anexo 3**. Esclareça-se que a organização curricular acima apresentada enquadra-se nos referenciais estipulados pelo Instituto de Emprego e da Formação Profissional.

identificar e descrever os processos críticos na expedição de mercadorias; iv) avaliar a importância da embalagem logística e selecionar o tipo de embalagem mais adequada a cada produto e operação logística; v) descrever os principais aspetos inerentes à gestão dos transportes da mercadoria; vi) aplicar o sistema de informação logístico para a otimização do ciclo da encomenda.

O **curso de administrativo** é constituído por 3225 horas, das quais 950 horas são dedicadas à componente prática. Os técnicos administrativos deverão ser capazes de i) executar documentos comerciais em suporte informático; ii) aplicar as regras de funcionamento do arquivo, de acordo com as técnicas de tratamento de informação documental; iii) identificar, executar e gerir ficheiros; iv) utilizar uma aplicação informática de contabilidade; v) utilizar ferramentas electrónicas na gestão documental; vi) aplicar técnicas de comunicação eficaz em situação de acolhimento de público interno e externo em contexto presencial, telefónico e assíncrono; vii) automatizar tarefas de edição e elaboração de documentos; viii) efetuar impressões em série; ix) elaborar e utilizar macros e formulários;

Por fim, o **curso de estética/cosmética** compreende um total de 3675 horas, e à componente tecnológica são atribuídas 1000 horas de formação. Os titulares profissionais deste curso deverão ser capazes de i) aplicar técnicas e tratamentos estéticos em manicura; ii) aplicar novas tecnologias no tratamento e embelezamento de unhas; iii) identificar e aplicar técnicas de pedicura; iv) aplicar técnicas de depilação em zonas de rosto, corpo, pernas e braços; v) identificar e aplicar técnicas de maquilhagem; vi) reconhecer/classificar as diferentes manobras tendo em conta o objetivo do tratamento e o público-alvo por aplicação; vii) aplicar tratamentos corporais; viii) aplicar diferentes tratamentos estéticos do rosto e do cabelo do homem; ix) aplicar diferentes tratamentos estéticos corporais do homem; x) aplicar tratamentos de rosto e corpo ao idoso; xi) aplicar os tratamentos de estética do rosto e do corpo adequados às necessidades da criança e da grávida; xii) aplicar diferentes tipos de tratamentos estéticos.

Também em comum, a componente de Formação Prática em Contexto de Trabalho (FPCT) visa o "desenvolvimento e a aquisição de conhecimentos e competências técnicas, relacionais e organizacionais relevantes para o exercício da actividade profissional" como consta nos referenciais do IEFP em anexo[20]. Também é comum a mesma carga horária

[20] Cf. Anexo 3.

relativa às componentes sociocultural (775 horas), científica (400 horas) e também na componente prática (1100 horas).

Segundo o Regulamento Específico (IEFP, 2009) dos cursos de aprendizagem, o princípio determinante do sistema de avaliação é o de que o processo de avaliação deve refletir, com rigor, o processo de formação, garantindo, desta forma, uma conformidade entre, por um lado, processos, técnicos e instrumentos de avaliação e, por outro, conteúdos formativos e atividades de aprendizagem.

Os objetivos da avaliação são: informar o formando sobre os progressos, as dificuldades e os resultados obtidos ao longo do processo formativo; identificar dificuldades ou lacunas na aprendizagem individual e insuficiências no processo de ensino-aprendizagem e encontrar soluções e estratégias pedagógicas que favoreçam a recuperação e o sucesso dos formandos; certificar as competências adquiridas pelos formandos com a conclusão de um percurso. A avaliação contribui, ainda, para a melhoria da qualidade do sistema de qualificações, possibilitando a tomada de decisões para o seu aperfeiçoamento e o reforço da confiança social no seu funcionamento.

Nesta portaria, os tipos de avaliação são a avaliação formativa e a sumativa, e ambas fazem parte integrante do processo formativo e têm como finalidade confirmar os saberes e as competências adquiridos ao longo deste processo.

A *formativa* incide sobre o processo de formação e permite obter a informação detalhada sobre o desenvolvimento das aprendizagens, com vista à definição e ao ajustamento de processos e estratégias pedagógicas e definição de eventuais planos de recuperação. A *sumativa* divide-se entre, avaliação intermédia e final e visam servir de base de decisão sobre a progressão e a certificação respetivamente.

Os critérios de avaliação são realizados por Unidades de Formação de Curta Duração (UFCD) e devem apoiar-se num conjunto de parâmetros a definir pelo formador, desejavelmente concertado no âmbito da equipa pedagógica, em função dos objetivos da formação e das competências a adquirir, e ser do conhecimento da entidade formadora.

Tendo por base o princípio de que a avaliação deve contemplar a verificação dos saberes e competências dos formandos ao longo do percurso formativo, os critérios de avaliação formativa devem agrupar-se em diferentes domínios, nomeadamente: aquisição de

conhecimentos, desempenho profissional e transferência de conhecimentos para novas situações (por exemplo: aplicação de conhecimentos em diferentes contextos); relacional (por exemplo: relações interpessoais, trabalho em equipa) e comportamental (por exemplo: iniciativa, autonomia, pontualidade, assiduidade).

O formando deve ser informado sobre os procedimentos e os parâmetros de avaliação definidos para cada unidade de formação e ser esclarecido relativamente aos resultados da sua avaliação.

Os resultados das aprendizagens devem ser registados regularmente em instrumentos de avaliação disponíveis nas Entidades Formadoras, de forma direta ou mediante adaptações consideradas pertinentes, ou a criar pelos formadores, que garantam a transparência e a coerência da avaliação. Em sede de avaliação sumativa, o formador deve utilizar uma escala quantitativa de 0 a 20 valores.

A avaliação da componente Formação Prática em Contexto de Trabalho (FPCT) baseia-se num processo contínuo e formativo, apoiado na apreciação sistemática das atividades desenvolvidas pelo formando e expressa-se, em função do nível de desempenho, com recurso à escala anteriormente identificada.

Considera-se que o formando obteve aproveitamento sempre que a sua avaliação seja igual ou superior a 10, e a avaliação a efetuar pelo tutor da formação em contexto de trabalho deve assentar nos critérios anteriormente referidos, bem como nas atividades previstas no Plano Anual de Atividades[21], resultar da discussão com o formando e, após registo, ser transmitida à entidade formadora.

A progressão do formando para o segundo e terceiro períodos de formação depende de uma avaliação sumativa no final do primeiro e segundo períodos, respetivamente, calculada nos seguintes termos:

[21] A saber, o Plano Anual de Atividades de 2012 da Fundação da Juventude está disponível em http://www.fjuventude.pt/fichuprelanex/fx1563.pdf

Quadro 2 - Componentes, fórmulas e critérios de avaliação nos cursos de aprendizagem, segundo o Regulamento Específico de 2009 – Cursos de Aprendizagem, IEFP.

Componentes	Fórmulas	Critérios a considerar
SOCIOCULTURAL (FSC)*	$FSC = \frac{\sum cUFCD}{N.º\ UFCD}$	• A classificação destas componentes obtém-se pela **média aritmética das UFCD** que as integram.
CIENTÍFICA (FC)*	$FC = \frac{\sum cUFCD}{N.º\ UFCD}$	• A classificação de cada UFCD **não pode ser inferior a 10 valores**.
TECNOLÓGICA (FT)*	$FT = \frac{\sum cUFCD}{N.º\ UFCD}$	• Admite-se, no entanto, uma **classificação mínima de 8 valores** numa UFCD de cada uma destas componentes.
PRÁTICA EM CONTEXTO DE TRABALHO (FP) *	-	• Esta classificação **não pode ser inferior a 10 valores**.
Classificação Final do Período de Formação*	$CFp=(FSC+FC+2FT+FP)/5$	• Esta classificação **não pode ser inferior a 10 valores**.

***Classificações arredondadas às décimas**

Legenda:

- cUFCD – classificação por UFCD
- CFp - Classificação Final do período de formação

Para se considerar que o formando obteve aproveitamento no terceiro período de formação e ter acesso à realização da Prova de Aptidão Final devem verificar-se, igualmente, as condições que se acabaram de enumerar. Quando se trata da avaliação de formandos com percursos de formação específicos, resultantes de processos de dispensa de frequência de Unidades de Formação de Curta Duração (UFCD), as classificações são obtidas tendo por base as UFCD frequentadas.

A possibilidade de obter uma classificação inferior a 10 valores (mas não inferior a 8), em cada uma das componentes, conforme consta do quadro anterior, apenas será admissível se o número de UFCD a frequentar em cada componente for igual ou superior a duas.

Quadro 3 - Classificação final nos cursos de aprendizagem

Fonte: Regulamento Específico – cursos de aprendizagem, IEFP (2009)

	Fórmulas	Critérios a considerar
PROVA DE AVALIAÇÃO FINAL (PAF)**	A definir pelo(s) conceptor(es) da PAF	• Esta classificação **não pode ser inferior a 10 valores.**
CLASSIFICAÇÃO FINAL DO CURSO**	CF = (3CFp+PAF)/4	• Esta classificação **não pode ser inferior a 10 valores.**

****Classificações arredondadas às unidades**

Legenda:

- CF = Classificação final do curso
- CFp = Classificação final do período de formação
- PAF = Prova de Avaliação Final

A conclusão do curso com aproveitamento depende, assim, da obtenção da avaliação sumativa positiva em todos os períodos da formação e da classificação mínima de 10 valores na PAF.

Para efeitos de candidatura ao ensino superior, complementariamente ao Diploma e ao Certificado de Qualificação, deve ser emitida uma declaração onde conste a classificação final, calculada até às décimas, sem arredondamentos, convertida para a escola de 0 a 200 (conforme o Decreto-Lei n.º 296-A/98, de 25 de setembro, com as respetivas alterações).

Verifica-se que as UFCD com carga horária de 25 horas superam em número as de 50 horas, o que pressupõe um ritmo de trabalho intenso dos formandos e dos formadores de

forma a abranger e a desenvolver os diversos temas e simultaneamente proceder à avaliação dos formandos.

De acordo com estes planos curriculares (e profissionais), os formandos têm alguma flexibilidade para transferir as suas competências técnicas em contexto de trabalho, e, no mesmo local, com o apoio de um tutor, os formandos aprendem também novas técnicas adequadas às situações práticas da sua nova profissão. Os cursos de aprendizagem estão então adaptados e moldados às novas exigências do mercado de trabalho, preparando os jovens para o início da sua vida profissional.

Como foi referido inicialmente, com as rápidas mudanças sociais (quer tecnológicas, quer económicas) marcadas na sociedade atual, também no sistema educativo se tem observado esta "adaptação". Foram definidos novos perfis profissionais escolares, o conceito de formação profissional foi alargado e os modelos educativos também se alteraram, e o ensino secundário (que abrange jovens com idades compreendidas entre os 15 e os 18 anos) confronta-se com o duplo objetivo de preparar os jovens para sua vida ativa e, *a posteriori*, de prepará-los para o ensino superior. Também se inserem no próprio sistema educativo novas modalidades de ensino: das gerais às profissionais, das formais às não formais.

O ensino técnico e profissional surge num contexto de fornecer ao mercado de trabalho mão de obra especializada, promovendo o desenvolvimento económico e minimizando o desemprego jovem, reduzindo o insucesso escolar e também o seu abandono, dada a dificuldade de inserção dos jovens no mercado de trabalho, e também dos próprios desajustamentos entre a habilitação académica e a atividade profissional. Uma vez mais, Madeira (2006: 122) refere que os jovens "pertencentes às classes sociais mais baixas eram orientados para este tipo de ensino, tendo em vista a necessidade de um emprego a curto prazo", tendo estas "marcas classistas e sociais do ensino técnico" tornado este tipo de ensino desprestigiado por comparação com o ensino regular.

Atualmente, com a reformulação de objetivos, alteração dos conteúdos curriculares, reforço e valorização da formação em geral, e as equivalências gerais, "constituem condições para um reconhecimento social do ensino técnico e profissional" (*idem*). Estes cursos tornam-se então, como já foi referido anteriormente, uma alternativa ao sistema formal de ensino para jovens que não querem ingressar no ensino superior.

Estas mudanças contribuem para uma permanente atualização das qualificações profissionais necessárias, o que provoca a constante desatualização das competências individuais. Neste prisma, Madeira (2006, *apud* Lesourne, 1988), considera que os desafios económicos acabam por exigir, tanto ao nível individual como coletivo, um considerável aumento da competência da população ativa, adulta ou jovem. Isto promove então o desenvolvimento de cursos especializados e equiparados para uma formação profissional facilitadora ao acesso do mercado de trabalho. E os cursos de aprendizagem acabam por ser uma mais valia, uma vez que os jovens têm a possibilidade de adquirir e de aprender questões práticas em contexto de trabalho.

Estando a formação profissional de jovens diretamente ligada ao mundo do trabalho, é necessária uma adaptação a esta evolução, e que os sistemas de formação assegurem um quadro de competências e atitudes" (Madeira, 2009: 124) que permitam aos jovens inserirem-se na vida ativa, e que favoreçam uma adaptação e mobilidade às constantes mudanças tecnológicas e sociais, no futuro, nas vertentes (alusivas a Le Boterf, 1994) do saber, do saber-fazer, do saber-ser e do saber-tornar-ser.

Surge então a noção de competência e de novas competências, uma espécie de "conceito-catavento" (segundo Azevedo, 2007: 30), "que capta os rumos dos ventos da mudança, que se afirma socialmente como transportador de novos ambientes sócio-económicos e que se impõem por si mesmo, sem precisar de demonstração, inundando a retórica dominante."

Os jovens acabam por ter, hoje em dia, a oportunidade de adquirir um amplo leque de "novas competências", gerais e transferíveis, pois só assim estes se encontram aptos para satisfazerem e corresponderem às "novas necessidades" dos mercados de trabalho em crise. Nestes moldes, a noção de competência encontra-se como que articulada e subordinada de outras práticas laborais e de outros processos de reestruturação económica e, ao mesmo tempo, desarticulada e insubordinada face às classificações tradicionais, dando conta de uma outra relação negocial, mais individual e dando mais valor às atitudes e à formação implícita (*idem*). Na ótica de Stroobants (1993), como nos refere Azevedo (2007: 30), acabam por se privilegiar mais as representações sociais dos atores do que as estruturas sociais.

Confrontamo-nos com o facto de que a negociação na lógica da competência torna-se mais individual; existe mais individualização profissional do trabalho e da procura de novas

qualificações – falamos de "uma competição entre os indivíduos em torno dos empregos e das competências" (Azevedo, 2007: 32) – e isto proporciona a chamada "deslocação das tensões sociais e a individualização das relações laborais". O autor assume que a empregabilidade[22] tende a ser cada vez mais uma característica do foro individual, uma qualidade de cada indivíduo. No Relatório Final do Debate Nacional sobre Educação – do Conselho Nacional de Educação (2007:48) consta que devemos olhar para o investimento da educação e formação como um princípio orientado, princípio esse geral de valorização dos saberes e das competências de cada um, pois "só assim, dando um novo lugar às aprendizagens formais e não formais e sustentados em rigorosos balanços de competências, poderemos criar incentivos à procura de novas qualificações por parte de todos os cidadãos". Mas no meio desta "competição", e partindo do pressuposto da democratização do ensino e o princípio de igualdade de oportunidades, até que ponto o ensino técnico e profissional não promove desigualdade social?

Uma vez que, frequentemente, "o insucesso na escola prefigura o insucesso no mercado de trabalho" (OCDE, 1989: 116), Madeira (2006: 125) diz-nos que "garantir apenas a igualdade de oportunidades no acesso tornou-se insuficiente e incapaz de diminuir as desigualdades sociais". No Relatório Final do Debate Sobre a Educação (2007: 39), é possível verificar-se que "a diversidade cultural invadiu as escolas e a democracia consolidou-se, tornando-se a educação o principal suporte cultural do Portugal democrático contemporâneo"; neste sentido, uma das estratégias globais para o Plano promovido pela Cimeira de Lisboa em 2010 consiste em "modernizar o modelo social europeu, investindo nas pessoas e combatendo a exclusão social". De um modo geral. que formas de desigualdade social existirão no prisma do mercado de trabalho?

3. Da Formação para o (mercado de) Trabalho

Sabemos qual é o estado da arte atual sobre a taxa de desemprego do nosso país. Com períodos de fortes mutações, devido maioritariamente à globalização, os cidadãos apresentam "fortes evidências de que a tendência para o isolamento e para a individualização não pára de

[22] Azevedo (2007: 33), considera que este termo se refere à "capacidade de um cidadão se manter empregado e capaz de disputar um emprego".

se expandir" (Azevedo & Fonseca, 2007: 19), o que suscita receios face a um futuro cada vez mais incerto.

Numa sociedade altamente centrada nos serviços (de acordo com as teorias de Castells, da *sociedade de informação*) e na indústria (mas primeiramente baseada na agricultura), promoveram-se alterações ao nível deste mercado, dos perfis profissionais e das qualificações e do tipo de emprego que têm sido bases de muitos estudos. Assim sendo, as mudanças dos mercados de trabalho têm sido vastas e profundas. São exemplo as novas formas de organização do trabalho, a omnipresença das tecnologias da informação e da comunicação; a precariedade crescente dos vínculos laborais; as alterações das estratégias de recrutamento de mão-de-obra; a individualização das trajetórias profissionais e das carreiras. (*idem*)

Parente (1995: 16) afirma que se assiste a uma regulação monopolista e a uma complexidade crescente do "mercado de trabalho", o qual "deixou de ser concebido como funcionando de uma forma mecânica na medida em que: os agentes em presença são heterogéneos (quer quanto às suas características, quer quanto às estratégias accionadas); existem regras e convenções que gerem as condições de confrontação entre empregadores e assalariados ou potenciais empregados; o Estado constitui, irreversivelmente, uma força importante e válida na regulação do mercado de trabalho; e a oferta de emprego tem um papel estruturante, ainda que relativo, face à procura de emprego." Portanto, nos dias de hoje, a noção de "emprego para toda a vida" (Gonçalves, Parente, Veloso, Gomes e Januário: 1998: 140) torna-se algo falacioso com as várias precariedades existentes neste mundo laboral (até porque cada vez mais se torna ilusória a ideia de se conseguir um emprego logo em primeira instância, só depois de muitas experiências laborais).

Segundo os autores supra citados (1998: 141), de acordo com as teorias de segmentação e do dualismo (*apud* Doeringer e Piore, 1971 e Piore Berger, 1980), pode-se caracterizar o mercado de trabalho polarizado em torno de dois segmentos fundamentais. Um (primário) que é constituído por indivíduos possuidores de níveis de formação escolar e profissional elevados - que por sua vez terão sucesso nas carreiras profissionais, e por outro (secundário), ao contrário da situação anterior, que agrega os sujeitos que se encontram em situações de desemprego, não raro precárias, com baixos níveis de qualificação escolar e profissional.

Sobre o adiamento da entrada tardia dos jovens neste mercado, este deve-se ao prolongamento dos mesmos no sistema escolar, e também dificuldades sentidas na transição/inserção dos jovens no mercado de emprego. Estaremos, também, perante uma questão das competências e dos perfis profissionais?

Os diversos estudos feitos em Portugal sobre mudança organizacional apontam alguns dos maiores processos em transformação, nomeadamente as novas formas de trabalho, os processos de deslocalização, o *outsourcing*, trabalho temporário, *part-time* ou tele-trabalho. (DGEEP & MTSS, 2006: 13)

Com isto, os fatores de bloqueio à entrada dos jovens no mercado laboral a serem desenvolvidos - futuramente neste projeto - (*idem*, 2006: 17-23) passam por a) disparidade de competências e qualificações, b) desfasamento entre o sistema de ensino e o sistema profissional, c) flexibilização e precarização do mercado de emprego, d) o (sub)aproveitamento das competências dos jovens, e) desajustamento entre as novas orientações perante o trabalho e as exigências do sistema de emprego, f) insuficiências dos programas sociais de apoio, g) assimetrias das redes informais de suporte, h) o problema da conciliação trabalho – família, i) a distância face às instituições burocráticas e financeiras, j) a discriminação de "certas culturas juvenis.

Germe (2007: 21) defende em três ideias, sobre a preparação para uma profissão ou adaptação ao mercado de trabalho, que (1) "o entendimento que se possa ter da orientação profissional assenta, necessariamente, num modelo – por outras palavras, numa análise particular – das relações entre formação, emprego e carreiras profissionais; (2) as atuais evoluções do mercado de trabalho, das carreiras e das mobilidades profissionais estão em contradição com determinadas concepções explícitas ou implícitas da orientação profissional; e (3) a ideia de «projecto profissional» a longo ou a médio prazo, que está na base de certas abordagens da orientação profissional, nem sempre representa para as pessoas uma estratégia pertinente e adaptada ao actual mercado de trabalho." Encontramo-nos, então, perante uma emergência de novas trajetórias profissionais.

Os formandos têm a possibilidade de, logo desde o início desta nova etapa formativa, tomarem contacto com a realidade laboral. Têm o chamado contexto de trabalho (que funciona como estágio em que o próprio formando aprende na própria prática) e aqui há um tutor que é "aquele que assegura funções pedagógicas em relação directa com um ou mais

formandos, acompanhando e orientando as actividades de formação realizadas em situações de trabalho" (segundo o Artigo 6.º do Decreto-Lei n.º 205/96). Mais se adianta que o formando é "aquele que, tendo ultrapassado a idade limite da escolaridade obrigatória e reúna as restantes condições de admissão, frequenta um curso de aprendizagem"; o formador é "aquele que assegura no processo de formação, com excepção da formação em situação de trabalho, a relação pedagógica com os formandos, favorecendo a aquisição de competências e o desenvolvimento de atitudes e formas de comportamento", e ainda o Coordenador de formação que é "aquele que assegura, no quadro de uma unidade coordenadora de aprendizagem, funções de supervisão na organização da formação, no apoio à acção pedagógica dos formadores e tutores e no acompanhamento da progressão dos formandos." (idem)

Enquanto que no ensino profissional, parafraseando Torres (2010: 1225, 1226), a metodologia de ensino baseia-se em "aprender como fazer", mantendo uma maior proximidade com o conceito "*school-based learning*" onde as aprendizagens de conteúdos, conhecimentos e competências teóricos e práticos ocorrem predominantemente no contexto escolar, no caso do sistema de aprendizagem a metodologia de ensino é tida em conta no "aprender fazendo", num sistema genuíno de "*work-based learning*" onde as aprendizagens de conteúdos, conhecimentos e competências teóricas e práticas são, em grande parte, desenvolvidos no contexto real de trabalho. No que concerne à formação em contexto de trabalho propriamente dita, enquanto que nos cursos profissionais pode ser caracterizado como uma primeira "exposição" ou contacto do aluno com o mundo do trabalho, no sistema de aprendizagem é sistemática, longa e intensa, representando o verdadeiro pilar da estratégia pedagógica deste modelo.

Em Portugal, o regime de aprendizagem constitui o único genuíno "*work-based learning system*", "nenhuma outra modalidade atribui tanto peso e importância ao contexto como factor de aprendizagem, nem consegue o mesmo nível de integração entre a aprendizagem em sala e a que decorre em contexto real de trabalho (Torres, 2010: 1226, *apud* Neves, 1993; Pedroso, 1996). Sendo o sistema de aprendizagem uma boa aposta para o país, os indicadores revelam que o sistema de aprendizagem aumenta, de fato, os níveis de empregabilidade facilitando a transição para o mercado de trabalho (Torres, 2010: 1226, *apud* CIDEC, 2000; CEDEFOP, 2004; OCDE, 2005). Mas como se processa esta transição?

Para responder a esta questão é necessário ter em conta o contexto. São várias as medidas de política do fim dos anos noventa. Azevedo e Fonseca (2007: 43-45)[23] destacam as seguintes:

«- *A prevenção do abandono precoce* (falamos por exemplo dos "currículos alternativos", os "cursos de educação-formação");

- *A informação e a orientação escolar e profissional* (referimo-nos à criação de Serviços de Psicologia e Orientação, a funcionar nas escolas);

- *O reforço do ensino e da formação inicial profissionalmente qualificante* (como é o caso da adesão dos jovens aos cursos tecnológicos, aos cursos das escolas profissionais e aos cursos em regime de Aprendizagem);

- *O apoio à inserção socioprofissional dos jovens* (destacam-se os incentivos aos estágios profissionais e também às Unidades de Inserção na Vida Ativa – UNIVA – que agora são os chamados GIP, os Gabinetes de Inserção Profissional);

- *O apoio à criação de emprego* (incentivaram-se programas de criação de "iniciativas locais de emprego" e de "apoio à iniciativa empresarial dos jovens" articuladas com associações de desenvolvimento e associações empresariais).»

Quanto às políticas de inserção dos jovens nos mercados de trabalho na União Europeia, os estágios e as alternâncias são "os mecanismos mais frequentes e eficazes dos jovens ao emprego" (idem); os autores referem ainda que as duas tónicas presentes que se confrontam nestas políticas são os apoios à inserção social dos jovens e também o apoio à obtenção de um emprego estável; por outro lado os efeitos de prolongamento dos tempos de precariedade e de instabilidade.

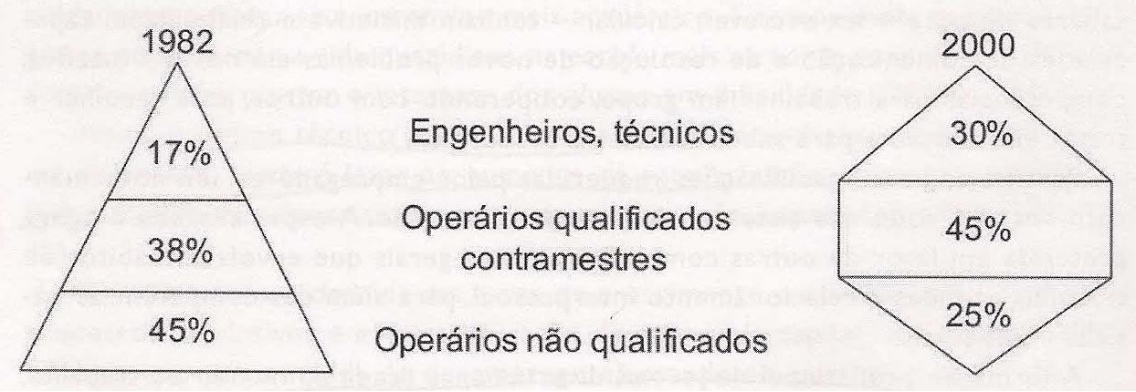
No contexto Europeu, existem diferentes modelos de políticas de inserção de jovens nos mercados de trabalho. Num primeiro caso temos o exemplo da Alemanha, o já referido modelo dual alemão que é regido numa lógica de *profissionalidade*, em que o Estado e a sociedade civil (em regime tripartido) detêm um papel ativo e claro. Num segundo caso temos o exemplo de Portugal, França ou Suécia em que os sistemas educativos "promovem os mais importantes mecanismos de mão-de-obra e de encaminhamento para os diferentes empregos"

[23] Itálico dos autores.

(idem, 2007:46). Um terceiro onde predomina a "lógica aberta e de intercâmbio entre o sistema de qualificações e os mercados de trabalho" (idem, 2007: 46), funcionando em regime de muita flexibilidade e descentralização, é o caso britânico. Os autores afirmam que há como que dois eixos sobre os quais se estruturam estes modelos diversos: o da estabilidade-mutabilidade das políticas e de princípios para facilitar os processos de transição e o da flexibilidade-rigidez das instituições e das estruturas (escolas, serviços, conteúdos, etc.) para fazerem face às mudanças em curso.

Estas mudanças, alusivas ao paradigma de Castells sobre a já referida "sociedade em rede", têm acionado alterações estruturais nos sectores de atividade e no mercado de trabalho, assistindo-se "a uma crescente importância dos serviços e à sua interpenetração nos outros sectores de atividade, fenómenos associados à desindustrialização e à terciarização das economias desenvolvidas" (Madeira, 2006: 123), e quanto a este aspeto, a terciarização da mão de obra e a redução do emprego industrial contribuem para a modificação da própria estrutura do emprego. Nos anos 80, em França, previa-se que até 2000 ocorresse uma evolução na "pirâmide" dos empregos industriais, conhecida como a passagem do "triângulo" ao "hexágono", como refere Madeira (2006: 123) (apud Azevedo, 2000: 218-219) ilustrado na imagem que se segue.

Figura 2 – Do triângulo ao hexágono



Fonte: FIPE/HCEE, 1987
Extraído de: AZEVEDO, J. (2000: 219) – "O Ensino Secundário na Europa". Porto: Edições ASA

A autora supra citada refere que, uma vez que a formação profissional está inteiramente ligada ao mundo do trabalho, urge uma adaptação à evolução deste

"nomeadamente no que respeita aos objetivos e conteúdos" (Madeira, 2006: 124). Mas que disfuncionalidades há neste sistema de ensino técnico e profissional?

Podemos abordar o assunto referindo-nos à problemática da igualdade de oportunidades. Se tivermos em linha de conta que os jovens com insucesso escolar, os que fazem parte da taxa de abandono do mesmo, ingressam para o mercado de trabalho sem as qualificações necessárias, verificamos que há fortes probabilidades de estes jovens virem a ocupar "empregos" menos qualificados. E como "o insucesso na escola prefigura o insucesso no mercado de trabalho" (OCDE, 1989: 116), é possível que esses jovens venham também a aumentar a taxa de desemprego.

Neste contexto, admitimos que a maioria dos jovens que frequenta o sistema de ensino profissional e tecnológico fazem parte do insucesso e abandono escolar (pelas mais variadas causas), então o recurso a esta tipologia de ensino vai aumentar dada a lógica da ligação ao mercado de trabalho. E como este sistema promove muito o contexto prático (através dos estágios nas empresas, e também dos próprios contextos práticos ao longo do curso), os alunos (neste caso, formandos) acabam por ter mais motivação e interesse. Neste prisma, esta via de ensino poderá levar ao aumento da escolarização e os jovens acabam por não abandonar o sistema de ensino, recuperando a sua trajetória académica.

Por outro lado, "a descida das taxas de crescimento, a contínua automação dos processos produtivos e a reestruturação da economia capitalista" (Azevedo, 2000: 196) promoveram o aumento do desemprego – e neste caso, dos jovens.

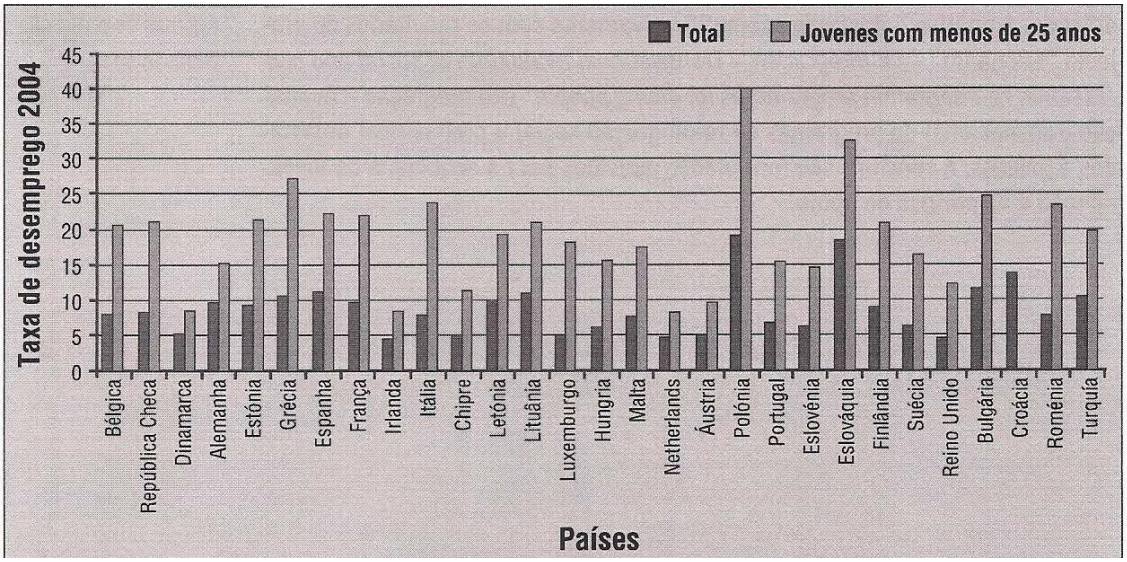
No campo da educação para o trabalho, já nos anos 90, surge um novo conceito de profissionalismo: o liberal ou o neoprofissionalismo que, segundo o mesmo autor (2000: 59), a educação para o trabalho é vista "num sentido social mais lato – social, económico e tecnológico – com ênfase no desenvolvimento das capacidades de iniciativa e de empreendimento laboral" que substitui o já existe profissionalismo "pragmático" da década de 80.

Assim as políticas educativas são (re)orientadas para a lógica de reduzir o número de especializações técnico-profissionais, introduzir troncos comuns de formação, aumentar a componente geral em todos os percursos e estabelecer sistemas de equivalências entre cursos e as vias de ensino geral e profissional (Azevedo, 2000).

Mas sabemos que já a noção de "emprego para toda a vida" envolve-se num enredo falacioso (uma vez que se dilui para o insuficiente e precário mundo do trabalho atual), como referem Gonçalves, *et al*., (1998: 141). Mais adiantam que este mercado de trabalho se caracteriza, "segundo as teorias de segmentação[24] e do dualismo[25] (Doeringer e Piore, 1971 e Peore e Berger, 1980), por uma profunda plurisegmentação, a qual se polariza em torno de dois segmentos fundamentais." São eles o primário – que abarca os indivíduos com qualificações elevadas, e o secundário – que é o oposto, quer se encontrem em situações de desemprego, subemprego[26] ou em emprego precário; e é neste caso em particular que se situam em grande maioria "os jovens, as mulheres, os desempregados de longa duração, os indivíduos com deficiências motoras e os trabalhadores pouco ou nada qualificados" (idem).

Já em 2004, como refere Niemeyer (2007: 130), "as quotas do desemprego juvenil evidenciam deficiente ajustamento entre o sistema educativo e o sistema do emprego" (ver a Figura 2 que se segue). Aquilo que, na perspetiva do mercado de trabalho, aparece como défice de qualificação, significa ter de vencer (na perspetiva individual do interessado) às situações precárias e ao longo da sua vida inteira, e também aos riscos de exclusão social, económica e cultural.

Figura 3 - Desemprego juvenil na Europa em 2004



Fonte: Eurostat, cálculos próprios

[24] Teoria que enfatiza a lógica económica e do capital.
[25] Teoria que salienta o papel das empresas na estruturação do mercado de trabalho.
[26] A este respeito, Azevedo (2007: 39) diz-nos que "o subemprego é a solução generalizada para as situações de desemprego da população com mais baixas qualificações académicas."

A autora (2007: 131) presume que cerca de 40% de todos os jovens da Europa após a sua conclusão dos estudos na escola, que ministra a instrução geral, ficam sem emprego (*apud* Dietrich, 2003) – segundo os dados obtidos pelos programas e medidas especiais em quase todos os 25 Estado-Membros da União Europeia, nos últimos 25 anos.

Num artigo elaborado por Alves (2007: 59), questionando se *a melhoria da empregabilidade dos jovens escondesse novas formas de desigualdade social*, é possível demonstrar que, em Portugal, "a profissionalização do sistema educativo é o resultado de uma política voluntarista do Estado que não encontra eco num tecido empresarial que continua a apostar nos baixos custos de mão-de-obra como factor de competitividade ao mesmo tempo que relega para um plano secundário a discussão na (re)produção social e na criação de formas 'doces' de exclusão." Depois de a autora abordar várias noções do conceito de "empregabilidade" – constatando que o próprio não é um estado mas sim um processo "que se constrói na interacção entre as estratégias e os recursos individuais, por um lado, as dinâmicas macro-económicas e as estratégias empresairias, por outro" (idem, 2007: 62), verifica-se que o aumento do desemprego, o seu caráter estrutural e a consolidação do pensamento neoliberal, têm contribuído para a manutenção e para o reforço da perspetiva individual da empregabilidade (como referido anteriormente).

É neste sentido do "individual" que se verifica uma crescente privatização dos problemas sociais, como por exemplo o caso das competências da empregabilidade que acabam por se tornar também individuais dada a necessidade de gerir um desemprego estrutural de massas.

O desemprego constitui-se de uma forma geral, abrangendo não só os detentores de baixas qualificações, mas também os constituintes de quadros com qualificações mais elevadas – e já não é fruto do crescimento económico para se tornar inerente ao próprio crescimento económico. Assim, como refere a autora supra citada (2007: 63), "explicar o desemprego por via, exclusiva, da ausência de competências de empregabilidade é ocular os efeitos sociais e económicos desta nova fase de acumulação capitalista." A autora afirma que é através do aumento da competitividade, e do combate ao desemprego e à exclusão social que a empregabilidade dos jovens se torna mais suscetível.

As ciências sociais (nomeadamente no campo da economia e da sociologia), explicam o desemprego juvenil, entre outros fatores, através das deficiências do sistema educativo (*apud* Furlong, 1988), que não desenvolve as competências necessárias à inserção dos jovens na vida ativa (*apud* Finn, 1985); ministra uma formação que é acusada de ser demasiado académica e pouco relevante em termos profissionais (*apud* Finn, 1984; Sherman, 1991). Logo a introdução do sistema de ensino formal e técnico acaba por colmatar estes "obstáculos", pois aumenta competitividade da economia social, e qualifica os jovens profissionalmente para reduzir o desemprego juvenil.

Traçando algumas críticas em Portugal nos prismas político, educativo e económico, a autora ressalva a progressiva subordinação da educação aos interesses económicos (Alves, 2007:63-64): do ponto de vista político critica-se a subordinação da educação à economia, e critica-se também o *locus* da discussão do conceito de igualdade de oportunidades do universo educativo para o universo profissional (igualdade de oportunidades no mercado de trabalho); do ponto de vista educativo, as críticas direcionam-se para o carácter socialmente discriminante destas ofertas formativas que tendem a transformar-se em *ghetos* habitados por jovens das classes populares marcados por trajetórias escolares de insucesso – sendo que o carácter socialmente seletivo destas ofertas educativas foi recentemente reforçado com a criação dos currículos alternativos e dos cursos de educação formação na escolaridade obrigatória; no ponto de vista económico, alguns estudos no domínio da economia da educação revelam que há discrepâncias nos custos da educação, onde os elevados custos indexados aos cursos profissionalizantes, quando comparados com os da formação em geral, não têm o retorno esperado ao aumento da produtividade individual que não são comparados aos da formação geral. Outras investigações corroboram que esta tipologia de ensino (técnico-profissional) demonstra que não existem diferenças face ao desemprego.

Sendo a juventude um período da vida que reflete transição (a "passagem da condição social de jovem" à "idade adulta", como já foi anteriormente mencionado), também há uma transição para a entrada do mercado de trabalho, para a vida ativa. O que se entende, então, por este conceito de "transição"?

Transição e inserção, apesar de serem conceitos semelhantes, são bem distintos entre si. Segundo Gonçalves, *et al.,* (1998: 143), "o conceito de 'transição' ao mercado de emprego é utilizado para designar quer as situações de entrada na vida activa, quer os percursos profissionais que apresentam como característica fundamental a precariedade da relação

salarial." Já o conceito de inserção, (idem), "remete para a estabilidade e segurança das situações de emprego e, consequentemente, para trajetórias profissionais marcadas por traços de não precariedade."

Para se aceder a um emprego, os autores supra citados revelam a existência de dois tipos básicos de recursos: os meios formais (que se remetem para os anúncios de empresas, ofertas publicitadas, aos centros de emprego), e os meios informais (que se referem ao apoio de amigos e familiares). Aqui se manifesta a mobilidade das redes sociais.

O Estado assume um importante papel enquanto "agente institucional" no domínio da transição/inserção de jovens na vida ativa, uma vez que este implementa políticas de ensino/formação e emprego (tais como a lógica do empreendedorismo ou cursos de formação para desempregados).

Sendo a trajetória educativa dos jovens aferida por intermédio do seu nível de escolaridade, os autores (citando Paul in Coutrou e Dubar, 1992: 146) afirmam que esta permite "considerar o conjunto de acontecimentos profissionais que marcam o percurso do indivíduo e dar-lhes um sentido ao reconstruí-los por relação aos movimentos de trabalho".

E se nas décadas de 80 e 90 quem tivesse mais qualificações teria mais flexibilidade na "obtenção de emprego rápido e estável" (Azevedo e Fonseca, 2007: 51-54), já na crise económica entre 90-95 o cenário social da inserção profissional dos jovens alterou-se: os diplomas (também do ensino superior) já não representam uma proteção contra o desemprego. Nesta visão, dá-se a "corrida" ao mercado de trabalho e o "tempo" de uma transição escola-emprego estável e programada acabou – intercetada também pela crescimento do emprego "atípico"[27]. E para os autores supra citados, hoje só existem transições (no plural), "nos seus múltiplos modos de construção de projetos de vida e de inserção socioprofissional".

Então, a transição – que para estes autores é definida como "o período que medeia entre a conclusão da formação inicial e a obtenção de um emprego estável, a tempo inteiro" (idem, 2007:54), foi substituída por transições entre a saída do sistema de ensino e de formação inicial e as menores ou maiores manifestações de instabilidade nos mercados de trabalho.

[27] Que se refere a estágios, trabalho "experimental", relações laborais não legalizadas, entre outros.

Segundo a *Comunicação da Comissão ao Parlamento Europeu, ao Conselho, ao Comité Económico e Social Europeu e ao Comité das Regiões*, com o intuito de "promover a plena participação dos jovens na educação, no emprego e na sociedade" (2007: 1-17), na União Europeia, perto de um em cada seis jovens abandona a escola prematuramente, e um em cada quatro adultos jovens (com idades compreendidas entre os 25 e os 20 anos) não concluiu o ensino secundário. Os desafios que os jovens enfrentam hoje são complexos e variados; existem muitas mais oportunidades de aprendizagem e de participação, mas talvez os percursos não estejam assim tão bem definidos.

Deparamo-nos com uma mudança de sentido dos trajetos de mobilidade profissional e o claro incentivo ao desenvolvimento de estratégias individualizadas para assegurar e melhorar a própria empregabilidade (Costa e Silva, 2009: 146).

Assim sendo, a formação inicial para um trabalho/emprego, a qualificação e a certificação obtida no quadro de uma instituição apropriada (tendo em conta a inserção e manutenção no mercado de trabalho) deixou de ser uma relação natural e estável para se inscrever num quadro de encontros prováveis entre trajetórias possíveis.

Vejamos, então, o caso específico do Sistema de Aprendizagem da Fundação da Juventude.

III. Metodologia de Investigação

"As pesquisas em educação não podem ignorar os quadros de referência paradigmáticos que as orientam e, consequentemente, provocar um debate sobre a contribuição das abordagens quantitativa e qualitativa para a aproximação à realidade estudada."

Craveiro (2007: 202)

Pretende-se neste capítulo explorar e explicar quais os métodos e técnicas de investigação que foram utilizadas nesta investigação, tendo em conta o cronograma apresentado em **Anexo 4**, assim como os dispositivos construídos para recolha de informação.

De acordo com Iturra (1990:10), "não existe grupo humano que não precise criar, desenvolver e transmitir o conhecimento com o qual gera sociedade. A existência humana não passa apenas pelo trabalho de transformar a natureza para consumi-la e reproduzi-la; é preciso também saber como é que se age perante as coisas e perante os outros homens. Cada grupo social resolve esta tarefa primária com a organização de um conjunto de ideias que ficam no património de cada grupo a que nós os antropólogos chamamos cultura."

Como foi referido anteriormente, os cursos de aprendizagem promovidos pelo Sistema de Aprendizagem da Fundação da Juventude destinam-se a jovens cuja faixa etária se caracteriza por um conjunto de tomadas de decisão importantes para a vida profissional dos formandos.

Os jovens começam por dar continuidade ao seu percurso escolar afirmando e iniciando a construção do seu futuro profissional. Como tal, torna-se pertinente perceber os motivos que levaram os próprios a escolher estas formações.

O principal objeto desta investigação centra-se nas expectativas, razões e motivações que levam os jovens candidatos a frequentar as formações de aprendizagem do Sistema de Aprendizagem da Fundação da Juventude (da delegação do Porto).

Atendendo aos vários fatores como é o caso das caraterísticas socioeconómicas dos indivíduos, é pretendido (co)relacionar as expectativas dos formandos considerando a sua formação técnica e profissional, os níveis de certificação e os desempenhos profissionais.

Abordando as questões das trajetórias escolares, uma das metas estabelecidas a fim de ser cumprida com o desenrolar do estágio prende-se com a análise da influência do género, da classe social e relação família-trabalho, com a vocação, com a questão da certificação e dos interesses que os jovens possuem sobre o seu futuro profissional, e com a questão do mercado de trabalho (trabalho/emprego, desemprego e trabalho precário).

Refletindo nos objetivos, com base na simbiose do que foi enunciado anteriormente, pressupõe-se detetar as expectativas dos formandos para com a sua formação e futuro profissional.

É necessário adaptar e pensar nas melhores estratégias e metodologias de investigação, tendo em conta os objetivos propostos para esta investigação:

- Detetar as expectativas (aspirações) dos formandos numa iniciativa formativa do tipo formação técnica e profissional;
- Analisar/relacionar as escolhas do curso profissional com a vocação dos formandos;
- Delinear as trajetórias escolares dos formandos;
- Analisar a motivação e participação dos formandos nas atividades do Plano de Atividades da instituição, nas sessões de formação e nos intervalos das atividades letivas;
- Avaliar a satisfação dos formandos relativa à iniciativa formativa frequentada;
- Relacionar as expectativas dos formandos com os seus objetivos;
- Analisar a escolha do futuro percurso profissional dos formandos;
- Analisar a ocupação de tempos livres dos formandos.
- Estabelecer correlações a três níveis: formação técnica e profissional, níveis de certificação, e desempenhos virtuais profissionais:
- Correlacionar o perfil escolar dos formandos com o profissional;
- Perceber a aplicabilidade da formação na vida profissional futura dos formandos.

O paradigma quantitativo tem como características mais importantes a interação e a retroatividade. Este paradigma situa-se num contexto exploratório do qual se recorre a amostras representativas, onde se procuram regularidades. A explicação dos fenómenos entra na descrição; as hipóteses (que direcionam a investigação, verificam se há uma relação entre determinado tipo de fenómenos – testando-os) podem não ser determinadas à partida. O modelo conceptual é provisório, portanto, deparamo-nos com interpretações provisórias da

realidade. Não recusa o contexto de prova, mas sim a forma como as hipóteses são construídas na lógica hipotético-dedutiva. Elas vão surgindo no decurso da investigação.

Na perspetiva qualitativa, a entrevista é um método de abordagem em profundidade do ser humano, enquanto representante de um grupo social, consistindo numa relação verbal em que o entrevistado exprime os seus pontos de vista como reação às perguntas ao entrevistador. É uma técnica de investigação que usa a comunicação verbal direta para recolher dados sobre o assunto que se pretende estudar, incidindo na procura das singularidades. É uma conversa orientada, cara-a-cara na qual o entrevistado reage a estímulos verbais do entrevistador.

Como Bogdan & Biklen (1994: 134) referem, é portanto uma conversa intencional, geralmente entre duas pessoas, dirigida por uma delas, com o objetivo de obter informação sobre a outra. A entrevista é utilizada para recolher dados descritivos na linguagem do próprio sujeito. É uma conversa entre um entrevistador e um entrevistado, como referem Moser & Kalton (1990: 271), que tem o objetivo de extrair determinada informação do entrevistado.

As entrevistas garantem um elevado grau de liberdade de expressão do entrevistado e estrutura o seu pensamento em torno do "assunto", aprofundando-o a partir das questões-estímulo do entrevistador. Uma forma particular é o relato de vida que combina a abordagem biográfica com a temática; privilegia as situações em que os sujeitos entrevistados, reportando-se aos seus sistemas culturais, exprimem as suas percepções subjetivas e representações do real, permitindo detetar nos discursos, não apenas opiniões mas sobretudo traços de personalidade de que os detentores nem sempre estão conscientes; permite ao entrevistador seguir a linha de pensamento do interlocutor, zelando pela pertinência das informações prestadas relativamente ao objeto de estudo, procurando manter um clima de confiança e controlar o impacto das condições sociais da interação sobre a entrevista (tensões, circunstâncias adversas); considera o entrevistado como membro de um grupo social, como um sujeito contextualizado, cujas opiniões podem ser o resultado das influências socioculturais inerentes ao seu modo de vida, as quais verbaliza subjetivamente; cria "pontos de conivência" (afinidades) entre entrevistador e entrevistado para gerar um clima de desconfiança que permita a expressão livre das ideias e pensamentos do entrevistado, o seu aprofundamento e a implicação deste na pesquisa.

Deve ser entendida como uma conversa, quase informal, entre o investigador e o sujeito entrevistado, pois dessa forma o investigador poderá extrair, do sujeito, um maior

número de determinadas informações, que o poderão ajudar a realizar o seu estudo de uma forma ainda mais completa e precisa.

A finalidade da técnica da entrevista consiste na recolha de dados de opinião para fazer a caracterização do processo em estudo, mas também para conhecer os seus intervenientes. Segundo Estrela (1994: 342), "Se, por um lado, se procura uma informação sobre o real, por outro, pretende-se conhecer algo dos quadros conceptuais dos dadores dessa informação, enquanto elementos constituintes desse processo."

Este método de investigação poderá ser utilizado para a análise de determinados acontecimentos, para a análise de um problema ou até para a reconstituição de um processo de ação.

Neste sentido, foi aplicada uma entrevista à responsável do Serviço de Aprendizagem da Fundação da Juventude ("Dr.ª GP") e a duas formadoras para apurar i) o conhecimento da história e do contexto da instituição, ii) o público-alvo, iii) as questões do formador (as expetativas, motivações, grau de satisfação dos formadores), e iv) o processo de ensino e aprendizagem (identificar os objetivos gerais da formação, indicar os conteúdos da formação, caraterizar os métodos e técnicas de formação, assim como a metodologia de avaliação utilizada e o grau de participação dos formandos no processo de formação).

Aliada à entrevista, "melhor do que qualquer outro método de trabalho, a análise de conteúdo permite, quando incide sobre um material rico e penetrante, satisfazer harmoniosamente as exigências do rigor metodológico e da profundidade inventiva, que nem sempre são facilmente conciliáveis." (Quivy e Campenhoudt, 2008: 227).

A análise de conteúdo é um método utilizado na investigação empírica realizada pelas diferentes ciências sociais e humanas. Trata-se de um método de análise textual que é utilizado em questões abertas de questionários e nas entrevistas. Utiliza-se na análise de dados qualitativos, na investigação histórica, em estudos bibliométricos ou outros em que os dados tomam a forma de texto escrito.

Para que este método seja objetivo, é necessário que haja uma definição precisa das categorias de análise, de modo a permitir que diferentes investigadores possam utilizá-las, obtendo os mesmos resultados. Para ser um método sistemático, é necessário que a totalidade de conteúdo relevante seja analisada com relação a todas as categorias significativas. A

quantificação permite obter informações mais precisas e objetivas sobre a frequência da ocorrência das características do conteúdo.

A técnica da entrevista está sempre relacionada com um método de análise de conteúdo. Os métodos de entrevista são uma aplicação dos processos fundamentais de comunicação que quando são corretamente utilizados permitem ao investigador retirar das suas entrevistas elementos de reflexão muito ricos, que poderão ser analisados partindo da Análise de Conteúdo.

Também foram aplicados os questionários em série (Anexo 5) a alguns formandos do primeiro ano para apurar as suas opiniões sobre o funcionamento do curso, e para apurar os seus verdadeiros interesses e perspetivas – por isso, estes questionários foram aplicados em dois momentos: um inicial (de índole exploratório) e um de "impacto" (de índole *continuum*). Com o objetivo de "aprimorar alguma informação", ainda foram realizadas conversas informais com alguns formandos da instituição.

As conversas informais são mais uma das possíveis técnicas de recolha de dados e, ao contrário do que o próprio nome possa deixar transparecer, elas podem ocorrer não só em contextos informais mas, também, em contextos não-formais e formais. Neste sentido, esta técnica é considerada uma grande fonte de informação pois, através dela, podemos recolher informações muito ricas, dado o clima de descontração em que habitualmente ocorrem.

Aliada à entrevista, uma vez que "é preciso circunscrever as análises empíricas no espaço, geográfico e social, e no tempo" (Quivy & Coupenhoudt, 2008: 85), efetuaram-se observações diretas (cujas grelhas/indicadores e focos estão disponíveis nos anexos 6, 7, 8 e 9) para aprimorar qual a motivação, dedicação/empenho, satisfação, participação dos formandos nas salas de aula (num contexto formativo) e nos espaços de tempos livres (num contexto de lazer). "A observação direta é aquela em que o próprio investigador procede diretamente à recolha dos dados, sem se dirigir aos sujeitos interessados. Apela diretamente ao seu sentido de observação" (*idem*: 164).

O questionário (ver em anexo 10), de acordo com Viana (2007: 78, *apud* Flores *et al.*, 1999), define-se como "uma forma de inquirir caraterizada pela ausência do inquiridor e considera que para recolher opiniões sobre o problema em estudo é suficiente uma interação impessoal com o inquirido". Assim, registará um conjunto de questões e as fará chegar

àqueles que considera poderem proporcionar opiniões sobre o problema em análise, solicitando que respondam.

Pretendeu-se então inquirir uma amostra[28] de todo o universo, uma vez que este dispositivo foi o instrumento central neste projeto, para apurar a satisfação dos formandos, as suas expetativas, aspirações, para nos apercebermos também dos indicadores socioeconómicos, a socialização dos tempos livres, as questões da vocação, relação família-trabalho, para ser possível traçar as correlações entre a formação técnica e profissional, os níveis de certificação e os desempenhos profissionais futuros.

Os instrumentos construídos em estágio, para irem de encontro aos objetivos propostos, encontram-se em anexo. Grelhas para a observação em contexto de sala de aula (e propostas para futuras análises de observação direta) como foi indicado anteriormente, dispositivos para avaliar a formação (Anexo 11) e a satisfação da formação (por parte dos formandos) – Anexo 12, avaliação do formador feita pelos formandos (Anexo 13), a avaliação do tutor em contexto de Formação Prática em Contexto de Trabalho (FPCT) – Anexo 14, o Inquérito por Questionário, os "Questionários em Série" (1 e 2) - suas dimensões de análise (Anexo15) bem como os respetivos indicadores de resposta frequente (Anexo 16), e também a proposta do projeto "Tertúlias" (Anexo 17) elaborado em contexto de estágio. Todos estes conteúdos serão abordados nos capítulos que se seguem.

[28] Dada a assiduidade dos formandos como algo "instável", foi impossível tornar equitativa a amostra desta investigação, por outras palavras, constituir uma amostra estatisticamente fundamentada - uma vez que o número de formandos por turma/curso nunca era fixo, pois os formandos iam desistindo/reprovando por faltas no decorrer do ano letivo.

IV. Aprendendo uma profissão

"O 'olhar' é um produto da história reproduzido pela educação."

(Pierre Bourdieu, 2007)

É no contexto prático que é possível transferir todas as competências adquiridas na teoria e colocar em prática o conhecimento científico abarcado ao longo de todo um percurso científico.

No sentido de ir de encontro aos objetivos propostos desta investigação, e com toda a análise teórica envolvente, foi realizada uma reflexão em torno da temática. Esta reflexão foi pensada através dos instrumentos construídos (supra indicados) e aplicados em contexto de estágio.

Pretende-se, então, neste quarto capítulo evidenciar uma análise estatística descritiva dos dados obtidos entre todos os dispositivos, recorrendo ao programa de análise de dados SPSS[29] (*Statistical Package for the Social Sciences*) – pacote estatístico para as ciências sociais, como já referido na introdução, para analisar o instrumento-chave desta investigação, o inquérito por questionário.

Num primeiro subcapítulo é feita a "Caraterização sociodemográfica dos indivíduos" desta investigação para sabermos qual a realidade social desta população-alvo; num segundo subcapítulo traçaremos o percurso escolar dos formandos desde as suas (possíveis) frequências da pré-escola até à conclusão do 9.º ano, e abordaremos ainda a relação do Serviço de Aprendizagem nas suas vidas profissionais, assim como as questões vocacionais e ocupação de tempos livres; num terceiro e último subcapítulo procuraremos dar resposta ao tema desta investigação, analisando as expectativas dos formandos tendo em conta os cursos de aprendizagem que se encontram inseridos (tendo em vista, também, o seu futuro profissional).

[29] IBM® SPSS® Statistics - version 19, para Mac OS X.

1. Caraterização sociodemográfica dos indivíduos

Como foi referido anteriormente, foi impossível obter uma amostra fixa por parte dos formandos devido ao forte abandono marcado pela desistência e/ou reprovações por faltas. Sobre este facto, João Ferrão (2000: 22) aborda um conjunto de fatores que influenciam o abandono precoce do sistema de ensino que são os seguintes:

1) Fatores individuais (do aluno)
2) Aspetos socioculturais
3) Aspetos socioeconómicos
4) Instabilidade do agregado familiar
5) Mercado de trabalho
6) Ambiente social
7) Fatores geográficos
8) Escola

Definimos, de seguida, estes fatores, segundo o autor (Ferrão, *et al.*, 2000: 22-23)[30]:

"*Factores individuais:* insucesso escolar, desinteresse, dificuldade de frequência, dificuldades de integração, problemas de saúde, e falta de educação pré-escolar.

Aspectos sócio-culturais: peso dos grupos étnico-culturais minoritários, baixo grau de instrução dos pais, falta de consumo cultural não popular, herança do abandono e ambiente não urbano.

Aspectos económicos: rendimentos baixos, pobreza, dimensão da família, sobre lotação do alojamento, más condições de alojamento, dependência do trabalho, desemprego, práticas de entre ajuda familiar e índice de dependência.

Instabilidade do agregado familiar: famílias monoparentais, famílias de avós, instabilidade conjuntural do agregado familiar, movimentos migratórios.

Mercado de trabalho: actividade intensiva em mão de obra desqualificada, população activa muito jovem, peso das pequenas empresas, longos períodos de ausência dos pais,

[30] Itálico do autor.

actividades com forte oscilação sazonal, actividades pouco exigentes e qualificação académica e falta de dinamismo económico.

Ambiente social: ambiente social negativo.

Acessibilidade: povoamento disperso, falta de transportes públicos e escassez de telecomunicações.

Escola: ausência de escola na freguesia ou concelho, má acessibilidade à escola, parque escolar deficiente, instabilidade do corpo docente, falta de estruturas de aprendizagem / métodos pedagógicos, falta de estruturas e serviços de apoio e fracas relações com a comunidade."

Como tal, a nossa amostra é constituída por um total de 122 formandos, cuja média de idades é de 19,92 (*n*=120)[31] variando entre 15 anos (*n*=1, 0.8%) e 26 (*n*=1, 0.8%), tendo-se verificado que 27 formandos possuem 20 anos (22.1%). Como foi possível constatar, só aqui na questão da idade temos dois *missing values* ("valores perdidos", ou seja, não respostas por parte dos inquiridos) o que é algo constante, de um modo geral, nas respostas dadas pelos formandos – o que numa primeira visão revela um certo desconforto ou insegurança por parte dos mesmos (mesmo em questões "simples" cuja privacidade dos dados não se revelou tão importante).

Estamos perante uma amostra maioritariamente feminina, sendo que (*n*=120) 27 formandos são do sexo masculino (22,1%) e os restantes 93 formandos são do sexo feminino (76,2%), o que é justificável uma vez que a instituição conta com três cursos de estética cosmética que, apesar de só serem constituídos por raparigas, são os cursos em que mais formandos têm.

Situando-nos na relação do número de formandos por turma, os 122 formandos participantes nesta amostra estão inseridos nas seguintes turmas/cursos:

[31] O valor de *n* corresponde ao número de respostas obtidas em cada questão.

Quadro 4 – Dados relativos aos formandos por curso que frequenta

		Frequência	Percentagem
Curso que frequenta	A2 – Cozinha/Pastelaria	7	5,7
	A3 – Estética/Cosmética	11	9,0
	A4 – Electrónica e Telecomunicações	2	1,6
	A5 – Ação Educativa	3	2,5
	A6 – Serviços Pessoais e à Comunidade	7	5,7
	A8 – Refrigeração e Climatização	3	2,5
	A10 – Cozinha/Pastelaria	5	4,1
	A11 – Ótica Ocular	3	2,5
	A12 – Estética/Cosmética	13	10,7
	A14 – Ação Educativa	5	4,1
	A15 – Contabilidade	7	5,7
	A16 – Logística	8	6,6
	A17 – Administrativo	12	9,8
	A18 – Mesa e Bar	11	9,0
	A19 – Estética/Cosmética	11	9,0
	Total	108	88,5
Não resposta		14	11,5
Total		122	100,0

A1 - que era de Cozinha/Pastelaria – os formandos terminaram o seu curso em dezembro (no meio do período de estágio), pelo que não foi possível realizar a avaliação de impacto da formação uma vez que nestas circunstâncias é necessário elaborar esta avaliação no mínimo seis meses após a conclusão do curso (e por estas razões, este objetivo proposto não foi possível tornar exequível), A7 era um curso de vendas que se "extinguiu" dado o número de faltas atingido pelos formandos que a constituíam, A9 era o curso de Agência de Viagens e Transportes que também foi encerrado e o curso A13 não chegou a abrir.

Desta forma, como é possível observar na tabela supra indicada, os cursos com mais formandos na amostra deste estudo são os de estética/cosmética (como também já foi referido anteriormente), sendo que A3, A18 (de Mesa e Bar) e A19 constam 11 formandos (9,0%), e o curso com menos formandos conta com uma amostra de 2 formandos (1,6%) uma vez que esta turma só é constituída por 4 elementos (pelo menos na altura aquando a aplicação do inquérito por questionário).

As últimas cinco – da A15 à A19 – são as turmas do primeiro ano onde foram aplicados os questionários em série para analisarmos as expectativas dos formandos, e pensando na sequência lógica dos turmas por curso.

Para melhor percebermos a realidade destes jovens, nomeadamente ao seu contexto social, importa sabermos a sua proveniência relativa à área de residência, às propriedades escolares do pai e da mãe (nível de escolaridade), bem como dos recursos socioprofissionais dos pais (as suas profissões e situações na profissão do pai e da mãe).

Sobre a tabela que se segue (Quadro 5) – relativa à escolaridade do pai – deparamo-nos com o facto de que quase metade dos pais destes jovens (*n*=59) possuem o 1.º ciclo do ensino básico (entenda-se quarta classe, ou ensino primário), nomeadamente 48,4 %, e apenas 17,2% dos pais possuem o 2.º ciclo do ensino básico (*n*=21). Importa referir que o nível mais alto de qualificações dos pais é a licenciatura onde 5 pais representam 4,1% da amostra total.

O mesmo se sucede quanto ao nível de escolaridade das mães, a maioria (*n*=50) possui o 1.º ciclo do ensino básico (41,0%), e 26 (21,3%) possuem o 2.º ciclo do ensino básico, e verifica-se que os pais são mais escolarizados do que as mães.

Quadro 5 - Nível de escolaridade do pai de cada formando

		Frequência	Percentagem
Variáveis	Não sabe ler nem escrever	1	,8
	Sabe ler e escrever sem grau de ensino	2	1,6
	Ensino básico - 1º ciclo (ensino primário ou 4ª classe)	59	48,4
	Ensino básico - 2º ciclo	21	17,2
	Ensino básico - 3º ciclo	11	9,0
	Ensino secundário	11	9,0
	Ensino médio	2	1,6
	Bacharelato	1	,8
	Licenciatura	5	4,1
	Total	113	92,6
Não resposta		9	7,4
Total		122	100,0

Quadro 6 - Nível de escolaridade da mãe de cada formando

		Frequência	Percentagem
Variáveis	Não sabe ler nem escrever	3	2,5
	Sabe ler e escrever sem grau de ensino	6	4,9
	Ensino básico - 1º ciclo (ensino primário ou 4ª classe)	50	41,0
	Ensino básico - 2º ciclo	26	21,3
	Ensino básico - 3º ciclo	16	13,1
	Ensino secundário	11	9,0
	Ensino médio	3	2,5
	Bacharelato	1	,8
	Licenciatura	3	2,5
	Total	119	97,5
Não resposta		3	2,5
Total		122	100,0

Quanto à condição perante o trabalho dos pais (ver o quadro que se segue), a maioria exerce profissão,10,7% dos pais estão desempregados e uma pequena percentagem dos mesmos corresponde à condição de reforma.

Quadro 7– Condição dos pais perante o trabalho

Condição perante o trabalho	**Pai**		**Mãe**	
	Frequência	%	Frequência	%
Exerce profissão/trabalha	74	60,7	64	52,5
Incapacitado perante o trabalho	1	0,8	3	2,5
Ocupa-se exclusivamente das tarefas do lar	0	0,0	20	16,4
Desempregado(a)	13	10,7	24	19,7
Reformado(a)	16	13,1	6	4,9
Outra	3	2,4	1	0,8
Não resposta	15	12,3	4	3,3
Total	122	100,0	122	100,0

Das profissões que mais se destacam, 17,2% dos pais trabalham na área da construção civil, 7,4% são carpinteiros, e 5 são serralheiros, e no que concerne à situação na profissão, metade, nomeadamente 65 casos (53,3%), são trabalhadores por conta de outrem/assalariado; e quanto ao cargo/função que ocupam, num total de 41 casos (33,6%), 18 (14,8%) são executantes.

No caso das mães, como se pode observar no quadro 7, sobre a condição perante o

trabalho metade exercem profissão/trabalham, e deparamo-nos com 19,7% de casos que se encontram no desemprego, e uma outra percentagem (16,4%) que se ocupa exclusivamente das tarefas do lar. Quanto às profissões que mais se destacam (ver quadro que se segue), 17,2% são mães domésticas, 6,6% são costureiras, e 4,9% são empregadas domesticas. Sobre a situação na profissão, a maioria das mães são trabalhadoras por conta de outrem/assalariadas. Relativamente ao cargo/função que as mães dos formandos ocupam, 17,2% são executantes.

Quadro 8 – Profissão detalhada do pai e da mãe

Pai			**Mãe**		
Profissão	**Frequência**	**%**	**Profissão**	**Frequência**	**%**
Construção civil	21	17,2	Domésticas	21	17,2
Carpinteiros	9	7,4	Costureiras	8	6,6
Serralheiros	5	4,1	Empregadas domésticas	6	4,9
Funcionário(a) de bar/café/mesa	2	1,6	Funcionário(a) de bar/café/mesa	6	4,9
Vendedor/comerciante	4	3,2	Técnica de turismo/guia	1	0,8
Segurança	2	1,6	Vendedora/comerciante	4	3,3
Operador da REFER	1	0,8	Assistente de fotógrafo	1	0,8
Motorista de camiões de TIR	1	0,8	Empregada de limpeza	6	4,9
Empregado de balcão	2	1,6	Empregada de balcão	1	0,8
Trabalhador da construção civil	11	9,0	Auxiliar de ação direta	1	0,8
Porteiro	1	0,8	Engenheiro(a)	1	0,8
Engenheiro(a)	2	1,6	Cozinheira/ajudante de cozinha	4	3,3
Padeiro	1	0,8	Gaspeadeira de calçado	2	1,6
Polidor de metais	1	0,8	Funcionária em operadora de telecomunicações	1	0,8
Pedreiro	1	0,8	Brunideira	1	0,8
Função pública	3	2,5	Ajudante de loja	1	0,8
Assessor administrativo	1	0,8	Moldureira	1	0,8
Litógrafo de caixas de sapatos	1	0,8	Funcionária em fábrica de confeção	1	0,8
Empregado de escritório	1	0,8	Restauração	1	0,8
Chefe de cozinha	1	0,8	Auxiliar de crianças portadoras de deficiência	1	0,8
Taxista	1	0,8	Auxiliar de geriatria	2	1,6
Bancário	1	0,8	Auxiliar de ação educativa	2	1,6

Pai			Mãe		
Profissão	**Frequência**	**%**	**Profissão**	**Frequência**	**%**
(Chefe de equipa) comandos de ferro	1	0,8	Cabeleireira	3	2,5
Montador de andaimes	1	0,8	Médica	1	0,8
Técnico de pladur	1	0,8	Esteticista	1	0,8
Eletricista	1	0,8	Encadernadora	1	0,8
Restauração	1	0,8	Operadora de caixa	1	0,8
Empregado no Magalhães Lemos	1	0,8	Chefe numa empresa de fardas	1	0,8
Mecânico	3	2,5	Empregada têxtil	2	1,6
Técnico de reparação de máquinas de escritório	1	0,8	Empregada fabril (confeção de sacos)	1	0,8
Motorista	2	1,6	Auxiliar de cozinha	1	0,8
Empregado de armazém	1	0,8	Montadora de material elétrico	1	0,8
Empregado dos CTT	1	0,8	Operadora fabril	2	1,6
Camionista	1	0.8	Funcionária pública da segurança social	1	0,8
Orçamentista	1	0,8	Telefonista	1	0,8
Empresário	1	0,8	Estudante	1	0,8
Diretor numa empresa de logística	1	0,8	Sócia-gerente de uma loja de móveis	1	0,8
Motorista privado	1	0,8	Empregada de empresas em trabalho temporário	1	0,8
Trabalha no aeroporto	1	0,8	Gerente	1	0,8
Fiel de armazém	1	0,8			
Vigilante	2	1,6			
Pintor/empregado da Câmara Municipal	2	1,6			
Abastecedor de combustível	1	0,8			
Metalúrgico	1	0,8			
Ajudante de mercearia	1	0,8			
Sapador dos bombeiros (2.ºcmdt)	1	0,8			
Funcionário das docas	1	0,8			
Pintor de automóveis	1	0,8			
Chapeiro e mecânico	1	0,8			
Não resposta	28	23,9	**Não resposta**	27	22,1
Total	122	100,0	**Total**	122	100,0

Importa também referir a existência de formandos cujos pais permanecem no estrangeiro[32], até porque no contexto dos formandos, tanto há casos de emigração como imigração. Quanto a este aspeto, verificam-se mais pais (18%) no estrangeiro do que mães (9%), e os países mais frequentes em ambos os casos (pais e mães) são a França e Cabo Verde – veja-se o quadro que se segue.

Quadro 9 – Permanência dos pais e das mães no estrangeiro

Permanência no estrangeiro	**Pai**		**Mãe**	
	Frequência	**%**	**Frequência**	**%**
Não	74	60,7	87	71,3
Sim	22	18,0	11	9,0
Não resposta	26	21,3	24	19,7
Total	122	100,0	122	100,0
França	6	4,9	2	1,6
Cabo verde	5	4,1	5	4,1
Espanha	2	1,6	2	1,6
Suíça	1	0,8	0	0,0
Espanha e França	1	0,8	0	0,0
América	1	0,8	1	0,8
Angola	1	0,8	1	0,8
Bélgica	1	0,8	0	0,0
Alemanha	1	0,8	0	0,0
Canadá	1	0,8	0	0,0
Inglaterra	1	0,8	0	0,0
Mónaco	1	0,8	0	0,0
Não resposta	100	82,0	111	91,0
Total	122	100,0	122	100,0

Quanto às remunerações, tema considerado como algo constrangedor ou duvidoso por parte de alguns formandos, o escalão mais frequente no caso dos pais (22.1%) e das mães (34,4%) é o mínimo (até 500 euros); denota-se que os pais obtêm maiores remunerações que as mães, uma vez que 11,5% dos pais encontram-se no escalão superior a 1500 euros, e no caso das mães apenas se regista 1,6% dos casos (ver o quadro que se segue). É necessário recordar que estes valores revelam a quantidade de mães que são domésticas/ocupam as tarefas do lar, e que há mais pais do que mães no estrangeiro (daí os pais possuírem rendimentos mais elevados do que as mães).

[32] Toda a análise geral é observável nos gráficos que se seguem em Anexo 18.

Quadro 10 – Rendimento dos pais e das mães

Rendimento (euros)	**Pai**		**Mãe**	
	Frequência	%	Frequência	%
Até 500	27	22,1	42	34,4
Entre 501 e 999	26	21,3	31	25,4
Entre 1000 a 1499	16	13,1	4	3,3
Mais de 1500	14	11,5	2	1,6
Não resposta	39	32,0	43	35,2
Total	122	100,0	122	100,0

No que respeita a este estatuto socioprofissional, classificou-se a profissão dos progenitores de acordo com a Classificação Nacional das Profissões – CNP (IEFP, 2001). Neste sentido, analisando a profissão dos pais, a maioria (34,2%) são operários, artificies ou trabalhadores similares (Grupo 7 da CNP), 22,6% são trabalhadores não qualificados (Grupo 9 da CNP), 12,9% constituem pessoal dos serviços e vendedores (Grupo 5 da CNP), e 8% são operadores de instalações e máquinas e trabalhadores da montagem (Grupo 8 da CNP).

Falando da situação profissional dos pais ao rendimento dos mesmos, surge a questão do meio de vida/fonte de rendimento dos formandos, dos cônjuges/companheiros, e também dos pais.

No que concerne aos formandos propriamente ditos (*n*=105), como era de esperar, a maioria deles (70,5%) recebe uma bolsa de formação dado o financiamento do IEFP (Instituto do Emprego e da Formação Profissional) – pois os formandos têm que estar inscritos neste Instituto para poderem usufruir da formação em que se inserem; e como tal, foi solicitado aos inquiridos para indicarem, se for o caso, outro tipo de rendimento para além da bolsa de estudos/formação. Assim sendo, como consta no quadro que se segue, alguns formandos encontram-se a cargo da família, e beneficiam de outros rendimentos/apoios. Quanto aos cônjuges/companheiros, só no caso em que os formandos residam com os próprios, apenas 8,2% trabalham e 4,1% recebem bolsas de estudo/formação. No caso dos pais, o principal meio de vida/fonte de rendimento é o trabalho (45,9% no caso dos pais, e das mães 44,9%), embora a pensão de reforma seja mais evidente no pai, enquanto que no caso da mãe é o subsídio de desemprego (uma vez que se verificam mais mães desempregadas do que pais).[33]

[33]Era nossa intenção procedermos à classificação classista dos formandos para conhecermos a sua pertença classista. Contudo, devido a problemas de preenchimento das respetivas questões nos questionários a eles aplicados, vimo-nos constrangidos a deixar cair esta intenção. Veja-se, por exemplo, a grelha de preenchimento dos lugares de classe, no Anexo 32, onde se pode perceber que metade dos respondentes não são possíveis de ser classificados, devido em grande parte a incongruência nas respostas.

Quadro 11 – Meio de vida/fonte de rendimento

Meio de vida/fonte de rendimento	Inquirido		Cônjuge		Pai		Mãe	
	Frequência	%	Frequência	%	Frequência	%	Frequência	%
Trabalho	5	4,1	10	8,2	56	45,9	54	44,3
Subsídio de desemprego	0	0,0	0	0,0	8	6,6	11	9,0
Rendimentos	0	0,0	1	0,8	1	0,8	3	2,5
Pensão de reforma	0	0,0	0	0,0	12	9,8	4	3,3
Pensão de invalidez	0	0,0	0	0,0	1	0,8	2	1,6
Rendimento mínimo garantido	3	2,5	1	0,8	0	0,0	6	4,9
Assistência social	2	1,6	1	0,8	1	0,8	2	1,6
A cargo da família	6	4,9	2	1,6	0	0,0	3	2,5
Bolsas de estudo/formação	86	70,5	5	4,1	1	0,8	1	0,8
Ajudas de terceiros	1	0,8	1	0,8	0	0,0	0	0,0
Remessas de emigrantes	2	1,6	2	1,6	3	2,5	2	1,6
Não resposta	17	13,9	99	81,1	39	32,0	34	27,9
Total	122	100,0	122	100,0	122	100,0	122	100,0

Num contexto geográfico, falando das localidades provenientes destes formandos ao nível concelhio[34], dada a localização da instituição, a maioria dos formandos (*n*=110) reside no concelho do Porto (45 formandos), e os distritos com mais jovens são os de Vila Nova de Gaia (16 formandos), Valongo (15 formandos), e Matosinhos (8 formandos).

Através destes dados apresentados deparamo-nos com um grupo social com baixas qualificações, com uma elevada percentagem de desemprego e com baixos rendimentos. Ao olharmos por este "espelho social", apercebemo-nos das raízes de origem destes formandos, desde os diversos indicadores socioculturais de origem dos indivíduos. Na entrevista aplicada a uma das formadoras (à "Formadora 1")[35], apercebo-nos da forte importância que as bolsas

[34] Para uma análise mais detalhada, consultar Anexo 19.
[35] Formadora de Francês e de Viver em Português. Ver entrevista no Anexo 20, e sua análise de conteúdo (Anexo 21).

de estudo/formação são pertinentes na vida, e no dia a dia, dos formandos, uma vez que "compram pizzas em conjunto e ainda levam uns trocos para casa."[36]

Só é possível aferirmos as expectativas que os formandos possuem, e/para (co)relacionar a Formação, Certificação e as futuras Trajetórias Profissionais se atendermos aos percursos pessoais e profissionais dos mesmos. Qual é o passado académico dos formandos? Qual é a ocupação dos tempos livres deles? Estão empenhados em concluir o curso, e a fazer dele o seu percurso profissional (na área)? Será que consideram estar no curso certo? Será que a formação vai de encontro às suas expectativas/ambições vocacionais?

2. Percursos pessoais e profissionais dos indivíduos

Sabendo que existe uma relação estreita e dinâmica entre a condição de família de origem e a condição social dos próprios jovens, foram tidas em conta algumas características para ser possível compreendermos as trajetórias que os jovens têm vindo a delinear no seu percurso profissional e as que os mesmos projetam para o seu futuro (para irmos de encontro a mais um objetivo proposto para esta investigação).

Assim, compreendendo o posicionamento dos jovens no espaço social de origem, para percebermos a dinâmica evolutiva dos processos de escolaridade destes formandos é necessário analisarmos a (possível) frequência da pré-escola, bem como as (possíveis) reprovações escolares. Não só nos centramos nestas questões, mas, também, nas questões relativas aos tempos livres, dificuldades de aprendizagem, relação com colegas e formadores, entre outros (no seguimento dos objetivos propostos a cumprir, nesta investigação).

E porque é no contexto de educação pré-escolar que se fortalecem as sociabilidades e o desenvolvimento da criança, também é um período de preparação para os estádios seguintes da aprendizagem. Como se pode observar no Quadro 5 que se segue, verifica-se que 73,8% dos formandos (n=119) frequentaram a pré escola. E no que concerne às reprovações do 1.º, 2.º e 3.º ciclos do Ensino Básico (CEB), é no 1.º Ciclo que se regista um menor número de reprovações (27,1%), e é no 2.º Ciclo que mais reprovações se verificam, se bem que é no 3.º Ciclo que há ocorrência de três formandos com 3 ou mais reprovações.

[36] A instituição dispõe de micro-ondas para os formandos aquecerem o seu almoço.

Quadro 12 – Frequência da pré-escola e reprovações por Ciclos de Ensino Básico

Frequência da pré-escola				**1.º CEB**		**2.º CEB**		**3.º CEB**	
	%	**N.º de Inquiridos**	**N.º de Reprovações**	**%**	**N.º de Inquiridos**	**%**	**N.º de Inquiridos**	**%**	**N.º de Inquiridos**
Sim	73,8	90	Sem reprovações	72,1	88	58,2	71	59	72
Não	23,8	29	1 reprovação	23,8	29	24,6	30	21,3	26
Não resposta	2,5	3	2 reprovações	2,5	3	13,9	17	11,5	14
Total	97,5	119	3 ou mais reprovações	0,8	1	0,0	0	2,5	3
			Não resposta	0,8	1	3,3	4	5,7	7
			Total	100,0	122	100,0	122	100,0	122

Se atendermos as reprovações como dificuldades escolares, ou outros problemas de ordem pessoal, constata-se que que, *a priori*, os formandos recriaram uma certa "desmotivação" no seu percurso escolar[37]. Com as mais variedades tipologias de educação/formação, como foi concluído o 9.º ano? E quantos formandos frequentaram o ensino secundário?

No que concerne à conclusão do 9.º ano de escolaridade, metade dos formandos concluíram-no no ensino regular; regista-se também que 36,1% dos casos foram concluídos através de cursos de formação profissional – como se pode verificar no seguinte quadro.

Quadro 13 – Conclusão do 9.º ano de escolaridade

Conclusão do 9.º ano		
Vias da conclusão	**Frequência**	**%**
Ensino regular	64	52,9
Através das Novas Oportunidades	10	8,2
Através de um Curso Profissional	44	36,1
Outra	3	2,5
Não resposta	1	0,8
Total	122	100,0

[37] É de relembrar que, na altura, a escolaridade mínima obrigatória era o 9.º ano de escolaridade.

Constata-se, também, que mais de metade dos formandos (54,9%) frequentou o ensino secundário, percurso este marcado por desistências e fortes níveis de reprovação.

Quadro 14 – Frequência do ensino secundário e motivos de saída

Ensino secundário regular					
Frequência do ensino	Freq.	%	Motivos da saída	Frequência	%
Sim	67	54,9	Desistência	44	36,1
Não	53	43,4	Reprovação no 10.º ano	6	4,9
Não resposta	2	1,6	Reprovação no 11.º ano	3	2,5
Total	122	100,0			
			Reprovação no 12.º ano	4	3,3
			Não resposta	65	53,3
			Total	122	100,0

Sendo o 9.º de escolaridade o nível mínimo de ensino obrigatório, verifica-se uma forte taxa de abandono/insucesso escolar. O principal motivo para esta razão centra-se no "Desinteresse pela escola" (32,8%); sendo também o elevado número de faltas e o desinteresse pelos estudos fortes motivos para o abandono do ensino. Uma vez que foi solicitado aos inquiridos para indicarem os dois principais fatores de insucesso/abandono escolar, seguem-se os dois quadros respondentes com os resultados.

Quadro 15 – Fatores de insucesso/abandono escolar

Fatores de insucesso/abandono escolar (1)		
Fatores	**Frequência**	**%**
Desinteresse pela escola	40	32,8
Desinteresse pelos estudos	15	12,3
Dificuldades de aprendizagem	11	9,8
Dificuldades financeiras	11	9,8
Elevado número de faltas nas aulas	9	7,4
Falta de estudo	4	3,3
Falta de apoio de amigos/familiares	2	1,6
Falta de empenho/motivação	2	1,6
Muitas reprovações nas disciplinas	1	0,8
Problemas pessoais	4	3,3
Não resposta	65	53,3
Total	122	100,0

Fatores de insucesso/abandono escolar (2)		
Fatores	**Frequência**	**%**
Dificuldades no relacionamento com os professores	4	3,3
Desinteresse pelos estudos	14	11,5
Dificuldades de aprendizagem	3	2,5
Falta de tempo	3	2,5
Elevado número de faltas nas aulas	15	12,3
Falta de estudo	19	15,6
Falta de apoio de amigos/familiares	4	3,3
Falta de empenho/motivação	11	9,0
Muitas reprovações nas disciplinas	3	2,5
Problemas pessoais	9	7,4
Dificuldades financeiras	1	0,8
Outro	1	0,8
Não resposta	35	28,7
Total	122	100,0

Estamos perante uma comunidade fortemente desmotivada aquando a sua conclusão da escolaridade obrigatória, não obstante, encontram-se no prosseguimento dos seus estudos.

Apesar das fortes evidências relativas ao insucesso/abandono escolar (ao longo do seu percurso escolar até ao 9.º ano de escolaridade), supra citadas, numa perspetiva mais focalizada, 41,8% dos formandos sentiam-se bem e com vontade de irem às aulas e 36,9% não tinham vontade de ir à escola (para frequentarem as aulas). A saber, vejamos o quadro que se segue.

Quadro 16 – Relação dos formandos com a escola regular

Relação que os formandos tinham com a escola regular								
Relação	**Sim**		**Não**		**Não resposta**		**Total**	
	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%
Era-me indiferente	34	27,9	56	45,9	32	26,2	122	100,0
Sentia-me bem e com vontade de ir às aulas	51	41,8	46	37,7	25	20,5	122	100,0
Não tinha vontade de frequentar a escola (ir às aulas)	45	36,9	51	41,8	25	20,5	122	100,0
Aproveitava a escola para estar com os meus amigos	81	66,4	13	10,7	28	23,0	122	100,0
Faltava às aulas com alguma frequência	38	31,1	59	48,4	25	20,5	122	100,0
Gostava de frequentar a escola mas não gostava de ir às aulas	55	45,1	41	33,6	25	20,5	122	100,0
Gostava de frequentar as aulas mas não gostava da escola	15	12,3	79	64,8	27	22,1	122	100,0
Não andava com motivação para estudar	57	46,7	40	32,8	24	19,7	122	100,0

Não me sentia à vontade com os meus amigos	13	10,7	76	62,3	32	26,2	122	100,0
Não me sentia à vontade com os professores/funcionários	12	9,8	77	63,1	32	26,2	122	100,0

Como afirma Azevedo (1999: 73), são várias as finalidades dos sistemas educativos, tais como "socializar as crianças e os jovens; contribuir para formar cidadãos activos e cooperantes; desenvolver as potencialidades pessoais de cada aluno; preparar as pessoas para o exercício de vários papéis sociais, entre os quais está o de exercer uma profissão e integrar o sistema produtivo." Muitas vezes as escolas não se adaptam às situações de alunos provenientes de contextos familiares de origem com menos recursos e com um capital escolar baixo – e estes resultados acabam por espelhar esta realidade, mas também é verdade que "somos o espelho onde vivemos" e tudo passa pela própria adaptação do indivíduo na escola. Se o aluno não tem motivação para estudar, se falta frequentemente às aulas, e demonstravam desinteresse pelos estudos e pela escola, é natural que abandone o sistema escolar ou que não tenha sucesso no mesmo. Como refere Saboga (2008:143), "Se, por um lado, a herança escolar por si só não determina o desenvolvimento de estratégias sociais no desenrolar das trajectórias escolares, por outro, não se pode menosprezar a sua influência na probabilidade de que tal venha a acontecer." Mas a educação começa em casa.

A este propósito, sendo um dos papéis fundamentais do encarregado de educação acompanhar o percurso escolar dos seus educandos (como se pode observar de acordo com as teses de Fialho, 2012: 2-34) , a maioria dos encarregados de educação (45,9%) afirma fazê-lo.

Quadro 17 – Relação dos encarregados de educação com a escola regular

Relação dos pais/encarregados de educação com a escola regular		
Relação	**Frequência**	**%**
Eram interessados e não participaram no meu percurso regular da escola	7	5,7
Eram interessados mas não tinham disponibilidade para irem à escola	19	15,6
Só iam à escola quando era necessário	34	27,9
Eram preocupados e tentavam sempre saber se estava tudo a correr bem	56	45,9
Não resposta	6	4,9
Total	122	100,0

Segundo Delors (1996: 97), "(…) a família assume um pilar central assegurando a ligação entre o afectivo e o cognitivo, assim como transmissão dos valores e das normas".

Se se denota um desinteresse pela escola regular, da parte dos formandos, interessa perceber que motivos ou razões levaram os formandos a frequentar o curso de Aprendizagem (na Fundação da Juventude). O motivo principal dos formandos (54,9%) é "ser a melhor opção para obter o 12.º ano e começar a trabalhar".

Quadro 18 – Motivos dos formandos pela sua frequência no Serviço de Aprendizagem

Motivos pela frequência do Serviço de Aprendizagem		
Motivos	**Frequência**	**%**
A opção de uma alternativa facilitada para obter o 12.º ano	20	26,4
Porque no SA estudar é mais fácil	4	3,3
Porque tenho mais apoios para prosseguir os meus estudos	10	8,2
Porque não tinha outra escolha	5	4,1
Porque penso ser a melhor opção para obter o 12.º ano e começar a trabalhar	67	54,9
Porque é financiado	6	4,9
Não resposta	10	8,2
Total	122	100,0

Dando a possibilidade de os formandos colocarem outra opção de resposta, 2,5% apontam como razão o gostar da área em que estão inseridos, 1,6% referem a importância de concluírem o 12.º ano e já terem uma profissão, e 0,8% atribui a importância da certificação. Como pensam eles ser a melhor opção para obter o 12.º ano se nunca antes tinham frequentado cursos de aprendizagem?

A realidade é que a maioria dos formandos (nomeadamente 44,3%) tomou conhecimento do Sistema de Aprendizagem através de amigos.

Quadro 19 – Conhecimento da existência do Serviço de Aprendizagem

Existência do Serviço de Aprendizagem		
Meio	Frequência	%
Pela internet	7	5,7
Pelo IEFP	15	12,3
Através de amigos	54	44,3
Através de familiares	20	16,4
Através de professores/pessoas da escola regular que frequentei	13	10,7
Através do curso EFA onde concluí o 9.º ano de escolaridade	3	2,5
Não resposta	10	8,2
Total	122	100,0

Comparando esta instituição em que os formandos se encontram atualmente com a sua antiga escola regular (como se pode observar no quadro que se segue), nas dificuldades sentidas durante o percurso escolar até ao 9.º ano, 20,5% dos formandos não percebiam a matéria. O curioso é que 16,4% dos formandos dizem nunca terem tido quaisquer dificuldades (o que nos leva a acreditar, numa primeira instância, que estes formandos optaram por este tipo de iniciativa formativa por interesse no curso – mas desenvolveremos este aspeto no subcapítulo seguinte), e apenas 7,4% revelaram terem falta de interesse nos seus estudos. A falta de atenção/empenho e dificuldade na atenção são visíveis, assim como a falta de motivação.

Quadro 20 – Dificuldades sentidas pelos formandos ao longo do percurso escolar (antes da entrada no Serviço de Aprendizagem)

Dificuldades sentidas durante o percurso escolar		
Dificuldades	Freq.	%
Leitura, escrita e compreensão, atenção e muitas vezes falta de apoio por parte dos professores	2	1,6
Falta de atenção/empenho. E dificuldade na concentração	10	8,2
Nenhumas	20	16,4
Problemas de dislexia	2	1,6
Dificuldades de relacionamento (com amigos e professores)	4	3,3
Falta de motivação	5	4,1
Desinteresse	9	7,4
Exames nacionais	1	0,8
Falta de estudo	3	2,4
Não compreender a matéria	25	20,5
Falta de tempo	3	2,5
Falta de apoio dos professores	7	5,7
Senti-me só, sem a ajuda dos meus pais	1	0,8
Dificuldades financeiras	2	1,6
Muita pressão	1	0,8
Não resposta	27	22,1
Total	122	100,0

Mas quais são as diferenças que os formandos encontram entre (estudar n)o Sistema de Aprendizagem e (n)a sua antiga escola regular?

Vejamos os gráficos apresentados no Anexo 22. A realidade subjacente aos formandos-alvo transmite-nos a ideia de que é mais fácil estudar no Serviço de Aprendizagem (SA) – Gráfico 1, paralelamente a esta questão, (n=94) surgindo uma sensação de distração/falta de compreensão ou interpretação por parte dos formandos, uma grande maioria diz ser difícil (Gráfico 2). Torna-se mais motivante (Gráfico 3) estudar no SA do que nas escolas de ensino regular (n=108), o que por sua vez se torna mais vantajoso (n=100) no sentido de uma mais fácil inserção no mercado de trabalho (Gráfico 4), e como se pode

comprovar no Gráfico 5 (*n*=90). Os formandos sentem-se mais apoiados e com mais atenção no SA (*n*=95) do que no ensino regular, (Gráfico 6), e como se pode observar no Gráfico 7 (*n*=90), esta afirmação é unânime. Em suma, nesta ótica comparativa entre sistemas de ensino, estamos perante uma alternativa ao ensino regular positiva e vantajosa (Gráfico 8) (*n*=87).

As escolhas escolares dos jovens, pensando como um projeto de futuro, como nos diz Mateus (2002: 119), "emergem de um campo de possibilidades onde elementos como a família, as sociabilidades e a escola formam um quadro dinâmico e específico" (idem, 2002: 119). No que concerne à ocupação dos tempos livres dos formandos, foi solicitado aos formandos para indicarem as suas três principais ocupações no tempo livre. Então nestes três momentos, as primeiras ocupações da primeira opção de resposta, os formandos (68,0%) costumam passear; numa segunda opção, 23,8% dos formandos costumam ir para centros comerciais (o que acaba por ser uma nova realidade fruto do consumo, do capitalismo e da globalização, as pessoas "passearem" nos *shoppings*, em vez de jardins ou parques); numa terceira opção, a maioria dos formandos (19,9%) vê televisão.

Quadro 21- Ocupação dos formandos nos tempos livres

Ocupação dos tempos livres								
Ocupação 1	**Freq.**	**%**	**Ocupação 2**	**Freq.**	**%**	**Ocupação 3**	**Freq.**	**%**
Passear	83	68,0	Viajar	7	5,7	Ir ao cinema	4	3,3
Viajar	3	2,5	Ir ao cinema	14	11,5	Ir ao teatro	2	1,6
Ir aos centros comerciais	4	3,3	Ir aos centros comerciais	29	23,8	Praticar desporto	21	17,2
Ir ao cinema	4	3,3	Ver TV	15	12,3	Ver TV	24	19,7
Navegar na internet para lazer (*Facebook*…)	12	9,8	Navegar na internet para estudar (pesquisas…)	1	0,8	Navegar na internet para lazer (*Facebook*...)	18	14,8
Praticar desporto	1	0,8	Jogar em consolas/na internet	4	3,3	Navegar na internet para estudar (pesquisas….)	2	1,6
Ver TV	1	0,8	Praticar desporto	9	7,4	Jogar em consolas/na internet	5	4,1
Não resposta	14	11,5	Ficar em casa	2	1,6	Ficar em casa	13	10,7
Total	122	100,0	Ler	1	0.8	Estudar	4	3,3
			Não resposta	15	12,3	Ir ao café	6	4,9
			Total	122	100,0	Ler	3	2,5
						Outra	4	3,3
						Não resposta	16	13,1
						Total	122	100,0

Numa maioria (32,0%), os tempos livres são passados com o(a) namorado(a).

Quadro 22 – Companhia habitual na ocupação dos tempos livres

Habitualmente, costumas passar os tempos livres:		
	Frequência	**%**
Sozinho(a)	6	4,9
Com amigos/colegas de infância/longa data	20	16,4
Com amigos/colegas com "laços" mais recentes	14	11,5
Com amigos/colegas do SA	4	3,3
Com familiares	12	9,8
Com o(a) namorado(a)	39	32,0
Com o animal de estimação	2	1,6
Outro	4	3,3
Não resposta	101	82,8
Total	122	100,0

Denota-se que, aquando o convívio de pares, os formandos falam mais sobre os problemas da vida (pessoais/profissionais/país/mundo) (45,9%), e de namoros/sexo (14,8%); apenas uma minoria falam sobre a escola (8,2%).

Quadro 23 – Tema de conversa na ocupação dos tempos livres em convívio com os grupos de pares

Quando estão com amigos falam essencialmente sobre:		
	Frequência	**%**
A escola	10	8,2
Os problemas da vida (pessoais, profissionais, do país, do mundo)	56	45,9
Desporto	6	4,9
O trabalho	1	0,8
A família	2	1,6
Namoros/sexo	18	14,8
Televisão	3	2,5
De tudo um pouco	2	1,6
Não resposta	24	19,7
Total	122	100,0

A adolescência, segundo Resgate (2001: 346), caracteriza-se por "um processo de transformação, com mudanças rápidas ao nível físico, psicológico, cognitivo e sociocultural, confrontando-se o jovem (adolescente) com a definição da própria identidade e autonomia." Complementando, segundo Simões e outros (2006: 147), a adolescência é considerada como "um período de saúde, dada a menor vulnerabilidade dos jovens à doença." Período este que acaba por ser crítico na cronologia da saúde, onde se desenvolvem vários hábitos de consumo (de acordo com o sentimento de descoberta, de exploração), de escolhas.

Estas escolhas estão relacionadas com o consumo de substâncias que estão frequentemente associadas a mal-estar (quer no presente, quer no futuro). Neste período da vida, ocorrem vários fatores determinantes neste tipo de comportamentos (ditos "desviantes"), fatores estes envolvimentais como a família, o grupo de pares e a escola. Dado que estes contextos constituem os principais cenários de socialização, é natural que funcionem também como fatores de risco ou de proteção para o desenvolvimento do comportamento de risco.

Com os amigos partilham-se sentimentos, identidades e interesses comuns. Simões e outros (2006: 148) afirmam que "os amigos surgem assim como um elemento fundamental para o bem-estar e consequente ajustamento global do adolescente." Mais adiantam que "os jovens mais felizes são os que estão melhor integrados socialmente, isto é, têm amigos e têm facilidade de comunicação com estes", e estes são também uma fonte de influência para o comportamento desviante.

Através da observação feita em contexto de estágio, reparei que numa ou outra situação, no exterior ao espaço da instituição, alguns formandos fumavam droga em plena rua e em pleno intervalo letivo (ainda que algo esporádico). O consumo de drogas e de álcool é evidente nesta camada de jovens.

Em 116 formandos, 42 afirmam-se como sendo fumadores dos quais 13,1% fumam entre 6 a 10 cigarros por dia. O principal motivo que os levaram ao consumo tabágico centra-se na curiosidade.

Quadro 24 – Consumo de tabaco dos formandos

Consumo de tabaco								
És fumador(a)?			**Quantos cigarros fumas por dia?**			**Começaste a fumar porque**		
	Freq.	**%**	**Quantidade**	**Freq.**	**%**	**Motivo**	**Freq.**	**%**
Sim	42	34,4	Entre 1 a 5	11	9,0	Curiosidade	30	24,6
Não	74	60,7	Entre 6 a 10	16	13,1	Incentivo/influências de colegas/amigos	10	8,2
Não resposta	6	4,6	Entre 11 a 15	3	2,5	Outro	1	0,8
Total	122	100,0	Entre 16 a 20	9	7,4	Não resposta	81	66,4
			Mais de um maço	3	2,5	Total	122	100,0
			Não resposta	80	65,6			
			Total	122	100,0			

E em 41 formandos, 25 dizem já ter experimentado outras substâncias para além de tabaco (a saber, sendo a mais frequente, o "haxixe").

Quadro 25 - Consumo de outras substâncias além de tabaco

Consumo de outras substâncias para além de tabaco					
Já consumiste?	**Frequência**	**%**	**Quais?**	**Frequência**	**%**
Sim	25	20,5	Droga	1	0,8
Não	16	13,1	Cannabis	1	0,8
Não resposta	81	66,4	Drogas leves	1	0,8
Total	122	100,0	Ganza e erva	2	1,6
			Haxixe	6	4,9
			Ganza	4	3,3
			Ganza e pólen	1	0,8
			Haxixe e ganza	2	1,6
			Haxixe, cannabis e sálvia	1	0,8
			Haxixe e MD	1	0,8
			Erva	1	0,8
			Ganza, erva e MD	1	0,8
			Cannabis e skunk	1	0,8
			Marijuana e haxixe	1	0,8
			Não resposta	98	80,3
			Total	122	100,0

Quanto ao álcool, em 116 formandos, 58 formandos consomem álcool, e a principal razão para este consumo também a mesma como no caso do tabaco – a curiosidade.

Quadro 26 – Consumo de bebidas alcoólicas

Consumo de bebidas alcoólicas					
Consomes?			**Motivo porque começaste a ingerir**		
	Freq.	**%**	**Motivo**	**Frequência**	**%**
Sim	59	48,3	Curiosidade	35	28,7
Não	58	47,5	Incentivo/influência de amigos/colegas	7	5,7
Não resposta	5	4,1	Para integração num grupo de amigos	1	0,8
Total	122	100,0			
			Afirmação social	3	2,5
			Outro	4	3,3
			Não resposta	72	59,0
			Total	122	100,0

Verificamos assim que os formandos consomem mais bebidas alcoólicas do que propriamente tabaco; não obstante, a ingestão de bebidas alcoólicas é mais "frequente" em ocasiões festivas (23,0%) – como se pode verificar no quadro que se segue.

Quadro 27 – Regularidade de ingestão de bebidas alcoólicas

Regularidade da ingestão de bebidas alcoólicas					
Regularidade 1	**Freq.**	**%**	**Regularidade 2**	**Freq.**	**%**
Só em ocasiões festivas	28	23,0	Diariamente	5	4,1
Só aos fins de semana	15	12,3	Só em ocasiões festivas	1	0,8
Só em festas/feriados	3	2,5	Só aos fins de semana	2	1,6
Em férias	1	0,8	Só em festas/feriados	4	3,3
Às vezes	11	9,0	Em férias	4	3,3
Não resposta	64	52,5	Às vezes	5	4,1
Total	122	100,0	Não resposta	101	82,8
			Total	122	100,0

As bebidas que são ingeridas com mais frequência, por estes (55) formandos, são as bebidas brancas, e o consumo de cerveja é mais frequente que o do vinho.

Quadro 28 – Tipo de bebidas alcoólicas ingeridas

Tipo de bebidas ingeridas					
Bebida 1	**Freq.**	**%**	**Bebida 2**	**Freq.**	**%**
Bebidas brancas (vodka, whisky,…)	52	42,6	Vinho	3	2,5
Cerveja	2	1,6	Cerveja	12	8,8
Outra	1	0,8	Não resposta	107	87,7
Não resposta	55	45,1	Total	122	100,0
Total	122	100,0			

Quanto à regularidade de ingestão de bebidas, 23,0% dos formandos afirma ingerir só em ocasiões festivas, e 12,3% só ingerem aos fins de semana. Mas, é de ressalvar que em 21 formandos (*n*=17,2%), 4,1% fazem desta prática um hábito frequente uma vez que ingerem álcool diariamente ou quase todos os dias.

Interrogando sobre os dois tipos de bebidas que os formandos costumam ingerir, num grupo de resposta constituído por 68 formandos (*n*=55,7%), 52 consomem bebidas brancas (vodka, whisky), e os restantes (2) consomem cerveja; num segundo grupo (*n*=15 formandos), 12 formandos costumam ingerir cerveja, e 3 formandos ingerem vinho.

Resta saber qual o motivo que levaram/levam os formandos a consumir tabaco (e outras substâncias), e álcool. Em 40 fumadores, 30 começaram a fumar por curiosidade e 10 através de incentivo/influência[38] de amigos/colegas – e, uma vez mais, através da observação realizada em contexto extra sala de aula, observou-se uma formanda empenhada em aprender a fumar no seu grupo de amigos. Em 46 formandos que ingerem bebidas alcoólicas, 35 fizeram-no por curiosidade, 7 por incentivo/influência de amigos/colegas, 3 para se afirmarem socialmente, e 1 para se integrar num grupo de amigos

Torna-se pertinente frisarmos a questão da afirmação social (nomeadamente no consumo de bebidas alcoólicas), assim como o incentivo/influência de amigos/colegas para estes hábitos de consumo.

Na literatura relativa ao consumo de substâncias na adolescência (Simões e outros, 2006: 149-151), verifica-se que os jovens que têm mais desequilíbrios (emocionais) no contexto familiar e escolar e com os amigos, "apresentam mais frequentemente sintomas de mal-estar psicológico" (2006: 149) e que os sintomas deste próprio mal-estar psicológico constituem um dos fatores determinantes do consumo de substâncias.

Verifica-se também que a ligação positiva à família, amigos, colegas e professores constitui fator fundamental de proteção nomeadamente "pela sua influência ao nível do bem-estar e da ligação à escola" (2006: 150).

[38] Resgate (2001: 345-346), citando Frasquilho (1996: 91), refere que os adolescentes são "os actores principais de múltiplas 'epidemias' que grassam na actualidade: abuso de drogas, doenças sexualmente transmissíveis, violência social, suicídio, acidentes de viação".

Aliadas a uma forte ocorrência de consumo de álcool, de tabaco e drogas, em 96 inquiridos, 84 formandos têm a consciência do risco associado a estes consumos, uma vez que dizem ser prejudiciais para a saúde. Veja-se o quadro que se segue.

Quadro 29 – Noção de risco associado ao consumo de álcool, tabaco e drogas

Consideras que existe algum risco associado?			Porquê?		
	Freq.	%		Freq.	%
Sim	84	68,9	Faz mal à saúde	59	48,4
Não	12	9,8	Porque provoca dependência	10	8,2
Não resposta	26	21,3	Gera perda de controlo	2	1,6
Total	122	100,0	Tudo em excesso faz mal	1	0,8
			Não resposta	50	41,0
			Total	122	100,0

V. Num mundo de escolhas, que *opções*?

"Não fazemos aquilo que queremos e, no entanto, somos responsáveis por aquilo que somos." (Jean-Paul Sartre)

São as próprias estruturas sociais, como a classe ou o género, que permanecem como componentes centrais do processo de produção das identidades, mas são transportadas para o interior do campo escolar uma vez que a escola, enquanto comunidade local, é regida por diversas dinâmicas sociais (Abrantes, 2003: 111).

Sendo a juventude "constituída por indivíduos do mesmo escalão etário e com uma cultura muito própria, geralmente caracterizados por valores de aversão ao trabalho ou de inadaptação aos timos e lógicas do sistema produtivo" (Gonçalves, *et al*., 1998: 143), os jovens deparam-se com uma situação decisiva quanto ao seu presente e o seu futuro (Bourdieu, 1984) onde os atributos pessoais se encontram em construção, refletindo múltiplos percursos e pertenças (Giddens, 1994).

Neste mundo de escolhas, quando nos questionamos acerca das *opções*, pretendemos explorar possibilidades, escolhas. Não obstante, o termo parece remetermo-nos para uma questão de *identidades*; tendo em conta que este universo (de identidades juvenis) na escola é marcado por vivências em diferentes tempos, Abrantes (2003: 111) aborda um conjunto de identidades a partir de uma pesquisa de terreno realizada numa escola secundária.

Como tal, o autor fala-nos de *identidades transitórias* quando os alunos se dedicam sobretudo ao presente, às esferas do lazer e do consumo; quando os alunos "investem esforços significativos na construção de trajectos bem sucedidos, quase sempre apoiados na escola" correspondem a *identidades projectivas*. O autor refere que ambas as formas identitárias "dependem de um patamar mínimo de recursos económicos e culturais" registando-se sobretudo entre os jovens cujos pais são empregados executantes, profissionais liberais, empresários. Correspondem então às chamadas *estratégias identitárias* distintas. As *identidades construtivas* surgem quando alguns jovens "integram-se e dispõem de uma posição confortável, quer na escola, quer no universo juvenil". Nestes casos, os jovens são provenientes de contextos (familiares e sociais) muito qualificados (onde predominam os

profissionais técnicos, liberais e dirigentes), e também depende das experiências e oportunidades que a escola proporciona. Quando os jovens estão desintegrados no espaço escolar e com um lugar periférico no "mundo adolescente", caracterizam-se por *identidades desvalorizadas*, onde "a inserção no mercado de trabalho precário e desqualificado, originada pela desintegração escolar e por carências económicas, vem, em muitos casos, intensificar este processo". (idem, 2003: 111-112)

Antes de passarmos para a análise da constatação propriamente dita das expectativas dos formandos (sendo este mais um dos objetivos propostos deste presente trabalho), é necessário ter em conta algumas características que nos ajudam a traduzir a realidade. Falamos por exemplo da posição/relação que a instituição tem nos formandos.

Atendendo à maioria (*n*=112) percentual dos formandos (54,9%) ter escolhido frequentar o Serviço de Aprendizagem por pensarem ser "a melhor opção para obter o 12.º ano e começar a trabalhar" (uma chamada de atenção para o domínio da certificação associada ao domínio do profissional/mercado de trabalho), questionando-os (*n*=90) sobre o que pensam do Serviço de Aprendizagem enquanto instituição, 20,5% refere existir falta de organização, e 18,9% dizem ser uma boa instituição; apesar de 4,1% dos formandos referir que ao nível da formação é uma instituição ótima, esta revela ser "má ao nível da administração" – isto porque se constou uma adversidade constante em relação aos atrasos dos pagamentos da bolsa de educação/formação. Agrupando as repostas várias dos formandos, e categorizando-as em dois polos (otimista, e pessimista), acrescentando à já referida percentagem, de uma forma geral 7,3% dos formandos apontam a questão do atraso nos pagamentos, *versus* 17,2% dos formandos que afirmam o Serviço de Aprendizagem como "uma boa alternativa muito mais interessante que o ensino regular", ser "muito mais vantajoso que o ensino regular", uma instituição que "dá boas oportunidades", que é "aconchegante e bastante divertido".

Na ótica da (entrevista à) "Formadora 1", é possível apercebermo-nos que os formandos "encontram uma solução confortável, em parte, (para) aprender(em) um ofício e integrarem-se no mercado de trabalho". Ainda que possam existir casos de "formandos despreocupados que não procuram trabalho", ao contrário do que o senso comum nos diz que "muitos (dos formandos) são preguiçosos e torna-se fácil o ensino aqui" (nos cursos de Aprendizagem), é primeiro necessário atendermos às exigências metodológicas utilizadas na avaliação. A saber, a grelha de avaliação contempla dez critérios: "capacidade de

aprendizagem, motivação, produção, interesse, participação e criatividade, linguagem técnica, organização e respeito pelo material, assiduidade, comportamento, e espírito entre ajuda." E neste sentido, como nos diz a gestora de projeto, "Dr.ª GP[39]", na entrevista[40] realizada, "é necessário continuar a produzir um trabalho rigoroso e exigente de forma a desmistificar a ideia ainda preeminente de que a formação profissional é só para maus alunos e de que existe um grande facilitismo na sua ministração."

Já na entrevista à "Formadora 2"[41] constata-se a visão de que obter o 12º ano é o principal; os formandos "consideram que os cursos de aprendizagem é o mais fácil que o regular; alguns deles já experimentaram o regular e não conseguiram fazer; outros porque querem ter uma carteira profissional na área; outros vêm cá porque querem fazer alguma coisa e resolveram estudar (ou ocupar o tempo) – e estes acabam por desistir porque têm que trabalhar."

Relativamente à relação dos formandos para com os professores/funcionários (*n*=121), 77,0% dizem ser "mais próxima com uns do que com outros", 15,6% têm uma relação de "grande proximidade", e os restantes (6,6%) mantêm uma relação "distante". Quanto à relação para com os colegas (*n*=120), 63,1% têm uma relação "mais próxima com uns do que com outros", 33,6% de "grande proximidade" e apenas 1,6% têm uma relação distante. Estamos perante um grupo de formandos com fortes conexões de sociabilidade, que enviesa características oriundas dos grupos de pares que foram referidas anteriormente.

Refletindo sobre a importância dos valores que os formandos estabelecem em relação a algumas dimensões da vida, a família (*n*=113) revela ser um fator importante na vida dos formandos, sendo que 83,6% dos formandos diz ser "muito importante"; já a importância conferida aos amigos/colegas (*n*=113) não se situa no mesmo patamar: 51,6% diz ser "importante", e 37,7% revela ser "muito importante"; quase metade dos inquiridos (47,5%) diz que o trabalho (*n*=111) é "importante" (apenas 0,8% refere que é "pouco importante". Vale a pena referir que, segundo a entrevista à "Formadora 2", "uma taxa muito reduzida tem um *part-time*, alguns deles já estiveram a trabalhar e resolveram fazer a formação." 57,4% dos formandos atribui a cultura e lazer (*n*=109) como algo importante nas suas vidas, enquanto que o valor da religião (*n*=110) já manifesta não ser uma dimensão com grande impacto: 23,0% diz ser "nada importante", e para 34,4% dos formandos a religião é "pouco

[39] Nome fictício (criado para salvaguardar a identidade e a privacidade dos informantes).
[40] Encontra-se no Anexo 23, com a sua respetiva análise de conteúdo (Anexo 24).
[41] É formadora de Desenvolvimento Social e Pessoal (módulo comum a todas as turmas/cursos) e é também a psicóloga na instituição. Ver em Anexo 25 e sua respetiva análise de conteúdo (Anexo 26).

importante"; o mesmo se regista com a importância conferida à participação político-partidária (*n*=109), dos quais 25,4% revela não ter importância na vida, e 36,9% ter pouca importância; e metade dos formandos demonstram alguma preocupação nas questões da participação cívica (*n*=110): 50,0% diz ser "importante", e 25,4% "pouco importante".

Ainda que alguns formandos apresentem fortes dificuldades de aprendizagem, atendendo às taxas de reprovação no percurso escolar destes formandos, 33,6% (*n*=104) referem que durante o seu percurso escolar a disciplina/área favorita era a "área de trabalhos práticos (desenho, educação física, artes plásticas), e 16,4% revelam interesse na "área das ciências (matemática, ciências naturais, química e física, biologia)". O domínio da área linguística é equitativo (13,1%) para "Português" e para a(s) "Língua(s) Estrangeira(s)", e só uma pequena percentagem (9,0%) afirma interesse na "área das humanidades (geografia, história, psicologia, sociologia, filosofia).

Nos cursos de aprendizagem há uma forte adaptação dos conteúdos programáticos abordados através das várias metodologias que os formadores adoptam. Constata-se (através das entrevistas aplicadas às duas formadoras, e também da observação direta realizada em contexto sala de aula[42]) que os formandos possuem também maiores dificuldades (e desmotivação) nos aspetos teóricos. Como avançam ambas as formadoras, há turmas em que requerem diferentes estratégias de lecionar, assim como os próprios meios de avaliação, isto é, fichas de trabalho, trabalhos de grupo, entre outros. "À maioria dos formandos, não lhes interessa muito a componente teórica, e a parte prática é o que lhes interessa mais; eles adoram as aulas que conseguem conciliar a teoria com a prática, pedem para ver filmes para retirar conteúdos programáticos." (excerto da entrevista à "Formadora 2")

O mesmo se passa com as experiências de vida dos formandos, que limitam de alguma forma a abordagem dos conteúdos, o que leva, também, a uma adaptação por parte dos formadores. Neste sentido, podia também haver uma maior adaptação dos planos curriculares, dos referenciais de formação, aos vários cursos.

[42] As observações foram realizadas em duas turmas do primeiro ano – nomeadamente A16 e A17, por serem duas turmas um pouco díspares no que concerne ao número de formandos (sendo a A16 uma turma mais reduzida, foram elaboradas quatro assistências de aula, e em A17 três). Em anexo apresenta-se a grelha de observação e os seus respetivos indicadores que foram tidos em linha de conta para a observação. Dadas as circunstâncias ao curto espaço de tempo que se realizaram as observações, não foi possível acompanhar o guião para o seu preenchimento – como tal, não esquecendo os indicadores a serem observados, foram construídos tópicos com o respetivo diagrama do contexto sala de aula. Ver os anexos 6, 7, 8 e 9.

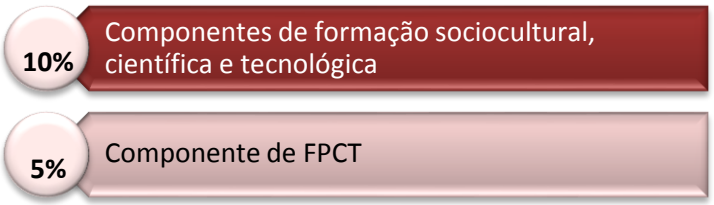
Abordando agora a vocação dos formandos, cruzando a variável "disciplinas/áreas favoritas durante o percurso escolar" com o "curso que frequenta", surge uma análise interessante. Não é concreta no sentido de aprimorar uma ideia geral e concisa sobre os perfis vocacionais dos formandos, mas ajuda a refletir[43]. A disciplina/área favorita mais frequente em A5 (curso de Ação Educativa) e A6 (Serviços Pessoais e à Comunidade) é a de trabalhos práticos e também o português; a área de trabalhos práticos revela-se muito comum enquanto área favorita no geral, talvez por ser uma área do saber que não exige muitos conhecimentos teóricos: esta área regista-se fortemente nas turmas A17, A18 e A19. A área de ciências é uma frequente preferência nos cursos de estética/cosmética, ação educativa e administrativo. No que concerne às línguas, o Português é a área preferida para duas turmas de estética e para a de contabilidade. A área das humanidades é identificada por alguns formandos dos cursos de estética/cosmética, cozinha/pastelaria e logística.

É através dos questionários em série (Q1 e Q2) que conseguimos analisar as expectativas dos formandos bem como o próprio agrado do curso. Os questionários, como já foi referido no capítulo da Metodologia, foram aplicados aos formandos[44] dos cursos do primeiro ano (de A15 a A19): foram aplicados a oito formandos de A15 (4 formandas, dois formandos e dois anónimos[45] – foi a única turma em que se verificou o anonimato por parte dos formandos); em A16 contamos com 12 formandos constituídos por sete formandas e cinco formandos – nesta turma registaram-se duas reprovações por faltas (de duas formandas) e uma desistência (de uma formanda também); a turma de A17 conta com a participação de dez formandos (sete formandas e 4 formandos) dos quais duas formandas e um formando desistiram; em A18 estavam presentes 16 formandos (das cinco turmas do primeiro ano é a que apresenta um maior número de formandos ativos) dos quais oito são formandas, e outros restantes são formandos (aqui verificaram-se duas desistências por parte de uma formanda e de um formando); por fim, em A19, dos 13 formandos envolvidos nestes questionários em série, são só formandas dado ao curso ser de estética/cosmética.

[43] De acordo com o quadro apresentado no Anexo 27.
[44] Como já foi referido o problema de uma amostra equitativa e representativa, o questionário foi aplicado aos formandos-alvo que se encontravam presentes aquando a sua aplicação.
[45] Nestes questionários em série, era obrigatório a identificação dos formandos no primeiro questionário (Q1) para darmos seguimento aos mesmos no segundo questionário (Q2) – só assim seria possível analisar a evolução das expectativas, para o cumprimento do primeiro objetivo deste trabalho.

Relativamente às ocorrências de desistências e reprovações[46] dadas pelos os formandos[47], também existe um limite de faltas no Sistema de Aprendizagem. Segundo o Regulamento Específico dos Cursos de Aprendizagem (2012: 23), "para efeitos de conclusão de um curso de aprendizagem com aproveitamento e posterior certificação, a percentagem de faltas, por período de formação" estabelece-se de acordo com a seguinte figura:

Figura 4 - Percentagem de faltas nos cursos de Aprendizagem.



Fonte: Regulamento Específico dos Cursos de Aprendizagem (2012: 23)

No que concerne às frequências[48] de resposta, atendendo às quatro dimensões categorizadas (que se encontram no quadro que se segue) – "Expectativas", "Curso", "Relação e Funcionamento da Instituição" e "Motivação" – observamos (através da análise presente no Anexo 15) que em 27 formandos, a evolução das expectativas mantêm-se pois segundo alguns exemplos os formandos dizem "estar a gostar do curso" e que "não têm nada a apontar", e segundo os dados apresentados, apenas um formando diz que as suas expectativas se alteraram; em relação ao curso, 15 formandos dizem gostar do curso, e apenas cinco dizem "não ser aquilo que estavam à espera"; no que concerne à instituição (nomeadamente à sua relação e funcionamento), os formandos demonstram algum desagrado relativamente à gestão (financeira) – e esta questão também já foi referida na análise do inquérito por questionário; não obstante, para além de um formando dizer que "deveriam existir melhores condições", dois dizem ser "uma boa instituição" e cinco "têm uma boa relação com a instituição"; relativamente à motivação, seis formandos não estão muito

[46] Sentiu-se a necessidade de se separar nestes dois estatutos – "Desistência" e "Chumbos" – porque partimos do pressuposto de que quem desiste manifesta algum desagrado/desmotivação em relação ao curso (ou por motivos de ordem pessoal), e que quem chumba, apesar de poder existir alguma motivação em terminar o curso, os formandos ultrapassaram o limite de faltas estipulado segundo o ponto 1.11.9 da "Assiduidade", presente no regulamento específico dos cursos de Aprendizagem.

[47] Estes não podem ultrapassar os limites indicados no quadro 7 que se segue. No Anexo 28 é possível compararmos as respostas dadas por estes formandos em questão em análise.

[48] É importante referir que os questionários em série são constituídos por questões abertas.

motivados e 14 sentem-se motivados com o curso (onde sete se encontram identificados com o curso).

Quadro 30 - Frequência de resposta (aos questionários em série) (co)relacionadas com as Expetativas, com o Curso, com a Relação e Funcionamento da Instituição, e Motivação

EXPECTATIVAS	CURSO	RELAÇÃO E FUNCIONAMENTO DA INSTITUIÇÃO	MOTIVAÇÃO
-Mantêm-se (*n*= 27); -Pretendo atingir o 12.º ano (*n*= 1); -Pretendo trabalhar na área (*n*= 2); -Alteraram-se (*n*= 1).	-Estou a gostar do curso (*n*= 15); -Não era o que eu queria (*n*= 5).	-Têm uma boa relação com a instituição (*n*= 5); -É uma boa instituição (*n*= 2); -É bem gerida (*n*= 2); -É mal gerida (*n*= 5); -Deveriam existir melhores condições (*n*= 1).	-Estou motivado(a) com o curso (*n*= 14); -Identifico-me com o curso (*n*= 7); -Pouca motivação, mas com empenho (*n*= 4); -Identifico-me pouco (*n*= 1); -Não me sinto motivado nem com vontade (*n*= 1).

Como tal, analisando os indicadores apresentados na tabela que se encontra no Anexo 16 construída através da análise do conteúdo dos inquéritos por questionário, analisamos e correlacionamos as respostas aos questionários em série agrupando-as em quatro categorias: "Formação", "Certificação", "Trabalho" e "Trajetórias Profissionais Futuras" – com o intuito de cumprir mais um objetivo proposto, e, também, para dar resposta ao título deste presente relatório.

Constatamos que a relação que os formandos têm para com a formação é muito importante para a aquisição de novas competências e técnicas, e pretendem terminar a formação com sucesso (com "boas notas"); referem ainda a possibilidade de terem "mais probabilidades de emprego num bom local de trabalho" através do seu curso. Interessante é analisarmos as respostas do primeiro questionário dos formandos que desistiram/reprovaram – a saber, estes formandos pretendiam "Terminar o curso 'rápido' e com bom aproveitamento para ingressar na faculdade", pois "Esta formação será sem dúvida uma mais valia para entrar

no mercado de trabalho". Outros formandos, também na mesma situação da desistência/reprovação, nas suas respostas já previam o insucesso/abandono escolar: "Acabar o curso e ser modelo de *passerelle*".

Sobre a relação para com a certificação, terminar o 12.º é o objetivo comum de todos os formandos (ainda para mais quando, agora, é o nível mínimo da escolaridade obrigatória). Falamos da aspiração em "terminar o 12º ano com bons resultados e o certificado de curso 'para ter um bom trabalho'", e ainda da previsão da possível continuação dos formandos procederem o seu percurso profissional na área em que se encontram – o que através do indicador das "Trajetórias Profissionais Futuras" revela o oposto.

Mais do que nunca, os cursos de Aprendizagem estão inteiramente relacionados com o ("mundo" do) trabalho – sendo um dos objetivos principais desta iniciativa formativa a (rápida) inserção dos jovens no mercado de trabalho, e, como tal, os formandos pretendem trabalhar na área do seu curso (como é, ou devia ser, evidente). Temos também os casos de formandos que desistiram/reprovaram que referiram "As expectativas são as melhores" em relação ao trabalho, e também pretendiam serem "profissionais honráveis". Os jovens também sentem insegurança em relação à instabilidade do mercado de trabalho: "trabalhar numa empresa que tenha um emprego fixo", "trabalhar, ficar ativa", "ter experiência com o estágio" – pois muitas das ofertas de trabalho/emprego exigem anos de experiência profissional, o que o mercado de trabalho (saturado e precário) acaba por "retirar" oportunidades aos recentes qualificados neste prisma.

Quanto às importantes "Trajetórias Profissionais Futuras", estas (in)esperadas, os formandos para além de manifestarem interesse e noções de empreendedorismo, tanto pretendem trabalhar na área (onde alguns pretendem prosseguir os seus estudos no ensino superior) como desempenharem outras funções: jogador de futebol, exercer enfermagem, ser tropa no exército português.

Estamos perante "outras vocações" que se inserem fora do contexto profissional da área em que os formandos se encontram. No entanto, os formandos demonstram um certo otimismo e confiança na preocupação de obter bons resultados na sua formação.

Perante estas identidades, quase metade dos formandos (n=109) revela estar bem no sentido de não mudar nada na sua vida pessoal/profissional (47,5%); no entanto, os restantes desejam ter uma melhoria mais acentuada ao nível pessoal do que ao nível profissional, dos

quais 23,6% dos "problemas/preocupações" são de índole pessoal (conferidos à família e à saúde), e apenas 8,2% dos "problemas/preocupações" se remetem às questões do trabalho (relativamente às questões financeiras). Estamos, portanto, a falar de jovens com fortes instabilidades familiares e financeiras.

Com todo este panorama "identificado", num futuro próximo (como por exemplo daqui a cinco anos) a maioria dos formandos (*n*=104) imaginam-se a trabalhar (30,3%) (dos quais 14,8% referem "estar a trabalhar na área"), a ter uma vida equilibrada (familiar e financeiramente estável) (41%) e a constituir família (2,4%). Apenas 3,3% esperam estar no ensino superior.

VI. Análise conclusiva

"Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo." (Freire, 1987: 13)

É pretendido neste último capítulo uma síntese conclusiva (considerações finais) em torno da análise do que foi evidenciado ao longo deste relatório, assim como enunciar algumas reflexões vivenciadas em contexto de estágio – desde os contributos sociológicos apresentados nos instrumentos construídos, a inferências tidas como base na observação e nas conversas informais. São apresentadas também algumas propostas para investigações futuras.

Que papel o sociólogo poderá desempenhar nesta instituição envolvente? Qual a sua importância? Que contributos pode vir a dar? É sobre isso que nos iremos debruçar já de seguida.

1. Considerações finais

Fazendo uma breve contextualização em torno das questões sobre Formação, foi na década de 90 que se sucedeu o "*boom*" do desenvolvimento das formações técnicas e profissionais. Segundo Azevedo (2002: 27), em 80/90 a procura destas vias atingia os 9,3%, e em 99/00 a mesma procura já rondava os 28% (DAAP/ME).

Esta década corresponde a um grande crescimento na frequência dos cursos tecnológicos e profissionais (tendo-se atingido os 28% do total deste nível de educação) mas, em contrapartida, foi nesta mesma década que ela se estagnou e que se iniciou um decréscimo da frequência dos mesmos cursos. (*idem, 2002*: 33)

Neste contexto, pode-se considerar que ao longo do tempo, as escolas têm vindo a adaptar-se às realidades sociais. Já no ano letivo de 2002/03, o Ministério da Educação anunciou o lançamento de uma "revisão curricular do ensino secundário" na qual o conteúdo de muitas disciplinas sofreu alterações, e se verificou um aumento de cursos gerais (de 4 para

7) e de cursos tecnológicos (de 11 para 17) - para uma maior especialização e para a entrada no mundo do trabalho. (*idem*, 2002: 45)

Nas últimas décadas, como revela o Ministério da Educação (2007), Portugal tem feito um enorme esforço de qualificação escolar da população, que se traduziu em progressos substanciais em matéria de educação. Contudo, o país continua a apresentar um défice estrutural de formação e qualificação da população que exige uma aposta clara e persistente na resolução dos problemas que têm impedido a convergência com os atuais padrões da União Europeia, nomeadamente os níveis de insucesso e abandono escolares e o défice de qualificações da população ativa. Mais adianta que em 2007, pela primeira vez (em dez anos) o número de alunos do ensino secundário cresceu: mais 13000 alunos frequentaram este nível de ensino. Com as novas possibilidades existentes na área da educação, com mais oferta e com mais diversidade educativa, a escola permite aos alunos aprender uma profissão ao completar o ensino secundário – e neste prisma, relacionando com os objetivos deste projeto, urge a necessidade de compreender as razões que levam os formandos a frequentar estas formações.

Assim sendo, também os cursos de aprendizagem se têm expandido - como se pode observar na imagem que se segue no Anexo 31 (de acordo com a mesma fonte do Ministério da Educação, 2007). Tendo como principal objetivo a elevação dos níveis de qualificação de base da população adulta maior de 18 anos que não concluir o 9º ano de escolaridade ou o ensino secundário, "o reconhecimento das competências adquiridas ao longo da vida em contextos diferenciados de aprendizagem adquire uma particular importância, permitindo estruturar percursos de formação complementares e ajustados a cada indivíduo." (*idem*) Portanto, surgiu assim uma reflexão em torno das aspirações no que concerne aos formandos e à sua futura profissão.

No que se refere a esta evolução dos cursos de aprendizagem de nível III (equivalentes ao 12º ano), Azevedo (2002: 42, 43) afirma que na segunda metade dos anos noventa (ver Anexo 32), o seu crescimento foi bastante rápido, abrangendo em 2000, cerca de 17500 jovens. Mais adianta que esta oferta "está associada aos centros de formação profissional e aos centros de emprego, bem como a uma vasta rede de instituições privadas, desde as dedicadas à solidariedade social até às empresas com centros de formação próprios." (*idem*) E daqui surgiu então a necessidade de questionar o que leva os formandos a optarem pela frequência destes cursos de formação. O que os leva/levou a optarem por esta iniciativa, quais as razões subjacentes.

Após todo este percurso realizado, constatam-se várias ideias centrais relevantes que nos ajudam a perceber as (co)relações existentes na importância atribuída aos cursos de Aprendizagem (nos formandos).

Iniciando pelas hipóteses, apresentadas no capítulo II, conclui-se que todas elas se verificam: os formandos carecem de necessidades socioeconómicas, são desfavorecidos ao nível da aprendizagem, o que por sua vez os remetem para os benefícios financeiros ("bolsas") disponibilizadas pelos fundos/apoios monetários envolvidos neste tipo de iniciativa formativa.

Quanto à questão de partida "será que os jovens optam por concluir o secundário com dupla certificação para iniciar a sua vida profissional, ou pretendem prosseguir os seus estudos no ensino superior?", é notório que poucos formandos revelam querer prosseguir os estudos para o ensino superior (e quando isso acontece, os inquiridos objetivam prosseguir outras trajetórias profissionais – como é o caso de querer seguir o percurso de enfermagem, ou até simples casos de aspirarem ser "jogadores de futebol", ou "tropa no exército português". A realidade que também se constata direciona-nos para fortes problemas pessoais nomeadamente em casa, na família – não é por acaso que, quando se esperava que os formandos referissem o trabalho como prioridade num futuro próximo ("como por exemplo daqui a cinco anos"), grande parte imagina-se a constituir família, a viver com o namorado/marido e com os seus filhos.

Também se verificaram casos de sucesso como por exemplo na primeira turma a concluir a sua formação (A1 – Cozinha/Pastelaria); referimo-nos a formandos que conseguiram alcançar a oportunidade de exercer a sua (nova) profissão nos locais de estágio através da Formação Prática em Contexto de Trabalho – as empresas assumem assim um importante papel no Sistema de Aprendizagem, nomeadamente na disponibilidade de receber formandos para estágio (sendo este encarado como uma responsabilidade social das empresas e uma forma de recrutamento eficaz). E neste aspeto, sendo um dos objetivos pretendidos, não foi possível procedermos à avaliação de impacto da formação atendendo às questões do tempo (é necessário relembrar que estamos perante uma instituição relativamente nova, enraizada desde 2009).

Estando nós em contextos de juventude, deparamo-nos também com influências dos grupos de pares, em períodos marcados por novas descobertas, novas realidades, como é o caso do consumo de álcool, drogas e outras substâncias. O que nos remete logo para as

questões da motivação e do interesse pelo curso, e para o objetivo de concluir o percurso escolar e iniciar o profissional.

Dando valor à importância conferida ao curso, a razão principal pela qual os formandos se encontram na instituição justifica-se sendo a "melhor opção para obter o 12.º ano e começar a trabalhar". Estamos perante um grupo de jovens que se deparam com novas oportunidades no âmbito da formação e da certificação (dado haver uma elevada taxa de abandono/insucesso escolar), com fortes motivações para estudar nesta instituição (ao contrário do que se sucedia com a escola regular). Contudo, ao nível de mercado de trabalho o panorama torna-se mais desfocado – não esquecendo que se aposta na abertura de novos cursos[49] que vão "ao encontro das necessidades identificadas pelas empresas/entidades empregadoras" (como refere a entrevistada "Dr.ª GP", gestora do projeto). Muito provavelmente esta geração irá dar continuidade à "geração yô-yô" alusiva à teoria de José Machado Pais (2001). Mas, em termos sociológicos, pertencer a uma geração não é ter a mesma idade ou ser mais ou menos jovem, mas ser detentor de uma contemporaneidade de ideias, influências, saberes, filiações identitárias e valores (como refere o mesmo autor).

Falando de valores e de gerações, deparamo-nos com uma geração que não manifesta muito interesse pelos valores conferidos à participação político-partidária e à religião, ao contrário da importância conferida ao valor da família, amigos/colegas, e do trabalho.

Neste prisma do trabalho, sobre a condição perante o trabalho, "a maior parte são só estudantes, uma taxa muito reduzida tem um *part-time*, alguns deles já estiveram a trabalhar e resolveram fazer a formação" (de acordo com a entrevista à "Formadora 2"). Importa referir que, como os formandos têm que estar inscritos no IEFP para usufruírem dos cursos de Aprendizagem, estes não podem estabelecer qualquer contrato de trabalho.

Estamos perante um grupo heterogéneo, marcado maioritariamente pelo sexo feminino (que se deve ao número de turmas do curso de Estética/Cosmética), e com a média de idade estabelecida nos 20 anos, dos quais "muitos têm o 9.º ano de escolaridade através da formação, e também temos formandos que já tiveram percursos no secundário regular" (como refere a "Formadora 1" na entrevista concedida).

[49] A saber, para o ano letivo de 2012-13, entre setembro e outubro, irão abrir na instituição os cursos de técnico(a) de Cozinha/Pastelaria; Mesa e Bar; Esteticista/Cosmetologista; Electrónica, Automação e Computadores; Vitrinismo; e Electrotecnia – sendo áreas que foram definidas como prioritárias. A instituição manifestou também o interesse junto do IEFP pela integração de uma nova área, com abertura prevista para início de 2013 – Construção e Reparação de Veículos a Motor, nomeadamente o curso técnico de Recepção/Orçamentação de Oficina, e Técnico(a) de Mecatrónica Automóvel.

Relativamente à escolaridade dos pais, quer no caso do pai quer no da mãe, de um modo geral situa-se no ensino primário (sendo os pais mais instruídos que as mães), e quanto ao registo de formação académica ao nível do ensino superior observa-se (na pouca frequência possível) registam-se mais casos nos pais do que nas mães.

Quanto à profissão dos progenitores dos inquiridos, a maioria são operários, artificies ou trabalhadores similares (Grupo 7 da CNP), dos quais se observa que os pais trabalham na área da construção civil, são carpinteiros, e serralheiros, sendo a maioria também trabalhadores por conta de outrem/assalariado, e o cargo que ocupam na profissão é o de executante; e no caso das mães, onde se regista um acentuado número de inatividade profissional, na maioria são domésticas, costureiras e empregadas domésticas, na situação perante a profissão são trabalhadoras por conta de outrem/assalariadas, e quanto ao cargo/função a maioria também é executante.

Quanto às remunerações de ambos os pais, o escalão do salário predominante é o mais baixo (até 500 euros), não obstante, registam-se 18,0% de pais no estrangeiro (*n*=78,7%) e 9,0% de mães no estrangeiro (*n*=80,3%), sendo os países de emigração mais frequentes França e Cabo Verde – através da análise dos Dossiês Técnico-Pedagógicos foi possível observar que a instituição conta com formandos de várias nacionalidades, desde russa, marroquina, à mais comum que são os provenientes de Cabo Verde. O interessante é que em alguns casos dos formandos cabo-verdianos, os pais estão em Cabo Verde, e nos outros casos os progenitores estão em Portugal com os formandos.

Atendendo ao contexto geográfico, grande percentagem dos formandos provêm do Porto (cidade onde se situa a instituição-alvo, e os restantes pertencem ao Grande Porto, dos quais se registam uma maior frequência no concelho de Matosinhos e de Vila Nova de Gaia.

Os dados revelam que 73,8% dos formandos (*n*=119) frequentaram a pré escola. É no 1.º Ciclo que se regista um menor número de reprovações (72,1%), e é no 2.º Ciclo que mais reprovações se verificam (não obstante, é no 3.º Ciclo que há ocorrência de três formandos com 3 ou mais reprovações). Sublinhando o impacto da Educação/Formação em Portugal, metade dos formandos (*n*=121) (52,5%) concluíram o 9.º ano de escolaridade no ensino regular, 36,1% concluíram-no através de cursos de formação profissional, e 8,2% através das Novas Oportunidades. A restante percentagem é composta por cursos de Educação e Formação de Adultos (EFA) e Cursos de Educação e Formação (CEF). E mais de metade (54,9%) dos formandos (*n*=120) frequentou o ensino secundário, sendo que em 46,7% (destes

formandos) 36,1% desistiram, 4,9% reprovaram no 10.º ano, 3,3% reprovaram no 12.º ano e 2,5% reprovaram no 11.º ano.

No geral, as expectativas dos formandos são otimistas porque a maioria prevê trabalhar na área de formação, mas antes, pensam (e demonstram preocupação) em terminar o curso com sucesso – frisando a ideia de que conseguirão obter sucesso no mercado de trabalho com uma boa média. Quanto ao aspeto de conferir/dar utilidade ao curso na vida profissional dos formandos, registam-se alguns "desvios" nas trajetórias profissionais futuras, pois como é referido na análise dos questionários em série que se encontram em anexo, registando-se casos que não se encaminham para a área profissional dos cursos de aprendizagem onde se encontram inseridos.

Contando com algum desagrado por parte dos formandos, no que concerne ao atraso do apoio financeiro, comprova-se que os aspetos socioeconómicos constituem uma das hipóteses válidas mais frequentes. Podemos concluir que os formandos se encontram satisfeitos com esta iniciativa formativa, dada a possibilidade de terminar o 12.º ano de escolaridade com dupla certificação (conferindo o nível IV), ficando com uma profissão no final do seu percurso.

2. Reflexões

Nesta etapa final, importa traçar um conjunto de reflexões sobre o nosso percurso no estágio. Comecemos, então, pelos objetivos.

Os objetivos desde trabalho, à exceção do III, foram todos cumpridos, quanto às atividades a serem desenvolvidas, a saber:

i) Avaliar a satisfação dos formandos no seu percurso profissional e na instituição;

ii) Analisar os motivos e as expectativas dos novos formandos;

iv) Registar através da observação direta a motivação/empenho dos alunos nas salas de aula, e nas atividades promovidas no Plano Anual de Atividades;

v) Auxiliar a instituição na organização dos Dossiês Técnico-Pedagógicos dos cursos de formação, entre outras tarefas;

O III objetivo previa inquirir os formandos finalistas para apurar as suas auto-percepções do curso, auto-avaliação, aspetos a serem melhorados, e dificuldades sentidas, e como se referiu acima, não foi possível concretizá-lo uma vez que o primeiro curso terminado foi em dezembro; para além das questões de agenda, os materiais foram construídos mas nunca chegaram a ter luz verde da parte da gestora do projeto.

Neste sentido, as maiores dificuldades no estágio passaram pelo facto de não termos conseguido fixar a amostra (dada a instabilidade de número de formandos ativos por turma, devido a abandonos/desistências dos formandos), pelas questões ao nível da agenda, e também da escassa aproximação para com a coordenadora do projeto – dadas as exigências das suas funções a desempenhar.

Foi através das observações diretas "que se conseguiu ver o que não se lia". Repare-se que um dos objetivos principais consistia na análise das expectativas dos (novos) formandos, o que conduziu à realização de registos de observação nas turmas do primeiro ano – tendo em conta a complementarização da informação. Das cinco turmas possíveis, optou-se por escolher uma com um número elevado de formandos (A17) e a uma turma mais reduzida (A16) – onde foi possível proceder a uma observação mais focada do que em A17. A grelha de análise das observações das aulas encontra-se no Anexo 6, a qual foi construída tendo em conta os anexos 7 e 8. Mas, por ser um pouco extensa dada a falta de tempo que houve na duração das sessões, utilizou-se uma grelha[50] com exemplos de focos de observação e de questões orientadoras que foram adaptados do Conselho Científico para a Avaliação de Professores – Ministério da Educação (Reis, 2011: 27-28), e que serviram para a elaboração do "relatório" das observações em contexto sala de aula presente no Anexo 29 (onde, para salvaguardar as questões de anonimato aos formandos, foi-lhes atribuído um número).

Para melhor percebermos a realidade prática vivenciada no contexto de estágio, temos o exemplo do registo de uma conversa informal com uma formanda (chamemos-lhe de "X") de uma turma do primeiro ano que se encontra em Anexo 28. Nesta conversa, é possível apercebermos de alguns percursos académicos dos formandos, mediante o que já foi referido anteriormente.

[50] Encontra-se em Anexo 9.

Relativamente às sessões em análise, estas foram elaboradas em quatro sessões em A16 (onde foi vivenciada uma situação problemática ao nível do comportamento dos formandos que resultou numa ocorrência disciplinar) no módulo *Purchaising*, na aula de Economia, de Português e de Matemática e em três sessões no curso de A17 (a Português, Desenvolvimento Social e Pessoal, e Matemática). Indiretamente, houve também a possibilidade de se proceder a um registo de observação de algumas outras turmas, dado o convite que me foi sugerido por uma formadora de matemática de apresentar um trabalho académico de índole estatístico para os formandos constatarem uma realidade empírica no sentido de se recorrer à aplicabilidade dos conteúdos abarcados num módulo de matemática.

Nestes registos, foi possível perceber a capacidade que os formandos possuem para se distraírem facilmente durante a sessão, assim como a perspicácia e motivação que encontram para distraírem colegas. Registam-se também casos de comerem nas salas de aula, de falarem de outros assuntos não relacionados com a aula, de faltarem ao respeito para com um ou outro colega, do uso constante do telemóvel, das conversas paralelas, de não estarem com uma postura correta na cadeira, da mesa estar desorganizada, de colarem pastilhas elásticas debaixo das mesas (casos singulares), de atirarem papéis para o chão e de emprestarem material escolar aos colegas "pelo ar"... Em paralelo, assistimos também a casos "opostos" de espírito de entre ajuda, como se a turma fosse uma equipa só (e aqui destaca-se a turma de A16, talvez por ser a turma com menos elementos), como por exemplo o formando vai ao quadro resolver um exercício, mas em vez de levar a sua ficha, leva a de uma colega (porque ou tem a certeza que o exercício da colega estava certo, ou então porque duvida das suas próprias capacidades).

Realizaram-se também observações em contexto extra-aula (no espaço de lazer da instituição, e no exterior, à entrada do edifício do SA) onde foi possível observar a "essência" dos formandos fora do contexto sala de aula – e aqui deparamo-nos com um grupo de jovens que também não sabe estar, recorrem aos vernáculos, falam muito alto, e houve casos em que um grupo de formandos estava a fumar droga na zona da instituição (na rua); outros em que uma formanda queria que os seus colegas lhe ensinassem a fumar um cigarro.

Assim sendo, foi construído um conjunto de materiais pese embora o facto de não se ter procedido à aplicação dos mesmos por razões já indicadas.

Cabe ao sociólogo estar atento a todas estas questões para dinamizar a instituição quer na ala administrativa, quer na formativa, assim como refletir quer em torno das questões sociais internas à instituição, quer em torno da realidade de cada formando.

Sentiu-se a necessidade de envolver a comunidade em torno de certas questões da atualidade, e fazer delas mote para aquilo que os suecos denominam por "círculo de estudos". Falamos de "Tertúlias" pedagógicas com convidados oradores. Foi também um projeto criado sem qualquer *feedback* por parte da instituição.

Porque "as actividades culturais são susceptíveis de promover a inclusão e facilitar o diálogo entre as gerações e entre as culturas, uma vez que permitem tecer laços entre as pessoas e ajudam a transcender a identidade nacional" (como consta na Comunicação da Comissão das Comunidades Europeias ao Parlamento, 2007: 10), o Plano de Atividades assume um importante papel na dinâmica institucional. Como tal, um dos objetivos propostos consistia em analisar a motivação e participação dos formandos. Com o escasso tempo de estágio, foi possível assistir a dois momentos com duas/três turmas em simultâneo: visita ao Laboratório do Jornal de Notícias, e a participação no Seminário[51] "Livro Branco da Juventude – Mobilidade, Empreendedorismo e Educação e Formação", dinamizado pelo Conselho Nacional da Juventude em parceria com o Secretariado de Estado do Desporto e da Juventude, bem como da Fundação da Juventude.

No primeiro momento, num contexto mais prático, os formandos ficaram a conhecer um pouco sobre a história do Jornal de Notícias enquanto jornal, e enquanto instituição. Passando para o dito "laboratório", tiveram a possibilidade de ser jornalistas por um dia, criando um jornal electrónico numa página de internet. Os formandos revelaram-se muito motivados e participativos até porque, como lhes foram oferecidos os dados de acesso da página, foi possível prosseguirem com os seus jornais em qualquer altura (o que revelou bastante satisfação, e um exemplo disto foi ver a "primeira notícia" impressa (que o Jornal de Notícias ofereceu) nas paredes das salas de aula.

Num segundo momento, não tão prático mas mais participativo no sentido cognitivo, os formandos assistiram aos vários debates do Seminário em questão mas não participaram (até porque o evento era divido em duas partes, sendo a primeira o plenário de debate que decorreu durante a manhã, e a segunda parte, de tarde, decorreram vários *workshops* alusivos ao tema – e aqui sim, registou-se algum envolvimento mais "ativo" por parte dos formandos).

[51] Cf. http://www.fjuventude.pt/pagnoticias-452-seminario-regional-do-norte-do-livro-branco-da-juventude

Partilhamos então a opinião de uma das formadoras quando refere que "À maioria dos formandos, não lhes interessa muito a componente teórica, e a parte prática é o que lhes interessa mais, eles adoram as aulas que conseguem conciliar a teoria com a prática, pedem para ver filmes para retirar conteúdos programáticos."

Relativamente às questões de avaliação da formação, estas foram também exemplo da já referida dificuldade em "chegar à instituição. Foram criados dispositivos para se aferirem a avaliação da formação, avaliação da satisfação da formação, avaliação da qualidade, autoavaliação dos formandos, avaliação do formador, e a avaliação do tutor em Formação Prática em Contexto de Trabalho (FPCT). Todos estes instrumentos encontram-se inseridos em anexo.

Não obstante, foi uma experiência bastante positiva e enriquecedora. Desde os primeiros momentos na instituição que foi possível estabelecer grandes e verdadeiros afetos com a comunidade da Aprendizagem da Fundação da Juventude. Também toda a dinâmica desta investigação em contexto de estágio, foi muito pertinente para confrontar as capacidades/competências adquiridas (desde as já existentes, às novas), assim como para reforçar a afirmação do gosto pela Educação/Formação e pela Sociologia. Sem o conhecimento destes domínios científicos nada seria exequível.

No que concerne aos aspetos positivos de todo este percurso de estágio, foi possível alcançar mais maturidade e confrontar-me com obstáculos que só num contexto prático seria possível ultrapassar. Também foi interessante a transferência de conhecimentos adquiridos ao longo do percurso académico, embora se tenha notado um certo desconhecimento por toda a comunidade institucional do papel de um sociólogo (sendo esta questão encarada como um aspeto negativo). A graduação em Educação torna-se também pertinente na elaboração e no pensamento de todos os dispositivos aplicados e desenvolvidos em contexto de estágio.

A título de uma investigação futura, as propostas passam pela aplicação e análise da avaliação do impacto da formação nos recente profissionais da Aprendizagem da Fundação da Juventude, para se proceder ao estudo da inserção de jovens no mercado de trabalho através dos cursos de Aprendizagem; através desta dimensão, seria possível apurar as verdadeiras (e presentes) trajetórias profissionais, bem como as questões da vocação e das próprias expectativas.

Outra das propostas consiste na concretização dos instrumentos elaborados que, por motivos alheio e já justificados, não foram aplicados. Através do projeto "Tertúlias" evitar-se-iam muitos erros por parte dos formandos (dependendo dos temas em questão); através do questionário de avaliação do formador os formandos poderiam ter "voz" sobre a própria formação a que estão sujeitos – e neste sentido os formadores poderiam ter "luz" para enveredarem por outros caminhos, para outras metodologias, para melhorarem o seu desempenho; através do questionário de avaliação do tutor em FPCT pelos próprios formandos talvez a avaliação pudesse ser mais justa, uniforme e pedagogicamente concisa.

Não poderia também deixar de sugerir, a título de uma investigação futura, a continuação da problemática das expectativas dos formandos (em relação ao seu curso e instituição). Será que numa investigação próxima as expectativas ainda se mantêm? Ou alteraram-se?

Como ponto de encerramento, e em conformidade com as ideias apresentadas no Comunicado da Comissão das Comunidades Europeias ao Parlamento Europeu (2007: 3), considera-se que "os sistemas educativos devem assegurar uma educação eficaz e adaptada, numa perspetiva de ciclo de vida, estimulando as potencialidades individuais de criatividade e autonomia e evitando um desfasamento em relação ao mercado de trabalho. Neste sentido, os jovens devem estar preparados para entrar no mercado de trabalho, mas também ser capazes de prosseguir a sua educação ao longo da vida, tanto para a sua realização pessoal como para garantir que possam adaptar-se às mudanças na sua situação profissional".

VII. Referências bibliográficas

Bibliografia Consultada

ALHANDRA, Vítor (2009) – *Abandono e Insucesso no Sistema de Aprendizagem em Alternância num Centro de Formação Profissional*. Trabalho de Projeto do Mestrado em Ciências da Educação, Área de especialização em Formação de Adultos. Lisboa: Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa.

ALVES, Natália (2007) – E se a melhoria da empregabilidade dos jovens escondesse novas formas de desigualdade social? *Sísifo. Revista de Ciências da Educação*, 2, pp.59-68.

ALVES, Natália [et al] (2001) – *Educação e Formação: Análise Comparativa nos sub-sistemas de qualificação profissional de nível III*. Lisboa: Observatório do Emprego e Formação Profissional.

ÁVILA, Patrícia (2008) – "*A Literacia dos Adultos. Competências-Chave na Sociedade do Conhecimento"*. Lisboa: Celta Editora.

AZEVEDO, Joaquim (1999) – *Saír do impasse. Os ensinos Tecnológico e Profissional em Portugal*. Porto: Edições ASA.

AZEVEDO, Joaquim (1999) – *Voos de borboleta. Escola, trabalho e profissão*. Porto: Edições ASA.

AZEVEDO, Joaquim (2002) – *O fim de um ciclo? A educação em Portugal no início do século XXI*. Porto: Edições ASA.

AZEVEDO, Joaquim; FONSECA, António M. (2007) – *Imprevisíveis itinerários de transição escola-trabalho: a expressão de uma outra sociedade*. Vila Nova de Gaia: Fundação Manuel Leão.

AZEVEDO, Joaquim [Coord.] (2007) – *Relatório final do debate nacional sobre a educação*. Lisboa: Conselho Nacional de Educação.

BARRACA, Ana Maria (2010) - Educação superior e formação empreendedora na Fundação da Juventude. *Aprender a Emprender a través da Educación e a Formación* – Actas XI

Congreso Internacional de Galicia e Norte de Portugal de Formación para o trabalho. Santiago de Compostela.

BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas (2004) – *A Construção Social da Realidade – um livro sobre a sociologia do conhecimento*. Lisboa: Dinalivro (2ª Ed.).

BOGDAN, Robert & BIKLEN, Sari (1994) – *Investigação Qualitativa em Educação: uma Introdução à Teoria e aos Métodos.* Porto: Porto Editora.

BOURDIEU, Pierre (1984) – La jeunesse n'est qu'un mot *in Questions de Sociologie*. Paris: Éditions de Minuit.

BOURDIEU, Pierre (2007) - *A distinção: crítica social do julgamento*. São Paulo: Edusp - Edições da Universidade de São Paulo; Porto Alegre, RS: Zouk

CABRITO, Belmiro (1994) – *Formações em alternância: conceitos e práticas.* Lisboa: Educa.

CANÁRIO, Rui (1999) – *Educação de Adultos – Um Campo e uma Problemática*. Lisboa: Educa.

Observatório do Emprego e Formação Profissional.

CANÁRIO, Rui (2005) – *Multiplicar as Oportunidades Educativas.* Lisboa: Debate Nacional sobre Educação.

CANÁRIO, Rui; CABRITO, Belmiro (Org.) (2005) – *Educação e Formação de Adultos – Mutações e Convergências.* Lisboa: Educa.

CANÁRIO, Rui (2008) – *A escola: das "promessas" às "incertezas".* Educação Unisinos.

CASTELLS, Manuel (1999) – *A Sociedade em Rede* Volume I – *A era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura.* 2ª Ed. São Paulo: Paz e terra.

CENTENO, Luis Gomes [Coord.] (2007) – *Estudo sobre o retorno da formação profissional*. Lisboa: Ministério do Trabalho e da Solidariedade Social – Gabinete de Estratégia e Planeamento.

COHEN, Louis & MANION, Lawrence (1990) – *Métodos de Investigación Educativa.* Madrid: La Muralla.

COSTA, António Firmino da (1999) – *Sociedade de bairro. Dinâmicas sociais da identidade cultural.* Oeiras: Celta Editora.

COSTA E SILVA, Ana Maria (2009 – Percursos de Formação e Trajectórias Profissionais: Um estudo de caso. *Educação, Sociedade e Culturas, 28, pp.145-160.*

COSTA E SILVA, Ana Maria Carneiro da (2005) – *Formação e Construção de Identidade(s) – um estudo de caso centrado numa equipa multidisciplinar*. Dissertação de Doutoramento em Educação na área de Especialização de Desenvolvimento Curricular. Braga: Instituto de Educação e Psicologia da Universidade do Minho.

COUTO, Fátima (2011) – *Certificação de Competências: Que Impacto(s)?* Relatório de Estágio do Mestrado em Educação, área de Especialização em Formação, Trabalho, e Gestão de Recursos Humanos. Braga: Universidade do Minho.

CUNHA, Estefânia Daniela (2010) – *O insucesso e o abandono escolar dos jovens e a sua reintegração por via dos cursos de educação e formação (CEF's)*. Relatório de Estágio do Mestrado em Sociologia. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

DELORS, Jacques (1996). *Educação um Tesouro a Descobrir.* Relatório. Porto: Edições Asa.

DE KETELE, Jean-Marie & ROEGIERS, X. (1999). *Metodologia da Recolha de Dados.* Lisboa: Instituto Piaget.

DUARTE, Maria Isabel (2000) – *Alunos e insucesso escolar – um mundo a descobrir*. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional.

ESCÁRIA, Vitor (2006) – *Evolução do rejuvenescimento / envelhecimento do mercado de trabalho*. Lisboa: DGEEP/MTES in Colecção Cogitum, nº 23.

ESCÁRIA, Vitor (2007) – *Estudo regional – NUTS III – sobre a redução do emprego em empresas/estabelecimentos.* Lisboa: DGEEP/MTES in Colecção Cogitumnº26.

ESTRELA, Albano (1994). *Teoria e prática de observação de classes* (4ª edição). Porto: Porto Editora .

FERRÃO, João [et al] (2000) – *Saída prematura do sistema educativo: Aspectos da Situação, Causas e Perspectivas em termos de Emprego e Formação.* Lisboa:

FREIRE, Paulo (1987) – *Pedagogia do oprimido.* Rio de Janeiro: Paz e Terra.

GUERREIRO, Maria das Dores; PEGADO, Elsa (2006) – *Os jovens e o mercado de trabalho – caracterização, estrangulamentos à integração efectiva na vida activa e a eficácia das políticas*. Lisboa: DGEEP/MTSS in Colecção Cogitum, nº18.

GUIDDENS, Anthony (1994) – *Modernidade e Identidade Pessoal*. Oeiras: Celta Editora.

IMAGINÁRIO, Luís (1999) – *A Valorização da Formação Profissional através da Alternância.* Lisboa: Ministério do Trabalho e da Solidariedade.

IMAGINÁRIO, Luís (2000) – *Educação, Formação e Trabalho: Debate promovido pela Presidência da República. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda.*

Le BOTERF, Guy (1994) – *De la compétance.* Paris: Les Éditions d'Organization.

MAGALHÃES, Dulce (2005) – *Dimensão Simbólica de uma Prática Social: consumo do Vinho em Quotidianos Portuguenses.* Porto: FLUP (policopiado).

MENDES, Susana (2005) – *As práticas escolares como construtoras de uma realidade curricular genderizada*. Dissertação de Mestrado em Educação – especialização em Desenvolvimento Curricular. Braga: Instituto de Educação e Psicologia da Universidade do Minho.

NEVES, Oliveira [et al] (1993) – *O Sistema de Aprendizagem em Portugal.* Lisboa: IEFP.

NIEMEYER, Beatrix (2007) – Da escola ao emprego – Dilemas da investigação comparada sobre a transição na Europa. *Revista Europeia de Formação Profissional,* 41, pp.129-151.

PAIS, José Machado (2001) – *Ganchos, Tachos, Biscates: jovens, trabalho e futuro*. Porto: Âmbar

PARENTE, Cristina (1995) – *Avaliação de Impacto da Formação sobre as Trajectórias Profissionais e a Competitividade Empresarial – um ensaio em empresas do sector têxtil em empresas do Vale do Ave*. Dissertação de Mestrado em Políticas e Gestão de Recursos Humanos. Lisboa: Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa.

PEDROSO, Pedro (1996) – Alternância, modelos de formação e culturas pedagógicas. *Inovação*, 3, pp. 263-282.

QUINTAS, Helena Luísa Martins (2008) – *Educação de Adultos – vida no currículo e currículo na vida*. Lisboa: Associação Nacional para a Qualificação.

QUIVY, Raymond; CAMPENHOUDT, LucVan (2005) – *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva Publicações (4ªEd.).

REIS, Felipa Lopes dos (2010) – *Como elaborar uma dissertação de mestrado segundo Bolonha*. Lisboa: PACTOR – Edições de Ciências Sociais e Política Contemporânea.

RESGATE, Isabel (2001) – Diversidade e comportamentos juvenis – Um estudo dos estilos de vida de jovens de origens étnico-culturais diferenciadas em Portugal. *Análise Psicológica*, 3, pp.345-364.

SABOGA, Ana Rute (2008) – Um olhar sobra a Aprendizagem nível III – notas sobre um estudo de caso. *Revista Europeia de Formação Profissional*, 45, pp.132-156.

SIMÕES, Celeste [et al] (2006) – Consumo de Substâncias na Adolescência: Um modelo explicativo. *Psicologia, Saúde & Doenças*, 7, pp.147-164.

TORRES, Leonor Lima; ARAÚJO, Marcelo (2010) – O sistema de aprendizagem em alternância – alternativa ou mais do mesmo?, in Actas do *X Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais*. Braga: Universidade do Minho. Pp.1215-1231.

VIANA, Isabel Carvalho (2007) – *O projecto curricular na turma na mudança das práticas do ensino básico: contributos para o desenvolvimento curricular e profissional nas escolas*. Tese de Doutoramento em Educação na Área de Especialização de Desenvolvimento Curricular. Braga: Instituto de Educação e Psicologia da Universidade do Minho.

Documentos eletrónicos consultados

ABRANTES, Pedro (2003) – *Identidades Juvenis e Dinâmicas de Escolaridade.* [Em linha] [Consultado a 4 de abril de 2012] Disponível em

http://www.scielo.oces.mctes.pt/pdf/spp/n41a04.pdf.

CEDEFOP (2007) – *O Sistema de Educação e Formação Profissional em Portugal – Descrição sumária.* [Em linha] [Consultado a 29 de outubro de 2011] Disponível em http://www.cedefop.europa.eu/EN/Files/5177_pt.pdf.

COMISSÃO DAS COMUNIDADES EUROPEIAS (2007) – *Comunicação da Comissão ao Parlamento Europeu, ao Conselho, ao Comité Económico e Social Europeu e ao Comité das Regiões* - Promover a plena participação dos jovens na educação, no emprego e na sociedade. [Em linha] [Acedido a 4 de novembro de 2011] Disponível em

http://eur-lex.europa.eu/LexUniServ/LexUriServ.do?uri=COM:2007:0498:FIN:PT.pdf.

COSTA E SILVA, Ana Maria (s/d) – *Formação, Trabalho e Aprendizagem ao Longo da Vida*. Braga: Instituto de Educação e Psicologia da Universidade do Minho. (s/l)

CRAVEIRO, Maria Clara (2007) – *Formação em contexto: um estudo de caso no âmbito da pedagogia da infância.* [Em linha] [Acedido a 14 de setembro de 2012] Disponível em http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/7085

DAUMAS, Filipe Passaroni (2008) – *O significado do dinheiro e a escolha profissional*. [Em linha] [Consultado a 4 de novembro de 2011] Disponível em http://www.abopbrasil.org.br/home/index.php?option=com_jdownloads&Itemid=12&task=view.download&catid=3&cid=184.

FIALHO, António José (2012) – *O papel e a intervenção da escola em situações de conflito parental.* [Em linha] [Acedido a 16 de julho] Disponível em http://www.verbojuridico.com/doutrina/2011/antoniojosefialho_papelintervencaoescola.pdf.

INE – *Entrada de jovens para o mercado de trabalho.* [Em linha] [Acedido a 7 de fevereiro de 2012] Disponível em

http://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_destaques&DESTAQUESdest_boui=81778512&DESTAQUESmodo=2.

GERME, Jean-François (2007) – *Orientação profissional, formação e emprego – preparação para uma profissão ou adaptação ao mercado de trabalho*. [Em linha] [Consultado a 29 de outubro de 2011] Disponível em

http://www.cedefop.europa.eu/etv/Upload/Information_resources/Bookshop/303/26_pt_germe.pdf.

GONÇALVES, Carlos Manuel; PARENTE, Cristina; VELOSO, Luísa; GOMES, Sandra;

GONÇALVES, Carlos Manuel (2008) – Dinâmicas do Mercado de Trabalho na Região Norte in *A Região Norte de Portugal: dinâmicas de mudança social e recentes processos de desenvolvimento*. [Em linha] [Consultado a 31 de outubro de 2011] Disponível em

http://aleph.letras.up.pt/exlibris/aleph/a18_1/apache_media/IH7NCS1F4T8NTYQ3EJREURENK531K.pdf.

GIDDENS, Anthony (1994) – *Literexclusão na vida quiotidiana. [Em linha] [Consultado a] Disponível em*

http://www.scielo.gpeari.mctes.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0873-65292003000100005&lng=en&nrm=iso.

IEFP (2001) – *Classificação Nacional de Profissões – Versão 1994*. [Em linha] [Consultado a 28 de julho de 2012] Disponível em http://www.iefp.pt/formacao/CNP/Paginas/CNP.aspx.

IEFP (2009) – *Regulamento Específico da Aprendizagem.* [Em linha] [Consultado a 7 de fevereiro de 2012] Disponível em

http://www.iefp.pt/formacao/ModalidadesFormacao/CursosAprendizagem/Documents/Cursos_Aprendizagem_Regulamento_Especifico/Regulamento_Especifico_Aprendizagem_Versao_Definitiva.pdf.

ITURRA, Raúl (1990) – *Fugirás à escola para trabalhar a terra: ensaios de antropologia social sobre o insucesso escolar*. (s/l)

JANUÁRIO, Susana (1998) – *Os jovens a formação profissional e emprego: resultados de uma investigação internacional*. [Em linha] [Consultado a 29 de outubro de 2011] Disponível em

http://aleph.letras.up.pt/exlibris/aleph/a18_1/apache_media/AF78B9JERSKEF7A1QJQRM7TJURCVT7.pdf.

LENCASTRE, José; FELÍCIO, José Carlos; BAPTISTA, Francisco [Coords. Centro Nacional de Formação de Formadores & Núcleo de Inovação e de Desenvolvimento] (2003) – *Gestão da Formação. Lisboa: Instituto do Emprego e Formação Profissional*. Colecção Referenciais de Formação Pedagógica Contínua de Formadores.

MADEIRA, Maria Helena (2006) – Ensino Profissional de Jovens – Um percurso escolar diferente para a (Re)Construção de Projectos de Vida. *Revista Lusófona da Educação*, 7, pp.121-141.

MATEUS, Sandra (2002) – *Futuros prováveis – Um olhar sociológico sobre os projectos de futuro no 9.º ano.* [Em linha] [Consultado a 7 de fevereiro de 2012] Disponível em http://www.scielo.oces.mctes.pt/pdf/spp/n39/n39a06.pdf.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO (2007) – *Educação e Formação em Portugal*. [Em linha] [Consultado a 29 de outubro de 2011] Disponível em http://www.gepe.min-edu.pt/np4/?newsId=364&fileName=educacao_formacao_portugal.pdf.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, GEPE (2009) – *Evolução dos números matriculados – jovens (2008/09).* [Em linha] [Consultado a 3 de abril de 2012] Disponível em http://www.gepe.min-edu.pt/np4/456.html.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, GEPE (2009) – *Números da Educação.* [Em linha] [Consultado a 3 de abril de 2012] Disponível em http://www.gepe.min-edu-pt/np4/467.html.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, GEPE (2009) - *50 Anos de Estatística da Educação - Volume I.* [Em linha] [Acedido a 9 de junho de 2012] Disponível em http://www.gepe.min-edu.pt/np4/?newsId=376&fileName=50_Anos_VolI.pdf.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, GEPE (2010) – *Educação em Números – Portugal 2010.* [Em linha] [Consultado a 5 de abril de 2012] Disponível em http://www.gepe.min-edu.pt/np4/?newsId=520&fileName=GEPE_Setembro.pdf.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, GEPE (2010) – *Estatísticas da Educação 2009/2010 – jovens.* [Em linha] [Consultado a 5 de abril de 2012] Disponível em http://www.gepe.min-edu.pt/np4/?newsId=611&fileName=EE2009_2010_JOVENS.pdf.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, GEPE (2010) – *Números da Educação.* [Em linha] [Consultado a 3 de abril de 2012] Disponível em http://www.gepe.min-edu.pt/np4/608.html.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, GEPE (2011) – *Regiões em números, Vol. 1 – Norte.* [Em linha] [Consultado a 5 de abril de 2012] Disponível em http://www.gepe.min-edu.pt/np4/?newsId=549&fileName=ReN__V__I.pdf.

MORAES, Carmen Sylvia Vidigal; NETO, Sebastião Lopes (s/d) - *Educação, Formação Profissional e Certificação de Conhecimentos: considerações sobre uma política pública de certificação profissional*. [Em linha] [Consultado a 21 de julho de 2011] Disponível em http://www.scielo.br/pdf/es/v26n93/27288.pdf.

PEREIRA, Catarina Cristino (2008) – *Comparação dos percursos de inserção profissional dos diplomados do Sistema de Aprendizagem e do Ensino Profissional.* [Em linha] [Consultado a 9 de março de 2012] Disponível em http://hdl.handle.net/10071/1361.

PORTAL DO GOVERNO DE PORTUGAL – *Governo reforça aposta para o ensino profissional de jovens.* [Em linha] [Consultado a 20 de julho de 2012] Disponível em http://www.portugal.gov.pt/pt/os-ministerios/ministerio-da-educacao-e-ciencia/mantenha-se-atualizado/20120719-mec-ensino-profissional.aspx

REIS, Pedro (2011) – *Observação de aulas e avaliação do desempenho docente.* [Em linha] [Consultado a 3 de março de 2012] Disponível em http://www.ccap.min-edu.pt/docs/Caderno_CCAP_2-Observacao.pdf.

SEBASTIÃO, João (2002) – *O papel do sociólogo na escola inclusiva.* [Em linha] [Consultado a 4 de abril de http://www.aps.pt/cms/docs_prv/docs/DPR4615248e46d60_1.pdf

SPARTA, Mônica (2003) – *A exploração e a indecisão vocacionais em adolescentes no contexto educacional brasileiro*. [Em linha] [Consultado a 4 de novembro de 2011] Disponível em http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/4411/000411554.pdf?sequence=1.

TORRES, Leonor Lima (2006) – *Educação e Trabalho: dinâmicas da relação entre perfis de formação e perfis profissionais no campo dos recursos humanos*. VI Congresso Português de Sociologia – Mundos Sociais: Saberes e Práticas (Área Temática: Trabalho, Profissões e Organizações). Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. (25 a 28 de junho de 2006) (s/l)

Sites consultados

CATÁLOGO DA BIBLIOTECA DA FACULDADE DE LETRAS DA UMIVERSIDADE DO PORTO (2011) [Em linha] [Consultado a 15 de setembro de 2011] Disponível em http://aleph20.letras.up.pt.

DIRECÇÃO DE SERVIÇOS DE DOCUMENTAÇÃO E DE SISTEMAS DE INFORMAÇÃO DA FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DO PORTO (2011) [Em linha] [Consultado a 16 de julho de 2011] Disponível em www.sdi.letras.up.pt.

FUNDAÇÃO DA JUVENTUDE (2011) [Em linha] [Consultado em 16 de julho de 2011] Disponível em www.fjuventude.pt

INSTITUTO DO EMPREGO E FORMAÇÃO PROFISSIONAL (2011) [Em linha] [Consultado a 24 de outubro de 2011] Disponível em www.iefp.pt.

INSITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA (2011) [Em linha] [Consultado a 24 de outubro de 2011] Disponível em www.ine.pt

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO (2011) [Em linha] [Consultado a 29 de outubro de 2011] Disponível em www.min-edu.pt.

PORTAL DE FORMAÇÃO (2011) [Em linha] [Consultado a 4 de novembro de 2011] Disponível em www.informar.pt.

PORTAL DO GOVERNO DE PORTUGAL (2012) [Em linha] [Consultado a 20 de julho de 2012] Disponível em www.portugal.gov.pt.

SERVIÇO DE APRENDIZAGEM DA FUNDAÇÃO DA JUVENTUDE (2011) [Em linha] [Consultado a 16 de julho de 2011] Disponível em www.fjuventude.pt/aprendizagem.

SERVIÇOS DE DOCUMENTAÇÃO DA UNIVERSIDADE DO MINHO (2011) [Em linha] [Consultado a 16 de julho de 2011] Disponível em www.sdum.uminho.pt.

Legislação

LEI n.º 85/2009 (27 ago. 2009).

DECRETO-LEI n.º102/84 (29 mar. 1984).

DECRETO-LEI n.º205/96.

DECRETO-LEI n.º 396/2007 (31 dez. 2007).

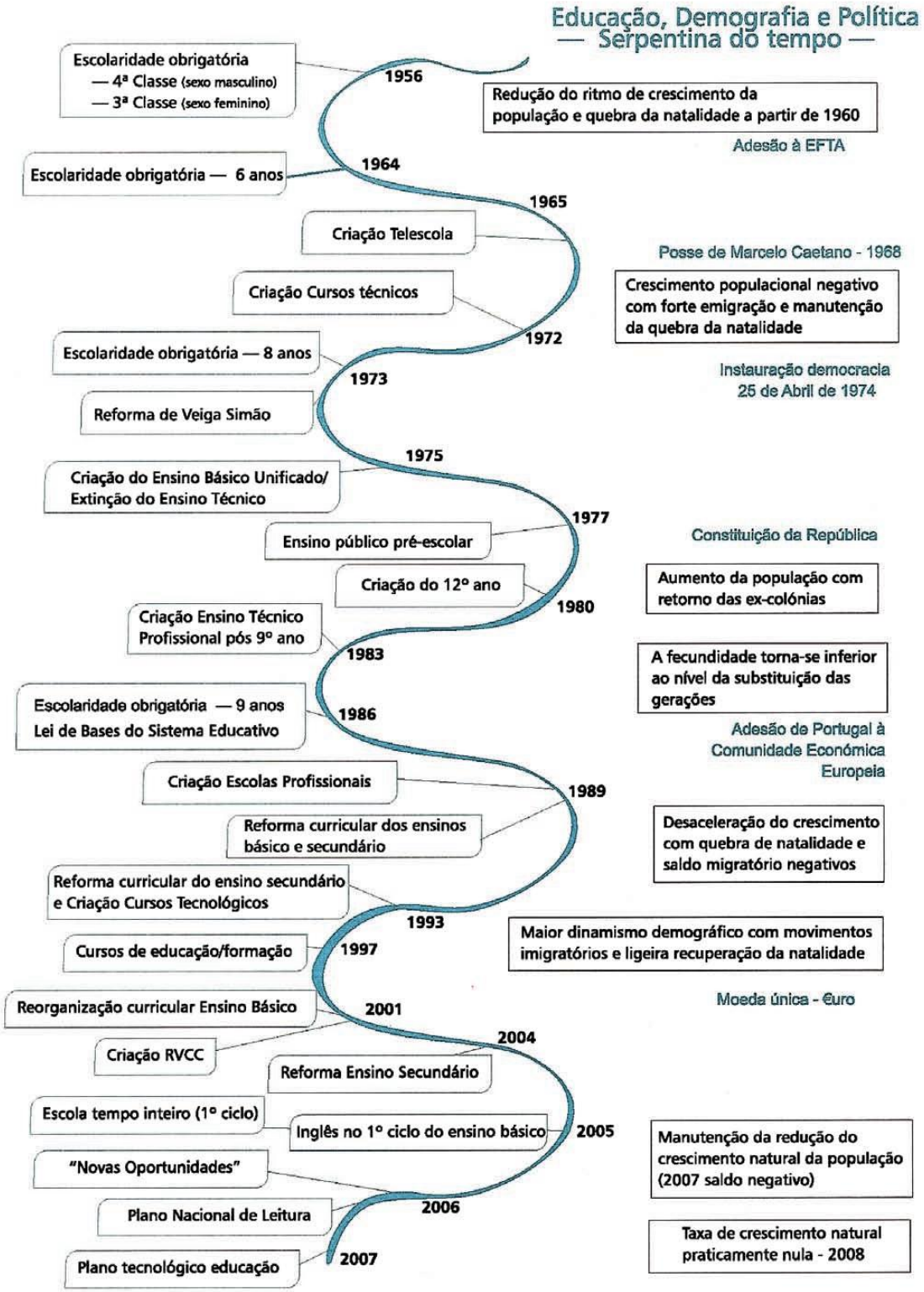
DECRETO-LEI n.º 782/2009 (3 jul. 2009).

DECRETO-LEI n.º 176/2012 (2 ago. 2012).

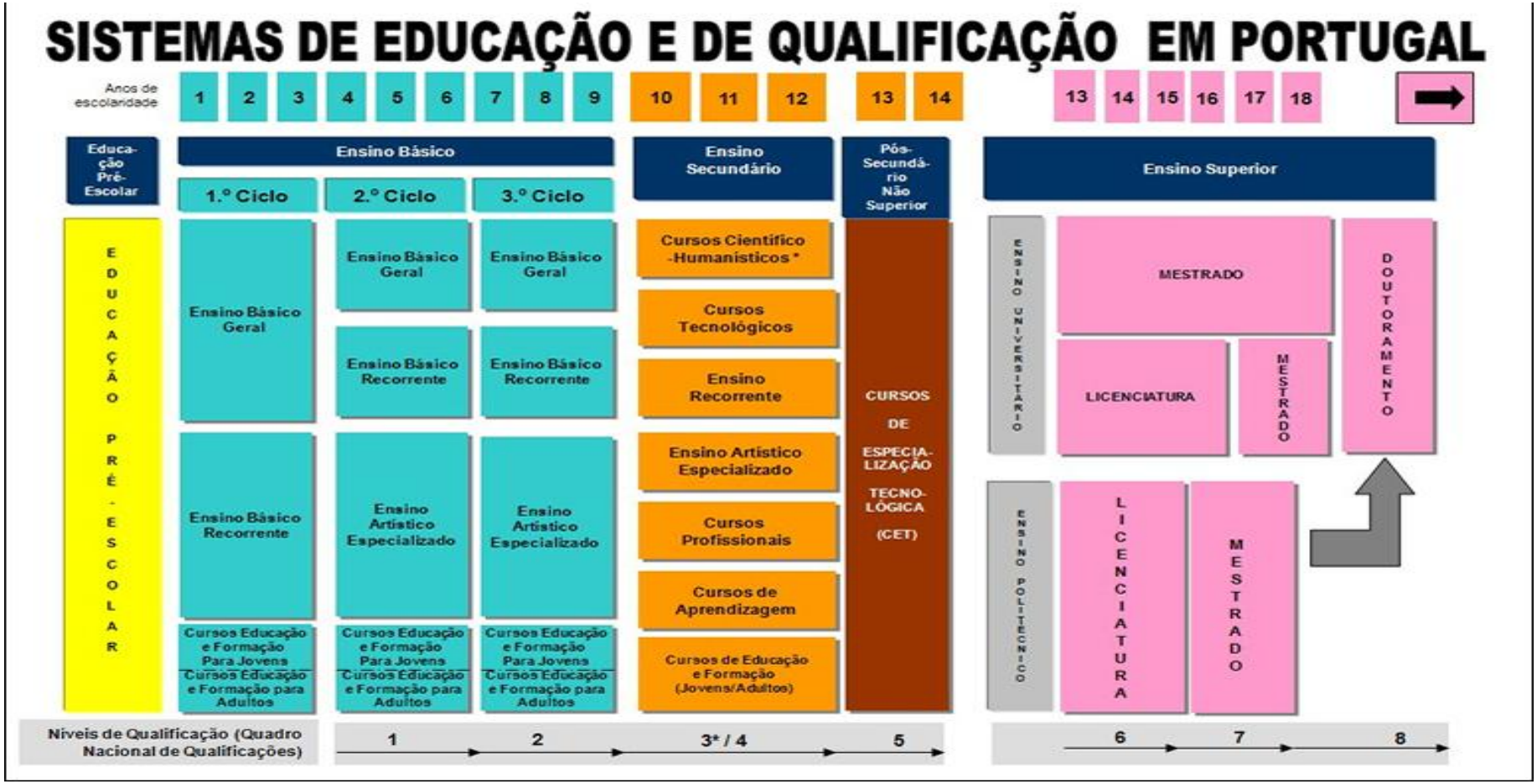
VIII. Anexos

Anexo 1 – "Serpentina do Tempo"

Fonte: GEPE (2009: 12) – "50 Anos de Estatísticas da Educação", Volume I (Lisboa)



Anexo 2 – Quadro Nacional de Qualificações



Fonte: Plano Nacional de Referência para as Qualificações – CEDEFOP (s/d)

Anexo 3 - Contextualização curricular dos cursos do primeiro ano.

INSTITUTO DO EMPREGO E FORMAÇÃO PROFISSIONAL, IP

Aprendizagem

Área de formação	344. Contabilidade e Fiscalidade
Itinerário de formação	Contabilidade e Gestão
Saída profissional	Técnico/a de Contabilidade
Nível de formação	3

Plano Curricular

Plano Curricular Plano Curricular

Componentes de Formação	Domínios de Formação	UFCD		Períodos de Formação (Horas) 1.º	2.º	3.º
Sociocultural Duração: 775 horas	Viver em português	-	Portugal e a Europa	50		
		-	Os media hoje	25		
		-	Portugal e a sua História	25		
		-	Ler a imprensa escrita		25	
		-	A literatura do nosso tempo		50	
		-	Mudanças profissionais e mercado de trabalho		25	
		-	Diversidade linguística e cultural			25
		-	Procurar emprego			50
	Comunicar em língua inglesa*	-	Ler documentos informativos	25		
		-	Conhecer os problemas do mundo actual	50		
		-	Viajar na Europa	25		
		-	Escolher uma profissão/mudar de actividade			25
		-	Debater os direitos e deveres dos cidadãos			25
		-	Realizar uma exposição sobre as instituições internacionais		50	
	Mundo actual	-	O homem e o ambiente	25		
		-	Publicidade: um discurso de sedução	25		
		-	Mundo actual – tema opcional		25	
		-	Uma nova ordem económica mundial			25
	Desenvolvimento social e pessoal	-	Higiene e prevenção no trabalho	50		
		-	Promoção da saúde		25	
		-	Culturas, etnias e diversidades			25
	TIC	0755	Processador de texto – funcionalidades avançadas	25		
		0767	Internet - navegação	25		
		0757	Folha de cálculo – funcionalidades avançadas		25	
		0792	Criação de páginas para a Web em hipertexto			25
Científica Duração: 400 horas	Matemática e realidade	-	Organização, análise da informação e probabilidades	50		
		-	Operações numéricas e estimação	25		
		-	Geometria e trigonometria		50	
		-	Padrões, funções e álgebra		25	
		-	Funções, limites e cálculo diferencial			50
	Direito	-	Ordem jurídica, fontes de Direito, sujeitos e relação jurídica	25		
		-	Contratos e garantias		25	
		-	Sociedades comerciais		25	
		-	Títulos de crédito e operações bancárias			25
	Economia	-	Agentes económicos e actividades económicas	25		
		-	Funcionamento da actividade económica	25		
		-	Estado como regulador da actividade económica		25	
		-	Economia portuguesa em contexto internacional			25

* Pode optar-se pelo desenvolvimento de outra língua estrangeira, que se revele mais interessante do ponto de vista das necessidades do mercado de trabalho, tendo por base os mesmos conteúdos e objectivos/competências a adquirir.

Componentes de Formação	Domínios de Formação	UFCD		Períodos de Formação (Horas) 1.º	2.º	3.º
Tecnológica Duração: 850 horas (Inclui a carga horária, de 50 horas, respeitante às UFCD da Bolsa)	Tecnologias Específicas	0649	Estrutura e comunicação organizacional	50		
		0653	Arquivo - organização e manutenção	25		
		0567	Noções de fiscalidade	25		
		0568	Imposto sobre o valor acrescentado (IVA)	50		
		0563	Legislação comercial	25		
		0670	Contrato de compra e venda	25		
		0668	Ficheiros de armazém e contas correntes	25		
		0578	Médias, percentagens e proporcionalidades	25		
		0580	Cálculo financeiro e actuarial	50		
		6214	Sistema de Normalização Contabilística	25		
		0575	Imposto sobre o rendimento (IRS)		50	
		0576	Imposto sobre o rendimento (IRC)		50	
		0577	Impostos sobre o património		25	
		0678	Recursos humanos – processamento de vencimentos		25	
		0675	Sistema de segurança social		25	
		6215	Código de contas e normas contabilísticas		50	
		6216	Modelos de demonstrações financeiras		50	
		6736	Recursos humanos - relatório único			25
		0574	Encerramento anual de contas			50
		6219	Tratamento informatizado de documentos contabilísticos			50
		6218	Gastos de produção			50
		0584	Sistemas de custeio			25
		Bolsa de UFCD **(seleccionar, obrigatoriamente, UFCD com uma carga horária total de 50 horas) ****				

Componentes de Formação	Domínios de Formação		Períodos de Formação (Horas) 1.º	2.º	3.º
Prática Duração: 1100 horas	**Contexto de Trabalho**	Ver orientações para o desenvolvimento desta componente de formação.	200	400	500
		Duração/Período de formação	1025 a 1075	1050 a 1075	1000 a 1050
		Duração total	3125		

** Para efeitos de qualificação em **Técnico/a Contabilidade** é obrigatória a frequência de um conjunto de UFCD, disponíveis na **Bolsa de UFCD** do respectivo **referencial de formação**, constante do CNQ, com uma carga horária total de **50 horas**. Estas UFCD devem ser **seleccionadas** em função das necessidades do mercado de trabalho da região e da especificidade técnica das entidades de apoio à alternância, onde decorre a formação prática em contexto de trabalho, **respeitando sempre as cargas horárias definidas para cada período de formação**. Assim, neste caso, a **carga horária das UFCD da Bolsa não deverá exceder**, no 2.º período de formação, as **25 horas**.

Aprendizagem

Área de formação	**344. Contabilidade e Fiscalidade**
Itinerário de formação	**Contabilidade e Gestão**
Saída profissional	**Técnico/a de Contabilidade**
Nível de formação	**3**

Componente de Formação Prática em Contexto de Trabalho

Orientações para o desenvolvimento

A **Componente de Formação Prática em Contexto de Trabalho** (FPCT) visa o **desenvolvimento** e a **aquisição** de conhecimentos e competências técnicas, relacionais e organizacionais **relevantes para o exercício da actividade profissional**.

Esta componente, realizada numa entidade enquadradora, tem como **objectivos**, proporcionar:

- A realização de novas aprendizagens e o contacto com tecnologias e técnicas que se encontram para além das situações simuláveis durante a formação;
- Oportunidade de aplicação dos conhecimentos adquiridos a actividades concretas em contexto real de trabalho;
- Desenvolvimento de hábitos de trabalho, espírito empreendedor e sentido de responsabilidade profissional;
- Vivências inerentes às relações humanas no trabalho;
- Conhecimento da organização empresarial.

A **FPCT** pressupõe, assim, que o seu desenvolvimento se processe num quadro de **interactividade** e de **complementaridade** com as **restantes componentes e contextos de formação**.

Neste sentido, para além da **consolidação das aprendizagens realizadas em contexto de formação**, esta componente **deve garantir**, igualmente, a **aquisição de novas aprendizagens**, traduzidas nos resultados de aprendizagem abaixo identificados, que concorram, de forma efectiva, para o **cumprimento do perfil associado a esta saída profissional**.

Resultados de Aprendizagem da FPCT

- Executa documentos comerciais em suporte informático.
- Utiliza uma aplicação informática da área de gestão de pessoal.
- Aplica métodos e técnicas de análise financeira e de gestão orçamental como ferramentas para a gestão das empresas.
- Elabora orçamentos e analisa desvios orçamentais.
- Aplica os princípios de auditoria que permitam a verificação das contas e o controlo interno da organização.
- Calcula os gastos directos, indirectos, reais, variáveis, fixos e semi-variáveis.



Área de formação	**341. Comércio**
Itinerário de formação	**Técnicas de Logística**
Saída profissional	**Técnico/a de Logística**
Nível de formação	**3**

Plano Curricular Plano Curricular Plano Curricular

Componentes de Formação	Domínios de Formação	UFCD		Períodos de Formação (Horas) 1.º	2.º	3.º
Sociocultural Duração: 775 horas	Viver em português	-	Portugal e a Europa	50		
		-	Os media hoje	25		
		-	Portugal e a sua História	25		
		-	Ler a imprensa escrita		25	
		-	A literatura do nosso tempo		50	
		-	Mudanças profissionais e mercado de trabalho		25	
		-	Diversidade linguística e cultural			25
		-	Procurar emprego			50
	Comunicar em língua inglesa*	-	Ler documentos informativos	25		
		-	Conhecer os problemas do mundo actual	50		
		-	Viajar na Europa	25		
		-	Escolher uma profissão/mudar de actividade			25
		-	Debater os direitos e deveres dos cidadãos			25
		-	Realizar uma exposição sobre as instituições internacionais		50	
	Mundo actual	-	O homem e o ambiente	25		
		-	Publicidade: um discurso de sedução	25		
		-	Mundo actual – tema opcional		25	
		-	Uma nova ordem económica mundial			25
	Desenvolvimento social e pessoal	-	Higiene e prevenção no trabalho	50		
		-	Promoção da saúde		25	
		-	Culturas, etnias e diversidades			25
	TIC	0755	Processador de texto – funcionalidades avançadas	25		
		0767	Internet - navegação	25		
		0757	Folha de cálculo – funcionalidades avançadas		25	
		0792	Criação de páginas para a Web em hipertexto			25
Científica Duração: 400 horas	Matemática e realidade	-	Organização, análise da informação e probabilidades	50		
		-	Operações numéricas e estimação	25		
		-	Geometria e trigonometria		50	
		-	Padrões, funções e álgebra		25	
		-	Funções, limites e cálculo diferencial			50
	Economia	-	Agentes económicos e actividades económicas	25		
		-	Funcionamento da actividade económica		25	
		-	Estado como regulador da actividade económica			25
		-	Economia portuguesa em contexto internacional			25
	Psicologia	-	Psicologia, desenvolvimento humano, percurso de vida e comportamento	25		
		-	Domínio intrapessoal da cognição, emoção e motivação	25		
		-	Dinâmica de grupos, relações interpessoais, socialização e contextos		50	

* Pode optar-se pelo desenvolvimento de outra língua estrangeira, que se revele mais interessante do ponto de vista das necessidades do mercado de trabalho, tendo por base os mesmos conteúdos e objectivos/competências a adquirir.

Componentes de Formação	Domínios de Formação	UFCD		Períodos de Formação (Horas)		
				1.º	2.º	3.º
Tecnológica Duração: 800 horas	Tecnologias Específicas	0473	Logística - conceitos e fundamentos	25		
		0474	Novas tecnologias aplicadas à logística	50		
		0475	Propriedade e gestão dos recursos	50		
		0476	Sistemas de qualidade e segurança	50		
		0477	Planos estratégicos e operacionais	50		
		0478	*Purchasing*	50		
		0491	Sistemas logísticos - processos de melhoria	25		
		0479	*Benchmarking*		50	
		0480	Sistemas de encomenda		50	
		0481	Sistemas de controlo e de gestão de *stocks*		50	
		0482	Política de armazenagem		50	
		0484	Sistemas informáticos na gestão de armazéns		25	
		0486	Língua inglesa - gestão de *stocks* e armazéns		25	
		0487	*Customer service*			50
		0488	Relacionamento interpessoal e negociação			50
		0490	*Tableaux de board*			50
		0492	Gestão da equipa logística			50
		0493	Língua inglesa - informação, coordenação e controlo			50

Componentes de Formação	Domínios de Formação		Períodos de Formação (Horas)		
			1.º	2.º	3.º
Prática Duração: 1100 horas	**Contexto de Trabalho**	Ver orientações para o desenvolvimento desta componente de formação.	200	400	500
		Duração/Período de formação	1000	1025	1050
		Duração total	3075		



Área de formação	**341. Comércio**
Itinerário de formação	**Técnicas de Logística**
Saída profissional	**Técnico/a de Logística**
Nível de formação	**3**

Componente de Formação Prática em Contexto de Trabalho

Orientações para o desenvolvimento

A **Componente de Formação Prática em Contexto de Trabalho** (FPCT) visa o **desenvolvimento** e a **aquisição** de conhecimentos e competências técnicas, relacionais e organizacionais **relevantes para o exercício da actividade profissional**.

Esta componente, realizada numa entidade enquadradora, tem como **objectivos**, proporcionar:

- A realização de novas aprendizagens e o contacto com tecnologias e técnicas que se encontram para além das situações simuláveis durante a formação;
- Oportunidade de aplicação dos conhecimentos adquiridos a actividades concretas em contexto real de trabalho;
- Desenvolvimento de hábitos de trabalho, espírito empreendedor e sentido de responsabilidade profissional;
- Vivências inerentes às relações humanas no trabalho;
- Conhecimento da organização empresarial.

A **FPCT** pressupõe, assim, que o seu desenvolvimento se processe num quadro de **interactividade** e de **complementaridade** com as **restantes componentes e contextos de formação**.

Neste sentido, para além da **consolidação das aprendizagens realizadas em contexto de formação**, esta componente **deve garantir**, igualmente, a **aquisição de novas aprendizagens**, traduzidas nos resultados de aprendizagem abaixo identificados, que concorram, de forma efectiva, para o **cumprimento do perfil associado a esta saída profissional**.

Resultados de Aprendizagem da FPCT

- Descreve a organização do espaço do armazém, maximizando a sua funcionalidade e minimizando os custos e tempos das operações logísticas.
- Identifica os diferentes equipamentos de manuseamento de mercadorias e selecciona os mais adequados.
- Identifica e descreve os processos críticos na expedição de mercadorias.
- Avalia a importância da embalagem logística e selecciona o tipo de embalagem mais adequada a cada produto e operação logística.
- Descreve os principais aspectos inerentes à gestão dos transportes da mercadoria.
- Aplica o sistema de informação logístico para a optimização do ciclo da encomenda.

INSTITUTO DO EMPREGO E FORMAÇÃO PROFISSIONAL, IP



Área de formação	**346. Secretariado e Trabalho Administrativo**
Itinerário de formação	**Técnicas Administrativas**
Saída profissional	**Técnico/a Administrativo/a**
Nível de formação	**3**

Plano Curricular Plano Curricular Plano Curricular

Componentes de Formação	Domínios de Formação	UFCD		Períodos de Formação (Horas) 1.º	2.º	3.º
Sociocultural	Viver em português	-	Portugal e a Europa	50		
		-	Os media hoje	25		
		-	Portugal e a sua História	25		
		-	Ler a Imprensa escrita		25	
		-	A literatura do nosso tempo		50	
		-	Mudanças profissionais e mercado de trabalho		25	
		-	Diversidade linguística e cultural			25
		-	Procurar emprego			50
Duração: 775 horas	Comunicar em língua inglesa*	-	Ler documentos informativos	25		
		-	Conhecer os problemas do mundo actual	50		
		-	Viajar na Europa	25		
		-	Escolher uma profissão/mudar de actividade			25
		-	Debater os direitos e deveres dos cidadãos			25
		-	Realizar uma exposição sobre as instituições internacionais		50	
	Mundo actual	-	O homem e o ambiente	25		
		-	Publicidade: um discurso de sedução	25		
		-	Mundo actual – tema opcional		25	
		-	Uma nova ordem económica mundial			25
	Desenvolvimento social e pessoal	-	Higiene e prevenção no trabalho	50		
		-	Promoção da saúde		25	
		-	Culturas, etnias e diversidades			25
	TIC	0755	Processador de texto – funcionalidades avançadas	25		
		0767	Internet - navegação	25		
		0757	Folha de cálculo – funcionalidades avançadas		25	
		0792	Criação de páginas para a Web em hipertexto			25
Científica	Matemática e realidade	-	Organização, análise da informação e probabilidades	50		
		-	Operações numéricas e estimação	25		
		-	Geometria e trigonometria		50	
		-	Padrões, funções e álgebra		25	
		-	Funções, limites e cálculo diferencial			50
Duração: 400 horas	Psicologia e sociologia	-	Domínio intrapessoal da cognição, emoção e motivação	25		
		-	Dinâmica de grupos, relações interpessoais, socialização e contextos		50	
		-	Processo de socialização e identidade cultural			25
	Economia	-	Agentes económicos e actividades económicas	25		
		-	Funcionamento da actividade económica	25		
		-	Estado como regulador da actividade económica		25	
		-	Economia portuguesa em contexto internacional			25

* Pode optar-se pelo desenvolvimento de outra língua estrangeira, que se revele mais interessante do ponto de vista das necessidades do mercado de trabalho, tendo por base os mesmos conteúdos e objectivos/competências a adquirir.

Componentes de Formação	Domínios de Formação	UFCD		Períodos de Formação (Horas) 1.º	2.º	3.º
Tecnológica Duração: 950 horas (inclui a carga horária, de 100 horas, respeitante às UFCD da Bolsa)	Tecnologias Específicas	0563	Legislação comercial	25		
		0649	Estrutura e comunicação organizacional	50		
		0651	Técnicas de digitação	50		
		0656	Técnicas documentais em língua portuguesa	50		
		0658	Língua inglesa - comunicação administrativa	50		
		0659	Língua inglesa - documentação comercial	50		
		0661	Circuito documental da organização	25		
		6214	Sistema de Normalização Contabilística	25		
		6225	Técnicas de normalização documental	25		
		0666	Noções básicas de fiscalidade e impostos sobre o consumo		50	
		0668	Ficheiros de armazém e contas correntes		25	
		0670	Contrato de compra e venda		25	
		0672	Gestão económica das compras		25	
		0674	Função pessoal - legislação laboral		25	
		1602	Gestão de reclamações e conflitos com clientes/fornecedores		50	
		6222	Introdução ao código de contas e normas contabilísticas		25	
		6223	Direito aplicado às empresas - algumas especificidades		25	
		6227	Tributação das pessoas colectivas (IRC)		25	
		0673	Controlo de tesouraria			25
		0675	Sistema de segurança social			25
		0676	Legislação fiscal na função pessoal			25
		0677	Recursos humanos - processos de recrutamento, selecção e admissão			25
		0678	Recursos humanos – processamento de vencimentos			25
		0679	Recursos humanos - balanço social			25
		0680	Recursos humanos - mapas de pessoal			25
		6216	Modelos de demonstrações financeiras			50
		Bolsa de UFCD **(seleccionar, obrigatoriamente, UFCD com uma carga horária total de 100 horas) ****				

Componentes de Formação	Domínios de Formação		Períodos de Formação (Horas) 1.º	2.º	3.º
Prática Duração: 1100 horas	**Contexto de Trabalho**	Ver orientações para o desenvolvimento desta componente de formação.	200	400	500
		Duração/Período de formação	1050 a 1100	1050 a 1075	1025 a 1100
		Duração total	3225		

** Para efeitos de qualificação em **Técnico/a Administrativo/a** é obrigatória a frequência de um conjunto de UFCD, disponíveis na **Bolsa de UFCD do respectivo referencial de formação**, constante do **CNQ**, com uma carga horária total de **100 horas**. Estas UFCD devem ser **seleccionadas** em função das necessidades do mercado de trabalho da região e da especificidade técnica das entidades de apoio à alternância, onde decorre a formação prática em contexto de trabalho, **respeitando sempre as cargas horárias definidas para cada período de formação**. Assim, neste caso, **a carga horária das UFCD da Bolsa não deverá exceder**, para cada período de formação, respectivamente, **as 50, 25 e 75 horas**.



Área de formação	**346. Secretariado e Trabalho Administrativo**
Itinerário de formação	**Técnicas Administrativas**
Saída profissional	**Técnico/a Administrativo/a**
Nível de formação	**3**

Componente de Formação Prática em Contexto de Trabalho

Orientações para o desenvolvimento

A **Componente de Formação Prática em Contexto de Trabalho** (FPCT) visa o **desenvolvimento** e a **aquisição** de conhecimentos e competências técnicas, relacionais e organizacionais **relevantes para o exercício da actividade profissional**.

Esta componente, realizada numa entidade enquadradora, tem como **objectivos**, proporcionar:

- A realização de novas aprendizagens e o contacto com tecnologias e técnicas que se encontram para além das situações simuláveis durante a formação;
- Oportunidade de aplicação dos conhecimentos adquiridos a actividades concretas em contexto real de trabalho;
- Desenvolvimento de hábitos de trabalho, espírito empreendedor e sentido de responsabilidade profissional;
- Vivências inerentes às relações humanas no trabalho;
- Conhecimento da organização empresarial.

A **FPCT** pressupõe, assim, que o seu desenvolvimento se processe num quadro de **interactividade** e de **complementaridade** com as **restantes componentes e contextos de formação**.

Neste sentido, para além da **consolidação das aprendizagens realizadas em contexto de formação**, esta componente **deve garantir**, igualmente, a **aquisição de novas aprendizagens**, traduzidas nos resultados de aprendizagem abaixo identificados, que concorram, de forma efectiva, para o **cumprimento do perfil associado a esta saída profissional**.

Resultados de Aprendizagem da FPCT

- Executa documentos comerciais em suporte informático.
- Aplica as regras de funcionamento do arquivo, de acordo com as técnicas de tratamento de informação documental.
- Identifica, executa e gere ficheiros.
- Utiliza uma aplicação informática de contabilidade.
- Utiliza ferramentas electrónicas na gestão documental.
- Aplica técnicas de comunicação eficaz em situação de acolhimento de público interno e externo, em contexto presencial, telefónico e assíncrono.
- Automatiza tarefas de edição e elaboração de documentos.
- Efectua impressões em série.
- Elabora e utiliza macros e formulários.



Área de formação	**811. Hotelaria e Restauração**
Itinerário de formação	**Técnicas de Mesa-Bar**
Saída profissional	**Técnico/a de Mesa-Bar**
Nível de formação	**3**

Plano Curricular Plano Curricular Plano Curricular

Componentes de Formação	Domínios de Formação	UFCD		Períodos de Formação (Horas) 1.º	2.º	3.º
Sociocultural	Viver em português	-	Portugal e a Europa	50		
		-	Os media hoje	25		
		-	Portugal e a sua História	25		
		-	Ler a Imprensa escrita		25	
		-	A literatura do nosso tempo		50	
		-	Mudanças profissionais e mercado de trabalho		25	
		-	Diversidade linguística e cultural			25
		-	Procurar emprego			50
Duração: 775 horas	Comunicar em língua inglesa *	-	Ler documentos informativos	25		
		-	Conhecer os problemas do mundo actual	50		
		-	Viajar na Europa	25		
		-	Escolher uma profissão/mudar de actividade			25
		-	Debater os direitos e deveres dos cidadãos			25
		-	Realizar uma exposição sobre as instituições internacionais		50	
	Mundo actual	-	O homem e o ambiente	25		
		-	Publicidade: um discurso de sedução	25		
		-	Mundo actual – tema opcional		25	
		-	Uma nova ordem económica mundial			25
	Desenvolvimento social e pessoal	-	Higiene e prevenção no trabalho	50		
		-	Promoção da saúde		25	
		-	Culturas, etnias e diversidades			25
	TIC	0755	Processador de texto – funcionalidades avançadas	25		
		0767	Internet - navegação	25		
		0757	Folha de cálculo – funcionalidades avançadas		25	
		0792	Criação de páginas para a Web em hipertexto			25
Científica	Matemática e realidade	-	Organização, análise da informação e probabilidades	50		
		-	Operações numéricas e estimação	25		
		-	Geometria e trigonometria		50	
		-	Padrões, funções e álgebra		25	
		-	Funções, limites e cálculo diferencial			50
Duração: 400 horas	Francês **	-	Informação e actualidade	25		
		-	Vida quotidiana		25	
		-	Divulgação de um produto/serviço			25
		-	Diversidade cultural			25
	Psicologia	-	Dinâmica de grupos, relações interpessoais, socialização e contextos	50		
		-	Diferença de comportamento e diferença de intervenção		50	

* Pode optar-se pelo desenvolvimento de outra língua estrangeira, que se revele mais interessante do ponto de vista das necessidades do mercado de trabalho, tendo por base os mesmos conteúdos e objectivos/competências a adquirir.

** Pode optar-se pelo desenvolvimento de língua inglesa, sempre que as necessidades regionais ou locais o justifiquem.

INSTITUTO DO EMPREGO E FORMAÇÃO PROFISSIONAL, I.P.



Área de formação	**811. Hotelaria e Restauração**
Itinerário de formação	**Técnicas de Mesa-Bar**
Saída profissional	**Técnico/a de Mesa-Bar**
Nível de formação	**3**

Plano Curricular Plano Curricular Plano Curricular

Componentes de Formação	Domínios de Formação	UFCD		Períodos de Formação (Horas) 1.º	2.º	3.º
Sociocultural		-	Portugal e a Europa	50		
		-	Os media hoje	25		
Duração: 775 horas		-	Portugal e a sua História	25		
	Viver em português	-	Ler a Imprensa escrita		25	
		-	A literatura do nosso tempo		50	
		-	Mudanças profissionais e mercado de trabalho		25	
		-	Diversidade linguística e cultural			25
		-	Procurar emprego			50
	Comunicar em língua inglesa *	-	Ler documentos informativos	25		
		-	Conhecer os problemas do mundo actual	50		
		-	Viajar na Europa	25		
		-	Escolher uma profissão/mudar de actividade			25
		-	Debater os direitos e deveres dos cidadãos			25
		-	Realizar uma exposição sobre as instituições internacionais		50	
	Mundo actual	-	O homem e o ambiente	25		
		-	Publicidade: um discurso de sedução	25		
		-	Mundo actual – tema opcional		25	
		-	Uma nova ordem económica mundial			25
	Desenvolvimento social e pessoal	-	Higiene e prevenção no trabalho	50		
		-	Promoção da saúde		25	
		-	Culturas, etnias e diversidades			25
	TIC	0755	Processador de texto – funcionalidades avançadas	25		
		0767	Internet - navegação	25		
		0757	Folha de cálculo – funcionalidades avançadas		25	
		0792	Criação de páginas para a Web em hipertexto			25
Científica		-	Organização, análise da informação e probabilidades	50		
	Matemática e realidade	-	Operações numéricas e estimação	25		
Duração: 400 horas		-	Geometria e trigonometria		50	
		-	Padrões, funções e álgebra		25	
		-	Funções, limites e cálculo diferencial			50
	Francês **	-	Informação e actualidade	25		
		-	Vida quotidiana		25	
		-	Divulgação de um produto/serviço			25
		-	Diversidade cultural			25
	Psicologia	-	Dinâmica de grupos, relações interpessoais, socialização e contextos	50		
		-	Diferença de comportamento e diferença de intervenção		50	

* Pode optar-se pelo desenvolvimento de outra língua estrangeira, que se revele mais interessante do ponto de vista das necessidades do mercado de trabalho, tendo por base os mesmos conteúdos e objectivos/competências a adquirir.

** Pode optar-se pelo desenvolvimento da língua inglesa, sempre que as necessidades regionais ou locais o justifiquem.

Componentes de Formação	Domínios de Formação	UFCD		Períodos de Formação (Horas)		
				1.º	2.º	3.º
Tecnológica Duração: 1000 horas	Tecnologias Específicas	3296	Higiene e segurança alimentar	25		
		3297	Sistema HACCP *(Hazard Analysis and Critical Control points)*	25		
		3308	Cuidados básicos de saúde	25		
		3328	Princípios da nutrição	25		
		4210	Organização e gestão da mesa/bar	50		
		4211	Preparação do serviço de mesa/bar	50		
		4213	Normas técnicas e protocolares de atendimento no serviço de mesa/bar	25		
		3804	Atendimento e gestão de reclamações	50		
		3331	Informação turística e hoteleira	25		
		3333	Preparação e serviço de aperitivos sólidos, refeições ligeiras e produtos de cafetaria	50		
		4214	Língua inglesa no serviço de mesa/bar	25		
		4215	Língua francesa no serviço de mesa/bar	25		
		4212	Comunicação interpessoal		25	
		3337	Serviço de vinhos		25	
		3339	Serviço de aperitivos, entradas e bebidas diversas		50	
		3340	Serviço de pratos principais e bebidas de acompanhamento		50	
		3341	Serviço de sobremesas e respectivas bebidas		50	
		3369	Preparação e serviço de bebidas compostas do tipo *short drinks*		50	
		3370	Preparação e serviço de bebidas compostas do tipo *hot drinks*		50	
		3298	Gestão da qualidade			25
		3348	Arte culinária			25
		3349	Confecções em sala - entradas			25
		3350	Confecções em sala – pratos de peixe e marisco			25
		3351	Confecções em sala – pratos de carne			25
		3352	Confecções em sala – sobremesas doces e frutas			25
		3353	Preparação e serviço de pequenos-almoços e serviço de alimentos e bebidas em room-service			25
		3354	Serviço de banquetes			25
		3355	Serviço de *buffets*			25
		3356	Serviços volantes			25
		4217	Implementação de práticas de gestão de recursos humanos			25
		4218	Documentação laboral e comercial			25

Componentes de Formação	Domínios de Formação		Períodos de Formação (Horas)		
			1.º	2.º	3.º
Prática Duração: 1100 horas	**Contexto de Trabalho**	Ver orientações para o desenvolvimento desta componente de formação.	200	400	500
		Duração/Período de formação	1100	1075	1100
		Duração total	3275		



Área de formação	**811. Hotelaria e Restauração**
Itinerário de formação	**Técnicas de Mesa-Bar**
Saída profissional	**Técnico/a de Mesa-Bar**
Nível de formação	**3**

Componente de Formação Prática em Contexto de Trabalho

Orientações para o desenvolvimento

A **Componente de Formação Prática em Contexto de Trabalho** (FPCT) visa o **desenvolvimento** e a **aquisição** de conhecimentos e competências técnicas, relacionais e organizacionais **relevantes para o exercício da actividade profissional**.

Esta componente, realizada numa entidade enquadradora, tem como **objectivos**, proporcionar:

- A realização de novas aprendizagens e o contacto com tecnologias e técnicas que se encontram para além das situações simuláveis durante a formação;
- Oportunidade de aplicação dos conhecimentos adquiridos a actividades concretas em contexto real de trabalho;
- Desenvolvimento de hábitos de trabalho, espírito empreendedor e sentido de responsabilidade profissional;
- Vivências inerentes às relações humanas no trabalho;
- Conhecimento da organização empresarial.

A **FPCT** pressupõe, assim, que o seu desenvolvimento se processe num quadro de **interactividade** e de **complementaridade** com as **restantes componentes e contextos de formação**.

Neste sentido, para além da **consolidação das aprendizagens realizadas em contexto de formação**, esta componente **deve garantir**, igualmente, a **aquisição de novas aprendizagens**, traduzidas nos resultados de aprendizagem abaixo identificados, que concorram, de forma efectiva, para o **cumprimento do perfil associado a esta saída profissional**.

Resultados de Aprendizagem da FPCT

- Efectua requisições, controlo de custos e factura e cobra serviços prestados.
- Prepara/confecciona, apresenta e serve bebidas compostas do tipo *long drinks*.
- Prepara/confecciona, apresenta e serve bebidas compostas do tipo *médium drinks*.
- Organiza e gere equipas de trabalho.

INSTITUTO DO EMPREGO E FORMAÇÃO PROFISSIONAL, I.P.



Área de formação	**815. Cuidados de Beleza**
Itinerário de formação	**Técnicas de Esteticismo-Cosmetologia**
Saída profissional	**Esteticista-Cosmetologista**
Nível de formação	**3**

Plano Curricular Plano Curricular Plano Curricular

Componentes de Formação	Domínios de Formação	UFCD		Períodos de Formação (Horas)		
				1.º	2.º	3.º
Sociocultural	Viver em português	-	Portugal e a Europa	50		
Duração: 775 horas		-	Os media hoje	25		
		-	Portugal e a sua História	25		
		-	Ler a Imprensa escrita		25	
		-	A literatura do nosso tempo		50	
		-	Mudanças profissionais e mercado de trabalho		25	
		-	Diversidade linguística e cultural			25
		-	Procurar emprego			50
	Comunicar em língua inglesa*	-	Ler documentos informativos	25		
		-	Conhecer os problemas do mundo actual	50		
		-	Viajar na Europa	25		
		-	Escolher uma profissão/mudar de actividade			25
		-	Debater os direitos e deveres dos cidadãos			25
		-	Realizar uma exposição sobre as instituições internacionais		50	
	Mundo actual	-	O homem e o ambiente	25		
		-	Publicidade: um discurso de sedução	25		
		-	Portugal: do autoritarismo à democracia		25	
		-	Uma nova ordem económica mundial			25
	Desenvolvimento social e pessoal	-	Higiene e prevenção no trabalho	50		
		-	Promoção da saúde		25	
		-	Culturas, etnias e diversidades			25
	TIC	0755	Processador de texto – funcionalidades avançadas	25		
		0767	Internet - navegação	25		
		0757	Folha de cálculo – funcionalidades avançadas		25	
		0792	Criação de páginas para a Web em hipertexto			25
Científica	Matemática e realidade	-	Organização, análise da informação e probabilidades	50		
Duração: 400 horas		-	Operações numéricas e estimação	25		
		-	Geometria e trigonometria		50	
		-	Padrões, funções e álgebra		25	
		-	Funções, limites e cálculo diferencial			50
	Biologia	-	Renovação celular	50		
		-	Hereditariedade		25	
		-	Interacções com microrganismos		25	
	Psicologia	-	Psicologia, desenvolvimento humano, percurso de vida e comportamento	25		
		-	Domínio intrapessoal da cognição, emoção e motivação		25	
		-	Dinâmica de grupos, relações interpessoais, socialização e contextos			50

* Pode optar-se pelo desenvolvimento de outra língua estrangeira, que se revele mais interessante do ponto de vista das necessidades do mercado de trabalho, tendo por base os mesmos conteúdos e objectivos/competências a adquirir.

Componentes de Formação	Domínios de Formação	UFCD		Períodos de Formação (Horas)		
				1.º	2.º	3.º
Tecnológica Duração: 1000 horas	Tecnologias Específicas	3618	Ética e deontologia profissional e relações interpessoais	50		
		3619	Legislação e regulamentação da profissão	25		
		3620	Anatomia	50		
		3621	Fisiologia	25		
		3622	Química fisiológica	50		
		3623	Dermocosmética	50		
		3626	Ergonomia, higiene e segurança	50		
		3564	Primeiros socorros	25		
		3628	Técnicas de depilação	50		
		3629	Manutenção de equipamentos	25		
		3630	Língua francesa - francês técnico		50	
		3631	Elementos básicos de desenho - cosmetologia		50	
		3632	Recepção e instalação do cliente		25	
		3633	Técnicas faciais		50	
		3635	Fisioestética – massagem		25	
		3636	Fisioestética – electrologia		50	
		3637	Fisioestética – hidroterapia		25	
		3639	Anatomia/fisiologia do sistema venolinfático		25	
		3638	Cosmética aplicada ao esteticismo			50
		3640	Dietética			50
		3641	Técnicas de massagem – manobras, execução e efeitos			50
		3643	Electrologia aplicada aos cuidados corporais			50
		3587	Reflexologia			50
		3649	Técnicas de gestão, *marketing* e vendas			50

Componentes de Formação	Domínios de Formação		Períodos de Formação (Horas)		
			1.º	2.º	3.º
Prática Duração: 1500 horas	**Contexto de Trabalho**	Ver orientações para o desenvolvimento desta componente de formação.	300	550	650
		Duração/Período de formação	1200	1225	1250
		Duração total	3675		

Anexo 4 – Cronograma do estágio

FASES DA INVESTIGAÇÃO	2011				2012						
	set.	out.	nov.	dez.	jan.	fev.	mar.	abr.	maio	jun.	jul.
1ª Fase: Enquadramento Teórico ▪ Escolha definitiva do tema ▪ Pesquisa bibliográfica ▪ Formulação da questão de partida											
2ª Fase: Exploração ▪ Pesquisa da população alvo e contatos exploratórios ▪ Recolha e análise de documentos											
3ª Fase: Redação do projecto de pesquisa ▪ Preparação dos instrumentos de recolha ▪ Aplicação dos instrumentos[52] ▪ Explicitação e definição do objeto de estudo ▪ Construção do modelo de análise, das hipóteses, de conceitos e indicadores											
4ª Fase: Recolha dos dados (Esta recolha de informação será agendada de acordo com a disponibilidade dos indivíduos) ▪ Organizar os dispositivos de pesquisa											
5ª Fase: Análise dos dados ▪ Tratamento dos dados recolhidos ▪ Interpretação dos resultados											
6ª Fase: Redacção conclusiva da dissertação ▪ Discussão dos resultados ▪ Conclusões da investigação											
7ª Fase: Revisão final e entrega do relatório de estágio											

[52] Relativamente à aplicação dos instrumentos, como se pretende explorar as expetativas (iniciais e do continuum) e a satisfação dos formandos, será aplicado em meses distintos.

Anexo 5 – Questionários em série

Questionário aos novos formandos (série 1)

Questionário nº:_____
Data: __/__/_____

Pretende-se com este pequeno questionário apurar as tuas expectativas e os interesses iniciais perante este novo ciclo de aprendizagem.

Para garantir o teu anonimato peço-te que não indiques o teu nome. Agradeço a tua colaboração pois o teu contributo é muito importante para uma investigação científica-académica que se está a decorrer.

1. **Quais são as tuas expetativas para esta nova etapa formativa?**

_____
_____
_____

2. **Quais são os teus interesses ao nível da formação?**

_____
_____
_____

3. **E os objetivos?**

_____
_____
_____

4. **O que te imaginas a fazer num futuro próximo?**

_____
_____
_____

Questionário aos novos formandos (série 2)

Questionário nº:_____
Data: __/__/_____

Na sequência da série 1 do "questionário aos novos formandos", relembro-te que se pretende apurar as tuas expectativas e os interesses perante este novo ciclo de aprendizagem.

Para garantir o teu anonimato peço-te que não indiques o teu nome. Agradeço a tua colaboração pois o teu contributo é muito importante para uma investigação científica-académica que se está a decorrer.

1. **As expetativas com que iniciaste este curso no Serviço de Aprendizagem ainda se mantêm ou alteraram-se? Justifica a tua resposta.**

_____
_____
_____
_____

2. **Estás a gostar do curso que frequentas? Quais os principais aspetos positivos e negativos que apontas?**

_____
_____
_____
_____

3. **Como descreves a relação e o funcionamento desta instituição em comparação com a tua antiga escola? Aconselhas aos teus amigos?**

_____
_____
_____
_____

4. **Sentes-te motivado(a) e com vontade para continuares esta formação? O teu curso identifica-se com as tuas escolhas, e com os teus gostos?**

_____
_____

Anexo 6 – Grelha de registo para a observação da turma

Formação, Certificação e Trajetórias Profissionais Futuras: que (co)relação? – O caso do Serviço de Aprendizagem da Formação da Juventude

Paulo Almeida Franco – pauloalmeidafranco@gmail.com

A. O cenário sala de aula

Elementos:	
A. O cenário sala de aula	
A1. Disposição das mesas na sala de aula, espaço físico e disposição dos materiais	
A2. Grupos de pares, sociabilidades e interação entre formador-formandos	
B. Os formandos e a sala de aula	
B1. Comportamento dos formandos nos diferentes módulos e formadores, e comparar em diferentes contextos (diferentes módulos, em avaliação, exposição oral, situações de resposta)	
C. Relação entre formadores e formandos	
C1. Forma de estar e atuar dos formandos	
C2. Clima e tipo de intervenção dominante	

C3. Analisar o *feedback* formador-formando	
D. O valor do silêncio	
D1. Tipos de silêncio	
D2. Diferentes formas do formador solicitar o silêncio	
D3. Momento em que os formandos fazem mais barulho, e "percentagem" em que os formandos mais brincam/trabalham e trabalham/estão atentos	
E. Contestar os formadores	
E1. (Des)Autorização dos formadores	
E2. Circunstâncias em que os formandos levantam a voz	
F. Adesão aos conteúdos programáticos	
F1. Relação entre os conteúdos programáticos e o interesse e a motivação demonstrados pelos formandos	
F2. Comparar as diferentes técnicas de ensino-aprendizagem aplicadas pelos diferentes formadores e módulos	

G3. Ambiente geral da turma, diálogos paralelos, críticas e troças	
G4. Funcionamento da sala de aula	
H. "A escola fora de aulas"	
H1. Relação dos formandos para com os ambientes externos à sala de aula (e se possível fora da instituição)	
H2. Diferenças de comportamento dos formandos dentro da sala de aula e nos espaços de convívio do Serviço de Aprendizagem (e perceber se este se relaciona com o género, com a idade, com o tema de conversa, ou com outras caraterísticas)	

Outras observações:

Anexo 7 – Grelha para a observação das aulas

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

Serviço de Aprendizagem da Fundação da Juventude

Grelha para a observação de aulas

IDENTIFICAÇÃO DO AVALIADOR
Nome: Paulo Almeida Franco
Grupo de recrutamento: Serviço de Aprendizagem da Fundação da Juventude
IDENTIFICAÇÃO DO AVALIADO
Nome: _____
Módulo: _____
Aula 1: ___/___/_____ Turma: ___/___/____ Hora: _____ Conteúdo programático: _____
Aula 2: ___/___/_____ Turma: ___/___/____ Hora: _____ Conteúdo programático: _____
Aula 3: ___/___/_____ Turma: ___/___/____ Hora: _____ Conteúdo programático: _____

B.2 – Capacidade de comunicação e estímulo do interesse dos alunos pela aprendizagem	**Aula 1**	**Aula 2**	**Aula 3**
Explicitação, de forma clara, das aprendizagens (conteúdos e objetivos) bem como das tarefas a realizar na aula			
Articulação das aprendizagens a realizar com as aprendizagens anteriores			
Correção do trabalho de casa			
Segurança no desenvolvimento dos conteúdos			
Apresentação do saber de forma a suscitar a participação dos alunos			
Movimentação pela sala para cativar a atenção dos alunos			
Expressão oral clara, correta e audível			
Gestão eficaz do tempo			
Totais parciais			
Total do item B.2			

B. 3 – Utilização de recursos inovadores incluindo as tecnologias de informação e comunicação	**Aula 1**	**Aula 2**	**Aula 3**
Adequação dos recursos utilizados aos objetivos e aos conteúdos			
Adequação dos recursos ao nível etário e ao interesse dos alunos			
Utilização de recursos variados			
Utilização de recursos variados			
Utilização de recursos inovadores, incluindo as TIC			
Exploração correta dos recursos utilizados			
Totais parciais			
Total no item B. 3			

B. 4 – Promoção do trabalho autónomo dos alunos e da aquisição de métodos de estudo	**Aula 1**	**Aula 2**	**Aula 3**
Adequação do tempo dado aos alunos para a realização da tarefa proposta			
Favorecimento da troca de informação entre os alunos			
Orientação do trabalho dos alunos com base em instruções precisas, visando a sua concentração e a autonomia na realização de tarefas			
Promoção da aprendizagem de métodos de trabalho e de estudo na realização de actividades			
Diversificação dos modos de organização do trabalho (grupo-turma; trabalho de grupo; trabalho de par; trabalho individual, …)			
Totais parciais			
Total no item B. 4			

Anexo 8 – Elementos a ter em conta na Grelha de Registo (da observação) dos formandos

Elementos a ter em conta na Grelha de Registo (da observação) aos formandos

A. O cenário sala de aula

- Disposição das mesas na sala de aula;
- Analisar os grupos de pares e as socialibilidades entre os formandos;
- Analisar a disposição da mesa do formador comparativamente com a disposição das mesas dos formandos e na posição da sala;
- Disposição dos materiais;
- Analisar a interação entre formador-formandos;

B. Os alunos e a sala de aula

- Analisar o comportamento em diferentes disciplinas (com diferentes formadores);
- Verificar os sentimentos de adesão, rejeição, indiferença, entre outros;
- Comparar o comportamento dos formandos na sala de aula em diferentes contextos (diferentes módulos, diferentes momentos em contexto sala de aula – avaliação, trabalhos, exposição oral, situações de respostas);
- Observar o comportamento de formandos provenientes de vários contextos (por exemplo de ordem geográfica e sócio-familiar), tendo em conta o seu percurso escolar;

C. Relação entre professores e alunos

- Analisar a forma de estar e atuar específica dos formandos (nomeadamente o comportamento e as posturas);
- Verificar o clima que se respira e o tipo de intervenção dominante;
- Analisar o *feedback* formador-formando;

D. O valor do silêncio

- Compreender os vários tipos de silêncio;
- Analisar as diferentes formas de solicitar o silêncio aos formadores;
- Analisar em que momento é que os formandos fazem mais barulho;
- Qual é a "percentagem" em que os formandos mais brincam/falam, e trabalham/estão atentos?

E. Contestar os formadores

- (Des)Autorização dos formadores (os formandos acreditarem no poder do formando);
- Analisar em que circunstâncias os formandos "levantam a voz";

F. Adesão aos conteúdos programáticos

- Relacionar a eventual relação entre os conteúdos programáticos e o interesse e a motivação demonstrados pelos formandos;
- Comparar as diferentes técnicas de ensino-aprendizagem aplicadas pelos diferentes formadores e módulos;
- Analisar a prestação (participação e comportamento) dos formandos para com os respetivos conteúdos programáticos;
- Verificar a presença dos formandos em sala de aula (se se movimenta pela sala, se utiliza o quadro ou outros recursos físicos, se distribui materiais, se incentiva os formandos a participarem nas aulas, se promove a elaboração de atividades);
- Tentar identificar se os objetivos/plano de sessão dos módulos estão a ser cumpridos;

G. Interrelações dos formandos na aula

- Perceber o tipo de relacionamento estabelecido (interações) entre formandos/formador e conteúdos programáticos dos respetivos módulos, como também compreender a teia de relações que se constituíam entre os próprios formandos, enquanto colegas;
- Estreitar ligações extra-aula (em ambientes de lazer da instituição) para analisar as temáticas das conversas entre os formandos, e relacioná-las com os seus cursos;
- Observar se os formandos mantêm uma comunicação durante a aula com o colega do lado, ou se dialoga (perturbando a aula) com a turma em geral;
- Avaliar o ambiente geral da turma, e das suas afinidades entre os formandos e o formador;
- Detetar, se possível, micro-sistemas entre os formandos;
- Analisar se os formandos criticam ou fazem troça quanto à prestação de outros formandos, e também se estes se organizam por género;
- Perceber o funcionamento da sala de aula;

H. "A escola fora das aulas"

- Perceber o relação que os formandos têm para com os ambientes externos à sala de aula, e se possível fora da instituição;
- Analisar as diferenças entre o comportamento dos formandos dentro da sala de aula e os locais de convívio do Serviço de Aprendizagem (e perceber se este se relaciona com o género, com a idade, com o tema de conversa, ou com outras caraterísticas);

Anexo 9 – Exemplos de focos de observação e de questões orientadoras

Exemplos de focos de observação e de questões orientadoras

Organização da sala de aula *	- Como estão dispostas as mesas e as cadeiras? -A que distância uns dos outros se sentam os formandos? E do formador? Os formandos estão agrupados de alguma forma? - Qual é o aspeto da sala de aula? O que está afixado nas paredes? Que recursos estão disponíveis na sala? - Existe muito barulho na sala? Existem interrupções causadas por fatores exteriores? - As cadeiras são confortáveis? Existe suficiente luz e espaço de trabalho na sala de aula? - Os alunos podem escolher os lugares onde se sentam em cada aula?
Gestão da sala de aula *	- Quem define o que se vai fazer na aula? - Este plano é flexível? Qual é a reação do formador e dos formandos quando alguém faz uma pergunta ou aborda um tema diferente do planeado? - Qual é a rotina diária? - Quais são as regras de funcionamento da sala? Quem as define? Como são comunicadas? - Como é que os formandos estão organizados para trabalhar – individualmente, em grande grupo, em pequenos grupos?
Interação na sala de aula *	- Quem fala? Para quem e durante quanto tempo? - Qual é o padrão de interação – fala uma pessoa de cada vez, muitas pessoas ao mesmo tempo, ou um misto? Quem regula este padrão? Como é dada a palavra às pessoas? - Como é que os formandos e o formador falam uns com os outros (interrompendo, partindo do que o outro disse, etc.)? - Sobre o que é que se fala na sala (atividades letivas, experiências pessoais, etc.)? - Com que frequência existem silêncios e como é que o formador e os formandos lidam com eles? - Como é que o formador e os formandos lidam com opiniões diferentes das suas? - Com que frequência existem desacordos? Sobre o quê?
Discurso do formador *	- Como é que o formador felicita os formandos? - Que tipos de perguntas faz o formador (de resposta sim/não, com uma resposta certa, de resposta aberta, etc.)? - A quem é que o formador dirige as perguntas? - O formador dá tempo para os formandos pensarem depois de fazer uma pergunta? - Que tipo de *feedback* dá o formador às perguntas dos formandos? - O formador encoraja ou desencoraja a formulação das perguntas? - Como é que o formador mostra que está a ouvir? - Como é que o formador dá instruções? - Como é que o formador estimula a discussão?
Discurso dos formandos *	- Que tipos de perguntas fazem os formandos? Com que frequência? - Que tipos de resposta dão os formandos? Qual a extensão das suas respostas? - Com que frequência iniciam os formandos um novo tema de conversa ou apresentam opiniões? Que temas e opiniões apresentam?

	- Quem conversa e com que frequência? - Existem diferenças de tempo de conversação de acordo com o género, a origem cultural ou outra variável? - Como é que os formandos reagem ao *feedback* do formador?
Relação entre os formandos – sentimento de comunidade	- Como é que os formandos interagem uns com os outros? - Existe movimento dentro da sala de aula? De que tipo? - Todos os formandos recebem o mesmo tempo de atenção do formador? - Como é que os formandos pedem ajuda (perguntado a um colega, levantando a mão, esperando que o formador se aproxime deles)? - Os formandos ajudam na tomada de decisões acerca das atividades e dos conteúdos das aulas?
Clima de sala de aula	- Os formandos e o formador estão interessados e entusiasmados? - O formador conhece e utiliza os nomes dos formandos? - O humor é usado de forma apropriada? - O formador não inferioriza ou envergonha os formandos? - O formador ouve atentamente os formandos? - O formador estimula a participação e o pensamento de todos os formandos? - Existe um clima de tranquilidade que favorece a aprendizagem? - Existe um clima de colaboração e de entreajuda? - Existe um clima de respeito e de valorização das diferentes opiniões?
Atividades educativas	- As atividades educativas adequam-se aos objetivos propostos? - As atividades educativas são complementares e estão bem articuladas? - A duração das atividades é adequada ao tempo de concentração dos formandos? - Existe diferenciação de atividades de acordo com as necessidades dos formandos? - O formador apresenta aos formandos o tema e os objetivos de cada atividade? - O formador informa os formandos dos critérios de avaliação para cada atividade? - As atividades estimulam a participação e o entusiasmo de todos os formandos? - As explicações são claras para os formandos? - Os exemplos, as metáforas e as analogias são adequadas? - O formador recorre a situações do dia a dia dos formandos para exemplificar os conceitos abordados na aula? - O formador evidencia a relevância das aprendizagens ocorridas nessa aula para a vida quotidiana dos formandos?

* Adaptado de National Center for the Study of Adult Learning and Literacy (1998)

Fonte: Adaptado de Pedro Reis (2011) – "Observação de aulas e avaliação do desempenho docente", Cadernos do CCAP 2, pp.27-28

Anexo 10 – Inquérito por Questionário

INQUÉRITO POR QUESTIONÁRIO

Questionário nº:_____
Data: __/__/_____

O documento surge no âmbito do estágio intitulado *"Formação, Certificação e Trajetórias Profissionais Futuras: que (co)relação? – o caso do Serviço de Aprendizagem da Fundação da Juventude"*, no âmbito do Mestrado em Sociologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Destina-se a um grupo de formandos dos cursos que se encontram a ser lecionados durante o percurso de investigação, no Serviço de Aprendizagem da Fundação da Juventude.

O objetivo deste instrumento prende-se com a análise das expectativas (aspirações, ambições) dos formandos, a relação das escolhas do curso profissional com a vocação e com os objetivos dos formandos, e também a análise da ocupação dos tempos livres.

Este inquérito por questionário é anónimo e não existem respostas certas ou erradas, são todas boas respostas. Agradeço desde já por colaborares neste estudo preenchendo este inquérito, pois o sucesso do meu trabalho depende do teu contributo.

E como tal, solicito a tua sinceridade e atenção para que os resultados traduzam a realidade.

Em cada uma das perguntas, **assinala com um X** a alínea (assinalada a cinzento) que melhor descreve a tua situação, exceto as que têm indicação contrária. Todas as zonas de preenchimento encontram-se assinaladas a cinzento.

(Este inquérito por questionário encontra-se escrito ao abrigo do novo acordo ortográfico.)

PROFISSÃO E ESCOLARIDADE DOS PAIS

1. Diz qual é o nível de escolaridade dos teus pais, assinalando com um X:

NÍVEL DE ESCOLARIDADE	PAI		MÃE	
Não sabe ler nem escrever		(1)		(1)
Sabe ler e escrever sem grau de ensino		(2)		(2)
Ensino básico – 1º ciclo (ensino primário ou 4ª classe)		(3)		(3)
Ensino básico – 2º ciclo		(4)		(4)
Ensino básico – 3º ciclo		(5)		(5)
Ensino secundário		(6)		(6)
Ensino médio		(7)		(7)
Bacharelato		(8)		(8)
Licenciatura		(9)		(9)
Mestrado		(10)		(10)
Doutoramento		(11)		(11)
Outro. Qual?		(12)		(12)

2. Indica a condição perante o trabalho do teu pai e da tua mãe:

CONDIÇÃO PERANTE O TRABALHO	PAI		MÃE	
Exerce profissão/trabalha		(1)		(1)
Ocupa-se exclusivamente das tarefas do lar		(2)		(2)
Estudante		(3)		(3)
Incapacitado perante o trabalho		(4)		(4)
À procura do primeiro emprego		(5)		(5)
Desempregado		(6)		(6)
Reformado		(7)		(7)
Outra. Qual?		(8)		(8)

3. Indica a profissão, o mais detalhadamente possível:

(Nota: Se os teus pais estiverem reformados, desempregados, incapacitados para o trabalho, ou já tiverem falecido, indica por favor a sua última profissão)

Do teu pai_____

Da tua mãe _____

4. Indica a situação na profissão do teu pai e da tua mãe:

SITUAÇÃO NA PROFISSÃO	PAI		MÃE	
Patrão		(1)		(1)
Trabalhador por conta própria com trabalhadores		(2)		(2)
Trabalhador por conta própria sem trabalhadores		(3)		(3)
Trabalhador por conta de outrem/assalariado		(4)		(4)
Outra. Qual?		(5)		(5)

4.1. No caso do teu pai ou da tua mãe serem patrão/patroa, ou terem trabalhadores a cargo, indica o seu número:

NÚMERO DE TRABALHADORES A CARGO	PAI		MÃE	
Menos de 5		(1)		(1)
Entre 6 e 49		(2)		(2)
Entre 50 e 99		(3)		(3)
Mais de 100		(4)		(4)
Não se aplica		(5)		(5)

4.2. No caso do teu pai ou da tua mãe não serem trabalhadores por conta de outrem/assalariados, indica o seu cargo/função na profissão principal atual ou na última, no caso de atualmente estarem reformados, desempregados, incapacitados para o trabalho, ou já tiverem falecido:

CARGO NA PROFISSÃO	PAI		MÃE	
Dirigente		(1)		(1)
Quadro ou gestor intermédio		(2)		(2)
Chefia direta		(3)		(3)
Encarregado geral		(4)		(4)
Executante		(5)		(5)
Outra. Qual?		(6)		(6)

4.3. Os teus pais encontram-se no estrangeiro? Se sim, indica qual o país.

PAI			MÃE		
Sim		(1)	Sim		(1)
Não		(2)	Não		(2)
Local: _____		(3)	Local: _____		(3)

5. Indica qual o rendimento mensal dos teus pais:

PAI			MÃE		
Até 500 euros		(1)	Até 500 euros		(1)
Entre 501 a 999 euros		(2)	Entre 501 a 999 euros		(2)
Entre 1000 a 1499 euros		(3)	Entre 1000 a 1499 euros		(3)
Mais de 1500 euros		(4)	Mais de 1500 euros		(4)

6. Qual é o teu principal meio de vida/fonte de rendimento económico? Indica apenas um, o atual ou o último em caso de não trabalhar mas já ter trabalho ou já ter falecido.

	Próprio(a)	Cônjuge/ companheiro(a)	Mãe	Pai	
Trabalho					(1)
Subsídio de desemprego					(2)
Rendimentos					(3)
Pensão de reforma					(4)
Pensão de invalidez					(5)
Rendimento mínimo garantido					(6)

Assistência social					(7)
A cargo da família					(8)
Bolsas de estudo/formação					(9)
Ajudas de terceiros					(10)
Remessas de emigrantes					(11)
Outro. Qual?					(12)

PERCURSO ESCOLAR

7. Frequentaste a educação pré-escolar?

Sim		(1)
Não		(2)

8. Tiveste reprovações no 1º ciclo do ensino básico?

Não		(1)
1 Reprovação		(2)
2 Reprovações		(3)
3 ou mais reprovações		(4)

9. Tiveste reprovações no 2º ciclo do ensino básico?

Não		(1)
1 Reprovação		(2)
2 Reprovações		(3)
3 ou mais reprovações		(4)

10. Tiveste reprovações no 3º ciclo do ensino básico?

Não		(1)
1 Reprovação		(2)
2 Reprovações		(3)
3 ou mais reprovações		(4)

11. Analisando o teu percurso escolar, como concluíste o 9º ano de escolaridade?

Ensino regular		(1)
Através das Novas Oportunidades		(2)
Através de um Curso Profissional		(3)
Outro. Qual?		(4)

12. Alguma vez frequentaste o ensino secundário regular?

Sim		(1)
Não		(2)

12.1. Se respondeste "Sim" na questão anterior, saíste por motivos de:

Desistência		(1)
Reprovação no 10º ano		(2)
Reprovação no 11º ano		(3)
Reprovação no 12º ano		(4)
Outro. Qual?		(5)

13. Dos seguintes fatores, <u>indica os 2</u> que mais contribuíram para o teu insucesso e/ou abandono escolar:

Desinteresse pela escola		(1)
Desinteresse pelos estudos		(2)
Dificuldades de aprendizagem		(3)
Dificuldades financeiras		(4)
Elevado número de faltas nas aulas		(5)
Falta de estudo		(6)
Falta de apoio de amigos/familiares		(7)
Falta de empenho/motivação		(8)
Falta de tempo		(9)
Muitas reprovações nas disciplinas		(10)
Problemas pessoais		(11)
Dificuldades no relacionamento com os professores		(12)
Outro. Qual?		(13)

14. Como descreves a relação que tinhas com a escola regular?

	Sim		Não	
Era-me indiferente		(1)		(1)
Sentia-me bem e com vontade de ir às aulas		(2)		(2)
Não tinha vontade de frequentar a escola (ir às aulas)		(3)		(3)
Aproveitava a escola para estar com os meus amigos		(4)		(4)
Faltava às aulas com alguma frequência		(5)		(5)
Gostava de frequentar a escola mas não gostava de ir às aulas		(6)		(6)
Gostava de frequentar as aulas mas não gostava da escola		(7)		(7)
Não andava com motivação para estudar		(8)		(8)
Não me sentia à vontade com os meus colegas		(9)		(9)
Não me sentia à vontade com professores/funcionários		(10)		(10)
Outra. Qual?		(11)		(11)

15. Como descreves a relação que os teus pais/encarregados de educação tinham na escola regular? Seleciona <u>uma</u> opção.

Eram desinteressados e não participaram no meu percurso regular da escola		(1)
Eram interessados mas não tinham disponibilidade para irem à escola		(2)
Só iam à escola quando era necessário		(3)
Eram preocupados e tentavam sempre saber se estava tudo a correr bem		(4)
Outra. Qual?		(5)

16. Como soubeste da existência do Serviço de Aprendizagem? Seleciona <u>uma</u> opção.

Pela internet		(1)
Pelo Instituto do Emprego e Formação Profissional		(2)
Através de amigos		(3)
Através de familiares		(4)
Através de professores/pessoas da escola regular que frequentei		(5)

Outra. Qual?	(6)

17. O que te levou a frequentar o Serviço de Aprendizagem? Seleciona <u>uma</u> opção.

A opção de uma alternativa facilitada de conseguir obter o 12ºano		(1)
Porque no Serviço de Aprendizagem estudar é mais fácil		(2)
Porque tenho mais apoios para prosseguir os meus estudos		(3)
Porque não tinha outra escolha		(4)
Porque penso ser a melhor opção para obter o 12ºano e começar a trabalhar		(5)
Outra. Qual?		(6)

18. Quais as diferenças que encontras entre a tua antiga escola (regular) e o Serviço de Aprendizagem (SA)? Seleciona as opções que melhor se aplicam.

	Sim		Não	
Estudar no Serviço de Aprendizagem é muito mais fácil		(1)		(1)
Estudar no Serviço de Aprendizagem é mais difícil		(2)		(2)
Tenho mais motivação em estudar no Serviço de Aprendizagem do que na escola regular		(3)		(3)
Tenho mais facilidade em começar a trabalhar no SA		(4)		(4)
O meu sucesso profissional não difere da escola nem do SA		(5)		(5)
Tenho mais apoio(s) e atenção no SA do que na escola regular		(6)		(6)
Tenho mais apoio(s) e atenção na escola regular do que no SA		(7)		(7)
Não encontro diferenças entre o SA e a minha antiga escola regular		(8)		(8)
Outro. Qual?		(9)		(9)

19. Qual é a tua motivação para frequentares e terminares esta tua formação no Serviço de Aprendizagem? Seleciona <u>duas</u> opções.

Tenho muita motivação em terminar o meu curso		(1)
Não tenho muita motivação em continuar neste curso mas vou concluí-lo		(2)
Não tenho muita motivação em continuar no Serviço de Aprendizagem		(3)
Não tenho motivação para concluir o curso e penso em desistir		(4)
Tenho motivação para prosseguir os meus estudos para o ensino superior		(5)
Possuo dificuldades financeiras		(6)
Tinha mais apoio(s) e atenção na escola regular do que no SA		(7)
Tenho mais apoio(s) no SA do que na escola regular		(8)
Não encontro diferenças entre o SA e a minha antiga escola regular		(9)
Outro. Qual?		(10)

20. Quais são/foram as disciplinas (áreas) favoritas durante o teu percurso escolar? Seleciona <u>uma</u> opção.

Português		(1)
Língua(s) estrangeira(s)		(2)
Área das ciências (matemática, ciências naturais, química e física, biologia)		(3)
Área das humanidades (geografia, história, psicologia, sociologia, filosofia)		(4)

Área de trabalhos práticos (desenho, educação física, artes plásticas)		(5)
Outro. Qual?		(6)

21. Que dificuldades sentiste ao longo do teu percurso escolar (antes da tua entrada do Serviço de Aprendizagem)?

_____
_____
_____

22. O que aprendes no Serviço de Aprendizagem é-te:

Muito útil		(1)
Irrelevante		(2)
Importante		(3)
Desnecessário		(4)
Outro. Qual?		(5)

22.1. Justifica a tua resposta.

_____
_____
_____

23. O que pensas sobre o Serviço de Aprendizagem enquanto instituição?

_____
_____
_____

24. No Serviço de Aprendizagem, a tua relação para com:

Os professores/funcionários é:			**Os colegas é:**		
De grande proximidade		(1)	De grande proximidade		(1)
Mais próxima com uns do que com outros		(2)	Mais próxima com uns do que com outros		(2)
Distante		(3)	Distante		(3)

TEMPOS LIVRES/GRUPO DE AMIGOS

25. Indica as 3 ocupações que tens nos tempos livres:

Passear		(1)
Viajar		(2)
Ir aos centros comerciais		(3)

Ir ao cinema		(4)
Ir ao teatro		(5)
Navegar na internet para lazer (Facebook, ver séries, etc.)		(6)
Navegar na internet para estudar (motores de pesquisa de informação)		(7)
Ver TV		(8)
Jogar em consolas/na internet		(9)
Praticar desporto		(10)
Ficar em casa		(11)
Estudar		(12)
Ir ao café		(13)
Ler		(14)
Outro. Qual?		(15)

26. Habitualmente, com quem costumas passar os tempos livres? (Indica <u>uma</u> opção.)

Sozinho		(1)
Com amigos/colegas de infância/longa data		(2)
Com amigos/colegas com "laços" mais recentes		(3)
Com vizinhos		(4)
Com amigos/colegas do Serviço de Aprendizagem		(5)
Com familiares		(6)
Com o(a) namorado(a)		(7)
Animal de estimação		(8)
Outro. Qual?		(9)

27. Quando estás com o teu grupo de amigos, falam essencialmente sobre. (Indica <u>uma</u> opção.)

A escola		(1)
Problemas da vida (pessoais, profissionais, do país, do mundo)		(2)
Desporto		(3)
De/do trabalho		(4)
De política		(5)
De religião		(6)
Da família		(7)
De namoros/sexo		(8)
De televisão		(9)
Outro. Qual?		(10)

28. És fumador(a)?

Sim		(1)
Não (passar para a questão 32)		(2)

29. Se respondeste afirmativamente à questão anterior, quantos cigarros fumas por dia?

Entre 1 a 5		(1)
Entre 6 a 10		(2)
Entre 11 a 15		(3)
Entre 16 a 20		(4)
Mais de um maço de tabaco		(5)

30. Já experimentaste outras substâncias para além de tabaco? Se sim, indica qual/quais.

Não		(1)
Sim: _____		(2)

31. Indica o motivo porque começaste a fumar. (Indica <u>uma</u> opção.)

Curiosidade		(1)
Incentivo/influência de amigos/colegas		(2)
Incentivo/influência de familiares		(3)
Para integração num grupo de amigos		(4)
Afirmação social		(5)
Outro. Qual?		(6)

32. Consomes bebidas alcoólicas?

Sim		(1)
Não (passar para a questão 36)		(2)

33. Se respondeste afirmativamente à questão anterior, indica a regularidade com que costumas ingerir. (Indica <u>duas</u> opções.)

Diariamente ou quase todos os dias		(1)
Só em ocasiões festivas		(2)
Só aos fins de semana		(3)
Só em festas/feriados		(4)
Em férias		(5)
Às vezes		(6)
Outro. Qual?		(7)

34. Que tipo de bebidas costumas ingerir?

Bebidas brancas (vodka, whisky, …)		(1)
Vinho		(2)
Cerveja		(3)
Outro. Qual?		(4)

35. Indica o motivo porque começaste a consumir bebidas alcoólicas:

Curiosidade		(1)
Incentivo/influência de amigos		(2)
Incentivo/influência de familiares		(3)
Para integração num grupo de amigos		(4)
Afirmação social		(5)
Outro. Qual?		(6)

36. Consideras que existe algum risco associado ao consumo de tabaco e/ou álcool?

Sim		(1)
Não		(2)

36.1. Justifica

_____
_____
_____

VALORES

37. Indica qual o grau de importância que conferes a cada uma das seguintes dimensões da vida:

DIMENSÃO	(1)Nada importante	(2)Pouco importante	(3)Importante	(4)Muito importante
Família				
Amigos, colegas				
Trabalho				
Cultura e lazer				
Religião				
Participação cívica				
Participação político-partidária				

38. Achas que mudavas alguma coisa na tua vida pessoal e familiar?

Sim		(1)
Não		(2)

38.1. Justifica

_____
_____
_____

39. Como te imaginas num futuro próximo (como por exemplo daqui a 5 anos)?

_____
_____
_____

CARATERIZAÇÃO SÓCIO-DEMOGRÁFICA

40. Sexo:

Masculino		(1)
Feminino		(2)

41. Idade: _____ anos

42. Estado civil:

Solteiro		(1)
Casado		(2)
União de fato		(3)
Divorciado		(4)
Separado		(5)
Viúvo		(6)

43. Local de residência:

Freguesia		(1)
Concelho		(2)

44. Curso que frequentas:

Curso A2		(1)
Curso A3		(2)
Curso A4		(3)
Curso A5		(4)
Curso A6		(5)
Curso A7		(6)
Curso A8		(7)
Curso A10		(8)
Curso A11		(9)
Curso A12		(10)
Curso A14		(11)
Curso A15		(12)
Curso A16		(13)
Curso A17		(14)
Curso A18		(15)
Curso A19		(16)

Obrigado pela tua colaboração!

Anexo 11 – Avaliação da Formação

QUESTIONÁRIO DE AVALIAÇÃO DA FORMAÇÃO

1=medíocre; 2=satisfatório; 3=bom; 4=muito bom

1. Avaliação do módulo	**1**	**2**	**3**	**4**
A formação correspondeu às minhas expetativas				
Os conteúdos aplicam-se à sua prática letiva				
Adequação da metodologia de ensino atualizada				
Apreciação global da formação				
2. Desempenho do(a) formador(a)				
O(A) formador(a) organizou adequadamente a formação				
O formador tinha domínio e conhecimentos atualizados dos temas				
Foram esclarecidas as dúvidas suscitadas				
O formador encorajou o debate entre os participantes				
O formador apresentou algumas estratégias de maximização dos conhecimentos adquiridos				
3. Avaliação do formador				
4. Organização da ação				
A documentação e os materiais disponibilizados foram suficientes				
A documentação e os materiais disponibilizados eram atualizados				
A duração da formação foi adequada				
O horário da função foi adequado				
Os formandos foram envolvidos no desenvolvimento da formação				
As instalações tinham condições adequadas				

5. **Se o horário ou a duração da ação não foram adequados indica o que melhor se ajustava, justificando.**

_____
_____
_____

6. **De que forma pretendes vir a aplicar os conhecimentos que adquiriste?**

_____
_____
_____

7. **Dos temas abordados qual consideras ser o de maior utilidade para a tua vida profissional?**

_____
_____

8. **Que constrangimentos/obstáculos achas que podem vir a dificultar a transferência de aprendizagens para o contexto real do trabalho?**

_____
_____
_____

9. **Outros comentários ou sugestões**

_____
_____
_____
_____

Auto-avaliação dos formandos

	Nada	**Pouco**	**Suficiente**	**Bastante**	**Totalmente**
Sou pontual					
Sou assíduo					
Estudo e faço as atividades/fichas de trabalho exigidas na disciplina					
Faço-me sempre acompanhar do material necessário para as aulas das disciplinas (lápis, caneta, esferográfica, …)					
Apresento um bom desempenho em relação ao processo ensino-aprendizagem					
Procuro estabelecer relação entre o conteúdo abordado na disciplina e outros conteúdos ou fatos para alcançar um bom desempenho					

Avaliação do formador

	Nada	**Pouco**	**Suficiente**	**Bastante**	**Totalmente**
O formador é assíduo					
O formador foi claro na exposição dos conteúdos					
A intervenção do formador foi adaptada à turma					
O formador desenvolveu um bom relacionamento com a turma					
O formador é pontual					
A intuição estabelecida entre o formador e formandos favorecem o processo de ensino-aprendizagem					
Nas aulas da disciplina tenho sido incentivado a participar, discutir e a expressar as minhas ideias					
Tenho sido incentivado a "despertar" o meu sentido crítico perante as situações abordadas					
O formador esclarece sempre as minhas dúvidas					
O formador utiliza adequadamente os equipamentos eletrónicos (projetor multimédia, …)					
O formador demonstrou empenho, motivação e dedicação nas atividades desenvolvidas e nos conteúdos apresentados					
O formador contribuiu para a minha formação profissional, científica e tecnológica					

Anexo 12 – Avaliação da Satisfação da Formação

QUESTIONÁRIO DE AVALIAÇÃO DA SATISFAÇÃO DOS FORMANDOS

1=medíocre; 2=satisfatório; 3=bom; 4=muito bom

1. Organização geral da ação	**1**	**2**	**3**	**4**
A metodologia utilizada é eficaz				
O tempo atribuído aos temas foi adequado				
A documentação fornecida foi suficiente				
Os materiais fornecidos (manuais, exercícios) têm boa apresentação				
Os conteúdos (das matérias fornecidas) têm qualidade				
2. Matérias/Conteúdos				
Despertaram o interesse e a motivação				
São de compreensão acessível				
Estão bem organizados e sistematizados				
Têm aplicabilidade no mercado profissional				
São completos e suficientes				
Os manuais estão bem apresentados				
3. Processo de avaliação				
A metodologia de avaliação foi adequada				
A avaliação foi realizada em tempo oportuno				
O grau de dificuldade foi adequado				
A avaliação foi adequada aos objetivos propostos				
As questões foram adequadas à matéria leccionada				
4. Indique que importância tem para ti as seguintes alterações aos conteúdos:				
A dificuldade dos exercícios de avaliação devia aumentar				
A duração dos exercícios de avaliação devia aumentar				
Os manuais deviam conter mais exemplos				
Os manuais deviam ser mais sintetizados e mais pequenos				
5. Classificação global da ação				
A avaliação global é positiva				

6. Faça uma breve reflexão crítica sobre os aspetos positivos e negativos desta ação.

Anexo 13 – Avaliação do Formador (pelos formandos)

QUESTIONÁRIO DE AVALIAÇÃO DO DESEMPENHO DO FORMADOR

1=medíocre; 2=satisfatório; 3=bom; 4=muito bom

1. Avaliação do desempenho do formador	**1**	**2**	**3**	**4**
O formador foi claro na apresentação dos objetivos a alcançar por parte dos formandos				
O formador dominava as matérias que ministrou				
O formador conseguiu motivar os formandos				
O formador incentivou a participação dos formandos				
O formador desenvolveu metodologias pedagógicas adequadas ao público da ação				
O formador verificou, ao longo da ação, a aquisição de aprendizagens por parte dos formandos				
O formador demonstrou ao grupo as questões práticas das matérias em estudo				
O formador demonstrou interesse pelas dificuldades dos formandos				
O formador apresentou algumas estratégias de apoio à máxima rentabilização dos saberes adquiridos				
O formador desenvolveu um bom relacionamento com o grupo				
2. Classificação global do trabalho desenvolvido				
A avaliação da ação é positiva				

3. Comentários

_____
_____
_____
_____
_____
_____
_____
_____
_____
_____
_____
_____
_____
_____
_____

Anexo 14 – Avaliação do Tutor

QUESTIONÁRIO DE AVALIAÇÃO DOS TUTORES POR PARTE DOS FORMANDOS

Pretende-se com este questionário avaliar o desempenho dos tutores de estágio ao nível das aptidões técnicas, da disponibilidade e do comportamento.

O(A) Tutor(a): _____

Local de estágio: _____

O Formando: _____

Curso: _____

1. Aptidões técnicas	**Sim**	**Não**	**N/A**
Utilizava uma linguagem clara e adequada			
Tinha bons conhecimentos técnicos			
Transmitia os seus conhecimentos técnicos			
Fornecia informação adicional, clarificava e explicava			
Fornecia comentários ao desempenho dos formandos			
Ministrava as sessões de forma clara e objetiva			
2. Disponibilidade			
Estava sempre disponível quando solicitado			
Boa abertura a ideias novas			
Certificava-se que os formandos estavam à altura dos padrões requeridos			
Controlava os progressos conseguidos			
3. Comportamento			
Tinha uma boa relação com o grupo			
Conseguia encorajar e motivar os formandos			
Era simpático(a)			
Geria bem as suas emoções			
Tinha sentido de humor			
4. Classificação global do(a) tutor(a)			
A avaliação global é positiva			

O(A) formando(a):

_____

___/___/_____

Anexo 15 – Análise comparativa e evolutiva das expectativas/trajetórias profissionais futuras dos novos formandos

Análise comparativa e evolutiva das expectativas/trajetórias profissionais futura dos novos formandos

(A15, A16, A17, A18 e A19)

Turma	Formando(a)[53]	Q1	Q2	Evolução
A15	...	É uma formanda interessada na formação, pretende adquirir conhecimentos e técnicas para a profissão que está a tirar. Pretende trabalhar na área.	As expectativas mantêm-se, pretende atingir o 12.º ano, está a gostar do curso, tem uma boa relação com a instituição e está motivada para continuar a formação.	+/0
A15	...	A formanda pretende entrar no mercado de trabalho com bons resultados de avaliação. O seu principal objetivo é adquirir o 12.º ano para poder trabalhar na área (contabilidade).	As expectativas mantêm-se está a gostar do curso e não tem nada a apontar. Aconselharia o SA aos amigos e diz que é uma boa instituição e é bem gerida. Está motivada para continuar o seu percurso "sem dúvida".	+/0
A15	...	Pretende terminar o curso com boa nota e estar preparado para o mundo do trabalho. Pretende trabalhar na área e ter uma vida estável.	As expectativas mantêm-se, pretende trabalhar na área- Comparando a antiga escola, o SA é melhor em termos de aulas, de acompanhamento e saída profissional. Está motivado e identifica-se com o curso, com os seus gostos. "É uma boa profissão com alguma saída para o mercado de trabalho."	+/0
A15	...	Encontrar um bom estágio e depois ficar a trabalhar é o seu objetivo; pretende terminar o 12.º, ter a carteira profissional, e talvez mais tarde ingressar no ensino superior; pretende trabalhar numa empresa que tenha um "emprego" fixo	As expectativas mantêm-se; está satisfeito com a possibilidade do curso ter saída profissional e o aspeto negativo que indica é o estágio ainda não ter começado. Frisa a vantagem de começar a estagiar desde o primeiro ano, que peca pelo atraso dos pagamentos e à dificuldade de encontrar estágios. Não é a profissão desejada, mas sente-se motivado e é uma área que gosta.	+/+
A15	...	Pretende terminar o curso com boas notas, e imagina-se a trabalhar na área.	As expectativas mantêm-se, gosta de todas as disciplinas e não tem nada de negativo a apontar. Sente	+/-

[53] Atendendo à questão do anonimato, na presente tabela não consta o nome do(a) formando(a) indicado.

			alguma desorganização por parte da gestão da carga ‘horária, ou seja, dos horários que não estão afixados. Está a gostar do curso e da área.	
A15	...	Obter o 12.º ano com bons resultado e o certificado de curso “para ter um bom trabalho” é o seu objetivo. Pretende trabalhar na área, e as expectativas são “as melhores”.	Ainda se mantêm pois os objetivos iniciais são os mesmos. Está a adorar o curso e ainda só encontrou aspetos positivos: “É um bom curso e tem bons formadores.” Aconselha o SA aos amigos e diz que há “um bom funcionamento ao nível de horários e a nível de instalações, “apesar de na minha antiga escola o horário ser mais flexível.” Está motivada	+/+
A15	...	Terminar o curso e frequentar o ensino superior. Imagina-se a dominar o mundo.	As expectativas mantêm-se, está a gostar da formação pois os formadores “são bons e competentes”, o único aspeto negativo “é a falta de organização dos horários”. A relação e o funcionamento do SA são os melhores que a escola anterior. Perdeu alguma motivação mas continua empenhado em acabar o curso para frequentar o ensino superior.	±/±
A15	...	12.º e continuar na área; frequentar o ensino superior; trabalhar na área	Mantêm-se e pretende frequentar o ensino superior. Está a gostar do curso e a considerar um aspeto negativo ter muitas aulas teóricas, e os aspetos positivos são bons formadores, bom ensino e boas instalações. Aconselha o SA aos amigos, e o curso identifica-se com os seus gostos.	+/±
A16	…	Concluir o 12.º ano, chegar ao fim do curso e trabalhar na área.	As expectativas são as mesmas: concluir o 12.º ano; um aspeto negativo é o comportamento da turma, e o positivo a formação ajuda bastante. A Fundação é mais acolhedora , a escola regular não ajuda tanto	
A16	…	Terminar o 12.º e ter um emprego seguro; ter um curso com saída e aprender; trabalhar na área.	Mantêm-se e gosta do curso. Sente-se motivado, “há um ambiente excelente.”	+/+
A16	…	Tirar algum proveito positivo do curso; ser uma boa técnica para ter um bom emprego e estatuto social; trabalhar na área.	Gosta do curso em que se encontra e pretende seguir os seus objetivos. Considera que o curso tem muita saída, e “pouca adesão” por parte dos formandos; aspetos negativos o curso em si é cansativo porque há mais aulas teóricas do que práticas; no SA há menos confusão, mas na outra escola havia mais WC’s. Não	

			era a profissão que eu queria tirar, mas gosto.	
A16	…	Acabar o curso com sucesso; conseguir entrar no mercado de trabalho dentro desta área; "ter um trabalho que goste e seguro, e talvez continuar os estudos."	REPROVOU POR FALTAS	
A16	…	Terminar o 12.º, vantagem da dupla certificação, entrar na área de estética porque é a área que gosta.	REPROVOU POR FALTAS	
A16	…	Tirar o curso; arranjar trabalho na área.	Tirar o 12.º, as expectativas mantêm-se; está agostar do curso e identifica-se com os seus gostos e interesses pessoais.	+/+
A16	…	Concluir o 12.º, com curso; trabalhar na área, uma vez que "o curso tem saída"; pretende ter o 12.º e ser um "profissional honrável", trabalhando na área.	Ainda se mantêm, e está mais interessado uma vez que já começou a estagiar; gosta das aulas e o que de negativo aponta são os atrasos nos pagamentos. Aconselhava o SA, e mais adianta que "na Fundação há mais tolerância a nível de atraso e de comportamento". Identifica-se com o curso e o estágio deixa-o mais motivado.	+/+
A16	…	Concluir o 12.º e trabalhar na área.	DESISTIU	
A16	…	Acabar o curso e trabalhar na área.	Quer terminar o 12.º ano.	+/±
A16		Trabalhar na área.	Ainda se mantêm; está a gostar do curso e diz ter muita saída; para além de referir que "deveria existir mais e melhores condições na instituição", a formanda sente-se motivada.	+/+
A16	…	Terminar o curso e trabalhar na área.	Terminar o 12.º; gosta do curso e sente-se motivada e com vontade para continuar.	
A16	…	Acabar o curso e terminar o 12.º ano; as vantagens consistem em ter uma boa estrutura e recebe dinheiro por estar a estudar; depois do 12.º ano espera entrar nos fuzileiros.	O objetivo continua a ser completar o 12.º ano; um aspeto positivo é haver poucos técnicos de logística, e um aspeto negativo as aulas serem muito teóricas; sente-se motivado e identifica-se pouco com os seus gostos	±/±
A17	…	O objetivo é "terminar o curso com boas notas". Imagina-se a aprender línguas, e a fazer um curso de línguas pois o seu interesse é "ter um intercâmbio com pessoas de outras culturas".	DESISTIU	

A17	…	"Explorar esta área"	As expectativas mantêm-se, não tem nada a apontar pois afirma estar "tudo bem". O formando refere que o SA tem um bom funcionamento e umas boas instalações. Está "completamente tranquilo" e "até agora tem corrido bem pela normalidade".	+/+
A17	…	Terminar o curso (rápido) e com bom aproveitamento para ingressar na faculdade. "Esta formação será, sem dúvida, uma mais valia para entrar no mercado de trabalho." O objetivo é "terminar o curso com média de 16 para seguir jornalismo de redação."	DESISTIU	
A17	…	Terminar o curso "pois é importante". Objetivo: conseguir bom aproveitamento para poder ir estagiar e ficar empregado.	DESISTIU	
A17	…	Terminar a formação e arranjar emprego na área, e imagina-se a ficar com um emprego fixo.	As expectativas "mantêm-se porque eu só quero tirar o 12.º ano". Está a gostar mais ou menos, e os aspetos negativos são "os horários e ter vários dias as mesmas disciplinas". A antiga escola funcionava melhor que o SA. Não se sente motivada, uma vez que "as pessoas que trabalham aqui não cumprem com o que dizem."	±/=
A17	…	Concluir o curso; preparar-se para o mercado de trabalho e concorrer à universidade. Imagina-se a exercer enfermagem.	As expectativas mantêm-se, uma vez que os objetivos são os mesmos. Está a gostar e um aspeto positivo é aprender uma nova profissão, e o negativo é a redução do n.º de formandos que leva ao fechamento do curso. O formador preocupa-se com os formandos e sente-se mais à vontade. Está motivada e com vontade para continuar a formação. A área do curso não é a que queria mas não tinha outra alternativa.	+/+
A17	…	12.º ano, trabalhar na área e aprender uma nova profissão.	Obter o 12.º ano "a todo o custo" mas não está motivada, embora o curso se identifique com os seus gostos, mas "a escola não motiva". As disciplinas estão mal distribuídas nos horários; há um mau funcionamento.	+/=
A17	…	Pretende obter bons resultados e trabalhar na área.	As expectativas mantêm-se, o curso identificam-se com os seus gostos.	+/+

A17	…	Concluir o 12.º ano com bom aproveitamento para ir trabalhar.	As expectativas mantêm-se. Gosta dos formadores mas as matérias "são fáceis de mais", não são nada de novo. Não aconselha aos amigos por o SA ser desorganizado. Nem sempre se sente motivado mas pretende continuar este percurso formativo, uma vez que este se identifica com os seus gostos.	+/±
A17	…	Concluir o 12.º ano, e trabalhar.	Acabar o 12.º ano e seguir para a faculdade. Gosta da maneira como os formandos lecionam as aulas, mas diz que a escola (SA) funciona mal, que é muito desorganizada. Não aconselha aos amigos. O curso identifica-se mas diz ser "cansativo ter sempre as mesmas disciplinas vários dias seguidos".	++/±
A18	…	Concluir o 12.º ano e o curso; ir para a tropa: ser soldado no exército	Pretende concluir o 12.º; gosta de estar com os colegas mas não gosta das aulas nem do estágio; "na outra escola pagavam no dia certo". Não se sente motivado mas esforça-se para ter o 12.º ano.	-/-
A18	…	Acabar o curso com boas notas; o 12.º no SA é "mais fácil" e sai com experiência. Imagina-se a trabalhar num grande estabelecimento ou a criar o seu próprio emprego	As expectativas ainda se mantêm e está a gostar do curso; aprender mais é uma vantagem, assim como gostar das aulas e da forma como os formadores lecionam; uma desvantagem é a escola não ser o que a formanda estava à espera: "o sistema é muito diferente". Sente vontade porque está a gostar e está interessada.	+/+
A18	…	O formando não sabe responder à primeira questão; pretende atingir o 12.º ano, e ser alguém na vida. Imagina-se estar a trabalhar.	As expectativas ainda se mantêm, não gosta do curso que frequenta e uma das desvantagens é só ter férias no mês de agosto. Não se sente motivado nem com vontade para terminar o curso.	-/-
A18	…	Não sabe. Não tem qualquer interesse em relação ao curso, apenas pretende terminar o 12.º ano e espera, depois, estar a trabalhar.	Diz que as expectativas ainda se mantêm, que só está no curso para obter o 12.º ano. Não aconselha aos amigos porque o SA é muito cansativo (não têm férias). Refere não ter motivação, mas que precisa do 12.º "para ser alguém".	-/-
A18	…	Aprender, ter bom aproveitamento; acabar o 12.º e ter uma profissão; trabalhar a área e ter sucesso; ter o próprio bar.	As expectativas mantêm-se, espera terminar o curso com sucesso e encontrar emprego na área. Gosta do curso, diz ser mais profissional, e acha que tem mais	+/+

			saídas que os cursos superiores. Por sentir apoios por parte da instituição, diz aconselhar aos seus amigos o SA. Sente-se motivado e identifica-se com o curso porque adora a área.	
A18	…	Pretende tirar o 12.º ano e encontrar emprego na área, pensa ser um "emprego fácil".	As expectativas alteraram-se porque não é como pensava, não é "motivante". Gosta mais ou menos, a vantagem está na equivalência ao 12.º, e não aponta desvantagens. O funcionamento é diferente e, por isso, não aconselha o SA aos amigos. Não se sente identificada por causa das línguas, mas quer tirar o 12.º .	-/-
A18	…	Ter o 12.º ano; está interessado porque pensa ser uma área onde é mais fácil encontrar emprego. Imagina-se estar a trabalhar na área fora de Portugal.	As expectativas mantêm-se pois quer tirar o 12.º ano. Está a gostar de aprender coisas novas e das aulas práticas. Diz que a antiga escola era muito melhor, que era mais organizada. O formando sente-se motivado com o curso mas não gosta de estar em contacto com os clientes.	+/-
A18	…	12.º ano; espera ter mais oportunidades de emprego, e estar a exercer a sua profissão num bom local de trabalho.	As expectativas mantêm-se. Um dos aspetos positivos apontado remete-se para a boa relação existente com os funcionários, formadores e colegas; um dos as petos negativos é a não existência de um dia fixo para os pagamentos. Acha a instituição ótima e aconselhava-a aos amigos. A formanda tem ânimo para continuar, primeiro pensava que era complicado mas agora encaixa-se no seu perfil.	+/+
A18	…	Tirar o 12.º ano, e aprender mais ; prevê acabar o 12.º e estar a trabalhar na área em que se encontra; Um dos aspetos positivos é ganhar experiência através do estágio. No futuro, imagina-se na faculdade e provavelmente continuar a trabalhar na área.	As expectativas mantêm-se, "cada vez aprende-se mais". Está a gostar do curso, só encontra aspectos positivos como por exemplo o estágio. "Esta escola é mais organizada que a anterior". Sente-se motivada mas não se identifica muito com o curso. Como pretende terminar o 12.º ano, este curso escolheu este curso "por ser mais dinâmico."	+/±
A18	…	Pretende terminar o curso e ser modelo de *passerelle*; quer ser modelo e ter sucesso na área (não se sabe se a formanda se referia à área do	O objetivo continua em concluir o 12.º ano, pois gosta do curso. Não aconselha aos seus amigos pois "este curso é diferente". Acha o curso muito interessante.	-/±

		curso ou da moda).		
A18	…	Acabar o curso com sucesso/ e ter o 12.º ano. Pretende aprender mais na área e encontrar emprego na área. Imagina-se a trabalhar na mesma área do curso.	Mantêm-se (concluir o 12.º para trabalhar). Gosta do sistema, "é divertido mas por vezes é aborrecido" e aponta o não terem férias que merecem como uma desvantagem, e a "diversão" como vantagem. Não vê diferenças com a escola regular, só aponta a questão do financiamento que aqui, no SA, sentem esse apoio. O formando sente-se motivado mas é um "pouco difícil" (por causa das notas dos módulos)	+/±
A18	…	Perspetiva terminar o 12.º ano e curso para arranjar emprego na área; pretende ter bons resultados e um bom emprego.	Mantêm-se porque gosta do curso e quer boas notas; gosta do curso; diz que a antiga escola era melhor que o SA e por isso não aconselha aos amigos. Sente-se motivada mas não era o curso que queria.	±/±
A18	…	Aprender mais na área e acabar o curso, são os objetivos da formanda. Pretende também completar o 12.º ano com sucesso para trabalhar na área. No futuro, imagina-se a trabalhar e com uma vida estável.	DESISTIU	
A18	…	Pretende terminar o curso e completar o 12.º ano. Imagina-se a continuar a jogar futebol.	DESISTIU	
A18	…	O formando revela ter mais oportunidades no mercado de trabalho com o curso que se encontra. Pretende terminar o 12.º ano e aprender mais na área, assim como terminar a sua formação com sucesso. Imagina-se na tropa, com o 12.º ano, e a trabalhar num bar de 5 estrelas	Mantêm-se, pois quer terminar o 12.º ano. Não está a gostar do curso, diz ser "muito cansativo agora, com o estágio". Não aconselha a ninguém "porque ao início é tudo muito bonito mas depois é muito cansativo". Não está a gostar, não se identifica, só pretende adquirir o 12.º ano.	+/-
A18	…	Pretende tirar boas notas e quer seguir a área para depois trabalhar (na área também).	Mantêm-se: 12.º ano, curso e trabalhar na área; Está a gostar porque pode conseguir um bom emprego na área, e diz que esta escola é muito boa, apesar das diferenças que apresenta. Está motivada porque quer terminar o curso.	+/+
A19	…	Terminar o curso com sucesso era a sua maior expectativa. Quanto aos interesses: "este curso	DESISTIU[54]	

[54] Segundo os colegas desta formanda, esta desistiu por motivos financeiros. Dizem que por não receber a horas, que não tinha dinheiro para a sua deslocação até ao SA.

		permite-me obter a dupla certificação o que me vai abrir muitas portas no futuro", e quanto aos objetivos, pretende acabar o 12.º e ser uma boa profissional de sucesso. No futuro imagina-se a exercer a profissão num salão próprio.		
A19	…	Pretende ser uma boa profissional e arranjar emprego com mais facilidade; refere a questão da importância da certificação (do 12.º ano e da carteira profissional); perspetiva concluir o curso com sucesso e trabalhar na área.	Gosta do curso, e por isso as expectativas mantêm-se. Um dos aspetos negativos é que os cursos de estética/cosmética já não são "abrangidos" pela 'oferta' das carteiras profissionais ("ao contrário do que foi dito inicialmente"); diz que aconselha o SA aos amigos porque têm cursos interessantes. Está motivada, com vontade para continuar a formação. O curso identifica-se com ela e pretende a exercer a profissão que está a tirar.	+/-
A19	…	Pretende concluir o 12.º ano e ganhar experiências; vantagens: aulas práticas, desvantagens: aulas teóricas; pretende obter a carteira profissional; se não gostar da área profissional pretende seguir Direito.	Mantêm-se com progressos porque cada vez mais se sente motivada; um dos principais aspetos positivos apontados é o irem para estágio sem estarem preparados; e negativos é a administração da instituição, que na escola anterior havia melhores desempenhos; está motivada para concluir o curso e é interessada pela área.	+/+
A19	…	Terminar o curso porque gosta da área; aprender conhecimentos da área; tirar boas notas e acabar o curso; terminar o curso e abrir um salão de beleza.	Está motivada em seguir a área porque revela interesse; um dos aspetos negativos é não haver mais aulas práticas e algumas visitas de estudo que se encontram em falta; e aponta as aulas práticas como um aspeto positivo.	+/±
A19	…	Concluir o curso com boas notas; pretende trabalhar na área com qualidade e obter a carteira profissional.	As expectativas mantêm-se pois continua a gostar do curso e pretende trabalhar na área. A vantagem situa-se no processo de ensino-aprendizagem e a desvantagem na má gestão horária. "Há dias que me sinto mais motivada que outros."	+/±
A19	…	Ter boas notas e espera ter logo emprego. Pretende acabar o curso com sucesso, ter o 12.º e a carteira profissional para poder trabalhar na área.	Mantêm-se porque é o curso que quer seguir no seu futuro. O aspeto negativo que aponta é não saber os horários e pagarem tarde. Aconselha o SA por ser "muito melhor o ensino."	+/±

A19	…	Boas expectativas, alcançar o 12.º ano para trabalhar na área. Pretende abrir um salão de estética.	As expectativas mantêm-se, é o curso que quer. Queixa-se da má gestão horária e dos pagamentos.	+/±
A19	…	Pretende obter o 12.º e a carteira profissional, assim como trabalhar na área e abrir um salão.	É a profissão que quer exercer, mas queixa-se do atraso dos pagamentos.	+/±
A19	…	Pretende concluir o 12.º, com boas notas, para depois trabalhar na área. Ainda acrescenta a importância da carteira profissional, e quer abrir um salão próprio.	Como quer terminar o cursos, as expectativas mantêm-se. Aponta atrasos nos pagamentos, e o facto de já não adquirem a carteira profissional. Diz que o funcionamento do SA é igual ao da escola regular, e que gosta da área em que se encontra.	+/±
A19	…	Boa integração na sociedade, conhecimentos específicos e gerais. Pretende atingir a carteira profissional e o 12.º ano. Imagina-se a trabalhar na área e adquirir novos conhecimentos na área.	Está a gostar do mais ou menos do curso porque podia haver mais aulas práticas. Não aconselha o SA aos amigos porque o funcionamento da instituição não é muito bom. A motivação já não é a mesma mas tem vontade em concluir o curso.	+/±
A19	…	Pretende adquirir o 12.º ano e obter a carteira profissional. Imagina-se a trabalhar na área e a ter o próprio estabelecimento.	As expectativas mantêm-se, diz ser um bom curso. Diz que o curso é o ideal.	+/0
A19	…	Pretende trabalhar, ficar ativa, e ter um trabalho para que tenha um futuro seguro. Imagina-se a estudar artes e a trabalhar na área.	Mantêm-se as expectativas: continua a contar com este curso para garantir o seu futuro. Aponta como aspetos positivos a aquisição de novas competências, e como aspetos negativos a falta de organização da instituição. Revela que esta escola chama mais à atenção e que, por isso, aconselhava-a aos amigos. Sente-se motivada porque gosta da área.	+/±

Observações: Q1 de A15 aplicado no dia 9/1/2012 = 3 anónimos, Q2 aplicado no dia 13/3/2012 (*n*=10), 9/18 formandos na data da aplicação do Q1;
Q1 de A16 aplicado a 12 elementos, Q2 aplicado no dia 20/3/2012 –duas formandas reprovaram e uma desistiu
Q1 de A17 aplicado no dia 16/12/2011, Q2 aplicado em 14/3/2012 – desistiram três formandos;
Q1 de A18 aplicado a 19 formandos, Q2 aplicado no dia 29/3/2012 – dois formandos desistiram;
Q1 de A19 aplicado no dia 17/1/2011, Q2 aplicado em 20/3/2012 - desistiu uma formanda; (*n*=12).

Legenda:

+/0 = expectativas mantêm-se, nada a apontar	**+/-** = expectativas mantêm-se, há algo a apontar	**+/+** = formando(a) satisfeito(a)	**+/±** = desmotivação	±/= alteração das expectativas, insatisfação

Anexo 16 – Indicadores de resposta frequente (dos questionários em série)

Indicadores de resposta frequente para o Q1

FORMAÇÃO	CERTIFICAÇÃO	TRABALHO	TRAJETÓRIAS PROFISSIONAIS FUTURAS
• Interesse pela formação; • Aquisição de conhecimentos e técnicas; • Encontrar um bom estágio para depois ficar lá a trabalhar; • Chegar ao fim do curso; • Acabar o curso com sucesso; • O curso tem uma boa estrutura; • "Explorar esta área"; • ["Terminar o curso 'rápido' e com bom aproveitamento para ingressar na faculdade";] • ["Esta formação será sem dúvida uma mais valia para entrar no mercado de trabalho";] • Preparação para o mercado de trabalho; • "Aprender uma nova profissão"; • "Mais probabilidades de emprego num bom local de trabalho";	• Atingir o 12º ano; • Terminar o 12º ano com bons resultados e o certificado de curso "para ter um bom trabalho"; • Atingir o 12º ano e continuar na área; • Concluir o 12º ano e ir para a tropa; • "Tirar o 12º ano, aprender mais".	• Trabalhar na área de formação; • Entrar no mercado de trabalho com bons resultados; • Trabalhar o mais cedo possível; • A trabalhar numa empresa que tenha um emprego fixo; • "As expetativas são as melhores"; • "Ter um primeiro emprego seguro"; • "Ser uma boa técnica para ter um bom trabalho e estatuto social"; • "O curso tem saída"; • "Ser um profissional honrável"; • "Imagino-me a exercer enfermagem"; • Criar o meu próprio emprego; • "Ter experiência com o estágio"; • "Ser modelo e ter sucesso na	• Enfermagem; • Exército (ser soldado); • No ensino superior (na área de formação); • Jogador de futebol; • Tropa; • "Ter um trabalho e um futuro seguro"; • Trabalhar na área profissional; • (Noções de) Empreendedorismo.

• "Acabar o curso e ser modelo de passerelle"; • "Este curso vai-me abrir muitas portas para o futuro".		área"; • "Continuar a jogar futebol"; • Estar na tropa (com o 12º ano); • "Se não gostar da área, pretendo seguir direito"; • "Trabalhar, ficar activa".	

Nota: Os tópicos que se encontram entre parêntesis retos reportam exemplos de formandos que não responderam ao Q2 por desistência/chumbo.

Anexo 17 – Projeto "Tertúlias"

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DO PORTO

SERVIÇO DE APRENDIZAGEM DA FUNDAÇÃO DA JUVENTUDE

Projeto "Tertúlias"

Paulo Almeida Franco

pauloalmeidafranco@gmail.com

Porto, dezembro de 2011

(Este presente documento encontra-se escrito ao abrigo do novo acordo ortográfico.)

Índice

1. **O Projeto: Tertúlias** **3**
2. **Os Temas** **3**
3. **O Público-Alvo** **4**
4. **As Sessões** **4**
   - **4.1. Sessão 1** **4**
     - **4.1.1. Objetivos** **4**
     - **4.1.2. Metodologia** **4**
     - **4.1.3. Recursos** **4**
     - **4.1.4. Estratégia** **5**
   - **4.2. Sessão 2** **5**
     - **4.2.1. Objetivos** **6**
     - **4.2.2. Metodologia** **6**
     - **4.2.3. Recursos** **6**
     - **4.2.4. Estratégia** **6**
5. **Calendarização e cronograma das tertúlias** **8**
6. **Materiais** **10**
   - **6.1. Questionário inicial** **10**
   - **6.2. Questionário final** **12**

1. **O Projeto:** Tertúlias

Deparamo-nos no mundo atual com várias problemáticas relativas aos adolescentes.

É na adolescência/juventude que se inicia um ciclo de afirmação do "eu", do qual os jovens, paralelamente ao seu grupo de pares, constroem a sua identidade, e também o seu percurso profissional marcado/traçado por escolhas, tal como ao longo da vida.

Pretende-se concretizar um conjunto de sessões de grupo mensais – chamemos-lhe tertúlias, uma vez que se realizarão debates em torno de várias temáticas – através de grupos focais, num ambiente informal e descontraído.

Com o objetivo de promover uma reflexão e o diálogo em grupo, assim como debater questões da contemporaneidade, surge então esta proposta dinâmica para estimular a mente dos formandos.

É um assunto a cargo de todos os atores, pais, familiares e amigos, comunidade educativa, que não pode ser ignorado. A família e a escola têm a responsabilidade de estarem atentas, e assumem um papel de consciencialização e de conscientização (na ótica de Paulo Freire) dos jovens, para que estes possam ter um crescimento e um desenvolvimento humano. Para que haja um desenvolvimento integral permitido por este ambiente educativo.

2. **Os Temas:**

- Obesidade;
- Tabagismo;
- Educação Sexual;
- Alimentação Saudável;
- Sedentarismo;
- Drogas;
- *Bullying*;
- Discriminação (racial, sexual, …);
- Desporto;
- …

3. O Público-alvo:

- Formandos do Serviço de Aprendizagem da Fundação da Juventude;

- Jovens com idades compreendidas entre os 15 e os 25 anos;

4. As Sessões

4.1. SESSÃO 1

4.1.1. Objetivos:

- Analisar o impacto das tertúlias dos formandos;
- Perceber a importância do debate destas temáticas nos jovens;
- Compreender as escolhas das temáticas a serem debatidas;
- Selecionar os temas a serem abordados nas tertúlias.

4.1.2. Metodologia:

- Técnica de *Focus Group*;
- Exposição oral;
- Apresentação em *PowerPoint*.

4.1.3. Recursos:

- Uma sala;
- Cadeiras;
- Um projetor multimédia;
- Um computador com colunas.

4.1.4. Estratégia:

É através de uma dinâmica de grupo (dinâmica de pares) que se procederá à apresentação das pessoas envolventes nas tertúlias.

Numa sala, com cadeiras expostas em círculo, estabelecendo um espírito de união e informal, é apresentado um *PowerPoint* ao grupo com um leque de informações interligadas aos temas supra propostos (através de fotografias, recortes de notícias, textos, vídeos, músicas, …). Segue-se a fase de discussão e de análise observando o impato e o *feedback* dos jovens.

No final da sessão, após a Sessão 1 deste projeto, é aplicado um formulário aos jovens. O próximo passo consiste em organizar (calendarizar) as próprias sessões com entidades/convidados competentes (exemplos: enfermeiros, psicólogos, professores, …).

4.2. SESSÃO 2 (exemplo)

***Educação Sexual**, com Enfermeira Maria do Céu*

Tal como refere o IEFP[55] (2008: 13), a sexualidade é "uma das componentes essenciais do corpo, da vida e das relações interpessoais dos seres humanos. Por isso mesmo, é também uma das componentes do nosso crescimento, das nossas aprendizagens, ou seja, da nossa socialização." E uma vez que a sexualidade tem sido o mote de muitas discussões (artísticas, morais, éticas, entre outras), é também objeto de estudo e também uma componente das políticas de saúde e da intervenção técnico-profissional.

Mais se adianta que "na nossa cultura e sociedade portuguesas, a sexualidade era sobretudo ocultada – era um tabu sobre o qual não se falava – ou era apresentada de forma negativa, como uma componente perigosa da nossa condição e dos nossos comportamentos, do nosso crescimento e dos nossos destinos." (idem)

4.2.1. Objetivos:

- Clarificar o conceito de sexualidade e de educação sexual;
- Debater e conhecer os problemas em saúde sexual, e suas prevenções;
- Promover a reflexão e a partilha de dúvidas e receios associados à intervenção nesta área.

[55] VILAR, Duarte; SOUTO, Elisabete (2008) – Referencial de Formação Pedagógica Contínua de Formadores/as: *A Educação Sexual no Contexto da Formação Profissional*. Instituto do Emprego e da Formação Profissional: Centro Nacional de Qualificação de Formadores

4.2.2. Metodologia:

- *Brainstorming*;
- *Role Play*;
- Exposição oral;
- Trabalho em grupos.

4.2.3. Recursos:

- Uma sala;
- Cadeiras;
- Um computador e um projetor;
- Preservativos;
- Folhas e canetas.

4.2.4. Estratégia

A sessão é iniciada com um *brainstorming* (uma "chuva de ideias") alusivas ao tema da Educação Sexual. Pretende-se analisar e discutir esta temática com os jovens e refletir nos resultados. Começa-se, de uma forma individual, apresentar as ideias num papel e depois é partilhado conjuntamente os resultados. Estes serão anunciados num quadro para aglutinar e organizar as várias perspetivas. Assim é possível apurar-se e tomar consciência das problemáticas envolventes das doenças sexuais como é o caso do HIV. É elaborada uma exposição oral.

De seguida é realizada uma dramatização (*role play*) intitulada por "O Carrocel". É uma atividade composta por 6 fases.

1ª fase: os participantes são convidados a escreverem de forma anónima, numa pequena folha de papel, uma pergunta que imaginam que um jovem ou adulto colocaria e que fosse embaraçoso responder ou que já lhes tinha sido feita e lhes tenha criado dificuldades quanto à maneira de responder.

2ª fase: o animador/formador recolhe as questões devidamente dobradas e coloca-as num envelope ou saco de pano.

3ª fase: formam-se dois grupos com um número par de participantes, de 6 a 8 pessoas por grupo.

As cadeiras são dispostas em dois círculos.:

- Um interior com os assentos virados para fora;
- Outro exterior com os assentos virados para dentro;

4ª fase: os elementos do círculo exterior são convidados a sair da sala e recebem instruções do formador: este grupo retira uma das questões recolhidas e vai colocar-se no papel de **jovens e adultos** com determinadas dificuldades; os elementos do círculo interior são **profissionais/técnicos** que vão tentar dar resposta às questões colocadas pelo grupo que representa os jovens.

Os **jovens e adultos** entram na sala e sentam-se frente aos **técnicos**. Logo que estejam todos sentados frente a frente, inicia-se o jogo.

O formador dá apenas dois a três minutos para este diálogo. Passado esse tempo, o moderador faz um sinal ("bate as palmas") e os **jovens e adultos** levantam-se e sentam-se na cadeira à sua direita, no sentido dos ponteiros do relógio. Todos se movimentam em simultâneo. A seguir, repetem a mesma pergunta a um novo **técnico**. O moderador volta a fazer sinal para trocarem de posição. Este processo repete-se sucessivamente até que cada elemento do conjunto exterior faça a sua pergunta e receba uma resposta de cada um dos elementos sentados no conjunto interior.

5ª fase: seguidamente, trocam-se as posições dos dois grupos e as pessoas que estiveram a responder passam a fazer perguntas, e vice-versa, com o mesmo procedimento.

6ª fase: todos os participantes sentam-se em círculo. O animador convida cada um a falar das dificuldades que sentiu nas respostas que deu e nas ajudas que recebeu, tendo a mesma questão sido respondida por vários **técnicos**.

A partir desta análise será possível identificar estratégias adequadas para as perguntas que tenham gerado maiores dificuldades, desenvolver competências específicas (desempenhar

um papel de técnico e de jovem, neste caso, pôr-se no lugar do outro…), além de esclarecer dúvidas sobre alguns conteúdos.

No final desta discussão, serão distribuídos aos formandos preservativos após a exemplificação do seu modo de emprego/utilização.

5. Calendarização e Cronograma das tertúlias

No que concerne à calendarização destas tertúlias, tudo dependerá dos temas a serem abordados mediante a opinião dos formandos aquando a realização da sessão 1.

As tertúlias decorrerão uma vez por mês (por volta do dia 15 de cada mês) e destinam-se aos formandos do Serviço de Aprendizagem como foi referido inicialmente neste projeto.

Relativamente ao cronograma, este segue-se apresentado em tabela com um breve comentário em torno de todas as fases.

Fases	jan.	fev.	mar.	abr.	mai.	jun.	jul.
1. Realização da Sessão 1	15						
2. Organização e realização da Sessão 2, estabelecer contactos com convidados		15					
3. Organização e realização da Sessão 3, estabelecer contactos com convidados			15				
4. Organização e realização da Sessão 4, estabelecer contactos com convidados				15			
5. Organização e realização da Sessão 5, estabelecer contactos com convidados					15		
6. Recolha e análise dos resultados para discussão.							
7. Elaboração do relatório final.							

Fase 1: é iniciada a primeira sessão para se apurar quais os temas a serem desenvolvidos nas tertúlias seguintes.

Fase 2 – 5: mediante o número de tertúlias a serem realizadas, estas decorrerão aproximadamente no dia 15 de cada mês. Nos intervalos de tempo é possível agendar e organizar toda a logística das sessões seguintes, embora o contacto com os convidados deva ser o mais atempadamente possível.

Fase 6: para alcançarmos uma avaliação e um *feedback* de toda esta atividade, serão recolhidos os formulários aplicados aos formandos no final de cada sessão.

Fase 7: na sequência da fase anterior, será relatado toda a experiência e sucesso deste projeto.

6. Materiais

6.1.QUESTIONÁRIO INICIAL

Este questionário prende-se com a elaboração de tertúlias a serem concretizadas no Serviço de Aprendizagem da Fundação da Juventude. É anónimo e permite saber qual a tua opinião em torno de algumas questões, por isso as respostas não têm que ser "certas" ou "erradas". O teu contributo é importante para a realização deste projeto. Obrigado pela tua colaboração.

Assinala com um **X** nos campos assinalados a cinzento, de acordo com as indicações que são enunciadas.

1. Que temas gostarias de debater na escola?

Sexualidade	Droga	Violência	Álcool	Discriminação (racial, sexual,…)	Amizade
Bullying	Obesidade	Sedentarismo	Tabagismo	Ambiente	Outro(s)

2. Se indicaste "Outro(s)" justifica a tua resposta, e escreve pelo menos mais um tema.

_____
_____
_____

3. Para que serve a Educação Sexual?

- Para obter mais informação
- Para não ter sida
- Para tirar dúvidas
- Para saber relacionar-se com outra pessoa
- Para não engravidar

4. Outros (escreve pelo menos outra opção)

_____
_____
_____

5. Como classificas a relação com os teus pais?

	Muito má	Má	Boa	Muito boa	Não me relaciono
Com o pai					
Com a mãe					

6. Como classificas a comunicação com os teus pais?

	Muito difícil	Difícil	Fácil	Muito fácil	Não comunico
Com o pai					
Com a mãe					

7. Como te sentes…

	Nada à vontade	Pouco à vontade	À vontade	Muito à vontade
…com os teus pais?				
…com os teus professores?				
…com os teus colegas?				

8. O que fazes quando queres saber mais sobre HIV e outras doenças/infeções sexualmente transmissíveis (DST's / IST's)?

- Falar com um amigo ☐

- Falar com um padre ☐

- Ir ao centro de saúde ☐

- Falar com professores ☐

- Falar com os pais ☐

9. Outros

_____

10. Achas que corres o risco de ser infetado(a) pelo VIH ou outras IST's?

Sim, muito risco ☐

Sim, algum risco ☐

Não corro risco ☐

Não sei se corro risco ☐

6.2.QUESTIONÁRIO FINAL

Este questionário prende-se com a elaboração de tertúlias a serem concretizadas no Serviço de Aprendizagem da Fundação da Juventude. É anónimo e permite saber qual a tua opinião em torno de algumas questões, por isso as respostas não têm que ser "certas" ou "erradas". O teu contributo é importante para a realização deste projeto. Obrigado pela tua colaboração.

Assinala com um **X** nos campos assinalados a cinzento, de acordo com as indicações que são enunciadas.

Avaliação Global

1. **Seleciona uma resposta**

	Sim	**Não**
A ação de formação correspondeu às tuas expetativas		
A ação de formação correspondeu às tuas expetativas nesta área		

2. **A formação permitiu:**

	Sim	**Não**
Fundamentar e enquadrar melhor a prática		
Refletir sobre a prática exercida		
Desenvolver/melhorar métodos e técnicas de trabalho		
Visualizar soluções para problemas práticos		
Relembrar/consolidar conhecimentos adquiridos		
Aprender matérias novas		

3. **Objetivos e Conteúdos da Formação**

	Sim	Não
Os objetivos da ação de formação foram atingidos	☐	☐
Os conhecimentos proporcionados pela ação são úteis	☐	☐
Os temas foram apresentados de forma coerente e estruturada	☐	☐
Houve um equilíbrio entre a formação teórica e prática	☐	☐
A duração da formação permitiu desenvolver todos os pontos do programa	☐	☐
A duração da formação permitiu a execução dos exercícios práticos	☐	☐
A duração da formação foi adequada	☐	☐
A metodologia foi adequada aos objetivos da formação	☐	☐

4. **O Formador:**

	Sim	Não
Foi claro na apresentação dos objetivos a alcançar por parte dos formandos	☐	☐
Dominava as matérias que ministrou	☐	☐
Conseguiu motivar os formandos	☐	☐
Incentivou a participação dos formandos	☐	☐
Desenvolveu metodologias pedagógicas adequadas ao público da ação	☐	☐
Verificou, ao longo da ação, a aquisição de aprendizagem por parte dos formandos	☐	☐
Demonstrou ao grupo as questões práticas das matérias em estudo	☐	☐
Demonstrou interesse pelas dificuldades dos formandos	☐	☐
Apresentou algumas estratégias de apoio à máxima rentabilização dos saberes adquiridos	☐	☐
Desenvolveu um bom relacionamento com o grupo	☐	☐

5. Metodologia e meios utilizados

	Muito mau	Mau	Médio	Bom	Muito bom
A documentação distribuída foi suficiente					
A documentação estava bem estruturada					
Os métodos utilizados facilitam a compreensão dos temas					
A documentação e os materiais disponibilizados continham orientações práticas					

6. As instalações tinham condições adequadas:

	Sim	Não
Em termos de conforto		
Em termos de dimensão		
Em termos de equipamentos e materiais pedagógicos		

7. Duração da ação

	Adequada	Excessiva	Curta
A duração da ação face aos termos abordados foi:			

8. Selecione uma resposta:

	Aspeto positivo	Aspeto a melhorar	Aspeto negativo
Importância da formação			
Duração			
Metodologia			
Relação entre a teoria e a prática			
Documentação			
Desempenho do formador			
Relação entre formador e formando			

Instalações			

9. Apreciação final

	Sim	**Não**
A avaliação global da ação é positiva		
Houve apoio administrativo disponível		
A qualidade das instalações e condições ambientais são adequadas		

10. Sugestões / Críticas

_____

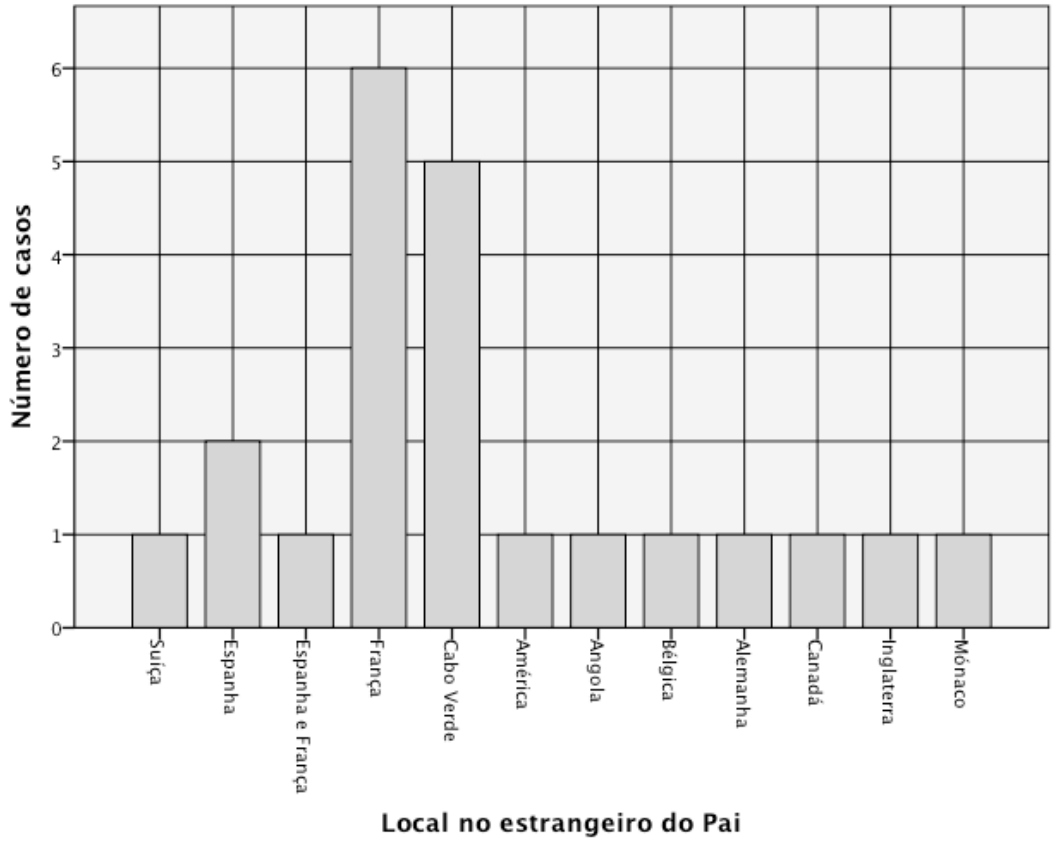
_____

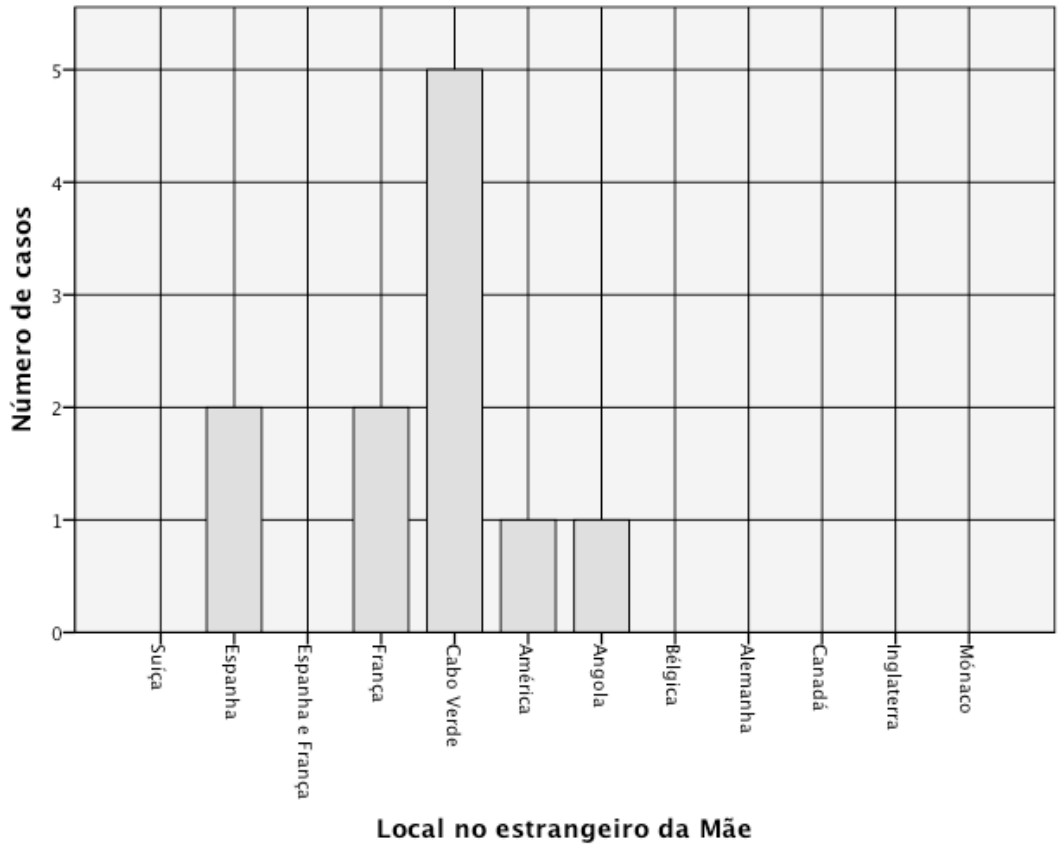
_____

_____

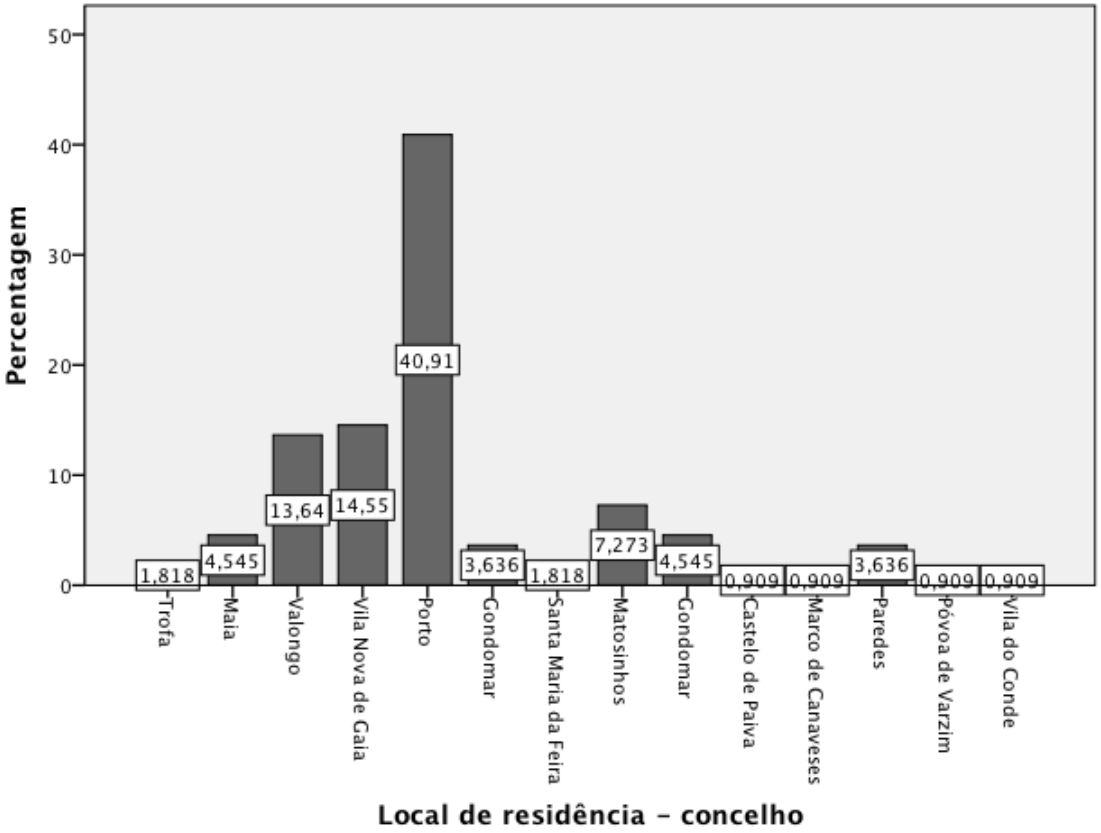
_____

Anexo 18 – Pais no estrangeiro





Anexo 19 – Local de residência (concelho) dos formandos



Anexo 20 – Entrevista à "Formadora 1"

UNIVERSIDADE DO PORTO

Faculdade de Letras

Mestrado em Sociologia – 2ºano, 1ºsemestre

Estágio e Relatório de Estágio – 2011/12

Guião de entrevista para o Serviço de Aprendizagem da Fundação da Juventude

Paulo Almeida Franco, nº100745047

pauloalmeidafranco@gmail.com

Área de análise	Objetivos
I – Conhecimento da história e do Contexto	- Descrever a origem do Serviço de Aprendizagem da F.Juventude
	- Descrever o serviço da instituição
	- Conhecer as infra-estruturas da formação
	- Conhecer a concepção do Plano de Atividades da Instituição
	- Definir o financiamento do Serviço de Aprendizagem
II- Público-alvo	- Descrever o perfil de entrada dos formandos
	- Identificar as razões pelas quais procuram formação
	- Analisar as expectativas dos formandos em relação às formações
III- Formador	- Descrever o perfil do formador
	- Analisar as expectativas do formador em relação à formação e aos formandos
	- Identificar as motivações do formador para desenvolver formações
	- Identificar o grau de satisfação do formador em relação à formação
IV- Processo de Ensino e Aprendizagem	- Identificar os objetivos gerais da formação
	- Identificar os conteúdos da formação
	- Caraterizar os métodos e as técnicas de formação
	- Caraterizar a metodologia de avaliação utilizada
	- Caraterizar o grau de participação dos formandos no processo de formação

A. Concepções do(a) formador(a) sobre o processo de formação

[As perguntas que se seguem nesta parte da entrevista servem para conhecer o que o(a) formador(a) pensa sobre os formandos, o processo de formação e sobre si próprio como formador(a).]

II. Público-alvo

1. Que formações leciona?

2. Nas formações que indicou, quantos formandos estão em média em formação?

3. Qual a média de idades dos formandos em cada uma dessas formações?

4. Qual é o sexo predominante?

5. Em geral, quais são as habilitações académicas desses formandos?

5.1. Que condições perante o trabalho têm as pessoas que recorrem às formações? *(Exercem profissão, exercem tarefas do lar, são estudantes, desempregados, são trabalhadores-estudantes?)*

6. Quais são os motivos que levam os formandos a frequentar essas formações?

7. Na sua opinião, o que é que os formandos querem aprender quando recorrem a essas formações? E como tiveram eles o conhecimento da instituição?

III- Formador(a)

1. Qual é a sua formação académica?

2. Há quanto tempo dá formação (na sua área académica)?

3. Já deu formações noutras áreas? Se sim, em quais?

4. Com que público-alvo costuma trabalhar?

5. Sente que os conhecimentos adquiridos nas suas experiências de vida contribuíram para o seu desenvolvimento profissional? Porquê?

6. Enquanto formador(a), o que espera destas formações?

7. Que resultados espera ver atingidos pelos formandos?

8. Pensa que as formações vão contribuir de alguma forma para o futuro dos formandos?

8.1. Se respondeu sim, em que aspetos?

9. Quais foram os motivos que a levaram a decidir orientar a formação nesta área?

10. Sente-se realizado(a) enquanto formador(a)? Porquê?

IV- Processo de Ensino e Aprendizagem

1. Quais são os objetivos dessas formações?

2. Na sua opinião, os objetivos das formações vão de encontro às necessidades de formação dos formandos? Porque pensa isso?

3. Quais foram os conteúdos programáticos abordados?

4. Como foram selecionados os conteúdos a abordar? E por quem?

5. Os conteúdos abordados foram adaptados ao público-alvo? Justifique.

6. As experiências de vida dos formandos limitaram de alguma forma a escolha dos conteúdos?

7. Pode descrever a sessão de formação que gostou mais e de que gostou menos?

8. Na formação utiliza preferencialmente aulas magistrais, aulas participadas…? (trabalhado de grupo, individual ou em turma) Porquê?

9. Qual (quais) é (são) o(s) método(s) e a(s) técnica(s) mais utilizada(s) na formação?

10. Os formandos são, ou não, avaliados? Porquê?

10.1.(Se sim) Como são avaliados os formandos? (testes, portefólio, etc.)

10.1.1. Quem decide que instrumentos de avaliação são usados?

11.1.2. Que aspetos são avaliados nos formandos? (conhecimento, participação, relações com os colegas e o(a) formador(a), etc.)

12. O(a) formador(a) é, ou não, avaliado(a)? Porquê?

12.1. (Se sim) Como é avaliado(a)?

Guião de Observação utilizado

Data	
Hora	
Duração	
Local	
Interferências/Interrupções	
Recetividade e ambiente geral	
Expressão verbal e não verbal	
Outras observações	

Entrevista à "Formadora 1"

1. Viver em Português, e Francês.
2. Em Francês tenho oito formandos, em Viver em Português tenho três, vinte, é variado, digamos que em média são 12 formandos.
3. A média de idades penso que seja 19 anos (desde os 16 aos 23).
4. Depende dos cursos, em estética são só raparigas.
5. Têm o 9.º ano; os formandos não podem ter contrato de trabalho, muitos têm o 9.º ano de escolaridade através da formação, e também temos formandos que já tiveram percursos no secundário regular, é um grupo heterogéneo.
6. Falta de acompanhamento durante o período que estão na escola (desde as escolas aonde andaram, família, falta de objetivos, eles têm que estar inscritos no IEFP. Eles não gostam de estudar e têm que decidir rápido o que querem fazer. Motivos económicos e familiares.
7. Encontram uma solução confortável, em parte, aprender um ofício e integrarem-se no mercado de trabalho. Muitos são preguiçosos e torna-se fácil o ensino aqui; eles não têm regras e aqui adquirem noções de saber-saber, ser e estar; eles têm dificuldades económicas e como as formações são financiadas, sempre têm algum apoio... compram pizzas em conjunto e ainda levam uns trocos para casa.

II.

1. Sou licenciada em Português/Francês.
2. Estou na instituição desde outubro de 2009, antes estava num centro de estudos a dar explicações (no Lencaster's College).
3. Não, como tirei o curso de HST...
4. Jovens, desde o 1.º ciclo até ao ensino secundário.
5. Sim, muito, porque sempre lidei com jovens por ser presidente de uma associação juvenil (que antes era vice), sou monitora de colónias de férias de verão, e também trabalhei em estudos de mercado.
6. Espero que os que atinjam os objetivos que fiquem no local a trabalhar depois da Formação Prática em Contexto de Trabalho (FPCT). O exemplo de A1[56], uns ficaram a trabalhar, outros com o aumento do IVA podem não ficar... Também há casos de formandos despreocupados que não procuram trabalho... quando há jovens a "morrer na praia" também desmotivam...
7.
8. Mesmo que não sejam colocados é sempre importante impor regras; estes cursos profissionais têm a reputação de serem muito tolerantes, mas aqui eles como escolheram o curso, a formadora nota que eles estão adquirindo regras.

[56] Curso de Cozinha/Pastelaria que foi a primeira turma a terminar o curso na instituição.

9. Pela licenciatura.

10. Sinto, às vezes há um dia que não correu tão bem, outros que correram bem, mas gosto do que faço. "Todas as pessoas têm as suas qualidades, basta encontrá-las", é preciso procurar as disponibilidades deles, é um desafio, e eu gosto de desafios.

1. Leciono uma turma de francês e treze de português. Dei aulas durante um ano em Bragança, depois dei explicações, e estive dois anos numa empresa de estudos de mercado (em regime de trabalho temporário).

2. Há módulos que se repetem... Dentro de Viver em Português há aspetos que se repetem.. cidadania e ambiente. Eles vêm para aqui para aprender fazer algo melhor, mas depende de curso para curso; eles querem algo mais prático, a teoria torna-se aborrecida.

3. História de Portugal, séc. XVIII e XX, União Europeia, *Mass Media* (imprensa escrita), literatura do séc. XX, o mercado de trabalho (entrevistas de emprego).

4. Há um referencial do IEFP mas este é adaptado à turma, com textos de revistas... a adaptação é feita pelo *feedback* da turma.

5.

6. A escolha de conteúdo não é feita pelos formadores, mas por exemplo os materiais...mas limita; as turmas são muito heterogéneas mas se houver um líder, todos os seguem. Se o líder for uma pessoa interessada.

7. A que gosto menos é literatura porque são os meus conteúdos favoritos, mas há um *feedback* negativo da parte dos formandos – por causa da leitura, interpretação, a falta de capacidade cognitiva. O módulo que gosto de lecionar muito é o primeiro – "Portugal e a Europa" por causa da atualidade, e agora podem não ligar muito mas depois, mais tarde, vão-se recordar. Também gosto do módulo dos meios de comunicação porque se podem explorar muitas questões.

8. Eu dou trabalhos para casa, mas os formandos perguntam se são obrigados a fazer da qual eu respondo "não, mas se fizerem vão ser beneficiados", mas há formandos dedicados. As aulas nunca são homogéneas, veem filmes... trabalhos de grupo eu não gosto muito, a não ser que as turmas e os grupos sejam pequenos, pois torna-se difícil controlar.

9. (complementando a resposta anterior:) Se estiverem inquietos há ficha de trabalho, se estiverem calados fazem um debate.

10. A grelha de avaliação contem 10 critérios: capacidade de aprendizagem, motivação, produção, interesse, participação e criatividade, linguagem técnica, organização e respeito pelo material, assiduidade, comportamento, e espírito entre ajuda. As fichas de

Anexo 21 - Análise de Conteúdo da entrevista à "Formadora 1"

Análise de Conteúdo

Entrevista à "Formadora 1" (formadora de Francês e Viver em Português em algumas turmas)

Categorias	Subcategorias	Unidades de Registo
Público-Alvo	Perfil dos formandos	*"A média de idades penso que seja 19 anos (desde os 16 aos 23)."* *"(...)em estética são só raparigas."* *"(os formandos) Têm o 9.º ano; os formandos não podem ter contrato de trabalho, muitos têm o 9.º ano de escolaridade através da formação, e também temos formandos que já tiveram percursos no secundário regular, é um grupo heterogéneo."* *"(Os formandos revelam ter uma) Falta de acompanhamento durante o período que estão na escola (desde as escolas aonde andaram, família, falta de objetivos(...)."* *"Eles não gostam de estudar e têm que decidir rápido o que querem fazer (por) motivos económicos e familiares."* *"Muitos são preguiçosos e torna-se fácil o ensino aqui; eles não têm regras e aqui adquirem noções de saber-saber, ser e estar; eles têm dificuldades económicas e como as formações são financiadas, sempre têm algum apoio... compram pizzas em conjunto e ainda levam uns trocos para casa."* *"(...)há um feedback negativo da parte dos formandos – por causa da leitura, interpretação, a falta de capacidade cognitiva."* *"Eles vêm para aqui para aprender fazer algo melhor, mas depende de curso para curso"* . *"(...)as turmas são muito heterogéneas mas se houver um líder, todos os seguem. Se o líder for uma pessoa interessada."*
	Razões da procura da formação	*"(Os formandos) Encontram uma solução confortável, em parte, aprender um ofício e integrarem-se no mercado de trabalho."*
	Expectativas dos formandos	*"Também há casos de formandos despreocupados que não procuram trabalho..."* *"(...)eles querem algo mais prático, a teoria torna-se aborrecida."*
Formador	Perfil do formador	*"Sou licenciada em Português/Francês."* *"Estou na instituição desde outubro de 2009, antes estava num centro de estudos a dar explicações (no Lencaster's College)."* *"(...)tirei o curso de Higiene e Segurança no Trabalho".* "Leciono uma turma de francês e treze de português. Dei aulas durante um ano em Bragança, depois dei explicações, e estive dois anos numa empresa de estudos de mercado (em regime de trabalho

		temporário).” *“Em Francês tenho oito formandos, em Viver em Português tenho três, vinte, é variado, digamos que em média são 12 formandos.”*
	Expectativas do formador em relação à formação e aos formandos	“Espero que os que atinjam os objetivos que fiquem no local a trabalhar depois da Formação Prática em Contexto de Trabalho (FPCT). O exemplo de A1[57], uns ficaram a trabalhar, outros com o aumento do IVA podem não ficar...” *“Mesmo que (os formandos) não sejam colocados (no mercado de trabalho) é sempre importante impor regras; estes cursos profissionais têm a reputação de serem muito tolerantes, mas aqui eles como escolheram o curso, a formadora nota que eles estão adquirindo regras.”*
	Motivações do formador	“quando há jovens a “morrer na praia” também desmotivam...” *“Todas as pessoas têm as suas qualidades, basta encontrá-las, é preciso procurar as disponibilidades deles (dos formandos), é um desafio, e eu gosto de desafios.”*
	Grau de satisfação do formador em relação à formação	*“Sim, (estou) muito (satisfeita), porque sempre lidei com jovens por ser presidente de uma associação juvenil (que antes era vice), sou monitora de colónias de férias de verão, e também trabalhei em estudos de mercado.”* *“(...)às vezes há um dia que não correu tão bem, outros que correram bem, mas gosto do que faço.”*
Processo de ensino e aprendizagem	Objetivos gerais da formação	*“aprender um ofício e integrarem-se no mercado de trabalho.”*
	Conteúdos da formação	*“História de Portugal, séc. XVIII e XX, União Europeia, Mass Media (imprensa escrita), literatura do séc. XX, o mercado de trabalho (entrevistas de emprego).”* *“(...)Literatura(...)”.* “Portugal e a Europa”.
	Métodos e técnicas de formação	*“Eu dou trabalhos para casa, mas os formandos perguntam se são obrigados a fazer da qual eu respondo “não, mas se fizerem vão ser beneficiados”, mas há formandos dedicados. As aulas nunca são homogéneas, veem filmes... trabalhos de grupo eu não gosto muito, a não ser que as turmas e os grupos sejam pequenos, pois torna-se difícil controlar.”*
	Metodologia de avaliação utilizada	“A grelha de avaliação contem 10 critérios: capacidade de aprendizagem, motivação, produção, interesse, participação e criatividade, linguagem técnica, organização e respeito pelo material, assiduidade, comportamento, e espírito entre ajuda.”
	Grau de participação dos formandos no processo de formação	*“Também gosto do módulo dos meios de comunicação porque se podem explorar muitas questões (para os formandos participarem).”* “Se estiverem inquietos há ficha de trabalho, se estiverem calados fazem um debate.”

[57] Curso de Cozinha/Pastelaria que foi a primeira turma a terminar o curso na instituição.

Anexo 22 – Diferenças entre a escola regular e o SA

GRÁFICO 1 – Estudar no SA é mais fácil.

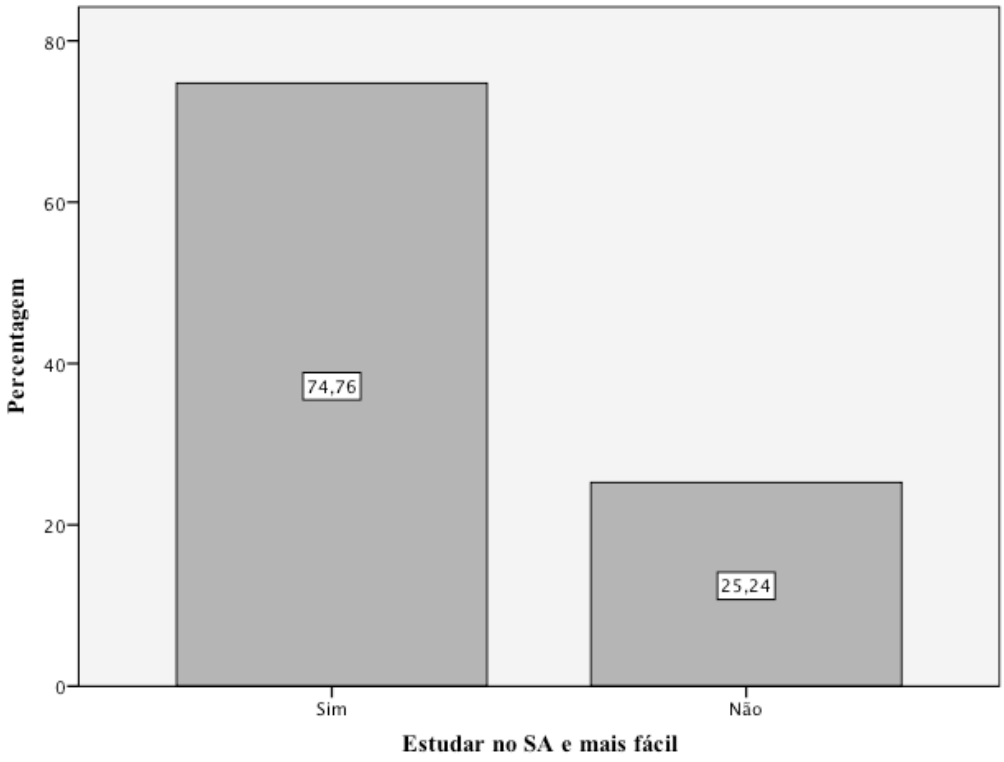


GRÁFICO 2 – Estudar no SA é mais difícil.

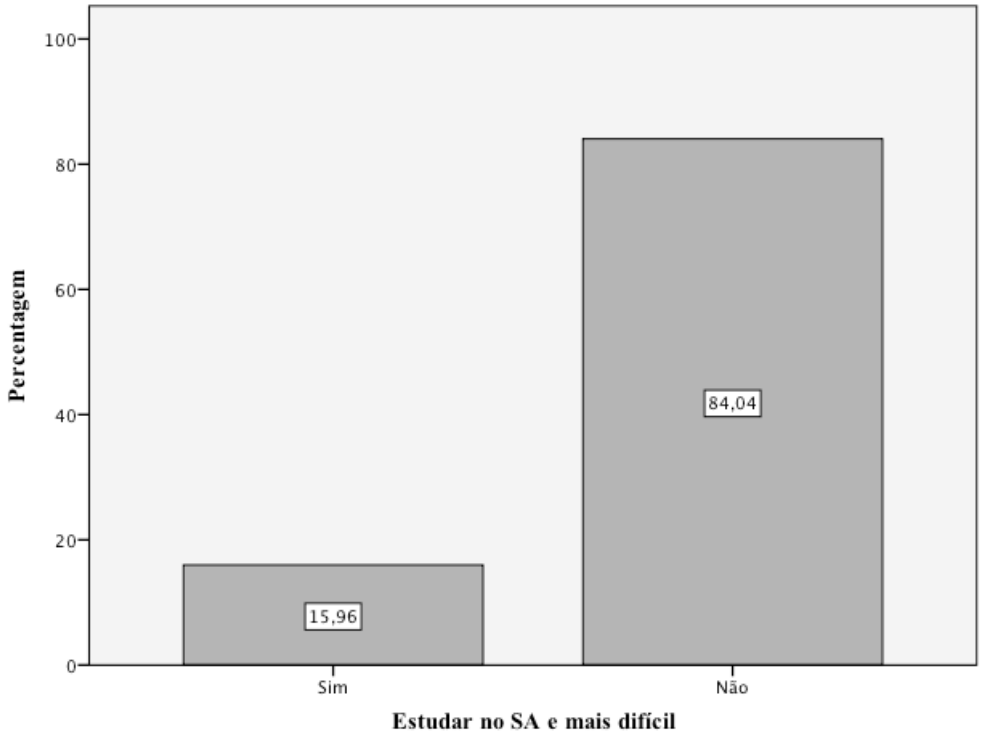


GRÁFICO 3 – Mais motivação em estudar no SA do que na escola regular.

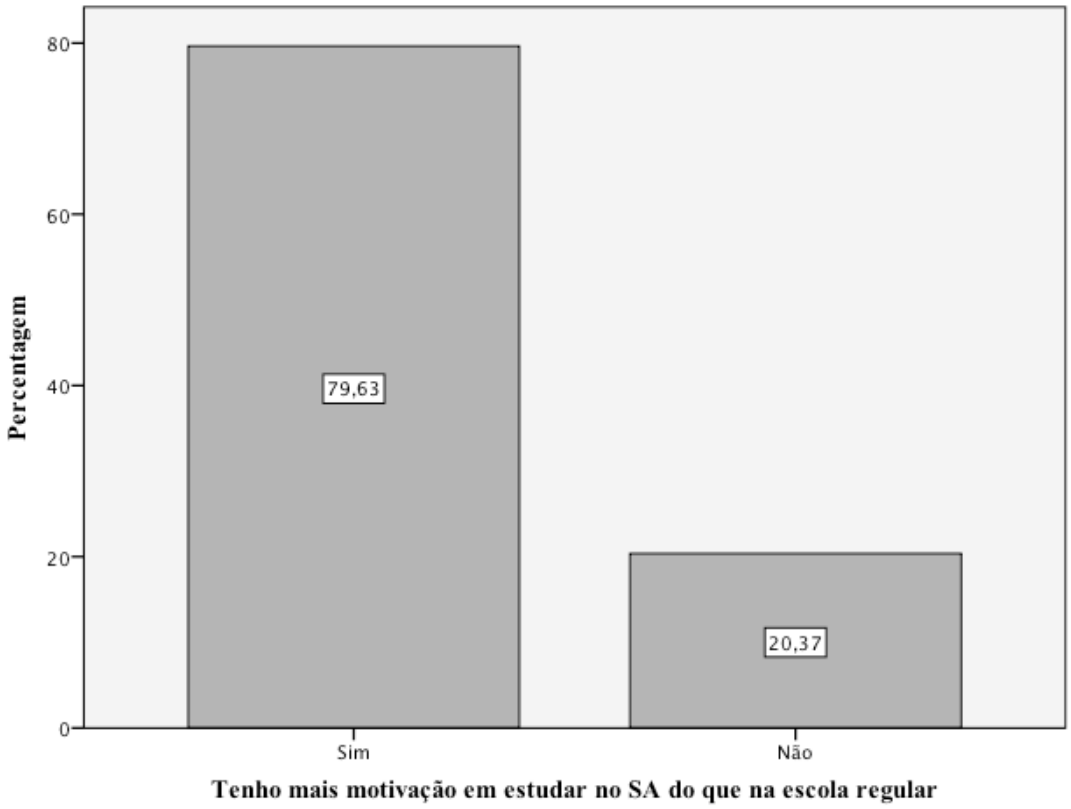


GRÁFICO 4 – Mais facilidade em começar a trabalhar através do curso frequentado no SA.

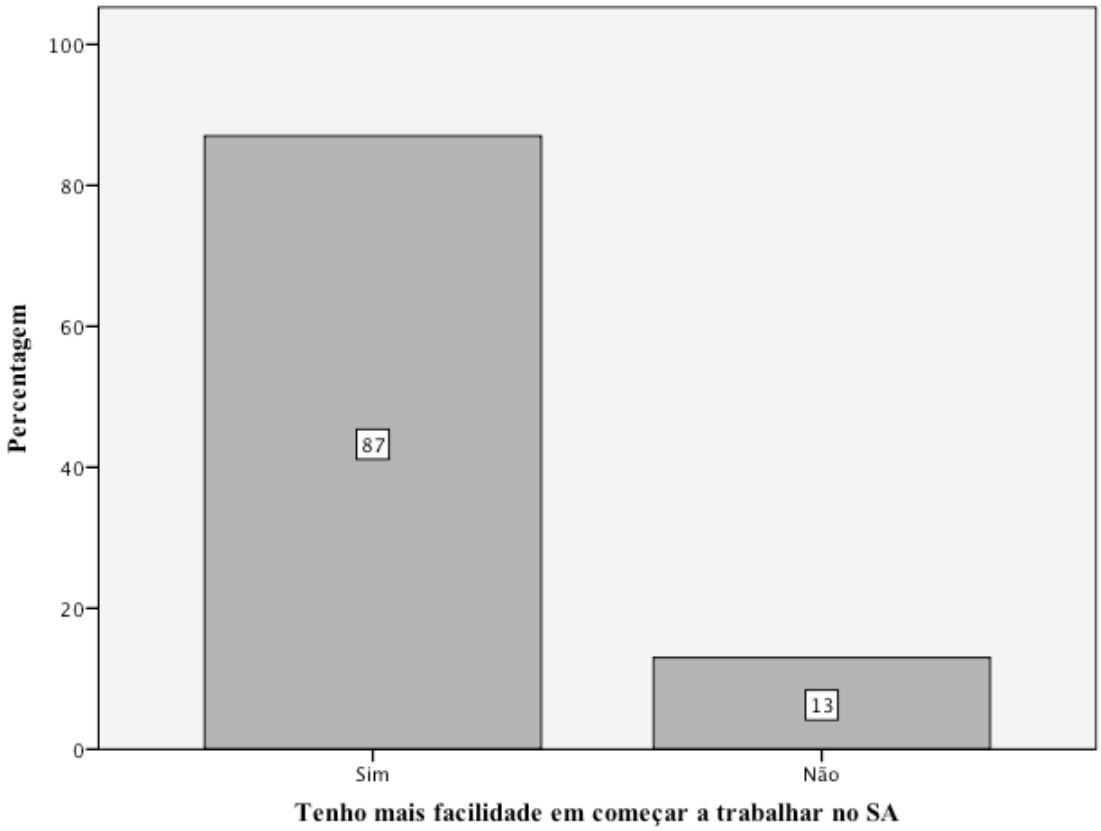


GRÁFICO 5 – O sucesso profissional não difere da escola regular nem do SA.

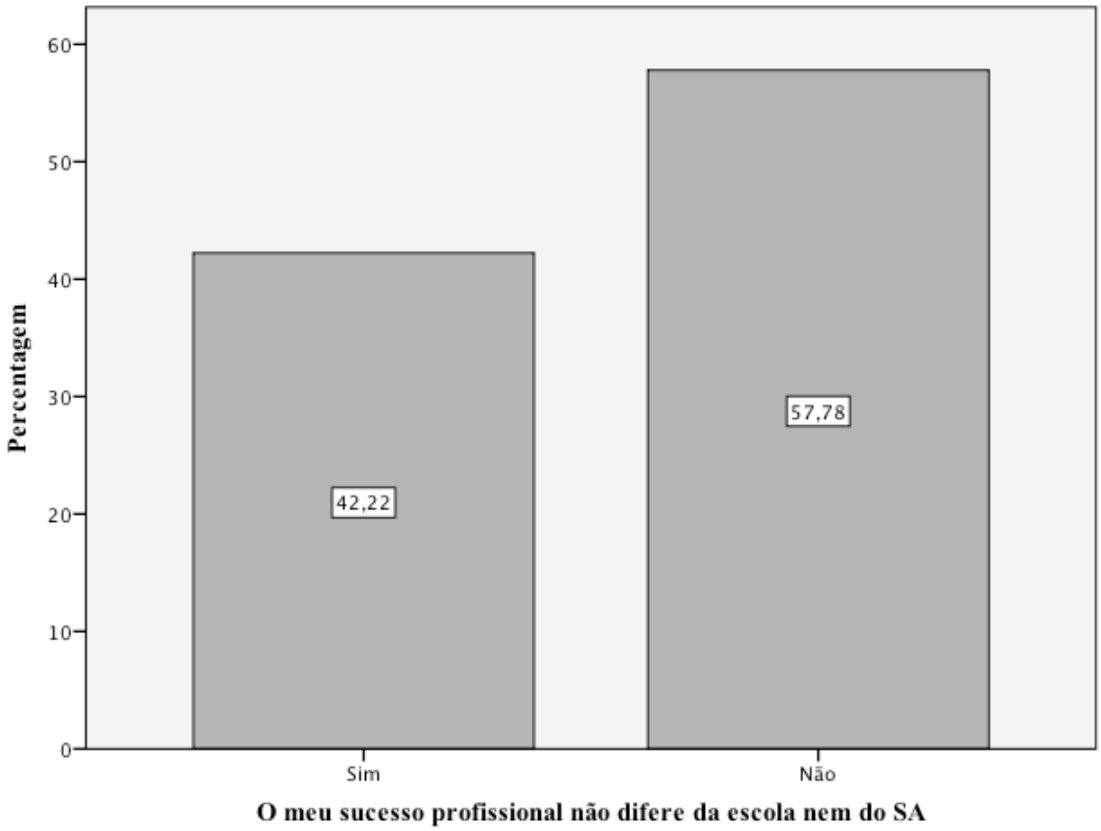


GRÁFICO 6 – Mais apoio(s) e atenção no SA do que na escola regular.

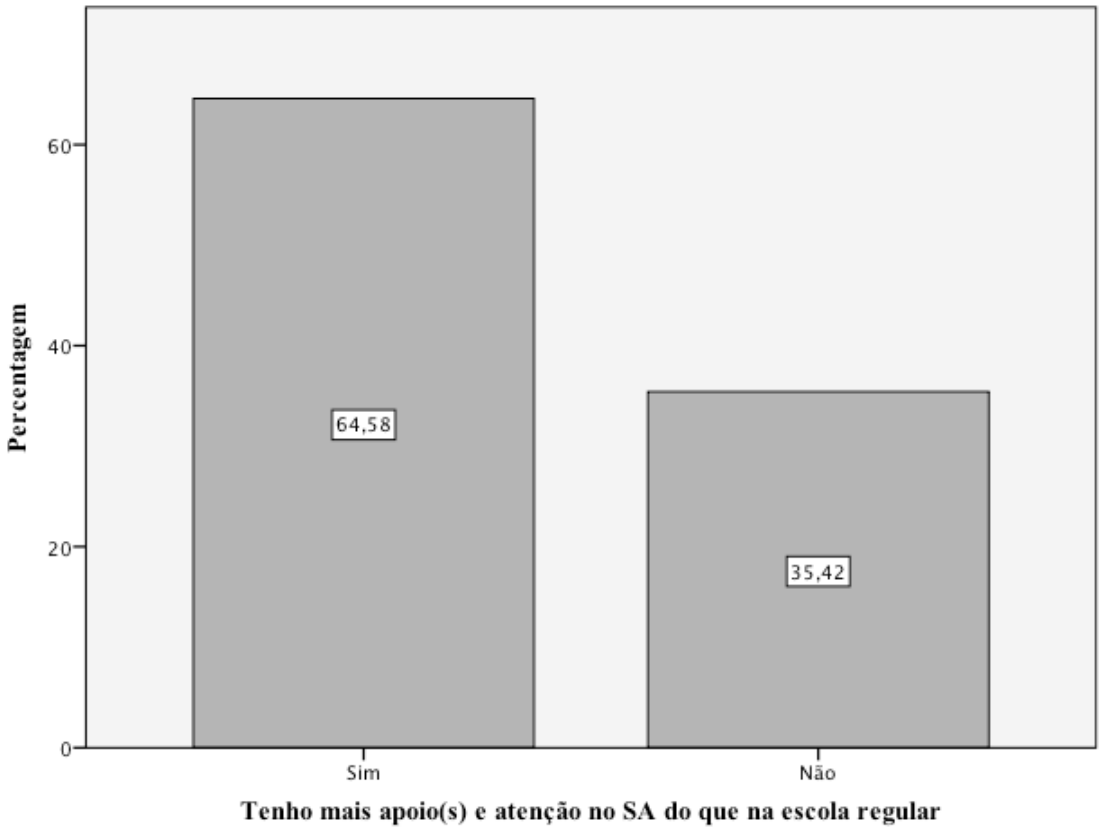


GRÁFICO 7 – Mais apoio(s) e atenção na escola regular do que no SA.

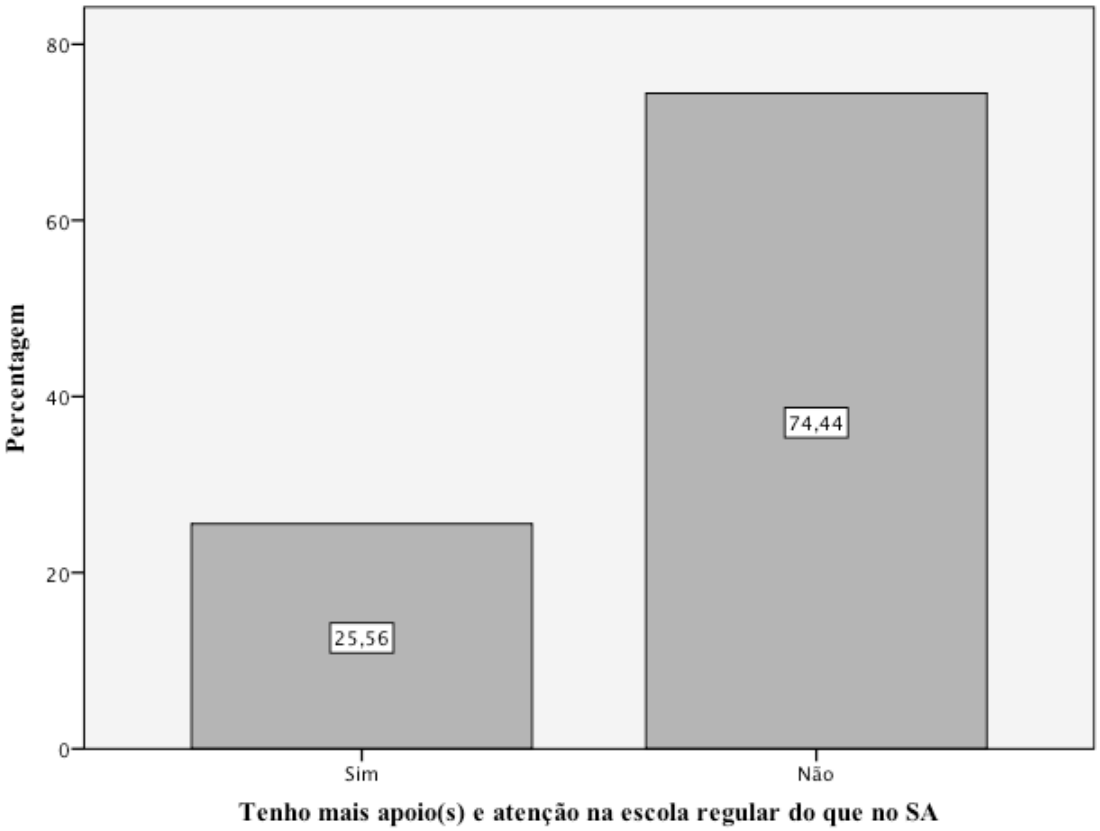
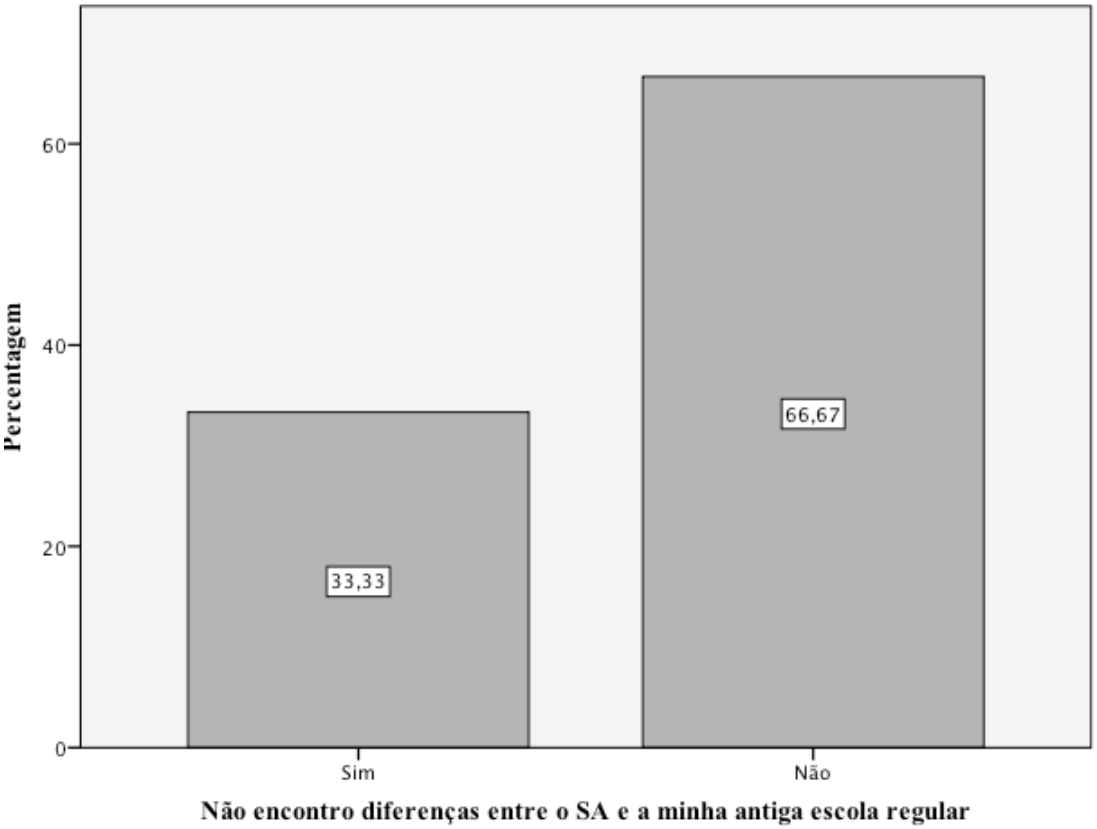


GRÁFICO 8 – Não encontro diferenças no SA nem na escola regular.



Anexo 23 – Entrevista à "Dr.ª GP"

UNIVERSIDADE DO PORTO

Faculdade de Letras

Mestrado em Sociologia – 2ºano, 1ºsemestre

Estágio e Relatório de Estágio – 2011/12

Guião de entrevista para o Serviço de Aprendizagem da Fundação da Juventude

Paulo Almeida Franco, nº100745047

pauloalmeidafranco@gmail.com

Área de análise	Objetivos
I – Conhecimento da história e do Contexto	- Descrever a origem do Serviço de Aprendizagem da F.Juventude
	- Descrever o serviço da instituição
	- Conhecer as infra-estruturas da formação
	- Conhecer a concepção do Plano de Atividades da Instituição
	- Definir o financiamento do Serviço de Aprendizagem
II- Público-alvo	- Descrever o perfil de entrada dos formandos
	- Identificar as razões pelas quais procuram formação
	- Analisar as expectativas dos formandos em relação às formações
III- Formador	- Descrever o perfil do formador
	- Analisar as expectativas do formador em relação à formação e aos formandos
	- Identificar as motivações do formador para desenvolver formações
	- Identificar o grau de satisfação do formador em relação à formação
IV- Processo de Ensino e Aprendizagem	- Identificar os objetivos gerais da formação
	- Identificar os conteúdos da formação
	- Caraterizar os métodos e as técnicas de formação
	- Caraterizar a metodologia de avaliação utilizada
	- Caraterizar o grau de participação dos formandos no processo de formação

A. Caracterização do Contexto da Instituição

[Com estas primeiras questões, gostaria de obter algumas informações sobre o contexto em que surgiu o Serviço de Aprendizagem nesta instituição e como é o seu funcionamento.]

I. Conhecimento da história e do contexto

1. Em que contexto surgiu a criação do Serviço de Aprendizagem (SA)? E qual a data?
2. Qual a sua história?
3. Quais são os objetivos que o SA persegue?
4. Como está integrado este serviço no resto da instituição?
5. A quem se destinam as formações que realizam no SA?
6. Quantas formações fazem em média por ano? E qual a área de formação?
7. Considera que os recursos humanos e materiais são suficientes e adequados face aos objetivos do Serviço de Aprendizagem?
8. Quais são as principais fontes de financiamento do Serviço de Aprendizagem?
9. Como responsável do Serviço e pensando em termos futuros, como gostaria que o mesmo funcionasse?
10. Sugestões/Apreciações

Guião de Observação utilizado

Data	
Hora	
Duração	
Local	
Interferências/Interrupções	
Recetividade e ambiente geral	
Expressão verbal e não verbal	
Outras observações	

Entrevista à "Dr.ª GP"

1. **Em que contexto surgiu a criação do Serviço de Aprendizagem (SA)? E qual a data?**

O Sistema de Aprendizagem, embora existisse há 25 anos, não possuía a visibilidade e os resultados ambicionados. Assim, o IEFP – Instituto de Emprego e Formação Profissional, decidiu desafiar algumas entidades com experiência no mercado formativo para protocolar este sistema formativo. A Fundação da Juventude possuía 22 anos de experiência na formação profissional com resultados muito positivos e foi uma das entidades protocoladas em 27 de maio de 2009, por um período de 3 anos.

2. **Qual a sua história?**

3. **Quais são os objetivos que o SA persegue?**

O Sistema de Aprendizagem tem sido uma mais valia na formação profissional, no empenhamento e desenvolvimento na formação dos jovens, através de uma metodologia adequada, contextualizada e com vantagens reais na integração dos jovens no mercado de trabalho, com a constante preocupação na aposta de formadores de qualidade, para um melhor crescimento pessoal e intelectual na Formação deste Público-Alvo, nomeadamente:

- apoiar os jovens na sua formação
- fornecer ferramentas
- criar a ponte com o mundo profissional
- melhoria das condições de vida da camada jovem.

4. **Como está integrado este serviço no resto da instituição?**

A Fundação da Juventude, pessoa coletiva de direito privado, foi criada em setembro de 1989 e reconhecida como entidade de utilidade pública em março de 1990. Hoje em dia, com 42 entidades a figurarem na lista de fundadores, a Fundação da Juventude promove a integração de jovens no campo profissional, nas suas diversas áreas, tais como o empreendedorismo e a criação de emprego. De âmbito nacional, tem sede na cidade do Porto e conta com Delegações nas Regiões de Lisboa e Vale do Tejo (desde 1992), Algarve (desde 1996) e Região Autónoma da Madeira (desde 2002).

As suas áreas de Intervenção, são:

- Formação Profissional e Emprego
- Educação
- Cultura
- Saúde
- Ciência e Tecnologia
- Intervenção Social

Intervindo através de um conjunto diversificado de ações, tendo sempre por objetivo a formação de jovens.

O Sistema de Aprendizagem, embora se situe na sua maioria, fisicamente em espaço autónomo, enquadra-se na sua totalidade, na filosofia e posicionamento da Fundação da Juventude, sendo assim fácil a sua aceitação quer pelos restantes projetos e colaboradores, quer pelo mercado já habitado a este tipo de intervenção.

5. A quem se destinam as formações que realizam no SA?

Formações transversais (sociocultural, científica, tecnológica e em contexto de trabalho), alternando o ensino prático com o teórico, os Cursos de Aprendizagem destinam-se a jovens com idade inferior a 25 anos e com o 3.º Ciclo do ensino básico ou habilitação superior ao 3.º ciclo, sem conclusão do ensino secundário.

A Formação é dada em horário laboral, de 2ª a 6ª feira, para turmas de 20 jovens, com uma duração mínima aproximada de 3600 horas, privilegiando a sua inserção no mercado de trabalho e permitindo o prosseguimento de estudos, conferindo dupla certificação – escolar e profissional (12º ano, Nível IV).

6. Quantas formações fazem em média por ano? E qual a área de formação?

Pretendemos desenvolver cursos com maior probabilidade de empregabilidade, independentemente da procura dos jovens.

Desde junho de 2009, que foi quando demos início ao nosso primeiro curso, Técnico de Cozinha / Pastelaria, no Porto, que já abrimos 27 cursos no Porto, Lisboa e Algarve, em diversas áreas de intervenção

- Hotelaria e Restauração;
- Eletrónica e Automação;

- Comércio;

- Eletricidade e Energia;

- Cuidados de Beleza;

- Serviços Domésticos;

- Ciências Informáticas;

- Turismo e Lazer;

- Tecnologias de Diagnóstico e Terapêutica;

- Serviços de Apoio a Crianças e Jovens;

- Construção Civil e Engenharia Civil,

dos quais doze, já finalizaram com a grande maioria dos jovens inseridos no mercado de trabalho.

Vamos iniciar no Porto, entre setembro e outubro, mais 6 cursos,

- Técnico(a) de Cozinha / Pastelaria

- Técnico(a) de Mesa e Bar

- Técnico(a) de Esteticista / Cosmetologista

- Técnico(a) de Eletrónica, Automação e Computadores

- Técnico(a) de Vitrinismo

- Técnico(a) de Eletrotecnia

em áreas que foram definidas como prioritárias.

Com o intuito em aumentar os índices de qualificação e de empregabilidade dos jovens formandos/as e sobretudo indo ao encontro das necessidades identificadas pelas empresas / entidades empregadoras, solicitando jovens com estas ofertas formativas, manifestamos o nosso interesse junto do IEFP, pela integração de uma nova área, com abertura prevista para início de 2013 - Construção e Reparação de Veículos a Motor, nomeadamente:

- Técnico (a) de Receção / Orçamentação de Oficina

- Técnico (a) de Mecatrónica Automóvel.

7. Considera que os recursos humanos e materiais são suficientes e adequados face aos objetivos do Serviço de Aprendizagem?

A Fundação da Juventude dotou-se das condições físicas e humanas necessárias ao desenvolvimento das respetivas ofertas formativas, tendo condições para avançar com a formação prevista nas datas propostas.

8. Quais são as principais fontes de financiamento do Serviço de Aprendizagem?

O Sistema de Aprendizagem é financiado pelo POPH – Programa Operacional de Potencial Humano, ao abrigo do protocolo com o IEFP – Instituto de Emprego e Formação Profissional.

9. Como responsável do Serviço e pensando em termos futuros, como gostaria que o mesmo funcionasse?

As duas grandes dificuldades que sinto, enquanto responsável pelo Sistema de Aprendizagem, têm cariz Técnico / Pedagógico e Social.

No primeiro caso, deveria haver uma maior preocupação no desenvolvimento dos conteúdos programáticos de forma a corresponderem melhor á exigência do mercado de trabalho;

No âmbito social, somos confrontados diariamente com um público carenciado, desmotivado, sem hábitos escolares nem regras, sem retaguarda familiar e com muitas carências económicas. Gostaríamos de ver apoios mais eficazes e rigorosos de forma a não perdermos jovens com capacidades intelectuais, mas que sem recursos financeiros acabam por desistir.

10. Sugestões/Apreciações

O Sistema de Aprendizagem tem sido uma mais valia na formação profissional, no empenhamento e desenvolvimento na formação dos jovens, através de uma metodologia adequada, contextualizada e com vantagens reais na integração dos jovens no mercado de trabalho. No entanto, julgo que é necessário continuar a produzir um trabalho rigoroso e exigente de forma a desmistificar a ideia ainda preeminente de que a formação profissional é só para maus alunos e de que existe um grande facilitismo na sua ministração.

As entidades têm que continuar a fazer um trabalho sério e empenhado, de forma a conseguirmos uma maior penetração de mercado e empregabilidade para os nossos jovens.

Anexo 24 – Análise de conteúdo da entrevista à "Dr.ª GP"

Análise de Conteúdo

Entrevista à "Dr.ª GP" (gestora do projeto do Sistema de Aprendizagem – SA – da Fundação da Juventude)

Categorias	**Subcategorias**	**Unidades de Registo**
Conhecimento da história e do Contexto da instituição	Origem do SA da Fundação da Juventude	*"O Sistema de Aprendizagem, embora existisse há 25 anos, não possuía a visibilidade e os resultados ambicionados. Assim, o IEFP – Instituto de Emprego e Formação Profissional, decidiu desafiar algumas entidades com experiência no mercado formativo para protocolar este sistema formativo. A Fundação da Juventude possuía 22 anos de experiência na formação profissional com resultados muito positivos e foi uma das entidades protocoladas em 27 de maio de 2009, por um período de 3 anos."*
	Objetivos da instituição	*"O Sistema de Aprendizagem tem sido uma mais valia na formação profissional, no empenhamento e desenvolvimento na formação dos jovens, através de uma metodologia adequada, contextualizada e com vantagens reais na integração dos jovens no mercado de trabalho, com a constante preocupação na aposta de formadores de qualidade, para um melhor crescimento pessoal e intelectual na Formação deste Público-Alvo, nomeadamente:* *- apoiar os jovens na sua formação* *- fornecer ferramentas* *- criar a ponte com o mundo profissional* *- melhoria das condições de vida da camada jovem."*
	Descrição do serviço da instituição	*"A Fundação da Juventude, pessoa coletiva de direito privado, foi criada em setembro de 1989 e reconhecida como entidade de utilidade pública em março de 1990. Hoje em dia, com 42 entidades a figurarem na lista de fundadores, a Fundação da Juventude promove a integração de jovens no campo profissional, nas suas diversas áreas, tais como o empreendedorismo e a criação de emprego. De âmbito nacional, tem sede na cidade do Porto e conta com Delegações nas Regiões de Lisboa e Vale do Tejo (desde 1992), Algarve (desde 1996) e Região Autónoma da Madeira (desde 2002).* *As suas áreas de Intervenção, são:* *- Formação Profissional e Emprego* *- Educação* *- Cultura* *- Saúde* *- Ciência e Tecnologia* *- Intervenção Social* *Intervindo através de um conjunto diversificado de ações, tendo sempre por objetivo a formação de jovens.* *O Sistema de Aprendizagem, embora se situe na sua maioria, fisicamente em espaço autónomo, enquadra-se na sua totalidade, na filosofia e posicionamento da Fundação da Juventude, sendo assim fácil a sua aceitação quer pelos restantes projetos e colaboradores, quer pelo mercado já habitado a este tipo de intervenção."*

	Infra-estruturas da formação	*"A Fundação da Juventude dotou-se das condições físicas e humanas necessárias ao desenvolvimento das respetivas ofertas formativas, tendo condições para avançar com a formação prevista nas datas propostas."*
	Financiamento do SA	*"O Sistema de Aprendizagem é financiado pelo POPH – Programa Operacional de Potencial Humano, ao abrigo do protocolo com o IEFP – Instituto de Emprego e Formação Profissional."*

Anexo 25 – Entrevista à "Formadora 2"

UNIVERSIDADE DO PORTO

Faculdade de Letras

Mestrado em Sociologia – 2ºano, 1ºsemestre

Estágio e Relatório de Estágio – 2011/12

Guião de entrevista para o Serviço de Aprendizagem da Fundação da Juventude

Paulo Almeida Franco, nº100745047

pauloalmeidafranco@gmail.com

Área de análise	Objetivos
I – Conhecimento da história e do Contexto	- Descrever a origem do Serviço de Aprendizagem da F.Juventude
	- Descrever o serviço da instituição
	- Conhecer as infra-estruturas da formação
	- Conhecer a concepção do Plano de Atividades da Instituição
	- Definir o financiamento do Serviço de Aprendizagem
II- Público-alvo	- Descrever o perfil de entrada dos formandos
	- Identificar as razões pelas quais procuram formação
	- Analisar as expectativas dos formandos em relação às formações
III- Formador	- Descrever o perfil do formador
	- Analisar as expectativas do formador em relação à formação e aos formandos
	- Identificar as motivações do formador para desenvolver formações
	- Identificar o grau de satisfação do formador em relação à formação
IV- Processo de Ensino e Aprendizagem	- Identificar os objetivos gerais da formação
	- Identificar os conteúdos da formação
	- Caraterizar os métodos e as técnicas de formação
	- Caraterizar a metodologia de avaliação utilizada
	- Caraterizar o grau de participação dos formandos no processo de formação

A. Concepções do(a) formador(a) sobre o processo de formação

[As perguntas que se seguem nesta parte da entrevista servem para conhecer o que o(a) formador(a) pensa sobre os formandos, o processo de formação e sobre si próprio como formador(a).]

II. Público-alvo

1. Que formações leciona?

2. Nas formações que indicou, quantos formandos estão em média em formação?

3. Qual a média de idades dos formandos em cada uma dessas formações?

4. Qual é o sexo predominante?

5. Em geral, quais são as habilitações académicas desses formandos?

5.1. Que condições perante o trabalho têm as pessoas que recorrem às formações? *(Exercem profissão, exercem tarefas do lar, são estudantes, desempregados, são trabalhadores-estudantes?)*

6. Quais são os motivos que levam os formandos a frequentar essas formações?

7. Na sua opinião, o que é que os formandos querem aprender quando recorrem a essas formações? E como tiveram eles o conhecimento da instituição?

III- Formador(a)

1. Qual é a sua formação académica?

2. Há quanto tempo dá formação (na sua área académica)?

3. Já deu formações noutras áreas? Se sim, em quais?

4. Com que público-alvo costuma trabalhar?

5. Sente que os conhecimentos adquiridos nas suas experiências de vida contribuíram para o seu desenvolvimento profissional? Porquê?

6. Enquanto formador(a), o que espera destas formações?

7. Que resultados espera ver atingidos pelos formandos?

8. Pensa que as formações vão contribuir de alguma forma para o futuro dos formandos?

8.1. Se respondeu sim, em que aspetos?

9. Quais foram os motivos que a levaram a decidir orientar a formação nesta área?

10. Sente-se realizado(a) enquanto formador(a)? Porquê?

IV- Processo de Ensino e Aprendizagem

1. Quais são os objetivos dessas formações?

2. Na sua opinião, os objetivos das formações vão de encontro às necessidades de formação dos formandos? Porque pensa isso?

3. Quais foram os conteúdos programáticos abordados?

4. Como foram selecionados os conteúdos a abordar? E por quem?

5. Os conteúdos abordados foram adaptados ao público-alvo? Justifique.

6. As experiências de vida dos formandos limitaram de alguma forma a escolha dos conteúdos?

7. Pode descrever a sessão de formação que gostou mais e de que gostou menos?

8. Na formação utiliza preferencialmente aulas magistrais, aulas participadas…? (trabalhado de grupo, individual ou em turma) Porquê?

9. Qual (quais) é (são) o(s) método(s) e a(s) técnica(s) mais utilizada(s) na formação?

10. Os formandos são, ou não, avaliados? Porquê?

10.1.(Se sim) Como são avaliados os formandos? (testes, portefólio, etc.)

10.1.1. Quem decide que instrumentos de avaliação são usados?

11.1.2. Que aspetos são avaliados nos formandos? (conhecimento, participação, relações com os colegas e o(a) formador(a), etc.)

12. O(a) formador(a) é, ou não, avaliado(a)? Porquê?

12.1. (Se sim) Como é avaliado(a)?

Guião de Observação utilizado

Data	
Hora	
Duração	
Local	
Interferências/Interrupções	
Recetividade e ambiente geral	
Expressão verbal e não verbal	
Outras observações	

Entrevista à "Formadora 2"– 16 de dezembro de 2011

Que formações leciona?

Desenvolvimento Social e Pessoal (da componente sociocultural que é comum a todas as turmas), leciono módulos de componente tecnológica ao curso de Ação Educativa, o módulo de Saúde Mental, Formas de intervenção precoce em crianças com Necessidades Educativas Especiais, desenvolvimento da criança; e ao curso de Cozinha leciono Comunicação Interpessoal, Recursos Humanos, o Sociocultural.

Quantos formandos tem em média em formação?

Nos primeiros anos a média é de 15 formandos, a partir do segundo ano a média é de 10 formandos; verifica-se que, por exemplo em estética, a média é de 12 porque são turmas com o maior número de formandos. Relativamente à idade, sendo a mínima 15 e a máxima 25 anos, a média de idades penso que se situa entre os 17 e os 22, os cursos de estética são constituídos só por meninas (são quatro turmas), e por exemplo temos os cursos de Som e Imagem, e Climatização e Refrigeração são só de rapazes

Qual é a condição perante o trabalho dos formandos?

A maior parte são só estudantes, uma taxa muito reduzida tem um *part-time*, alguns deles já estiveram a trabalhar e resolveram fazer a formação.

Quais os motivos para o ingresso?

Tirar o 12º ano é o principal; consideram que os cursos de aprendizagem é o mais fácil que o regular; alguns deles já experimentaram o regular e não conseguiram fazer; outros porque querem ter uma carteira profissional na área; outros vêm cá porque querem fazer alguma coisa e resolveram estudar (ou ocupar o tempo) – e estes acabam por desistir porque têm que trabalhar.

O que é que os formandos querem aprender quando concorrem a estas formações?

À maioria dos formandos, não lhes interessa muito a componente teórica, e a parte prática é o que lhes interessa mais, eles adoram as aulas que conseguem conciliar a teoria com a prática, pedem para ver filmes para retirar conteúdos programáticos.

Como tiveram conhecimento da instituição?

Através do encaminhamento do IEFP (Instituto do Emprego e da Formação Profissional) e do "passa a palavra" dos amigos, e também da internet (divulgação).

Sobre o(a) Formador(a)

Licenciada em Psicologia Social e do Trabalho na Universidade Fernando Pessoa.

Já deu formações noutras áreas?

Já dei formação de formadores, EFA (Educação e Formação de Adultos) de Ação Educativa com módulos de Comunicação Interpessoal, e recursos humanos.

Quais foram as idades dos formandos?

Dei formação ao 3º ciclo, ao secundário, e aos cursos EFA a faixa etária era mais alargada, a partir dos 25 anos de idade.

"A turma A1 foi a turma piloto, todos os módulos que dei foram a eles" (21'55'')

Enquanto formadora, o que espera destas formações?

Primeiro, mais do que eles adquirirem os objetivos mínimos que têm que atingir, é que eles aprendam a saber-estar, pois são especiais. Nas aulas há momentos que se "perdem" para lhes explicar como se devem comportar na escola, trabalho, casa, rua...

Que resultados espera que os formandos atinjam?

Espero que eles consigam ter o 12º ano, consigam trabalhar na área se de fato seja isso o seu sonho, gosto muito dos meninos da formação, gostava que eles tivessem um futuro bom, com muito sucesso e que fossem felizes.

Para o futuro dos formandos

Estes adquirem uma ferramenta que se souberem aproveitá-la têm uma porta aberta. Hoje em dia, estes cursos mais técnicos têm uma vantagem relativamente aos cursos superiores. "Às vezes eles limitam muito as suas perspetivas, mesmo em termos profissionais. Do género, as meninas de Apoio à Comunidade limitam muito porque têm que trabalhar num lar, ou num infantário, eu já lhes expliquei: e porque não alargar os horizontes, porque não vocês criarem as vossas empresas de serviços, vocês podem criar uma empresa de *babysitting*, de apoio ao domiciliário, vocês estão a ser empreendedores, estão a criar o vosso próprio emprego, não precisam de estar sujeitos às instituições já existentes (muitas vezes até é difícil encontrar colocação), vocês têm que abrir um bocadinho o leque para não pensarem que só há aquele caminho. E eles ficam "ai que interessante". As (formandas) de estética já têm essa noção, as que não têm possibilidades financeiras para trabalharem por conta própria, muitas delas já têm a perspetiva de, quanto mais não seja, trabalharem em casa para ganharem algum dinheiro extra. E depois os meninos de cozinha não têm a perspetiva de trabalhar num restaurante qualquer, eles querem ir trabalhar para hotéis de renome, com a perspetiva de progressão na carreira. Nós tentamos-lhes mostrar isso porque se calhar se eles quisessem ser uns simples cozinheiros não precisavam de estar a tirar a formação, nós estamos a prepará-los para serem chefes de cozinha, e não um simples cozinheiro (nada contra a profissão), e noutras áreas também. Os formandos de som e imagem é na perspetiva de serem reparadores de som e imagem. Tentamos arranjar estágio em rádio e TV, e de facto não correu bem porque a área

tecnológica deles não tem muito a ver com televisão e rádio, é mais vinculada à reparação e não som e imagem dos *media*.

Quais foram os motivos que a levaram a orientar a formação nesta área? Prendem-se com a sua formação académica, mas...

Eu estou cá desde o início do projeto. Estava à procura de locais onde pudesse dar formação. Falaram-me nos da instituição. Entrei para dar Desenvolvimento Social e Profissional (DSP) e Mundo Atual, entretanto deixei de dar psicologia e DSP é transversal a todos os cursos, é uma disciplina sociocultural que abrange todos os cursos e o tenho a possibilidade de conhecer todas as turmas; da área tecnológica tenho o módulo que a Fundação propõe e, se eu posso aceitar, aceito.

E sente-se realizada enquanto formadora? Porquê?

Sim porque eu gosto daquilo que faço, gosto muito de estar em contacto com os miúdos, gosto de lhes ensinar coisas mas gosto de aprender com eles. Acho que há uma troca de saberes que eu fiz crescer como pessoa e profissionalmente, e quando decidi ser psicóloga decidi que a área que gostava de intervir era a área da escola, precisamente pelo ambiente, pelo contexto, pela escola, pelos miúdos, e sinto-me realizada porque apesar de não estar a trabalhar numa escola pública, estou numa instituição de formação, e estou a fazer aquilo que eu sempre quis fazer e gosto de fazer, apesar de às vezes precisar de ir ao psicólogo (risos).

SOBRE O PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM

Quais são os objetivos dessas formações?

Área sociocultural e tecnológica. Cada módulo tem os seus objetivos específicos. Por exemplo, na área de DSP os objetivos abrangem três áreas: no primeiro falamos sobre Higiene e Segurança no Trabalho, no segundo ano falamos da prevenção de saúdem os objetivos são dados através do plano curricular que o IEFP dá, por isso nós temos que seguir pelos objetivos que nos são impostos pelo IEFP.

Na sua opinião, os objetivos da formação vão de encontro às necessidades de formação dos formandos?

Nem sempre. No primeiro ano os formandos têm uma sobrecarga muito grande em termos de trabalho; o objetivo dos cursos de aprendizagem é no 1.º ano ter um dia de estágio, no 2.º dois e no 3.º três. Muitas das vezes, as disciplinas que têm no 3.º ano , pareciam que deveriam ter sido dadas no 1.º ano.

Na preparação dos planos curriculares, a pessoa que os preparou não conhecia muito bem a realidade, e as realidades vão-se mudando. Talvez não tem havido o cuidado de reformular o que foi criado na altura. O que foi criado há 10 anos atrás se calhar já não se adequa e se calhar devia haver mais esse cuidado porque às vezes noto uma certa desorganização. Por exemplo: deve haver um certo "intercâmbio" entre os formadores, no caso de estética e cosmética. Há módulos semelhantes (com objetivos semelhantes) como por exemplo o caso da ergonomia e os módulos de saúde. Os formandos por vezes dizem "outra vez?" "mas então qual a melhor definição de 'acidente de trabalho'? A da professora, ou a da professora *X*?" Deveria haver uma reformulação dos planos curriculares.

Quais foram os conteúdos programáticos abordados?

Para analisarmos essa questão, vou dar o exemplo de DSP – sendo transversal a todos os cursos.

- 1.º ano – Higiene e Prevenção no Trabalho: o que é a saúde, a medicina no trabalho, a higiene no trabalho, acidentes de trabalho, tipos de risco, avaliação do risco...prevenção... depois temos a segunda parte de ergonomia: postos de trabalho, condições de trabalho, regras de utilização de ecrãs de computador, movimentação manual de cargas...;
- 2.º ano – Promoção da saúde: alimentação racional e desvios alimentares; doenças da atualidade (educação para a saúde): toxicodependência, sexualidade humana, organizações que prestam apoio quer a doentes que têm diferentes patologias e dos diferentes tipos de toxicodependências;

- 3.º ano – Culturas, Etnias e Diversidades: o racismo, a discriminação, a xenofobia (seguindo os programas mais relacionados com a emigração), os emigrantes que vieram para cá, por onde é que nós, os portugueses, vamos/fomos, razões, motivos... abordar as questões do racismo (mas eu tento não só abordar as questões do racismo não só dos emigrantes mas no geral).

Como foram selecionados os conteúdos a abordar? – Neste caso da Aprendizagem, é através do Referencial fornecido pelo IEFP.

As experiências de vida dos formandos limitaram-lhe de alguma forma os conteúdos?

Havia um miúdo que vivia numa instituição e num módulo de psicologia do 1.º ano da turma de cozinha nós tínhamos falado de família, da tradicional, da monoparental, e o miúdo nas aulas em que falávamos de família estava sempre de cabeça baixa só para eu não lhe colocar questões diretamente, porque ele não sabia que os formadores sabiam que ele vivia numa instituição e ele não queria dar a saber, e muitas vezes eu própria senti dificuldade em abordar a questão sem o fragilizar (porque às vezes nós não temos a noção da realidade dos meninos, e aquilo que para nós parece evidente, normal, para eles não é; e de facto, por exemplo, não é a escolha dos conteúdos, podemos falar mas pela maneira de abordar acabamos por ser limitados pelas experiências de vida dos miúdos. No caso das meninas de estética estavam a dizer que a professora de HST estava a dizer que numa casa onde vivem 10 pessoas não têm a mesma higiene que numa casa onde vivam 3, e elas estavam todas revoltadíssimas com a professora porque achavam que era mentira porque a maior parte delas moram com muitas pessoas, em ilhas... "estavam-nos a chamar de porcas".

Qual foi a formação que gostou mais, e a que gostou menos?

É muito complicado. Três anos seguidos de manhã à noite a dar formação...

Uma experiência...

Eu já tive situações muito agradáveis e tive outras também bastante desagradáveis. Não lhe consigo descrever alguma situação específica porque houve aulas que correram bem em todos

os sentidos e houve aquelas em que eu referi "menos boas". Tem mesmo a ver com o comportamento menos bom dos formandos.

Houve alguma situação crítica que foi necessária a intervenção da "Dr.ª GP"? (A gestora do projeto)

Ai já. Já tive de pedir a um aluno para sair da sala e ele a recursar-se. E para não entrar em discussão na sala de aula eu disse-lhe "então se não sais vou pedir à "Dr.ª GP" para intervir". Isso já me aconteceu uma vez. Eu chamei a atenção à namorada e ele exaltou-se completamente (estava a falar aos gritos). Ainda há pouco tempo uma menina mandou-me calar, e eu disse-lhe "ou nós começamos a trabalhar em conjunto, a trabalhar em sintonia, ou então eu escrevo o sumário e vamos embora, não vou eu estar aqui a falar duas horas e vocês a estarem para aí a falar de outras coisas que não têm interesse para a aula..." A miúda virou-se para mim e fez "shiu", e eu "diga?!" e ela "quem é que pensa que é...?" e eu disse-lhe que ia ter falta (porque eu já sabia que se a mandasse para a rua ela não ia, e eu para não lhe dar o prazer de me dizer isso eu disse "a menina vai ter falta, se quiser continuar na sala de aula para mim tudo bem, se quiser sair está à vontade...falta vai ter." E ela disse "então vou ficar na sala de aula", e ficou com a falta. Depois no final da aula eu fiz uma ocorrência... os miúdos até ficaram revoltados com ela por ela ter feito o que fez.

Na formação, utiliza preferencialmente aulas magistrais ou participadas?

Eu tento que as aulas sejam participadas, eu até lhes costumo dizer, eu lanço o tema, falo um bocadinho sobre a matéria mas, "eu quero que vocês sejam participativos a darem a vossa opinião, 'ai concordo', 'não concordo', 'aconteceu isso comigo'". Eu gosto que eles registem, gosto principalmente que eles deem a sua opinião, que participem, que façam questões.

Quais são os métodos e as técnicas mais utilizadas na formação? Exposição oral? Dinâmicas de grupo?

Eu utilizo a exposição oral, mas nem sempre, principalmente quando é em relação a acidentes de trabalho eu utilizo estatísticas e eles através de um trabalho de grupo assimilam os conteúdos e conseguem decorar melhor. Utilizo o *brainstorming*, vídeos...

Como é feita a avaliação?

Normalmente no módulo de DSP, no primeiro ano aplico dois testes, verifico se os cadernos diários estão atualizados e devidamente organizados... no segundo ano, no módulo de Promoção da Saúde, eles são avaliados (dependendo das turmas, porque numa consigo fazer trabalhos de grupo) através de trabalhos escritos. Eles são mais fracos a nível teórico e esta é mais difícil para fazerem trabalhos individualmente, Eu dou folhas com informação e eles não conseguem trabalhar, encontrar ideias. Mas nesses casos, em vez de trabalhos individuais, falam muito à base de experiências "o que é que se poderia melhorar", "o que é que acham que é o correto que se podia/devia fazer", passa muito pelo debate. "Capacidade de aprendizagem", é muito subjetivo, este parâmetro. O valor que nós atribuímos pode não ser aquele que não corresponde, mas é a ideia que eu tenho.

A grelha de avaliação é constituída por que indicadores?

Capacidade de aprendizagem, motivação e interesse, linguagem técnica, zelo e respeito pelos materiais...

O formador é ou não avaliado?

Que eu saiba não, mas acho que devíamos ser avaliados, até para tomarmos consciência. Pedir sugestões aos formandos, saber o que é que eles pensam...

Anexo 26 – Análise de conteúdo da entrevista à "Formadora 2"

Análise de Conteúdo

Entrevista à "Formadora 2" (formadora de Desenvolvimento Social e Pessoal - DSP, comum a todos os cursos, e de alguns módulos da componente tecnológica dos cursos de Ação Educativa e Cozinha/Pastelaria)

Categorias	Subcategorias	Unidades de Registo
Público-Alvo	Perfil dos formandos	"Nos primeiros anos a média é de 15 formandos, a partir do segundo ano a média é de 10 formandos; verifica-se que, por exemplo em estética, a média é de 12 porque são turmas com o maior número de formandos. Relativamente à idade, sendo a mínima 15 e a máxima 25 anos, a média de idades penso que se situa entre os 17 e os 22, os cursos de estética são constituídos só por meninas (são quatro turmas), e por exemplo temos os cursos de Som e Imagem, e Climatização e Refrigeração são só de rapazes." *"À maioria dos formandos, não lhes interessa muito a componente teórica, e a parte prática é o que lhes interessa mais, eles adoram as aulas que conseguem conciliar a teoria com a prática, pedem para ver filmes para retirar conteúdos programáticos."*
	Razões da procura da formação	*"Tirar o 12º ano é o principal; consideram que os cursos de aprendizagem é o mais fácil que o regular; alguns deles já experimentaram o regular e não conseguiram fazer; outros porque querem ter uma carteira profissional na área; outros vêm cá porque querem fazer alguma coisa e resolveram estudar (ou ocupar o tempo) – e estes acabam por desistir porque têm que trabalhar."*
	Expectativas dos formandos	*"Às vezes eles limitam muito as suas perspetivas, mesmo em termos profissionais. Do género, as meninas de Apoio à Comunidade limitam muito porque têm que trabalhar num lar, ou num infantário, eu já lhes expliquei: e porque não alargar os horizontes, porque não vocês criarem as vossas empresas de serviços, vocês podem criar uma empresa de babysitting, de apoio ao domiciliário, vocês estão a ser empreendedores, estão a criar o vosso próprio emprego, não precisam de estar sujeitos às instituições já existentes (muitas vezes até é difícil encontrar colocação), vocês têm que abrir um bocadinho o leque para não pensarem que só há aquele caminho. E eles ficam 'ai que interessante'."* *"As (formandas) de estética já têm essa noção, as que não têm possibilidades financeiras para trabalharem por conta própria, muitas delas já têm a perspetiva de, quanto mais não seja,*

		trabalharem em casa para ganharem algum dinheiro extra. E depois os meninos de cozinha não têm a perspetiva de trabalhar num restaurante qualquer, eles querem ir trabalhar para hotéis de renome, com a perspetiva de progressão na carreira."
Formador	Perfil do formador	*"Sou licenciada em Psicologia Social e do Trabalho na Universidade Fernando Pessoa."* *"Já dei formação de formadores, EFA (Educação e Formação de Adultos) de Ação Educativa com módulos de Comunicação Interpessoal, e recursos humanos."* Na aprendizagem leciona *"Desenvolvimento Social e Pessoal (da componente sociocultural que é comum a todas as turmas), leciono módulos de componente tecnológica ao curso de Ação Educativa, o módulo de Saúde Mental, Formas de intervenção precoce em crianças com Necessidades Educativas Especiais, desenvolvimento da criança; e ao curso de Cozinha leciono Comunicação Interpessoal, Recursos Humanos, o Sociocultural."*
	Expectativas do formador em relação à formação e aos formandos	*"Primeiro, mais do que eles adquirirem os objetivos mínimos que têm que atingir, é que eles aprendam a saber-estar, pois são especiais."* *"Espero que eles consigam ter o 12º ano, consigam trabalhar na área se de facto seja isso o seu sonho, gosto muito dos meninos da formação, gostava que eles tivessem um futuro bom, com muito sucesso e que fossem felizes."*
	Motivações do formador	*"Nós tentamos-lhes mostrar isso* (relativamente aos formandos alargarem os seus horizontes) *porque se calhar se eles quisessem ser uns simples cozinheiros não precisavam de estar a tirar a formação, nós estamos a prepará-los para serem chefes de cozinha, e não um simples cozinheiro (nada contra a profissão), e noutras áreas também."* *"Acho que há uma troca de saberes que eu fiz crescer como pessoa e profissionalmente, e quando decidi ser psicóloga decidi que a área que gostava de intervir era a área da escola, precisamente pelo ambiente, pelo contexto, pela escola, pelos miúdos(...)"*
	Grau de satisfação do formador em relação à formação	*"(...)gosto daquilo que faço, gosto muito de estar em contacto com os miúdos, gosto de lhes ensinar coisas mas gosto de aprender com eles."* *"(...)gosto muito dos meninos da formação, gostava que eles tivessem um futuro bom, com muito sucesso e que fossem felizes."* *"sinto-me realizada porque apesar de não estar a trabalhar numa escola pública, estou numa instituição de formação, e estou a fazer aquilo que eu sempre quis fazer e gosto de fazer, apesar de às vezes precisar de ir ao psicólogo (risos)."*
Processo de ensino e aprendizagem	Objetivos gerais da formação	(Os formandos) *"adquirem uma ferramenta que se souberem aproveitá-la têm uma porta aberta. Hoje em dia, estes cursos mais técnicos têm uma vantagem relativamente aos cursos superiores*." *"Cada módulo (da área sociocultural e tecnológica) tem os seus objetivos específicos. Por exemplo, na área de DSP os objetivos abrangem três áreas: no primeiro falamos sobre Higiene e Segurança no Trabalho, no segundo ano falamos da prevenção de saúdem os objetivos são dados através do plano*

		curricular que o IEFP dá, por isso nós temos que seguir pelos objetivos que nos são impostos pelo IEFP." *"O objetivo dos cursos de aprendizagem é no 1.º ano ter um dia de estágio, no 2.º dois e no 3.º três."*
	Conteúdos da formação	(Exemplo de DSP) *"1.º ano – Higiene e Prevenção no Trabalho: o que é a saúde, a medicina no trabalho, a higiene no trabalho, acidentes de trabalho, tipos de risco, avaliação do risco...prevenção... depois temos a segunda parte de ergonomia: postos de trabalho, condições de trabalho, regras de utilização de ecrãs de computador, movimentação manual de cargas...;* *2.º ano – Promoção da saúde: alimentação racional e desvios alimentares; doenças da atualidade (educação para a saúde): toxicodependência, sexualidade humana, organizações que prestam apoio quer a doentes que têm diferentes patologias e dos diferentes tipos de toxicodependências;* *3.º ano – Culturas, Etnias e Diversidades: o racismo, a discriminação, a xenofobia (seguindo os programas mais relacionados com a emigração), os emigrantes que vieram para cá, por onde é que nós, os portugueses, vamos/fomos, razões, motivos... abordar as questões do racismo (mas eu tento não só abordar as questões do racismo não só dos emigrantes mas no geral)."*
	Métodos e técnicas de formação	*"Eu utilizo a exposição oral, mas nem sempre, principalmente quando é em relação a acidentes de trabalho eu utilizo estatísticas e eles através de um trabalho de grupo assimilam os conteúdos e conseguem decorar melhor. Utilizo o brainstorming, vídeos..."*
	Metodologia de avaliação utilizada	*"Normalmente no módulo de DSP, no primeiro ano aplico dois testes, verifico se os cadernos diários estão atualizados e devidamente organizados... no segundo ano, no módulo de Promoção da Saúde, eles são avaliados (dependendo das turmas, porque numa consigo fazer trabalhos de grupo) através de trabalhos escritos. Eles são mais fracos a nível teórico e esta é mais difícil para fazerem trabalhos individualmente, Eu dou folhas com informação e eles não conseguem trabalhar, encontrar ideias. Mas nesses casos, em vez de trabalhos individuais, falam muito à base de experiências "o que é que se poderia melhorar", "o que é que acham que é o correto que se podia/devia fazer", passa muito pelo debate. "Capacidade de aprendizagem", é muito subjetivo, este parâmetro. O valor que nós atribuímos pode não ser aquele que não corresponde, mas é a ideia que eu tenho."* *"(A grelha de avaliação é constituída pelos seguintes indicadores: Capacidade de aprendizagem, motivação e interesse, linguagem técnica, zelo e respeito pelos materiais..."*
	Grau de participação dos formandos no processo de formação	*"Eu tento que as aulas sejam participadas, eu até lhes costumo dizer, eu lanço o tema, falo um bocadinho sobre a matéria mas, "eu quero que vocês sejam participativos a darem a vossa opinião, 'ai concordo', 'não concordo', 'aconteceu isso comigo'". Eu gosto que eles registem, gosto principalmente que eles deem a sua opinião, que participem, que façam questões."*

Anexo 27 – Cruzamento das variáveis "disciplinas/áreas favoritas" e "curso que frequenta"

Disciplinas/áreas favoritas durante o percurso escolar*		Curso que frequenta															Total
		A2	**A3**	**A4**	**A5**	**A6**	**A8**	**A10**	**A11**	**A12**	**A14**	**A15**	**A16**	**A17**	**A18**	**A19**	
	Português	1	3	0	1	2	0	0	0	2	0	2	1	0	1	1	14
	Língua(s) estrangeira(s)	0	0	1	0	1	1	2	0	3	1	1	0	2	0	1	13
	Área das ciências (matemática, ciências naturais, química e física, biologia)	2	5	0	0	2	0	0	0	1	2	1	1	2	1	2	19
	Área das humanidades (geografia, história, psicologia, sociologia, filosofia)	2	2	0	0	0	0	0	0	0	0	0	3	1	1	0	9
	Área de trabalhos práticos (desenho, educação física, artes plásticas)	2	0	1	1	2	2	2	3	3	2	2	3	4	6	6	39
Total		7	10	2	2	7	3	4	3	9	5	6	8	9	9	10	94

*n=94 (77,0%)

Anexo 28 – Retratos de desistências e de reprovações, do Q1 para o Q2

DESISTÊNCIA (x7)	CHUMBO (x2)
- Concluir o 12º ano e trabalhar na área; - Terminar o curso com boas notas / Imagina-se a aprender línguas, e a fazer um curso de línguas pois o seu interesse é "ter um intercâmbio com pessoas de outras culturas"; - Terminar o curso (rápido) com bom aproveitamento para ingressar na faculdade / "Esta formação será sem dúvida uma mais valia para entrar no mercado de trabalho" / Terminar o curso com média de 16 para seguir jornalismo de redação; - Terminar o curso "pois é importante" / Conseguir bom aproveitamento para poder ir estagiar e ficar empregado; - Aprender mais na área / Acabar o curso / Completar o 12º com sucesso e trabalhar na área / Imagina-se a trabalhar com vida estável; - Acabar o curso e completar o 12º ano / Continuar a jogar futebol; - Terminar o curso com sucesso / Este curso permite-me obter dupla certificação o que me vai abrir muitas portas para o futuro / Acabar o 12º ano com boas notas e ser uma profissional de sucesso / Imagina-se a exercer a profissão num salão próprio.	- Acabar o curso com sucesso / Conseguir entrar no mercado de trabalho dentro desta área / "Ter um trabalho que goste e seguro, e talvez continuar os estudos"; - Terminar o 12º ano / Vantagem de dupla certificação / Entrar na área de estética porque é a área que gosta.

Anexo 29 – Registo de uma conversa informal (com a formanda "X")

Entrevista informal (conversas paralelas) à formanda "X" – A16 – 14/3/2012

A formanda "X" é aluna de A16, do curso de Logística, e já se inscreveu na Fundação da Juventude há mais de um ano. Tinha aguardado pela confirmação por parte da instituição para saber se poderia frequentar um curso (uma vez que se encontrava em casa, desempregada, sem exercer qualquer tipo de atividade).

Inicialmente tinha entrado num outro curso mas por não ter gostado pediu transferência.

Reprovou uma vez nos 7.º, 8.º e 9.º anos devido ao elevado número de faltas. Frequentou um curso profissional de cozinha.

Refere que gosta de disciplinas como Desenvolvimento Social e Pessoal, Sociologia, Psicologia, mas que sente algumas dificuldades no Inglês ("por causa dos verbos") e na Matemática (as únicas disciplinas que não obteve qualificação positiva até ao momento).

Aufere que se interessa muito pela área, o curso já se iniciou no dia 13 de outubro e já tem noções de Logística (para que serve, o que consiste).

Costuma ser uma formanda assídua, apesar de já ter faltado algumas vezes por motivos de saúde (mas possui justificação). Revela ser uma pessoa decidida em traçar objetivos e a cumpri-los, mas no que concerne ao seu comportamento e atitude, e à sua atenção prestada nas aulas (através das minhas observações em contexto sala de aula) já não posso dizer o mesmo.

Insere-se numa turma muito unida, perguntei-lhe se costumam combinar alguma coisa num período pós-aula ao qual a formanda responde que não pode comparecer porque tem que tomar conta da irmã.

Sobre a instituição, ela afirma existirem boas condições, e boa organização ao nível da gestão pedagógica (ela até compara com a sua antiga escola e demonstra uma boa satisfação por esta escolha), mas diz que não efetuam os pagamentos das bolsas "a horas" (como muitos outros formandos, na sua maioria, se queixam), e que por exemplo deveriam existir mais casas de banho ("não tem condições as casas de banho serem utilizadas pelos rapazes e pelas

raparigas, e pelos alunos, professores e funcionários. É uma falta de higiene"), isto porque há uma WC comum no piso zero, e existem ainda outras duas em cada piso superior mas de acesso reduzido uma vez que se encontram "anexadas" a salas de aula.

Sobre a avaliação dos módulos, relativamente à justiça na avaliação e às metodologias, a formanda não tem nada a apontar; sobre os formadores ela também gosta muito das estratégias de ensino e do à vontade entre eles, se bem que há uma ou outra formadora que ela não gosta assim tanto.

Quanto aos trabalhos de casa, "não costumamos ter. A matéria que aprendemos nesta escola é mais fácil que nas outras escolas (de ensino regular), e então não fazia sentido termos trabalhos de casa", adianta.

É relevante referir que esta turma é muito coesa e que, aparentemente, não demonstram ter grandes dificuldades financeiras uma vez que costumam almoçar num restaurante todos os dias (e por vezes também se costumam juntar para tomarem o pequeno almoço num café).

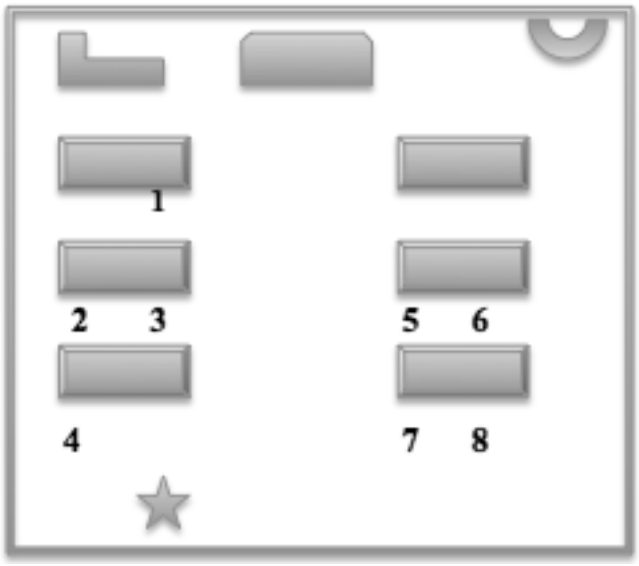
Estamos, então, perante uma formanda satisfeita por este serviço de aprendizagem, com todo o sistema envolvente desde a lógica do funcionamento institucional ao ambiente acolhedor e familiar da sua turma.

Anexo 30 – Relatório das observações em contexto sala de aula

A16 – *Purchasing* com o "formador A"

(23/2/2012)

- Total de formandos presentes na sessão: 8;
- Os formandos chegaram um pouco atrasados pelo que a sessão se iniciou mais tarde;
- O formador questiona os formandos para reverem os conteúdos programáticos;
- O formador solicita aos formandos para passarem a informação que o mesmo está a ditar; desloca-se pelo espaço da sala e repete sempre que solicitado;
- É uma aula de sequência (iniciou-se às 14h);
- A formanda 1 não está a passar a matéria, passa depois com pausas e suspira alto periodicamente;
- Esta formanda acha piada a quase tudo o que acontece e, por estar na primeira fila, vira-se constantemente para trás para "mandar piadas";



1- Formando(a)[58] X
2- Formando(a) Y
3- _____
4- _____
5- _____
6- _____
7- _____
8- _____
9- _____
•

- O 7 continua a passar a matéria e mastiga uma pastilha elástica;

[58] Observação: os lugares dos formandos não são fixos, pelo que o seu número identificativo em todos os diagramas não correspondem aos mesmos formandos de sessão para sessão. A estrela ocupa o lugar do observador, a secretária em "L" é a mesa do formador, o meio círculo representa a porta de entrada da sala, e o retângulo equivale à posição do quadro da sala de aula.

- O formador recolhe aleatoriamente os formandos para responderem às suas questões pois o 4 está a faltar, a fileira da esquerda é totalmente constituída por elementos do sexo feminino, quatro formandas, e a da direita é constituída por quatro formandos masculinos;
- O 7 e o 8 estão em confronto; aparentemente o 7 incomoda o 8, o 8 pede ao 7 para mudar de lugar mas este recusa-se;
- Os formandos, na sua maioria, (pelo menos a este módulo) são participativos, e o 6, o 8 e a 2 são os que mais participam;
- A 2 tinha o telemóvel com som e o formador alerta-a numa modesta forma irónica para desligar o telemóvel;
- O formador acompanha o n.º4 para ver se esta precisa de ajuda. Esta é a que menos intervém na sessão (quase na maioria) mas socializa com o telemóvel;
- Será que posso afirmar que as raparigas estão mais atentas que os rapazes?
- A n.º1 joga "bilhar" com bolinhas de papel e com a caneta, e está atento se os colegas estão a olhar para ela, e ri-se;
- O formador consegue manter a turma mais serena (tirando os rapazes); será que é por estarem perante uma figura masculina (ditada ser "autoritária")?
- O 4 continua com o telemóvel e aproveita sempre para carregar a bateria à corrente elétrica.

A16 – Economia ("formadora B")

2/3/2012

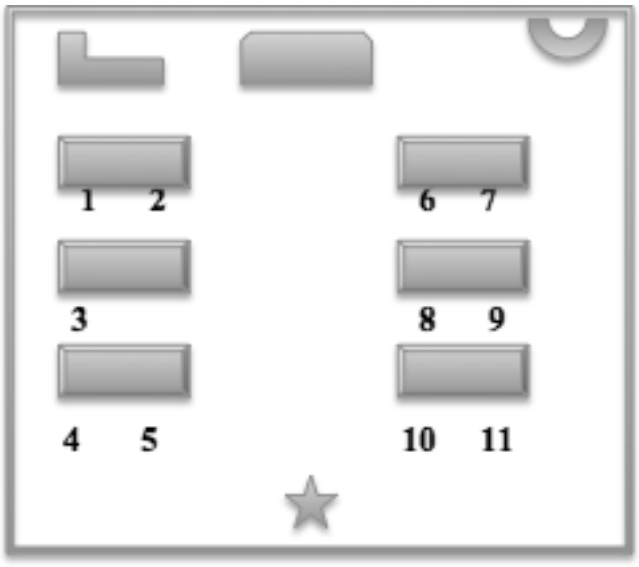
- O 6 está a faltar;
- A sala está dispersa e a formadora pede ao 8 para montar o equipamento informático;
- A 2 está a faltar por qualquer razão e ainda não chegou;
- O 4 está com o telemóvel, uma vez mais, e atendeu a chamada na aula (mas esta ainda não tinha começado);
- A 2, após a sua chegada, permanece a fazer barulho com a pastilha elástica;
- O mote de conversa ou é o futebol ou é a bolsa (financeira), pelos vistos a questão económica é muito importante para os formandos;

- O 8 também masca a pastilha elástica muito alto;
- O 7 está com a perna em cima da cadeira;
- O uso do telemóvel é uma prática frequente, e é muito visível na 2 e no 7 (por exemplo).

A16 – Português ("formadora C")

3/2/2012

- No intervalo os formandos situam-se numa mesa a jogar às cartas, continuam com o "hábito de longa data" como é o habitual;



_____

_____

_____

_____

_____

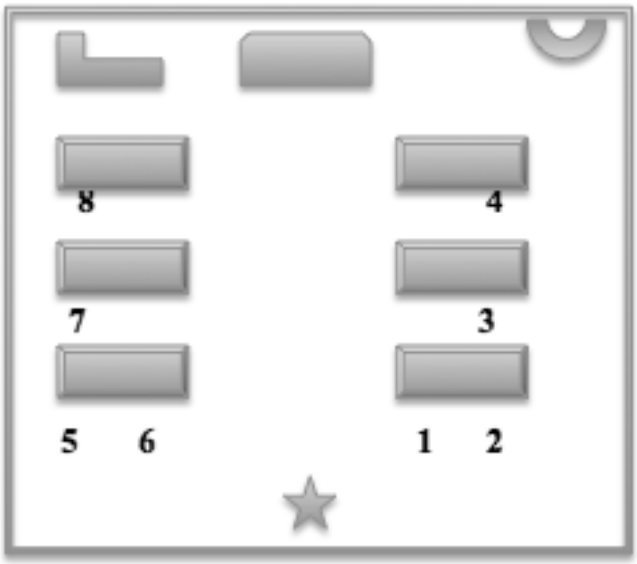
_____

- A 1 raramente ou quase nunca passa a matéria, no entanto consegue responder às questões da formadora;
- A formadora fala, e os formandos vão passando a folha de presenças (uns estão atentos, outros não);
- 1, 2 e 3 estão em conversa constante;
- A formadora recolheu os telemóveis num saco o que levou a um enorme aparato quando a mesma resolveu ir entregá-lo à "Dr.ª GP" (Gestora do Projeto);

- Houve a intervenção da "Dr.ª GP", esta informa sobre os vários tipos de (possibilidade de) penalização por parte do IEFP/Regulamento;
- A aula termina assim com um "processo disciplinar" que resulta numa reunião de emergência de todos os formadores da turma (para tomarem conhecimento e determinarem as sanções a serem aplicadas);
- Observação: na reunião realizada com os formadores da turma, estipulou-se aos formandos a aplicação do "serviço comunitário".

A16 – Matemática ("formadora D")

7/3/2012



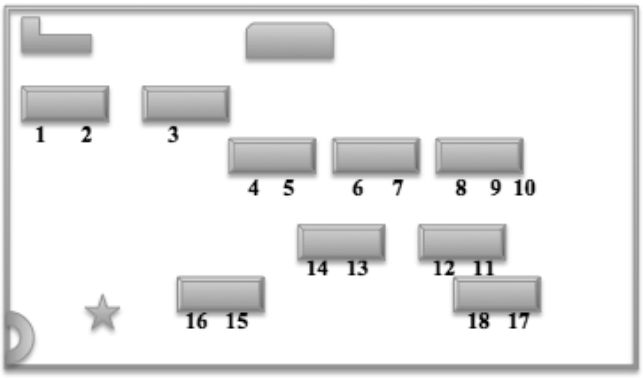
_____
_____
_____
_____
_____
_____
_____
_____

- Os formandos falam do que se sucedeu na aula de português;
- Depois de explicarem à formadora de Matemática o que se passou, a aula inicia-se com uma contextualização da aula passada;
- A 8 vai ao quadro resolver um exercício;
- A 4 resolve o exercício através da ficha do formando 3 (a turma é muito coesa, e há muito o sentimento de partilha entre todos);

- O 2 cola uma pastilha elástica debaixo da mesa, eu chamei-lhe à atenção mas o formando recusa-se a limpar;
- Denota-se um não saber-estar na sala de aula, e falta de modo entre os formandos;
- A 8 ajuda o 2 (que está no quadro a resolver exercícios e a fazer bolas com a sua pastilha elástica), depois, o formando 2, ao ir para o seu lugar, afasta a cortina para ver o que se passa lá fora (como o usual), e volta logo a mexer no telemóvel;
- O tema da aula é "Estatística e Proporcionalidade Direta".

A17 – Desenvolvimento Social e Pessoal ("Formadora 2")

16/2/2012



- A disposição das mesas (com dois lugares) estão desalinhadas, há apenas um elemento que se encontra só na sua mesa;
- Houve um formando que atirou papéis para o chão e a formadora chantageou-o;
- Utilizam informação atual (como por exemplo casos apresentados nos noticiários);
- A formadora incentiva a participação dos formandos;
- Estes aplicam e recordam a matéria lecionada na sessão anterior;
- Denotam-se formandos aplicados, interessados e com uma participação frequente, formandos que influenciam e distraem os outros, e outros que puramente revelam não estarem interessados;
- Verificam-se conversas paralelas;
- A formadora usa o novo acordo ortográfico, é dedicada e prestável;
- A aula é participada, a formadora utiliza o quadro como meio de informação (para os formandos passarem a matéria, uma vez que a organização e atualização dos apontamentos do caderno são alvo de avaliação);
- A formadora intervém nas mesas dos formandos para ajudar a explicar o que se pretende;

- Esta acompanha os cadernos dos formandos para ver se a matéria está bem passada para estudarem para o teste;
- Questiona se os formandos perceberam e se têm dúvidas;
- Um grupo de formandos está envolvido numa dinâmica perturbadora;
- A formadora adianta o futuro da formação e faz a chamada nos últimos momentos da sessão.

A17 – Português ("Formadora 1")

17/2/2012

- A formadora questiona aos formandos se ainda se recordavam do que tinha sido abordado na aula anterior (esta, há 15 dias atrás);
- Fornece, oralmente, a matriz do exame;
- Verifica-se que só uma formanda vai passando a matéria;
- O formando A chega às 9.30h à aula a ouvir música, e por eu estar a ocupar o seu lugar ele foi-se sentar com o 16, e está a comer nas aulas;
- Às 9.39h chegam as formandas 11 e 12;
- A formadora solicita frequentemente a intervenção (participação) dos formandos e desloca-se pela sala;
- Interroga os formandos para saber quem é que estaria interessado em ler;
- A formanda mais distante estava com o telemóvel;
- Utiliza-se matérias do dia a dia, intercalando com os conteúdos programáticos.

A17 – Matemática ("formadora D")

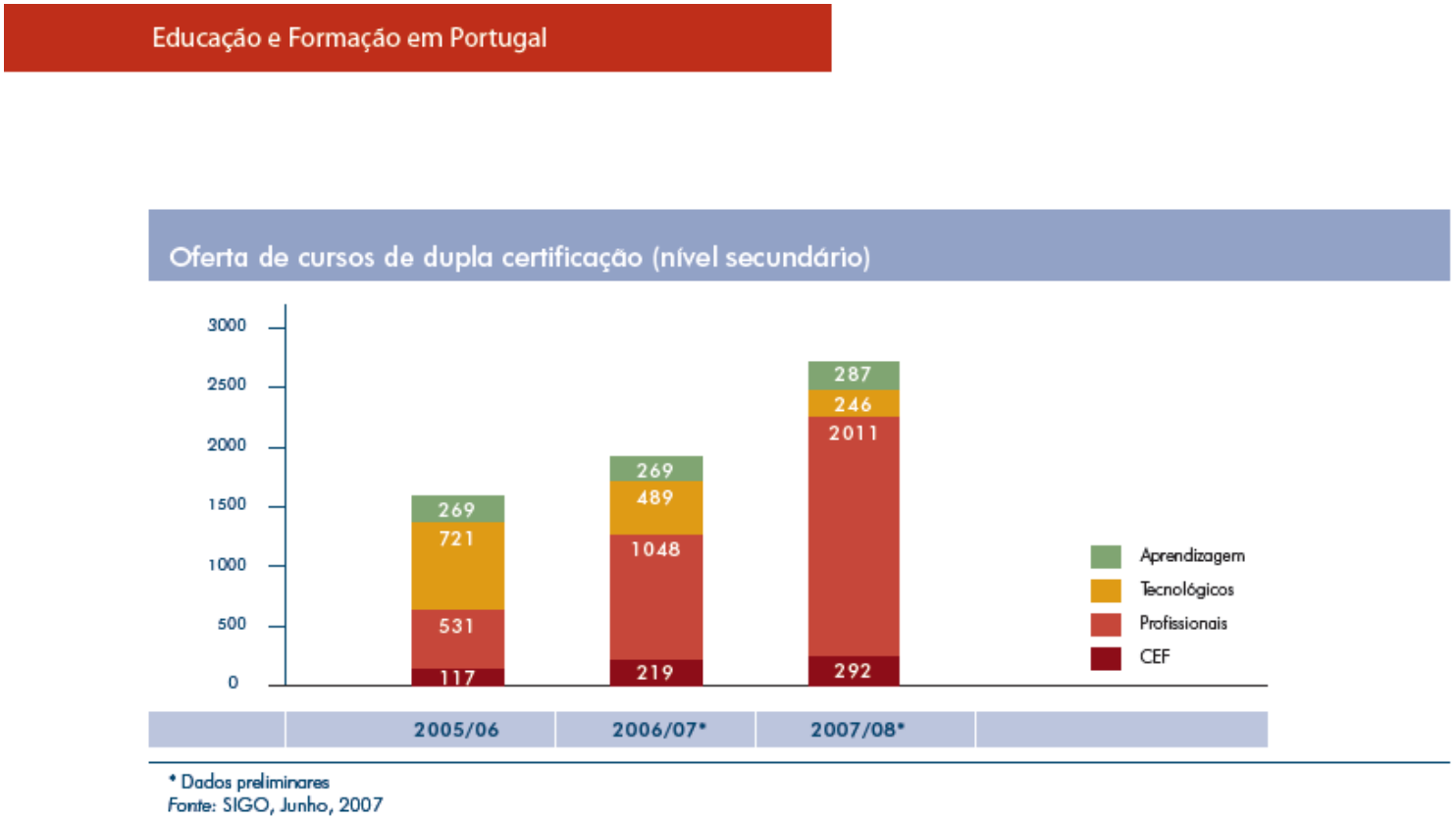
23/3/2012

- A formadora inicia a sessão falando das fichas de exercícios aplicadas na sessão anterior – abordando os conceitos de amostra, população e sondagem;
- A formadora questiona os formandos se têm dúvidas e solicita ao formando A para ajudar a turma (fazendo-lhe perguntas às quais ele responde);
- Um formando estava a ouvir música e a formadora pede ao formando para retirar os "fones", porque caso contrário este iria "para a rua";

- Um formando ainda estava a acabar de comer à entrada da sala, e a formadora foi ter com ele para entrar na sala (de vez);
- Duas formandas estavam a ver revistas e estão em constante conversa;
- Os formandos insistem em ver filmes, e sentem-se "indignados" por não terem matemática há quase um mês e agora têm matemática (praticamente) todos os dias – é importante frisar que é obrigatório a conclusão de todas as horas correspondentes a cada módulo;
- A matéria da sessão é "Medidas de tendência central";
- A formadora escreve no quadro e o formando A pergunta se era para escrever;
- A 2 mexe no telemóvel;
- Às 12.20h alguns formandos vão ao "refeitório" (espaço disponibilizado pela instituição para os formandos almoçarem – existe um micro-ondas para se aquecer o almoço;
- A formadora distribui uma ficha de exercícios;
- Apesar do trabalho poder ter sido feito em grupo, a formanda B não se esforçou e só se preocupou em copiar pelo seu namorado (formando A).

Anexo 31 – "Educação e Formação em Portugal"

Fonte: "Educação e Formação em Portugal" - Ministério da Educação, 2007



Anexo 32 – "Cursos de aprendizagem: evolução do número de formandos por níveis e por entidades formadoras – 1994-2000"

Fonte: AZEVEDO, Joaquim (2002) – O fim de um ciclo? A educação em Portugal no início do século XXI. Porto: ASA Editores (p.43).

Quadro nº 8 – Cursos de aprendizagem: evolução do número de formandos por níveis e por entidades formadoras – 1994-2000

Anos	1994		1995		1996		1997		1998		1999		2000	
Níveis de qualificação	**Nº**	**(%)**	**Nº**	**(%)**	**Nº**	**(%)**	**Nº**	**(%)**	**Nº**	**(%)**	**Nº**	**(%)**	**Nº**	**(%)**
NÍVEL I	561	3,0%	144	1,15%	94	0,7%	101	0,8%	76	0,5%	596	2,4%	163	0,6%
NÍVEL II	11 237	59,7%	7 070	56,23%	6 775	51,6%	5 865	45,0%	6 890	41,7%	9 003	36,3%	8 381	32,1%
NÍVEL III	7 028	37,3%	5 360	42,63%	6 255	47,7%	7 067	54,2%	9 546	57,8%	15 236	61,3%	17 534	67,2%
TOTAL	18 826	100%	12 574	100%	13 124	100%	13 033	100%	16 512	100%	24 835	100%	26 078	100%

Entidades formadoras							
Centros de gestão directa	2 819	2 414	3 450	3 874	4 153	6 173	6 061
Centros de gestão participada	4 049	2 314	2 090	2 575	2 533	3 355	4 121
Centros de Emprego	6 754	3 950	2 912	4 082	2 994	3 381	2 993
Entidades externas	5 204	3 896	4 672	2 502	6 832	11 926	12 903
TOTAL	18 826	12 574	13 124	13 033	16 512	24 835	26 078

Fonte: CNA

Anexo 33 – Grelha de classificação classista

N.º Inq.		**Código da Profissão**		**Sit. Prof.**	**Lugar de Classe Individual**		**Lugar de Classe de Origem**
		CNP/94	DM		Código	**Sigla**	
1	**Pai**	7.2.2	11	3	9	OI	NC
	Mãe	5.1.2	D	---	---	---	
2	**Pai**	NR	---	---	---	---	NC
	Mãe	5.1.1	8	3	8	PBE	
3	**Pai**	7.1.2	D	---	---	---	NC
	Mãe	NR	---	3	---	---	
4	**Pai**	9.1	15	1	1	BEP	BEP
	Mãe	7.3.4	11	3	5	PBTEI	
5	**Pai**	5.1.6	8	3	---	---	NC
	Mãe	9.1.3	16	3	5	PBTEI	
6	**Pai**	---	---	3	---	---	NC
	Mãe	---	---	---	---	---	
7	**Pai**	8.3.2	14	3	9	OI	OI
	Mãe	---	---	---	---	OI	
8	**Pai**	5.1.2	8	3	8	PBE	PBE
	Mãe	9.1.3	16	3	8	PBE	
9	**Pai**		---	3	---	OI	OP
	Mãe	---	---	3	---	PBE	
10	**Pai**	NR	NR	NR	NR	NR	
	Mãe	3.4.3	4	3	5	PBTEI	
11	**Pai**	9.1.5	16	3	8	PBE	PBE
	Mãe	5.2.2	8	3	8	PBE	
12	**Pai**	NR	NR	NR	NR	NR	NC
	Mãe	---	---	---	---	---	
13	**Pai**	9.3.1	18	1	1	BEP	BEP
	Mãe					BEP	
14	**Pai**	2.1	2	1	1	BEP	BEP
	Mãe	2.1	2	1	1	BEP	
15	**Pai**	7.4.1	11	3	5	PBTEI	PBTEI
	Mãe	5.1.2	8	3	8	PBE	
16	**Pai**	9.3.1	18	2	6	PBIP	
	Mãe	5.1.2	8	3	8	PBE	
17	**Pai**	NR	---	---	---	---	NC
	Mãe	NR	---	---	---	---	
18	**Pai**	9.3.1	18	3	9	OI	OI
	Mãe	7.4.4	12	3	9	OI	
19	**Pai**	9.3.1	18	3	9	OI	OP
	Mãe	9.1	16	3	8	PBE	
20	**Pai**	NR	---	---	---	---	NC
	Mãe	NR	---	--	---	---	
21	**Pai**	9.3.1	18	3	9	OI	NC
	Mãe	7.4.3	12	3	9	OI	
22	**Pai**	7.2.2	11	3	5	OI	OI

	Mãe	D	---	---	---	OI	
23	**Pai**	9.1	15	1	1	BEP	NC
	Mãe	NR	---	---	---	---	
24	**Pai**	7.4.1	11	3	5	OI	OI
	Mãe	D	---	---	---	OI	
25	**Pai**	NR	---	---	---	---	NC
	Mãe*	---	---	---	---	---	
26	**Pai**	9.3.1	18	3	9	OI	OP
	Mãe	5.1.3	8	3	8	PBE	
27	**Pai**	---	--	3	---	---	NC
	Mãe	---	---	---	---	---	
28	**Pai**	1.2.2	1	3	2	BD	BP
	Mãe	5.1.1	8	3	8	PBE	
29	**Pai**	NR	---	---	---	---	NC
	Mãe	NR	---	---	---	---	
30	**Pai**	7.4.4	12	NR	---	OI	OI
	Mãe	7.4.4	12	NR	---	OI	
31	**Pai**	4.1.9	5	NR	8	PBE	PBE
	Mãe	5.1.2	8	NR	8	PBE	
32	**Pai**	5.1.2	8	3	8	PBE	NC
	Mãe	7.4.3	12	NR	---	---	
33	**Pai**	NR	---	NR	---	---	NC
	Mãe	---	---	---	---	---	
34	**Pai**	8.3.2	13	2	6	PBIP	PBIP
	Mãe	5.1.1	8	2	6	PBIP	
35	**Pai**	3.4.1	3	---	---	---	NC
	Mãe	9.1.3	16	---	8	PBE	
36	**Pai**	7.1.2	11	NR	---	---	NC
	Mãe	NS	---	NR	---	---	
37	**Pai**	NR	---	NR	---	---	NC
	Mãe	5.1.2	8	3	8	PBE	
38	**Pai**	NR	---	---	---	---	NC
	Mãe	NR	---	---	---	---	
39	**Pai**	NR	---	NR	---	---	NC
	Mãe	NR	---	NR	---	---	
40	**Pai**	7.2.1	12	3	9	OI	NC
	Mãe	7.2.1	12	NR	---	---	
41	**Pai**	9.3.1	18	3	9	OI	OP
	Mãe	9.1.6	16	3	8	PBE	
42	**Pai**	7.1.2	---	NR	---	---	NC
	Mãe	9.1.1	---	NR	---	---	
43	**Pai**	NR	---	NR	---	---	NC
	Mãe	NR	---	NR	---	---	
44	**Pai**	NR	---	NR	---	---	NC
	Mãe	NR	---	NR	---	---	
45	**Pai**	9.3.1	---	NR	9	OI	OI
	Mãe	---	---	---	---	OI	
46	**Pai**	NR	---	NR	---	---	NC
	Mãe	7.4.1	11	3	9	OI	
47	**Pai**	7.1.3	12	NR	---	---	NC

	Mãe	5.1.2	8	NR	---	---	
48	**Pai**	NR	---	NR	---	---	NC
	Mãe	9.1.6	16	3	8	PBE	
49	**Pai**	NR	---	NR	---	---	NC
	Mãe	NR	---	NR	---	---	
50	**Pai**	7.4.2	11	1	1	BEP	BEP
	Mãe	7.4.3	11	1	1	BEP	
51	**Pai**	7.2.1	12	3	9	OI	OI
	Mãe	7.4.3	11	3	5	OI	
52	**Pai**	5.1.2	8	2	6	PBIP	PBIP
	Mãe	5.1.2	8	2	6	PBIP	
53	**Pai**	NR	---	3	---	---	NC
	Mãe	5.1.2	8	3	8	PBE	
54	**Pai**	7.2.3	11	3	5	PBTEI	PBPA
	Mãe	7.4.3	11	2	6	PBIP	
55	**Pai**	7.4.2	11	3	5	PBTEI	PBTEI
	Mãe	5.1.4	8	3	8	PBE	
56	**Pai**	9.3.1	18	3	9	OI	NC
	Mãe	D	---	NR	---	---	
57	**Pai**	8.2.5	13	NR	---	---	NC
	Mãe	NR	---	NR	---	---	
58	**Pai**	8.3.2	14	R	9	OI	OI
	Mãe	7.4.3	12	3	9	OI	
59	**Pai**	4.1.3	6	3	8	PBE	PBE
	Mãe	5.1.2	8	3	8	PBE	
60	**Pai**	NR	---	NR	---	NR	NC
	Mãe	NR	---	NR	---	NR	
61	**Pai**	5.1.6	8	3	8	PBE	PBE
	Mãe	5.1.3	8	3	8	PBE	
62	**Pai**	9.3.1	18	3	9	OI	OP
	Mãe	5.1.3	8	3	8	PBE	
63	**Pai**	NR	---	NR	---	---	NC
	Mãe	NR	---	NR	---	---	
64	**Pai**	4.1.4	6	3	8	PBE	NC
	Mãe	---	---	NR	---	---	
65	**Pai**	7.4.2	---	NR	---	---	NC
	Mãe	9.1.3	---	NR	---	---	
66	**Pai**	NR	---	NR	---	---	NC
	Mãe	NR	---	NR	---	---	
67	**Pai**	NR	---	NR	---	---	NC
	Mãe	NR	---	NR	---	---	
68	**Pai**	7.4.2	7	1	1	BEP	BEP
	Mãe	5.1.4	8	3	8	PBE	
69	**Pai**	8.3.2	13	3	5	PBTEI	PBTEI
	Mãe	9.1.3	18	3	9	OI	
70	**Pai**	8.3.2	14	3	9	OI	OI
	Mãe	---	---	---	---	OI	
71	**Pai**	3.1.1	4	3	5	PBTEI	PBPA
	Mãe	5.1.4	7	2	6	PBIP	
72	**Pai**	---		1		---	NC

	Mãe	2.2.2	2	3	4	PBIC	
73	**Pai**	7.2.1	12	3	5	PBTEI	PBPA
	Mãe	5.1.4	8	2	6	PBIP	
74	**Pai**	NR	---	NR	---	---	NC
	Mãe	NR	---	NR	---	---	
75	**Pai**	1.2.1	1	1	1	BEP	NC
	Mãe	5.1.4	8	D	---	---	
76	**Pai**	7.4.2	11	3	9	OI	OI
	Mãe	7.3.4	14	3	9	OI	
77	**Pai**	8.3.2	13	R	5	PBTEI	NC
	Mãe	NR	---	R	---	---	
78	**Pai**	7.2.1	12	3	9	OI	NC
	Mãe	---	---	D	---	---	
79	**Pai**	9.3.1	18	NR	---	---	NC
	Mãe	5.1.4	8	3	6	PBIP	
80	**Pai**	---	---	NR	---	---	NC
	Mãe	5.1.2	8	3	6	PBIP	
81	**Pai**	4.1.3	5	NR	---	---	NC
	Mãe	NR	---	NR	---	---	
82	**Pai**	7.4.2	11	F	---	---	NC
	Mãe	---	---	---	---	---	
83	**Pai**	5.1.3	8	3	8	PBE	PBE
	Mãe	4.2.1	6	3	8	PBE	
84	**Pai**	NR	---	NR	---	---	NC
	Mãe	NR	---	NR	---	---	
85	**Pai**	NR	---	NR	---	---	NC
	Mãe	NR	---	NR	---	---	
86	**Pai**	7.2.3	11	3	9	OI	OI
	Mãe	7.4.3	12	3	9	OI	
87	**Pai**	7.1.4	12	3	9	OI	OI
	Mãe	7.4.3	12	3	9	OI	
88	**Pai**	NR	---	NR	---	---	NC
	Mãe	---	---	---	---	---	
89	**Pai**	7.2.3	11	3	5	PBTEI	NC
	Mãe	---	---	---	---	---	
90	**Pai**	7.2.1	12	3	9	OI	OI
	Mãe	8.2.3	14	3	9	OI	
91	**Pai**	NR	---	NR	---	---	NC
	Mãe	5.1.2	8	NR	---	---	
92	**Pai**	9.3.1	18	3	9	OI	OP
	Mãe	5.1.2	8	3	8	PBE	
93	**Pai**	9.1	16	3	9	OI	NC
	Mãe	9.1	16	3		---	
94	**Pai**	5.1.2	8	3	8	PBE	PBEP
	Mãe	7.2.4	12	D	---	OI	
95	**Pai**	5.2.3	8	3	8	PBE	PBE
	Mãe	9.1.3	18	3	8	PBE	
96	**Pai**	7.4.2	11	3	9	OI	PBIC
	Mãe	2.4.7	2	3	4	PBIC	
97	**Pai**	9.1.3	16	NR	---	---	NC

	Mãe	NR	---	NR	---	---	
98	**Pai**	---	---	NR	---	---	NC
	Mãe	7.4.3	12	3	9	OI	
99	**Pai**	5.1.3	8	3	8	PBE	PBEP
	Mãe	9.1.6	18	3	9	OI	
100	**Pai**	5.1.4	---	R	8	PBE	PBE
	Mãe	---	---	---	---	PBE	
101	**Pai**	NR	---	NR	---	OI	OI
	Mãe	7.4.1	12	3	9	OI	
102	**Pai**	7.2.1	11	1	1	BEP	BEP
	Mãe	5.1.4	8	3	8	PBE	
103	**Pai**						
	Mãe	7.3.3	12	3	9	OI	
104	**Pai**	5.1.2	8	3	8	PBE	PBEP
	Mãe	9.3.1	18	3	9	PBE	
105	**Pai**	5.1.6	7	3	5	PBTEI	PBTEI
	Mãe	7.4.1	11	3	9	OI	
106	**Pai**	7.4.2	12	3	9	OI	OP
	Mãe	4.2.2	8	3	8	PBE	
107	**Pai**	9.3.1	18	3	9	OI	OP
	Mãe	5.1.2	8	3	8	PBE	
108	**Pai**	9.3.1	18	2	6	PBIP	PBPA
	Mãe	9.1.3	16	3	8	PBE	
109	**Pai**	9.3.1	18	3	9	OI	NC
	Mãe	---	---	---	---	---	
110	**Pai**	7.1.4	12	3	9	OI	OP
	Mãe	5.1.2	8	3	8	PBE	
111	**Pai**	9.1	15	1	1	BEP	NC
	Mãe	---	---	---	---	---	
112	**Pai**	---	---	NR	---	---	NC
	Mãe	9.1	15	NR	---	---	
113	**Pai**	---	---	---	---	---	NC
	Mãe	1.2.1	1	1	1	BEP	
114	**Pai**	NR	---	NR	---	---	NC
	Mãe	NR	---	NR	---	---	
115	**Pai**	NR	---	NR	---	---	NC
	Mãe	7.4.3	12	NR	---	---	
116	**Pai**	7.1.4	12	3	9	OI	NC
	Mãe	---	---	NR	---	---	
117	**Pai**	2.1	2	2	3	BP	BP
	Mãe	4.1	1	3	5	PBTEI	
118	**Pai**	NR	---	NR	---	---	NC
	Mãe	NR	---	NR	---	---	
119	**Pai**	7.1.4	12	1	1	BEP	BEP
	Mãe	9.1.6	16	3	8	PBE	
120	**Pai**	NR	---	NR	---	---	NC
	Mãe	NR	---	NR	---	---	
121	**Pai**	9.3.1	18	3	9	OI	OP
	Mãe	9.1.6	16	3	8	PBE	
122	**Pai**	NR	---	NR	---	---	NC

	Mãe	NR	---	NR	---	---	

Legenda:

BEP – Burguesia Empresarial e Proprietária

BD – Burguesia Dirigente

BP – Burguesia Profissional

D – Desempregado(a)

F – Falecido(a)

NR – Não Responde

NS – Não Sabe

OI – Operariado Industrial

OP – Operariado Pluriactivo

PBE – Pequena Burguesia de Execução

PBEP – Pequena Burguesia de Execução Pluriactiva

PBIC – Pequena Burguesia Intelectual e Científica

PBIP – Pequena Burguesia Independente e Proprietária

PBPA – Pequena Burguesia Proprietária e Assalariada

PBTEI – Pequena Burguesia Técnica e de Enquadramento Intermédio

R – Reformado(a)